



**Sara Augusta  
Fernandes da Silva  
Moreira**

**O Tempo das Crianças... silêncios vividos e ruídos  
sentidos**



**Sara Augusta  
Fernandes da Silva  
Moreira**

**O Tempo das Crianças...silêncios vividos e ruídos  
sentidos**

Projecto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, na área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho aos meus pais, às minhas irmãs e ao Paulo por pertencerem à minha vida.

## **o júri**

presidente

**Professor Doutor António Augusto Neto Mendes**  
professor auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

**Professor Doutor Manuel José Jacinto Sarmento Pereira**  
professor associado com agregação da Universidade do Minho

**Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira**  
professora auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro



## agradecimentos

A realização deste projecto “O Tempo das Crianças...silêncios vividos e ruídos sentidos”, foi um trabalho que exigiu dedicação e empenho. Investi muitas horas, tive, por vezes vontade em desistir (visto que, simultaneamente leccionava), mas houve uma grande motivação e estou orgulhosa do percurso realizado, que só foi possível devido à colaboração prestada por algumas pessoas e entidades. Cabe-me aqui prestar-lhes o meu reconhecimento:

- Às crianças investigadoras (alunos da turma A do 3.ºano de escolaridade da professora Titular de Turma Maria das Dores Folgado) que foram a essência deste meu percurso, pela participação, autenticidade, amizade e colaboração.
  - À Professora Doutora Rosa Madeira, que orientou esta minha “*caminhada*”, tanto a nível teórico como prático, o meu agradecimento pela delicadeza, compreensão, motivação e orientação prestada e por acreditar em mim.
  - À professora Maria das Dores Folgado pelo profissionalismo, competência, disponibilidade, amabilidade e confiança que depositou em mim.
  - À Direcção do Agrupamento de Escolas de Miragaia, em particular, a Directora Adjunta Maria Augusta Queirós e à Directora Executiva Dra. Luísa Reis pela confiança e disponibilidade.
  - Aos Pais/Encarregados de Educação das crianças investigadoras pelo apoio, acompanhamento e confiança.
  - Aos professores, pela cooperação, companhia e dedicação concedida (da EB Carlos Alberto e da EB da Bandeirinha). Saliento a atenção e apoio da professora Marisa Marques e a professora Elisabete Flores.
  - A toda comunidade educativa da EB de Carlos Alberto, pela simpatia e atenção com que me recebeu (sem esquecer as assistentes operacionais da acção educativa, D. Domítila, D. Helena e D. Lurdes.).
  - À Paulinha, que representante do ATL da Junta de Freguesia da Vitória.
  - Aos meus queridos pais, Deolinda e Fernando, às minhas irmãs maravilhosas, Sílvia e Andreia, por serem o meu alicerce e pelo seu apoio incansável.
  - Ao Paulo, meu bem-querer, por toda compreensão e força, por todas as viagens repentinas ao Porto, sempre que perdi o comboio.
  - À minha avozinha, meu anjo da guarda.
- A todas as pessoas que, directa ou indirectamente contribuíram para a concretização deste projecto.

*A todos, o meu reconhecido e sincero obrigada!*

## **palavras-chave**

Projecto Social de Intervenção Comunitária, Infância, Direitos da Criança, Participação Infantil, Investigação-acção Participativa, Criança Investigadora, Tempo da Criança, Família, Escola, AEC's (Actividades de Enriquecimento Curricular), ATL(Centros de Actividades de Tempo Livres), TPC(Trabalhos de casa), Brincar.

## **resumo**

O Projecto “O Tempo das Crianças ...silêncios vividos e ruídos sentidos”, no âmbito da Educação Social e Intervenção Comunitária, tendo como opção metodológica, a investigação-acção participativa, foi desenvolvido num contexto escolar, concretamente na EB Carlos Alberto, do Agrupamento de Escolas de Miragaia, da cidade do Porto, com a participação integral e fundamental de um grupo de onze crianças investigadoras, durante dezoito sessões, marcadas de acordo com os interesses das mesmas. A grande finalidade consistiu em recolher as vozes destas crianças sobre a ocupação do seu tempo. Com o recurso a técnicas participativas, a dispositivos de escuta das crianças como a observação participante, conversas e análise documental obtivemos a informação necessária para (re) descobrir que estas crianças e as que foram questionadas, com idade entre os 7 e os 10 anos, trabalham hoje para a escola e na escola, no seu ofício de alunas, cerca de 8 a 9 horas diárias, ou seja, cerca de 40 a 45 horas semanais, sendo preocupante a quantidade de tempo que passam depois das aulas, a realizar, no seu tempo livre, actividades organizadas, de aprendizagem subjugadas pelo modelo escolar e estabelecidas pelos interesses dos adultos (TPC, música, inglês, estudo acompanhado, ginástica, AEC's), sem serem, na maior parte das vezes, escutadas. São crianças mas incutem-lhes responsabilidade de adultos, passam quase a totalidade do dia na escola, enquanto os pais trabalham. A maioria das vezes as crianças tornam a ser alunas em casa (com a realização dos TPC), ou nas instituições, que a maioria delas, frequenta no horário pré e pós-escolar, comumente designadas por ATL. As crianças quase não brincam e as suas brincadeiras estão cada vez mais ligadas à literacia digital. Com a organização do seu dia-a-dia, as crianças revelam também a necessidade em estar mais tempo com a família. Há efectivamente, um excesso de escolarização em detrimento da actividade lúdica (superioridade do estatuto de alunos sobre o estatuto de criança).

## **resumo**

As crianças acomodam-se ou resistem, de modo silencioso, a um dia-a-dia preenchido, submetidas e pressionadas a actividades educativas pragmáticas e intelectuais excessivas, em espaços fechados e/ou desadequados com pessoas de todo o tamanho e de todos os feitios, que supostamente as distraem, sentindo-se ruídos, através do seu cansaço, disfarçado e manifestado no seu comportamento incompreensível, por vezes indisciplinado, enérgico, e revoltado ou demasiado apático.

Este projecto pretende ainda, demonstrar as potencialidades da participação das crianças, como actores sociais, em parceria com os adultos na resolução de problemas que as afectam e na reconstrução social, e provocar reflexões e reacções nos adultos a fim de encontrar fórmulas agradáveis que lhes consintam dar conta de uma coisa tão simples e complexa como é a de compreender as crianças na sua condição de criança, e não somente de aluno e/ou filho (por vezes, basta disponibilizar um pouco do seu tempo também ele preenchido, para as ver, ouvir e escutar verdadeiramente) e fazer da sua vida uma infância de encantadoras recordações.

**keywords**

**Community Intervention Project, Childhood, Children's Rights, Child Participation, Participative Action Research, Child Researcher, The Child's Time, Family, School, AEC's (Curricular Enrichment Activities), ATL (After School Club), TPC (homework), Play.**

**abstract**

The Project, "Children's Time... silences lived and noises felt", within the ambit of Social Education and Community Intervention, using participative action research as its chosen method of investigation, was developed in a school context, specifically in the Carlos Alberto Primary School, in the Miragaia group of schools in Porto, with the full time and fundamental participation of a group of eleven child researchers during eighteen sessions arranged in accordance with the interests of these children.

The aim was to collect the voices of these children talking about how they occupied their time. Using the resources of participative techniques, listening devices on the children who were participant observers, conversations and documental analysis, we obtained the information necessary to (re) discover that these children and those questioned, aged between 7 and 10 years, today work for school and in the school in their role as pupils, about 8 to 9 hours daily, or about 40 to 45 hours per week. It is concerning the amount of time that is spent after lessons in their free time doing organized activities and having their learning subjugated by the school model and established by the interests of adults (homework, music, English, directed study, physical education, AEC's) without, in the majority of cases, being listened to. They are children but they are instilled with the responsibilities of adults, they spend almost all their day in the school while their parents are working. In the majority of cases the children become pupils again at home (doing their homework), or in the institutions that the majority of them frequent after school, commonly known as ATL's (After School Clubs). The children hardly play and their playing is getting more and more linked to digital literacy.

Due to the organization of their daily lives, the children also reveal the need to spend more time with their families. There is effectively an excess of schooling in detriment to play activities (superiority of the statue of pupils over the statue of the child).

## **abstract**

The children adapt themselves or resist in a silent way, to a full daily program, subjected and pressured into pragmatic educational activities people of all shapes and sizes and different temperaments who are supposed to entertain them, feeling the noise because of their tiredness, disguising and manifesting their incomprehensible behavior, at times undisciplined, strong willed and rebellious or extremely apathetic.

This Project also intends to demonstrate the potential of the children's participation as social actors, in partnership with the adults in the resolution of the problems which affect them and in social reconstruction, and provoke reflection and reaction in the adults with the aim of finding gratifying formulas which will help them manage to do something so simple and complex as understanding children as children and not only as pupils and/or sons and daughters. Sometimes it is enough to make available a little of their time, which is also very full, to really see, hear and listen to them, and make their childhood full of enchanting memories.



## Índice

Introdução.....	5
<b>Parte I – Enquadramento teórico.....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo I - (Re)Construção da imagem da Criança .....</b>	<b>9</b>
Ser criança no século XXI- Tempo e Lugar da Criança .....	9
<b>Capítulo II - Criança: Pessoa e Cidadão .....</b>	<b>13</b>
1. Enfoque nos Direitos: condição e estatuto da Criança .....	15
<b>Capítulo III – A Educação Social em projectos de investigação e intervenção comunitária .....</b>	<b>20</b>
1. Entender a Educação Social .....	20
2. Papel do Educador Social abraçado ao papel do professor .....	24
3. O projecto como ferramenta da Intervenção Comunitária .....	28
<b>Parte II – Opções e procedimentos metodológicos.....</b>	<b>33</b>
<b>Capítulo I: Pressupostos teóricos metodológicos abraçados à investigação-acção participativa .....</b>	<b>33</b>
1. Crianças como investigadoras .....	35
2. O desenvolvimento de Técnicas Participativas. ....	38
2.1 Observação participante .....	41
2.2 Notas de Campo .....	42
2.3 Grupos de Discussão Focalizada.....	43
2.4 Conversas com crianças.....	43
<b>Capítulo II - A construção do Projecto Social de Intervenção Comunitária“O Tempo das crianças ...silêncios vividos e ruídos sentidos” .....</b>	<b>44</b>
1. A pertinência do projecto de investigação.....	46
2. Objectivos gerais e específicos a que se propunha o projecto “O Tempo das crianças ...silêncios vividos e ruídos sentidos” .....	48
3. Escolha do contexto da investigação – A instituição escolar carece de um abraço incessante à Educação Social e Intervenção Comunitária .....	49
3.1 Caracterização do contexto .....	51
<b>Capítulo III – Percurso de opções metodológicas.....</b>	<b>53</b>
1. <b>Primeira etapa</b> – Entrada no terreno.....	54
2. <b>Segunda etapa</b> - Criação do “Grupo dos Amiguinhos Investigadores”. ....	56

2.1 Caracterização dos protagonistas .....	57
2.2 Desconstrução dos papéis e relações aluno-professor(a) .....	59
2.3 (Re) construção do papel de investigador(a) e de Criança Investigadora....	63
3. <b>Terceira etapa</b> – Trabalho de campo... gerar dados para a construção de uma teoria .....	66
4. <b>Quarta etapa</b> - As crianças como agentes da avaliação do percurso da investigação .....	88
4.1 A primeira devolução efectiva da informação às crianças .....	88
4.2 Reflexão e avaliação .....	89
5. <b>Quinta etapa</b> - Devolução da informação final à Comunidade Educativa.....	90
5.1 O Debate “O Tempo das Crianças...silêncios vividos ruídos sentidos” .....	91
 <b>Parte III</b> – (Re) Conhecimento alcançado .....	<b>95</b>
<b>Capítulo I</b> - (Sem) Tempo para ser Criança.....	<b>95</b>
1.O dia de uma (s) criança (s).....	97
1.1 A escola “O Lugar da Infância” .....	101
1.2 Os trabalhos dos Trabalhos de Casa.....	103
1.3 Actividades de Enriquecimento Curricular ou Actividades de aborrecimento Curricular? .....	106
1.4 O Tempo no ATL: o terceiro lar contemporâneo das Crianças .....	109
1.5 Tempo minguante para Brincar .....	110
1.6 Saúde, Qualidade de Vida e Bem-estar e o(s) uso(s)do Tempo da Criança .....	113
1.7 O Real e o Virtual da Infância .....	114
1.8 O Tempo sem/com Família .....	115
<b>Capítulo II</b> - A difícil conciliação de papéis: entre o lugar de sujeito, de investigador e professor .....	<b>119</b>
<b>Capítulo III</b> - Reflexão final “(Re) Considerar o <i>Tempo das Crianças</i> ”, Um projecto social (in)acabado, de prova e de início... ..	<b>125</b>
 Bibliografia.....	<b>129</b>
Anexos .....	<b>139</b>



## Lista de Anexos

<b>Anexo A:</b> Quadro síntese referente à caracterização do grupo das crianças investigadoras.....	139
<b>Anexo B:</b> Compêndio do percurso de construção do trabalho de campo.....	140
<b>Anexo C:</b> Notas de Campo.....	141
<b>Anexo D:</b> Recursos materiais elaborados .....	240
<b>i -</b> Consentimentos Informados aos Pais/Encarregados de Educação.....	241
<b>ii –</b> Folha de registo do jogo “Conhece-me melhor” e a fotografia do Pack de Investigação.....	243
<b>iii- C.I.C.I.</b> .....	243
<b>iv- Folha de registo “A minha Segunda-Feira”</b> .....	244
<b>v - Folha de registo “A minha Quinta-feira”</b> .....	244
<b>vi- Folha de registo “Como ocupo o meu tempo”</b> .....	244
<b>vii - Folha de registo “O meu tempo...” (relógios)</b> .....	245
<b>viii – Questionário (direccionado às crianças)</b> .....	246
<b>Anexo E:</b> Convite para a apresentação do Projecto .....	248
<b>Anexo F:</b> Apresentação em PowerPoint exibida à Comunidade Educativa, no dia 18 de Julho de 2010 .....	249
<b>Anexo G:</b> Certificado oferecido às crianças investigadoras.....	256
<b>Anexo H:</b> Exemplos de registos produzidos pelas crianças participantes durante o trabalho de campo.....	257

## **Siglas**

**AEC's** – Actividades de Enriquecimento Curricular

**ATL's** – Centros de Actividades de Tempos Livres

**C.I.C.I** – Cartão de Identificação de Criança Investigadora

**GDF** – Grupos de Discussão Focalizada

**IAP** – Investigação-acção Participativa

**TEIP** – Território Educativo de Intervenção Comunitária

**TPC** – Trabalhos de/Para Casa

**TTC** – Tempo de Trabalho em Casa

## Introdução

“ - (ser criança) é giro divertido mas também cansativo  
- É só escola!  
- e ATL(...)  
- éhh quem manda em nós são os nossos pais!”<sup>1</sup>

Afinal o que conhecemos sobre a de vida das crianças? Que sabemos sobre o que elas pensam e sentem sobre a ocupação do seu tempo?

Dar voz às crianças, tirá-las do silêncio, pesquisar a partir do ponto de vista delas,”com olhos de criança” é a finalidade desta investigação, que desafiou o rigor e imaginação metodológicas para a criação de dispositivos de participação, tendo por base o novo paradigma de infância.

Tradicionalmente, a vida das crianças têm vindo a ser explorada unicamente através das concepções dos adultos prestadores de cuidados. Este projecto de investigação social, intitulado “O Tempo das Crianças...silêncios vividos e ruídos sentidos” vê e reconhece as crianças como actores sociais na posse de características cognitivas e sociais. Vê a infância não como simplesmente o contexto de socialização, mas como enquadramento dentro do qual as crianças se constituem activamente como crianças.

Relativamente, ao novo olhar da criança e da infância temos vindo a assistir a um movimento social e cultural internacional que, ao colocar na agenda política e mediática os problemas das crianças, tráfico de menores, pedofilia, trabalho infantil, situações extremas de pobreza e exclusão social, entre outros – tem promovido a visibilidade social da infância e demonstrado como as crianças ainda estão longe de ver os seus direitos plenamente consagrados e assim como a posição atribuída a infância.

O ouvir e escutar o que as crianças dizem e o tomar em atenção à forma como comunicam connosco foi o progresso deste processo investigativo com crianças, mais do que simplesmente, sobre crianças.

Este projecto compreende a pesquisa com crianças e ilustra os conhecimentos não somente sobre a vida das crianças na pesquisa mas também e sobretudo o processo de pesquisar essas vidas.

Apresenta-se textos descritivos de todos os elementos constitutivos do processo de recolha da voz das crianças. Este projecto ambiciona através da ligação entre a teoria e

---

<sup>1</sup> Excerto de uma conversa, ver nota de campo II, pág. 141.

prática, assegurar de que os processos e o resultado da investigação sejam benefício real e valor para as crianças.

Este documento encontra-se organizado em três partes, ramificadas em capítulos. A primeira parte, “Enquadramento Teórico”, subdividida em três capítulos, apresenta algumas referências teóricas que serviram de base e de fundamentação das nossas ideias e intenções e acções, permitindo-nos reflectir criticamente desde o início da nossa caminhada, sustentando a concepção e desenvolvimento do Projecto e consequentemente a construção de todo o conhecimento. No capítulo I, intitulado “(Re) Construção da imagem da Criança”, introduz-se os nossos referentes teóricos de partida, que nos autorizam a discutir a Infância e a condição social das Crianças. Ainda neste contexto, no capítulo II, denominado “Criança: Pessoa e Cidadão”, aborda-se os fundamentos promoção do estatuto de cidadania das crianças como sujeito de direito próprio e que exige medidas de política social e a organização de serviços, no sentido da criação de condições de exercício efectivo destes direitos pelas crianças. No capítulo III, “A educação Social em projectos de investigação e intervenção comunitária”, enquadra-se numa reflexão sobre a educação social e o desenvolvimento comunitário, num contexto socioeducativo para a cidadania em que o projecto de investigação-acção surge como ferramenta para uma intervenção na comunidade.

Numa segunda parte, “Opções e procedimentos metodológicos”, faz-se uma narrativa de todo o processo, depois de justificarmos as escolhas relativas à metodologia, aos procedimentos técnicos e cuidados éticos que tivemos que assumir desde a nossa entrada no terreno. No capítulo I, “Pressupostos teóricos metodológicos abraçados à investigação-acção participativa, localiza-se os referentes teórico-metodológicos, sendo que abordará os princípios da investigação-acção participativa. No capítulo II “A construção de um projecto Social de Intervenção Comunitária”, explica-se a pertinência e os objectivos pretendidos deste projecto, situando ainda, e caracterizando o contexto comunitário a partir do qual este se desenvolveu.

O capítulo III “Percurso de opções metodológicas”, apresenta-se o panorama de todo o processo, que com o intuito de facilitar a compreensão do processo de investigação na sua globalidade, subdividimos em cinco etapas de sucessivo envolvimento com/das crianças, acautelando a explicação dos procedimentos seleccionados em cada uma, mencionando também algumas precauções adoptadas de forma que a produção de registos nos permitisse gerar dados de compreensão do

processo através do qual se procurou promover o protagonismo das crianças. Em simultâneo, analisa-se criticamente a informação recolhida, com uma descrição compendiada do desenvolvimento de todas as sessões realizadas, tendo em consideração a multiplicidade de recursos para a recolha das vozes das crianças.

Na terceira parte, “(Re) conhecimento alcançado”, constituída por três capítulos procura-se construir um novo ponto de partida que pudesse sustentar o processo de intervenção iniciado ou desafiasse o retomar das vozes escutadas em projectos de investigação-acção participativa a desenvolver num período mais prolongado. No capítulo I “ (Sem) Tempo para ser Criança”, pretende-se abordar concisamente os principais subtemas que emergiram da análise dos dados gerados durante o processo investigativo, através de uma interpretação individual e colectiva. O Capítulo II, “A (re) conciliação de papéis entre o lugar de investigador e de professor”, considera uma mudança nos paradigmas de investigação sobre o professor, integralmente nova. O capítulo III e último, “(Re) considerar o tempo das Crianças”, consta de uma reflexão final formada por reconhecimentos, advertências e desafios, na qual se procura justificar que este é um projecto social (in)acabado, de prova e de início.

Esperamos com este trabalho contribuir para a sensibilização e a reflexividade em torno desta problemática da ocupação do tempo das crianças e assim como despertar novos desafios de investigação e de intervenção sobre caminhos e ideias alternativas. Pois desabrocharam, durante este processo investigativo, algumas questões emergentes que merecem efectivamente um aprofundamento.



## **Parte I – Enquadramento Teórico**

### **Nota Introdutória**

Nesta primeira parte, encontra-se o quadro teórico que serviu de base e de fundamentação das nossas ideias, intenções e acções, permitindo-nos reflectir criticamente desde o início da nossa caminhada, sustentando a concepção e desenvolvimento do Projecto e consequentemente a construção de todo o conhecimento.

### **Capítulo I - (Re) Construção da imagem da Criança**

#### **Ser criança no século XXI – O Tempo e o Lugar da criança**

*O que é uma criança?*

(Sarmento, 2004:184)

O estatuto de infância passa por considerar que existe “um espaço e um tempo que (...) marcam uma etapa de vida para qualquer indivíduo, e determinam também a organização de qualquer sociedade” (Fernandes, 2009:25).

A infância não é uma fase transitória; o que é transitório são os seus elementos (sujeitos). A criança pertence à sociedade e ao mundo; têm-lhe sido atribuídos diversos papéis/ofícios – o ofício de ser filho, ofício de aluno, desejando-se que assuma também o ofício de ser criança e o ofício de cidadã, e têm quotidianos e culturas diferentes dos adultos.

A compreensão da condição da criança, das suas rotinas, relações e experiências, é indissociável do conhecimento dos contextos materiais, simbólicos e interpessoais em que se situa. Que lugar ocupam as crianças na sociedade, na cidade, na escola, na família?

É preciso ter consciência clara que não existe uma forma única de ser criança ou uma infância universal, para poder olhar/perceber as infâncias e os sujeitos que compõem esta categoria social e as suas múltiplas formas de vivê-la. Procura-se uma forma de ver e pensar as crianças (tendo que ser diversa e instável) com do conhecimento científico e que prima por perceber o intelecto e conjugá-lo com a alma humana. (cf. Sarmento, 2004:188). Devemos colocar em questionamento os lugares que construímos para a infância.

Neste processo investigativo consideramos a criança enquanto actor social e a infância como categoria social do tipo geracional.

A visibilidade social da infância foi um processo lento que decorreu desde os finais do século XVIII até aos nossos dias.

Independente do contexto social ou da conjuntura histórica, a Infância depende da categoria geracional constituída pelos adultos para a provisão de bens indispensáveis à sobrevivência dos seus membros, e é-lhe reconhecido e exercido o poder legítimo de controle dos adultos sobre as crianças (posição subordinada à geração adulta). Isto não significa que a condição social da infância seja homogénea pelo contrário, a infância sempre foi atravessada por contradições e desigualdades, pois no decorrer do tempo (nas diferentes épocas históricas), construíram-se diversas e sucessivas ideias e imagens sociais da/sobre a infância e foram-lhe atribuídos vários papéis sociais, decurso simultaneamente atravessado por factores como classe social, ao género, a etnia, ao contexto social de vida (urbano e rural), ao universo linguístico ou religioso, cultural de pertença da criança. Todavia, a identificação da infância como geração própria, distinta e com papéis sociais diferenciados dos adultos só se construiu a partir dos primórdios da modernidade.

Até às duas décadas do século XX, mundo ocidental perspectivou as crianças sob duas concepções distintas, mas identicamente controversas, correspondentes à diferente valorização (positiva e negativa) da inocência e do distanciamento relativamente à “racionalidade adulta”, característicos das crianças, Ariés (1973 e 1986).

As distintas representações da infância caracterizam-se especialmente pelos traços de negatividade. A criança é considerada como não-adulto. E este olhar adultocêntrico sobre a infância regista especialmente a ausência, a incompletude ou a negação das características de um ser humano “completo”.

Porém, a certeza de que a infância “ (...) não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebés, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. A infância não é a idade da não-razão: para além da racionalidade técnico-instrumental, hegemónica na sociedade industrial, outras racionalidades se constroem, designadamente nas interacções entre as crianças, com a incorporação de afectos, da fantasia e da vinculação ao real. A infância não é a idade do não-trabalho: todas as crianças trabalham, nas múltiplas tarefas que preenchem os seus quotidianos, na escola, no espaço doméstico e, para muitas, também nos campos, nas oficinas ou na rua. A infância não vive idade da não-infância: está aí, presente nas múltiplas dimensões que vida das crianças (a sua heterogeneidade) continuamente preenche” (Sarmiento,



2006:10) e a necessidade de “... repensar, desconstruir conceitos conformadores de infâncias e crianças enquanto seres de outra espécie, enquanto de entidades isoladas do mundo material físico, afectivo, histórico, cultural e social dos adultos, e não pensar na criança, por isso, como um adulto em miniatura ou sujeito inacabado da condição humana.” (Sarmiento, 2004: 185), e as novas realidades que caracterizam as vidas das crianças produziram uma crescente disparidade entre estas formas convencionais e muitas vezes, altamente enraizadas de representar as crianças e as novas e exigentes necessidades impostas pelas transformações sociais.

Prout (2003) citado em Oliveira-Formosinho (2008:16), identifica cinco principais áreas de mudança na infância: i) o declínio da taxa de natalidade nos países industrializados; ii) a diversidade crescente nas circunstâncias de vida das crianças (ex.: Decréscimo no número de famílias nucleares); iii) a socialização múltipla das crianças devida aos crescentes fluxos transnacionais de pessoas, bens, valores e imagens; iv) os esforços crescentes para controlar e regular a infância; v) a emergência dos direitos e voz das crianças.

Diversos autores têm acrescentado os seus contributos à construção da nova imagem da criança. James (1995) (cit. Christensen e James, 2005:146) refere quatro tipos de concepções da criança: “a criança em desenvolvimento”, “a criança tribal”, “a criança adulto”, e “a criança social”.

Nas construções de “criança em desenvolvimento” e a “criança tribal” são vistas como incompletas, incapazes de gozar do mesmo estatuto dos adultos. Contrariamente, a “criança adulto” e a “criança social” têm esta capacidade, no entanto enquanto a “Criança adulto” é vista como sendo socialmente competente de formas comparáveis, a criança social é vista como tendo competências sociais diferentes embora não necessariamente inferiores (cf. Christensen e James, 2005:147)

A criança social (abordamos as crianças no nosso projecto com adesão à “criança social”) é perspectivada como actor social, constituindo este conceito que enfatiza a forma como as crianças poderão ser capacitadas para crescerem em competência através da participação (cf. Woodhead, 1999 citado em Oliveira-Formosinha, 2008:16).

A infância é simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos activos, que interpretam e agem no mundo.

Torna-se iminente reconhecer as crianças enquanto sujeitos singulares, enquanto inteira (e não incompleta) na sua especificidade, com a sua identidade própria,

pertencentes a um tempo/espço geográfico, histórico, social, cultural que consolida uma sociedade específica, que são detentores e criadores de história e cultura com particularidades em relação ao adulto. Redireccionar o olhar, romper com as perspectivas pelas quais culturalmente aprendemos a enxergá-las; incompletas, sem fala, um vir a ser.

Adoptando uma perspectiva pós-moderna, a criança é considerada como co-construtora de conhecimento, identidade e cultura (cf. Dahlberg, Moss e Pence, 1999 citado Christensen 2005:146), como participante activa e co-construtora de significado, possuindo assim uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num diálogo democrático e na tomada de decisão. Em Dewey, a criança como activa e com iniciativa; Piaget e no modelo High-Scope como interactiva e construtora de conhecimento; Em Freinet e no Movimento da Escola Moderna como cooperativa; como criativa e investigadora, em Malaguzzi.

Na base desta mudança, ao nível da forma como a criança participa nos processos sociais e consequentemente nos processos investigação encontram-se dois pilares fundamentais e complementares: a convicção nos direitos das crianças em particular, no direito de a criança ser escutada, participar e ter controlo sobre a sua vida, e na imagem da criança como um ser com competência cognitiva, moral, racional e social, capaz de compreender, reflectir, dar respostas válidas e participar na vida social (cf. Oliveira-Formosinho, 2008:18). Neste projecto de investigação é também reconhecida a competência comunicativa da criança e verificou-se que as perspectivas das crianças são muito sensíveis às características estruturais e dinâmicas dos contextos em que vivem, sendo as suas interpretações feitas com referência a aspectos muito específicos, e mesmo subtis, de tais contextos.

## **Capítulo II - Criança: Pessoa e Cidadão**

Vivemos um tempo em que apesar de muito se proclamar os direitos da criança, e de terem desenvolvido medidas proteccionistas em relação à infância, a grande maioria das crianças continua a ser vítima de exclusão social e portanto a ver ser-lhe negado o estatuto de cidadão, “as crianças são o grupo geracional mais afectado pela pobreza, pelas desigualdades sociais e pelas carências das políticas públicas (e.g. Annan, 2002; Unicef, 2005).

Para a compreensão das crianças como actores sociais com competências políticas concorre um conjunto de factores que se articulam e conjugam. Entre eles a noção de cidadania. A partir do século XVIII, com as revoluções democráticas, definiu-se cidadania como um “estatuto político, confinado ao espaço nacional, embora o cidadão veja reconhecida a sua pertença à comunidade não apenas pelo vínculo que com ela estabelece e que lhe permite o usufruto de direitos cívicos e políticos, mas também em consequência da sua própria condição individual, que lhe atribui direitos individuais de natureza social (protecção, alimentação, educação, saúde, etc.) ” (Sarmiento, 2006:13).

Esta concepção clássica de cidadania recusa o estatuto político às crianças.

A modernidade introduziu a escola como condição de acesso à cidadania. As crianças são vistas como cidadãos do futuro.

Os progressos da modernidade, e a protecção das crianças melhoram substancialmente as condições de vida das crianças (por exemplo a diminuição das taxas de mortalidade infantil, a libertação de formas opressivas e ignomínias de trabalho, o usufruto da informação, e o acesso a bens de primeira necessidade (educação, saúde, habitação)), além de estes progressos não serem universais, nem comuns a todas as crianças do mundo.

Com o processo da mudança paradigmática na concepção de infância expressa na Convenção dos Direitos da Criança, de 1989, redefiniu-se a cidadania da infância, que neste contexto implica o exercício de direitos nos mundos de vida, no entanto tem-se valorizado e restringindo-se às exigências das crianças pelos adultos (Famílias e o Estado) e reconhecido pouco os direitos de cidadania – além da dimensão da participação se encontrar em evolução. Segundo Archard, 2003, em Sarmiento (2006:15), é no balanço entre estas duas posições – a protecção e a participação – que se exprime melhor interesse das crianças.

Actualmente, “defende-se (...) a promoção de um novo paradigma que considere a participação das crianças e uma concepção de cidadania activa e crítica que concebe as crianças e jovens como actores sociais imprescindíveis e participativos na sociedade, implicando não só o reconhecimento formal de direitos mas também as condições do seu exercício através de uma e real plena participação, em todas as esferas da vida social” (Tomás, C.: 119).

“Falar de participação, numa acepção imediata, é falar de uma actividade espontânea, que etimologicamente se caracteriza como acção de fazer parte, tomar parte em, mas é também falar de um conceito multidimensional, que faz depender tal acção, ou tomar parte, de variáveis como o contexto onde se desenvolve, as circunstâncias que o afectam, as competências de quem o exerce ou ainda as relações de poder que o influenciam.” (Fernandes, 2005:116). Este “tomar parte”, sobretudo quando se refere a tomadas de decisões das crianças, do que fazem no seu contexto de vida, é quase ou até inexistente, por exemplo na organização do seu tempo, a série das actividades que a criança desenvolve encontra-se demasiado tutelada pelos adultos. Passando 8 a 10 horas diárias em instituições (principalmente escola e ATL), as crianças vêem o seu tempo de infância espartilhado pelas múltiplas actividades ora da componente lectiva, ora de componente que dita não lectiva é preenchida por Actividades de Enriquecimento Curricular (Inglês, Música, Educação Física e Apoio ao Estudo) e/ou actividades do ATL, que, ainda que muito bem orientadas, são organizadas e dirigidas por adultos. Onde está o tempo de Brincar? Que oportunidades de escolha têm as crianças? De que espaços de descoberta podem usufruir? Os contextos de vida mais frequentados actualmente pelas crianças são ou não, contextos de participação efectiva das mesmas? (cf. Sarmiento, 2009).

Actualmente, começam-se a desenvolver projectos que visam promover a participação das crianças, contrariando a passividade gerada, usualmente, nas estruturas mencionadas, reconhecendo o direito das crianças desempenhar um papel activo e criativo na sua própria vida, num processo pedagógico em que a aprendizagem é construída numa co-construção entre adultos e crianças.

De acordo com Catarina Tomás, “a cidadania não é uma categoria homogénea, neutra e totalizante mas heterogénea, aneutral (nem todos os indivíduos se encontram numa situação de igualdade apenas porque assim está escrito e definido), diversa e mutável no tempo de no espaço, assumindo diferentes formas e enfoques” (2006:211).

Deste modo, as formas de participação das crianças podem diferir muito das formas de participantes dos adultos, o importante é que exista um reconhecimento mútuo pelo direito desse exercício, levando a uma vivência cidadã em espaços educativos.

### **1. Enfoque nos Direitos: estatuto e condição da Criança**

Ao abordar o estatuto e a condição da infância, é possível, abordá-los de dois modos distintos, segundo Alderson referido por Natália Fernandes (2009:27) colocar o enfoque nos direitos ou nas necessidades.

Ao focar nas necessidades dá-nos uma visão orientada a solucionar problemas específicos e urgentes que merecem a nossa atenção e acção rápida e imediata, no entanto, em simultâneo concentra-se em algo específico e converte a criança num sujeito passivo que deve ser atendido segundo a perspectiva do problema e vontade do adulto, afectando circunstancialmente a vida das crianças, assentando numa “imagem assistencialista da infância” (Fernandes, 2009:28). Intervir de acordo com as necessidades pode criar condições de vitimização da criança, contra o propósito de garantir o desenvolvimento da sua autonomia enquanto sujeito e cidadã.

O enfoque nos direitos dá-nos uma visão integral de uma infância em que a criança é sujeito de direitos (um sujeito activo, com capacidade de opinar, debater, questionar, que participa), que pressupõe a “responsabilização política e moral” (Fernandes, 2009:28) e surge da acção da própria criança enquanto estratégia não discriminatória, sendo que ela é integrada como um membro de uma sociedade. Não procura cumprir o imediato mas desenvolver acções, que implicam colaboração e cooperação, com metas claras e de longo prazo, com um carácter universal, que embora mais exigentes, proporcionam resultados sustentáveis e conduzem a reformas jurídicas e políticas públicas, para o bem-estar das crianças, significa intervir com ético humano, no que merece todo o ser humano, assumindo o valor pela vida, pela solidariedade, pela responsabilidade, do respeito e da valorização pessoal, participando directamente nos contextos em que a pessoa/criança se encontra, o seio familiar, comunidade e Estado, agindo com dignidade (atendendo às desigualdades de poder) e não de maneira paternalista, assistencialista. Só se pode afirmar que se trata de uma intervenção baseada nos direitos quando as crianças se tornam os actores principais, em suma, os sujeitos da intervenção. Construindo-se, consequentemente, um maior conhecimento da criança.

De modo a compendiar e a clarificar, as necessidades e os direitos não são independentes e excludentes, pois partindo das necessidades se alega os direitos, é

devido às crianças possuírem necessidades que necessitamos garantir os seus direitos. Para compreender e satisfazer as necessidades das crianças, devemos permitir que sejam as próprias a explicar essas mesmas necessidades e reflectir/reproduzir os direitos da criança, especialmente os de participação. Considerando-se uma visão de complementaridade, correlação e não de antagonismo da infância, que reconhece a competência social das crianças enquanto actores sociais participantes que (re) constroem o meio circundante e a sociedade em geral, em que vivem.

Efectivamente, as crianças conquistaram para si um conjunto de direitos fundamentais próprios e inalienáveis – aos quais se associam praticamente todos os países do mundo – sintetizados nos princípios de protecção, provisão e participação (declarados na Convenção sobre os Direitos da Criança - CDC). Realça-se que os estados-membros que ratificaram a CDC, fundamentaram a sua acção no enfoque dos direitos, adquirindo mais e melhores oportunidades de garantir o seu cumprimento.

A Convenção ajudou verdadeiramente na criação de uma maior conscientização sobre os direitos da criança em diversas instituições, escolas, famílias e comunidades. É evidente o seu impacto nos meios de comunicação, no desenvolvimento de códigos de conduta para relatos sobre crianças, incrementação das questões relacionadas à protecção da criança e na inclusão das opiniões das crianças sobre temas que as preocupam e as afectam.

O pleno significado da Convenção não restringe às suas implicações legislativas, e até mesmo das acções directas que promove de apoio aos direitos da criança. Ao definir os padrões mínimos para tratamento, cuidado, desenvolvimento, protecção e participação que são devidos a todos os indivíduos menores de 18 anos de idade, a convenção ajudou também a transformar atitudes com/em relação à infância.

Baseando-se nos artigos da Convenção, este projecto tenta realçar o quanto é fundamental proteger a infância como um período separado da idade adulta e defini-la como um período em que a criança pode **crescer, aprender, brincar e desenvolver-se**, demonstrando a importância de aumentar a participação das crianças, dando-lhe vez e voz, no seu próprio desenvolvimento e protecção.

Os diferentes normativos melhoraram efectivamente a concretização dos direitos de provisão e de protecção relativos às crianças, todavia é evidente a fragilidade normativa referente aos direitos de participação e a grande resistência dos adultos no que respeita a esta dimensão.

Na sua generalidade, a comunidade adulta, apresenta bastante dificuldade em abandonar as representações dominantes sobre as crianças (vistas como seres física e psicologicamente imaturos, socialmente incompetentes e culturalmente ignorantes) e em aceitar o seu estatuto de actores sociais com plenos direitos de cidadania.

O reconhecimento do direito à participação das crianças passa pelo seu reconhecimento como actores que, tendo uma vida própria, produzem acções culturais, jogos, linguagens, ... o que implica uma reformulação do conceito de cidadania que ao pressupor que apenas os cidadãos adultos são seres racionais e responsáveis pelos seus actos, condiciona o exercício desse direito às crianças.

Na Convenção dos Direitos da Criança, o Artigo 12º diz que “1. Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade. 2. Para este fim, é assegurada à criança a oportunidade de ser ouvida nos processos judiciais e administrativos que lhe respeitem.” Este artigo garante ainda à criança o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre aquilo que lhe diz respeito. Assim, este artigo visa encorajar os adultos a ouvirem as opiniões das crianças e a considerarem-nas nas diferentes tomadas de decisão. Porém, ao reconhecer à criança o direito de ser ouvida sobre assuntos que lhe digam respeito, a Convenção afirma que a consideração destas opiniões deve ter em linha de conta a idade e o grau de maturidade da criança. Para além disso, a Convenção pede aos pais, juízes, técnicos de serviço social e outros adultos responsáveis pela criança, que lhe confirmem a possibilidade de ser ouvida e que essa opinião seja rentabilizada e utilizada no interesse superior da criança.

Como refere Tomás (2009)<sup>2</sup>, a “recomendação 1286 (1996), da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, define uma Estratégia Europeia para as Crianças: as perspectivas das crianças devem ser tidas em conta na tomada de decisões que as afectam; deve-se facilitar a sua participação activa, responsável e de modo apropriado às suas capacidades; deve-se ensinar as crianças a agirem como cidadãos responsáveis”. A mesma autora, referindo O’Kane (2003), diz que a participação infantil para ser significativa e efectiva requer quatro ingredientes-chave: um processo contínuo das crianças e a intervenção activa na tomada de decisões em distintos níveis nas questões

---

<sup>2</sup> Retirado do PowerPoint “Direitos de Participação das Crianças”, de Catarina Tomás, 2009, Universidade de Aveiro.

que lhes dizem respeito; intercâmbio de informações e diálogo entre as crianças e os adultos na base do respeito mútuo e propriedade compartilhada; o poder, nas mãos das crianças, de modelar tanto o processo como os resultados; e o reconhecimento de que a capacidade, experiência, e interesses das crianças, que estão em desenvolvimento constante, desempenham um papel de extrema importância na hora de determinar a natureza da sua participação.

Relativamente aos níveis de participação político-social, Hart (1992) considera que se devem considerar sete níveis: estar informado; ser escutado; ser consultado; dialogar decisões; negociar e alcançar consensos nas decisões; compartilhar decisões; aceitar e respeitar as decisões das crianças. Ou seja, nos níveis mais baixos, encontra-se a pretensão de trabalho partilhado: manipulação, ornamentação e prenúnciação. Os níveis seguintes envolvem a participação real: as crianças recebem tarefas, embora sejam informadas e consultadas, enquanto os adultos iniciam, mas também partilham decisões com as crianças. Os dois níveis superiores referem-se a projectos desenvolvidos e dirigidos, desde o início por crianças (cf. Christensen e James, 2005:269), como é o caso deste projecto de investigação.

Como referido anteriormente, a participação não é uma pedagogia, é um direito. Como direito exprime-se contra a alienação das condições de produção do trabalho pedagógico ou contra o “ofício do aluno”, expressão esta que explica a necessidade de se questionar se faz sentido perpetuar, na escola, uma visão da criança – aluna dependente das expectativas e imposições dos agentes educativos e que alimenta a ideia de que os alunos, na escola, estão num estado de “latência social”. Na escola, a criança apresenta-se sobrecarregada de múltiplas tarefas escolares e espera-se que corresponda às exigências dos adultos, às exigências do seu “ofício” ou função na escola (cf. Perrenoud, 1995). A participação implica mudanças na organização política da escola, na dinâmica interactiva, na relação entre professor e aluno, nos processos de comunicação cultural. Mas fá-lo na escola, essa instituição secular continuamente investida da missão de renovar a tradição democrática e igualitária que a instituiu como escola pública. A participação infantil na organização pedagógica da escola é um caminho incontornável dessa renovação, como as escolas democráticas.

Neste panorama, “as instituições dedicadas à infância devem ser vistas como construção social de uma comunidade de agentes humanos, originada da nossa interacção activa com outras pessoas e com a sociedade” (Dahlberg, Moss e Pence,



2003:87, citado em Sarmiento, 2009:56), e “considerar a participação das crianças como um princípio que, estritamente ligado aos seus quotidianos, se imponha como mecanismo de reorganização das relações entre adultos e crianças que, para ser efectivo, terá de estar implicado na realidade social que é significativa para a criança.” (Fernandes, 2005:126). As crianças não podem ser compreendidas somente como sujeitos que agem e reagem em função dos processos de socialização directa fomentados pelos adultos, mas também como sujeitos que se socializam entre si e que reconstroem interpretações para as suas situações de vida. As crianças têm a capacidade de “dar sentido ao seu trabalho físico e social, de negociar e filtrar o melhor das suas circunstâncias, ao mesmo tempo que moldam as suas vidas e são moldadas por elas.” (christensen e James, 2005).

As crianças lutam através dos seus desenhos, falas, movimentos, gestos, imaginação, brincadeiras, sorrisos, caretas, choros outras tantas formas de ser e de se expressar pela emancipação da sua condição de silêncio (imposta segundo uma visão adultocêntrica), engendrada no caminho histórico-social trilhado pela humanidade e que em alguns casos insiste em reinar os mais diversos contextos contemporâneos.

### Capítulo III - A Educação Social em projectos de investigação e intervenção comunitária.

#### Nota introdutória

A finalidade prioritária da investigação em educação social é a sua capacidade de transformação e mudança da realidade, objectivo que caracteriza, constitui e justifica a sua razão de ser principalmente, se fazemos referência à investigação-acção participativa.

Neste capítulo, pretendemos justificar como é que o presente projecto de investigação-acção participativa se torna simultaneamente num projecto de educação Social e de Intervenção. Para tal, começamos por reflectir sobre o que se entende por educação social, por reconhecer o desenvolvimento comunitário como finalidade da educação social, aportando, logicamente, à intervenção comunitária como lugar de projectos para a reconstrução social.

#### 1. Entender a Educação Social

##### Conceptualização e desenvolvimento de Educação Social

Até ao séc. XVIII: a ideia de igualdade social não estava presente, emergia a criação de um novo estado, de modo a contribuir para o progresso da vida humana.

1910 – **Pós Primeira Guerra Mundial** – Surge a necessidade de acompanhamento das pessoas na sua integração social na comunidade.

Século XX: Brota a emergência da educação social.

1929 – **o crash da Bolsa de Nova Iorque** - queda das bolsas do resto do mundo, o que produziu grandes massas de desempregados consequente aumento dos problemas sociais;

##### **Pós Segunda Guerra Mundial**

1936 – **a publicação, da “Teoria Geral” de Keynes** - ruptura com a linha de pensamento económico imposta pela tradição liberal e trouxe ares renovados para a criação de uma nova sociedade mais compensada;

1947 - **Plano Marshall** - pacto dos EUA com os países democráticos da Europa Ocidental, pela primeira vez actuaram como uma entidade económica única;

De 1940 a 1950 – **Intervenção do “Estado de Providência”** – fundamentada na teoria que o ideal do homem é viver em sociedade, e cujas regras de convivência são reguladas por um Estado protector que deve estar ao serviço de todos os cidadãos;

Década 60 – Desenvolvimento da sociedade de consumo e do bem-estar devido ao progresso económico e ao avanço tecnológico, colocando, para segundo plano, os fenómenos da marginalização e da exclusão social.

Década 70 – Aumento dos problemas associados às políticas de bem-estar social e aumento da exclusão consequência do «choque petrolífero», dos problemas de desemprego e ainda do modelo e práticas do Estado-Providência.

Década 90 – O desemprego afectou a sociedade, provocando a desagregação e a fragilidade do individuo e das famílias.

Nos últimos anos - A Educação Social surge da necessidade de solucionar problemas específicos de exclusão na sociedade, decorrentes da mudança nas estruturas existentes e no respeito dos direitos dos cidadãos.

##### Quadro 1: Síntese da contextualização histórica da Educação Social (cf. Díaz, 2006)

Como se pode observar pelo quadro anterior, foi um conjunto de acontecimentos e circunstâncias, que tornaram possível a reconstrução política e económica de alguns

países europeus, que contribuíram para a consolidação da educação social, colaborando também e de forma importante, a instauração da democracia e a consciencialização dos políticos sobre os direitos sociais de toda a população

Entendemos que a educação social, para além de um direito constitucional, assenta na normativa legislativa internacional sobre direitos do homem e sobre menores. Referimo-nos à Declaração Universal dos Direitos Humanos, à Declaração dos Direitos da Criança e à Convenção dos Direitos da Infância.

A Educação Social é um campo multidisciplinar de acompanhamento (e intervenção) às diversas faixas etárias (crianças, jovens, adultos, seniores) e a diferentes contextos sociais, culturais, educativos e económicos.

Assim sendo, não subsiste um conceito concreto que defina educação social, devido a um conjunto de aspectos históricos, sociais, educativos, políticos e científicos, comutam diversas perspectivas de conceptualização de analisar e de compreender o seu campo e acção (cf. Díaz, 2006). A maior dificuldade para definir o termo educação social encontra-se no facto de este conceito estar claramente ligado ao contexto social, às formas políticas dominantes, à cultura existente, ao modelo económico, à realidade educativa e, tudo isto, como é lógico, em relação a um espaço e a um tempo concretos. Não existe, portanto, uma maneira unívoca de entender a educação social. Por isso existem diversas concepções sobre a mesma.

A educação social é a expressão responsabilização da sociedade diante dos problemas humanos que percorrem e que ela não pode erradicar (Carvalho, 2004:11).

Para Quintana – Cabanas (2000), a educação social consiste numa acção profissional qualificada aplicada num determinado sistema social, que requer a análise e interpretação da realidade social. Trata-se de uma acção consciente, reflexiva e planificada por parte do profissional, que exige o recurso a técnicas e metodologias que permitam a melhoria do contexto social em questão.

Para Ortega (1999), a Educação Social é uma progressiva e contínua configuração do indivíduo para alcançar o seu desenvolvimento e conseguir a participação na comunidade, o que deverá ajudá-lo a compreender o mundo e a si mesmo, ou seja, deverá ensinar a ser e a conviver. Uma educação social assim entendida promove e dinamiza uma sociedade que educa e uma educação que socializa, integra e ajuda a evitar, equilibrar e reparar o risco, a dificuldade ou o conflito social, actua como um “instrumento” igualitário e de melhoria da vida social e pessoal.

Segundo Petrus (1998) a educação social é entendida como: - *adaptação*: aquisição permanente, por parte do indivíduo, das características intelectuais, sociais e culturais necessárias à sua adaptação e que lhe permitem viver num ambiente social concreto; - *socialização*: o processo que torna possível a integração social dos indivíduos, assimilando as normas, valores e atitudes que lhes permitem uma convivência normalizada; - *Como aquisição de competências sociais*: acção educativa que procura que os indivíduos pertencentes a uma determinada sociedade se formem e adquiram as habilidades e competências sociais, consideradas necessárias para alcançar a integração social, educar para a participação social; - *didáctica do social*: intervenção sociocomunitária em função de problemas e de determinadas orientações institucionais; - *acção profissional qualificada*: profissionais mediante a utilização dos recursos necessários e oportunos, procuram dar solução a determinados problemas e necessidades de pessoas ou grupos que se encontram em situação de risco ou necessidade social; - *acção próxima da inadaptação social*: a função da educação social não se esgota na intervenção educativa que se realiza diante de problemas de inadaptação e marginalização social, deve desenvolver e promover a qualidade de vida dos cidadãos, aplicar estratégias para prevenir os desequilíbrios sociais, etc.; - *prevenção e controlo social*: supõe um conjunto de procedimentos por meio dos quais se procura que os membros de uma sociedade cumpram as normas consideradas necessárias para conseguir a ordem social. A educação social alcançará o seu verdadeiro espaço quando conseguir melhorar a convivência entre os cidadãos. Se o trabalho socioeducativo é uma actividade que surge da própria necessidade da vida em convivência, a relação entre educação, prevenção e controlo parece evidente; - *trabalho social educativo*: a educação social pode ser concebida a partir de duas perspectivas complementares: em primeiro lugar, será função da educação social a correcta socialização do indivíduo e, em segundo lugar, a intervenção para aliviar as necessidades geradas pela convivência, tarefa que pelo seu carácter global, deve ser partilhada com outros profissionais como os trabalhadores sociais, psicólogos, sociólogos, etc. - *paidocenos*: como uma acção educadora da sociedade. Este tipo de educação converteu-se num instrumento da inclusão social, mas não deve limitar-se a isso, deve ser um recurso para melhorar a própria sociedade numa constante revisão dos princípios nos quais esta se apoia e a própria educação social, propugnando que uma e outra se fundamentem em princípios éticos e de eficácia; - *educação extra-escolar*:

abarca toda a intervenção educativa estruturada que se encontra à margem do sistema educativo regulamentado.

O trabalho social realizado no âmbito da educação social baseia-se em perspectivas educativas e não apenas em actividades assistenciais; deve ser considerado como uma actividade pedagógica e interdisciplinar a exercer dentro e/ou fora da escola, em diversos contextos, que incluem a educação de infância, a educação não formal de adultos, a animação sociocultural e a pedagogia social e ocupacional, a ajuda e assistência à família de crianças e adolescentes em risco, os centros e residenciais e a acção junto de grupos vulneráveis à exclusão: crianças e adolescentes em conflito com a lei, pessoas com doenças mentais, minorias étnicas, etc.

É neste sentido que a educação social constitui uma ferramenta na luta contra a exclusão social, que continua a afectar algumas pessoas e grupos na nossa sociedade.

Defendemos a perspectiva de José Gómez que afirma que a educação social deve estar “comprometida com um desenvolvimento humano e uma qualidade de vida que pressupõe uma concepção alternativa da cidadania, restabelecendo o protagonismo cívico e a solidariedade activa na sociedade-rede; implicando e dinamizando os colectivos sociais em função de projectos; integrando os sujeitos na democracia próxima, fazendo-os participativos na tomada de decisões; diversificando os recursos sociais culturais que estão ao serviço das pessoas os colectivos sociais, etc.” (2007: 156). Para além disso é ainda de referir que as teorias do Desenvolvimento Humano Sustentável têm feito da Participação “um elemento central para a democratização das sociedades, considerando que não se pode transformar nem melhorar a realidade sem que os agentes da sociedade estejam conscientes das mudanças e que se comprometam com elas” (Gómez, 2007:87).

A educação social, como toda a educação, deverá assim afirmar-se, simultaneamente, como técnica, como ciência mas também como arte e como filosofia. Educar implica o domínio de técnicas de diagnóstico, de planificação, de concepção e de dinamização de projectos. Mas implica ainda criatividade, pensamento alternativo, distanciamento crítico, racionalidade e sentido ético. Um sentido ético necessariamente radicado na hospitalidade da consciência face ao mistério do ser humano e face à imprevisibilidade dos acontecimentos. Porque vocacionada para o outro, a actividade profissional do educador social exige ainda, a par de uma sólida preparação técnico-científica, espírito de entrega, envolvimento pessoal e capacidade de compromisso.

## **2. Papel do Educador Social abraçado ao papel do Professor**

*Ninguém nasce professor ou educador social, mas aprende a sê-lo vivenciando processos formativos.*

Enquanto prática, a educação social procura dar resposta às necessidades que podem surgir desde o período da infância até a fim da vida de um indivíduo; procura intervir sobre as realidades sociais e situações desajustadas, que afectam os sectores menos privilegiados da sociedade. Neste sentido, pode ser considerada como acção de defesa dos Direitos Humanos, que têm como finalidade atingir a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos.

A Educação Social impulsiona, cada vez mais, horizontes para a investigação e para um conjunto de profissionais, protagonistas da acção social e aos investigadores, ou seja, aos educadores sociais, técnicos de trabalho social, professores, aos estudiosos da ciência da educação, da sociologia, da psicologia social, etc..

Ribeiro (2006:160), quando discute o conceito de exclusão e de educação social, averigua:

Que educação oferecer aos milhares de crianças, adolescentes e adultos excluídos da e na escola, do e no emprego, da e na terra, da e nas instituições sociais? Seriam os educadores formados por instituições regulares de ensino, de acordo com os princípios, objectivos, conteúdos e métodos tradicionalmente direccionados aos incluídos, os mais preparados para educar os que experimentam situações de exclusão social?

Segundo o autor mencionado, o educador social, em certa medida, subverte a lógica que marca o ensino nas instituições escolares. Por exemplo, enquanto nas instituições escolares os conteúdos são previamente definidos segundo um programa curricular para alunos que a eles devem se adaptar, na educação social, a principal referência para definir os conteúdos são as necessidades dos educandos, concebidos como sujeitos sociais.

Sem negar a especificidade de cada situação, ou seja, sem desconsiderar que a função da escola é ensinar e que a educação social vai além do ensino, constituindo um espaço educativo qualificado de vida para crianças colocados em situação de risco, é possível afirmar que ambas as modalidades de educação requerem educadores com formação ampla. Ou seja, também sensíveis às trajectórias humanas e aos tempos de vida de seus educandos.

No entanto, sem desconhecer as diferenças entre esses dois profissionais, é preciso considerar que quem se matricula hoje na escola pública de educação básica é um novo tipo de aluno que, até poucos anos, não tinha acesso a ela, mas hoje já constitui uma maioria numérica e a escola mudou pouco para recebê-los. Assim, é notória a distância entre as características, os interesses e os saberes desses alunos e o que a escola oferece e exige deles, como nos explica Dayrell (1996:140), “[...] os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afectivo e social, evidentemente desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola. O tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos.”.

Dar conta dessa realidade é o desafio que a escola pública enfrenta actualmente. E para enfrentá-lo é preciso pensar a formação de um novo professor para essa realidade. Ou seja, é imprescindível formar um professor que conheça esses novos alunos que foram socializados por outros valores e de acordo com outras regras, que tiveram outro tipo de vivência e têm outros conhecimentos, outros interesses, outras inquietações, outras formas de estar na vida.

Essa nova realidade mostra que é preciso que esse professor, tal como o educador social, também subverta a lógica predominante no ensino escolar. E, nessa perspectiva, o perfil do professor aproxima-se progressivamente do perfil do educador social.

Cabe ao Educador Social favorecer os percursos de inclusão, onde para isso é necessário privilegiar o valor da existência, o sentido da relação com o outro e com a comunidade de que se faz parte, vangloriar a comunicação dialógica, dar a palavra e fazer agir as capacidades e a singularidade (história de vida, cultura e identidade) inerente em cada um, fazendo-o crescer e amadurecer holisticamente. Desta forma, contribuir-se-á para a construção de uma pedagogia característica social assente no acompanhamento personalizado (aproximar-se da zona potencial do outro), no trabalho colaborativo (articular competências), na partilha e comunicação de sinergias (mobilizar e combinar recursos) abrindo um caminho de liberdade, de intercomunicação, de inter-relação com profunda qualidade humana, de enriquecimento mútuo, de possibilidades sem fim, muito para além da exclusiva preocupação com a eficiência dos saberes técnico-operativos, embora se denotem igualmente importantes.

Com todas estas o Educador Social, enquanto profissional, estabelece uma relação de proximidade que permite valorizar a importância de cada situação de forma particular, de modo a que cada pessoa se sinta único e uno.

Segundo Álvarez Núñez citado por Mezzaroba, o educador social deveria reunir as seguintes qualidades: *Equilíbrio e maturidade psíquica*, para saber encarar positivamente as dificuldades e pressões que o trabalho com grupos pode originar; *Confiança nas capacidades do grupo* e dos seus membros para fazer frente aos seus próprios conflitos; *Flexibilidade mental e emotiva*, permite contemplar todas as situações grupais de todos os pontos de vista possíveis, assim como analisar as causas e consequências de tomar decisões a respeito; *Sentido de abertura*, tolerância e disponibilidade face aos outros, face aos sentimentos, opiniões e ideias, tentando sempre evitar formar juízos a partir da sua percepção da realidade e facilitando um clima de confiança mútua e apoio entre todos os membros do grupo; *Competência interpessoal*, que implicaria capacidade para comunicar de forma adequada, tanto verbal como não verbalmente, dependendo do papel que tenha nessa tarefa de comunicar com o outro, isto é, emissor ou receptor.

O Educador Social deve apoiar a pessoa individualmente para alcançar e satisfazer seus objectivos, bem como o exercício da cidadania.

Desta forma, segundo Mezzaroba (2008), o Educador Social deve ter a competência para *intervir, reflectir e avaliar*. Ou seja, o Educador Social deve actuar directamente na situação e dar uma resposta (que não significa resolver o problema mas desencadear acções para que ele seja solucionado) para as necessidades e desejos das crianças e adolescentes e/ou dos adultos de forma adequada, sem muito tempo para reflexão. Deve saber planejar, organizar e reflectir com relação as suas acções e intervenções futuras, avaliando sua intenção, acção e resultado esperados.

Sendo assim, o trabalho do Educador Social deve promover a igualdade, o respeito com todos os sujeitos do seu contexto, prestando a devida atenção para a necessidade de cada um, respeitando e protegendo os direitos desses sujeitos, a privacidade, a autonomia.

E ainda, é importante ressaltar que o Educador Social deve utilizar-se de sua experiência, do seu saber profissional como uma das formas para melhorar a qualidade de vida dos sujeitos, de suas famílias e da comunidade em situação de vulnerabilidade, na batalha contra a pobreza e na luta pela justiça social.



Segundo a autora Mezzaroba (2008), existem quatro tipos de educadores:

- a) **Educador resignado:** centra-se nos aspectos pouco estimulantes de sua profissão; queixa-se de tudo – mas pouco trabalha para melhorar as coisas;
- b) **Educador tecnicismo:** excessivamente aplicador dos recursos; rigorosamente técnico, mas desvinculado do “*social*”;
- c) **Educador conformista:** mero executor de suas actividades; sem excessivas *esperanças* e sem graves decepções;
- d) **Educador crítico:** “*realista*”, porém não estranho à uma atitude proactiva; otimizador; apoia alternativas inovadoras de melhora; destaca-se por sua atitude construtiva e otimista; olha sempre para frente; capta os desajustes e contribui para melhorar do seu trabalho;

Adicionalmente, enquanto *agentes de mudança*, os educadores sociais não lidam com problemas ou com disfunções, mas com pessoas, acompanhando-as no processo de apropriação crítica das suas histórias de vida, convocando-as para o exercício pleno da sua cidadania e ajudando a despertar nelas o desejo de futuro, sem o qual não é possível ampliar o espaço dos possíveis. Podendo também, ser nomeados como *técnicos da relação*, sendo que é, efectivamente, a relação que sustenta toda a prática educativa, pois é na relação, enquanto experiência de contacto, de comunicação e de sensibilidade, que se joga o equilíbrio, sempre instável e precário, entre o desejo de influência e o respeito pela subjectividade do outro. Uma relação que nem sempre é dual. Na qualidade de *mediadores*, cabe aos educadores criar e gerir uma multiplicidade de redes de apoio e de lugares de encontro, vitais para salvaguardar o equilíbrio entre o individual e o social. Designados ainda como *especialistas de mãos vazias*, ou seja, como profissionais que partem para o terreno sem soluções prodigiosas na manga mas que, apoiados num saber profissional próprio, se comprometem, pessoalmente, na viabilização de projectos que tornam possível mudar os rostos da exclusão. Esse saber próprio corresponde a um saber dinâmico, construído no diálogo reflexivo com uma realidade educativa e social complexa e em permanente mutação. Seja qual for a metáfora que escolhermos para os designar, mediadores sociais, especialistas de mãos vazias, agentes de mudança, profissionais do terreno ou técnicos de relação, o importante é não esquecer que os educadores sociais dão vida a um espaço profissional com valor e com sentido, logo com futuro (tal como os professores).

Diante do exposto, é importante e reflectir se realmente, na nossa prática, agimos como verdadeiros educadores sociais, comprometidos com a nossa profissão e se efectivamente temos feito diferença na vida daquelas com que trabalhamos.

A Educação Social adquire assim, um papel cada vez mais indispensável na redignificação da educação não só como um método expositivo e interventivo, mas como um processo integrador e acto afectivo onde a partilha de saberes, de experiências e de afectos marcam uma nova pedagogia caracterizada pelos sentidos e não tanto pelas filosofias.

A modo de concluir a escrita deste capítulo, coloco a seguinte questão: Para além de introduzir ou intensificar a mobilização de educadores sociais críticos para os contextos educativos, não será relevante que os professores (como qualquer técnico da educação) reformulem o seu papel à luz da educação social?

### **3. O Projecto Social como Ferramenta da Intervenção Comunitária**

O presente o projecto “O Tempo das crianças... silêncio vividos e ruídos sentidos”, desenvolvido com crianças e como fórum, isto é, “conjunto concreto de condições de aprendizagem onde as pessoas se reúnem para falar, para se envolver em diálogo, para partilhar as suas histórias e lutar juntas, através das relações sociais que fortaleçam em vez enfraquecer, as possibilidades de uma cidadania” (Dahlberg, Moss e Pence, 2003:101, citado em Sarmento, 2009:55), sendo efectivamente, reconhecido às crianças, em todo este processo, o estatuto de actor social e estabelecida uma relação de parceria com os adultos (fundamentalmente comigo, enquanto investigadora), assumindo um papel de mediação com as famílias, a escola e de certo modo com toda a comunidade, de participação activa na divulgação e previsivelmente na ajuda de encontrar de (re)solução de problemas que as afectam. Tornando-se numa oportunidade de o exercício da cidadania, na efectivação da interacção social entre crianças e adultos, impulsionando consequentemente um processo de desenvolvimento/intervenção comunitário.

A percepção de desenvolvimento comunitário implica obviamente a compreensão dos conceitos de: problema social; desenvolvimento; comunidade e organização comunitária. Concisamente, problema social é uma situação que afecta um número significativo de pessoas, uma situação que cria dificuldade ou problema susceptível de melhoria ou resolução, ou seja, para que uma dada situação seja considerada um problema social é necessário que exista a consciência na população de

que ela traz dificuldades e que pode ser melhorada. O que é ou não, um problema social dita o que é, ou não, o desenvolvimento.

De acordo com o Banco Mundial e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a noção de desenvolvimento implica: o acesso a recursos e serviços que permitam a uma população desfrutar de uma boa qualidade de vida; a possibilidade de tirar partido e, aperfeiçoar o potencial humano de um dado conjunto social. O termo comunidade aplica-se a diversas situações: pequenos agregados rurais (aldeias, freguesias) ou urbanos (bairros, zonas); organizações (comunidade escolar); regiões (comunidade europeia); sistemas mais alargados como países (comunidade nacional); o mundo visto como um todo (comunidade internacional ou mundial). Uma característica que une todas estas definições é a presença de uma dada semelhança, que confere uma certa identidade ao sistema designado como comunidade, e que determina uma fronteira entre os elementos que lhe pertencem e os que lhe são alheios. A organização comunitária consiste no processo de articulação de meios (materiais e humanos) susceptíveis de criar condições e um determinado conjunto social para que se transforme em comunidade. Para tal, é necessário identificar um conjunto de estratégias que visem: i) a identificação de recursos; ii) o estabelecimento de prioridades; iii) a articulação de recursos.

Num documento de 1950 das Nações Unidas intitulado “Progresso social através do Desenvolvimento Comunitário”, define-se desenvolvimento Comunitário como um processo tendente a criar condições de progresso económico e social para toda a comunidade, com a participação activa da sua população e a partir da sua iniciativa. Em 1980 Ander-Egg caracteriza-o como uma técnica social de promoção do homem e de mobilização de recursos humanos e institucionais, mediante e participação activa e democrática da população, no estudo, planeamento e execução de programas ao nível da comunidade de base, destinados a melhorar o seu nível de vida.

Qualquer uma das definições engloba as seguintes dimensões: a *dimensão doutrinária*, pela filosofia que lhe está implícita; a *dimensão teórica*, pela análise sociológica e económica a que obriga; a *dimensão metodológica*, pelo propósito de mudança planeada que defende; a *dimensão prática*, pelas consequências que a aplicação tem no terreno, tanto pela implicação das comunidades no seu próprio processo de desenvolvimento, como pela alteração das práticas profissionais a que obriga. Similarmente, os seguintes princípios deverão estar presentes em todas as

estratégias de desenvolvimento comunitário: *princípio das necessidades sentidas*, todo o projecto de desenvolvimento comunitário deve partir das necessidades sentidas pela população e não apenas das necessidades consideradas pelos técnicos; *princípio da participação*, que afirma a necessidade do envolvimento profundo da população no processo do seu próprio desenvolvimento; *princípio da cooperação*, que sustenta como imperativo de eficácia a cooperação do sector público e privado nos projectos de desenvolvimento comunitário; *princípio da auto-sustentação*, que defende que os processos de mudança planeada sejam equilibrados e sem rupturas, susceptíveis de manutenção pela população-alvo e dotados de mecanismos que previnam efeitos perversos ocasionados pelas alterações provocadas; *princípio da universalidade*, que defende que um projecto só tem probabilidade de êxito se tiver como alvo de desenvolvimento uma população na sua globalidade (e não apenas subgrupos de uma população) e como objectivo a alteração profunda das condições que estão na base da situação de subdesenvolvimento.

Os princípios e metodologias do desenvolvimento comunitário têm sido aplicados a diversos níveis de sistemas-cliente (pessoa ou conjunto de pessoas que aparenta um conjunto de necessidades sociais), variando desde o simples bairro urbano ou aldeia, até à dimensão nacional passando pelas diversas circunscrições comunitárias intermédias (municípios, distritos, cantões). Os conteúdos e estilos de actuação apresentam também uma enorme diversidade.

Manuela Silva sugere uma tipologia conceptual consoante a dimensão do sistema-cliente: *tipo integrado*, que corresponde ao africo-asiático, caracterizado pela aplicação das técnicas de desenvolvimento comunitário à escala mundial; *tipo adaptado*, análogo ao europeu, sempre que o projecto tenha uma escala regional; *tipo projecto-piloto*, semelhante ao latino e americano, quando a escala de intervenção é mais restrita.

O «interventor social», responsável pela intervenção social, (pessoa(s) que funciona(m) como recurso do sistema-cliente para responder às necessidades), deve procurar conhecer a cultura do sistema-cliente, assumir uma postura de auto-vigilância face aos seus actos (a autocritica permite-lhe evitar comportamentos errados por um lado e combater os seus preconceitos e estereótipos quanto ao sistema-cliente), deve estar atento aos aspectos implicados na comunicação, as mensagens verbais e não verbais, à escolha dos melhores suportes de mediatização da informação, bem como os

canais que utiliza, ter em consideração os principais elementos do ambiente de interacção (políticos, sócio-culturais e económicos) que traçam um quadro de ameaças e oportunidades estratégicas.

As áreas de Intervenção em desenvolvimento Comunitário são a área da saúde, a da exclusão social, desenvolvimento comunitário e Macrossocial e a área da educação, onde se enquadra o presente projecto.

José Gómez vê o Desenvolvimento Comunitário como uma prática cívica que implica: i) o reconhecimento e afirmação do valor democrático; ii) a resistência “na conversão do homem e da mulher em simples engrenagens de uma máquina de receber, produzir, distribuir e consumir “produtos” e “mercadorias”; iii) a reivindicação das “comunidades como actores colectivos, à educação e aos actores educativos como agentes de mudança” (2007: 143 e 144).

Trata-se de uma acção social, sustentada nos deveres e direitos da cidadania, que provoca o reconhecimento e a permuta de responsabilidades das comunidades locais. Conjecturando um processo de transformação social, uma prática transformadora das realidades comunitárias, que tem como suporte o empenho criativo daqueles que fazem parte da própria comunidade (onde a educação social adquire a sua importância).

Segundo Glória Serrano (2008: 16) “projecto é um plano de trabalho com carácter de proposta que consubstancia os elementos necessários para conseguir alcançar os objectivos desejáveis”, particulariza ao explicar o que se apreende por social: “processo que afecta o ser humano e as suas condições de vida, relações com outros sistemas de valores” (2008:17). Brotando a noção de Projecto Social. Este visa a resolução de problemas, subentende uma intenção de transformação, implicando movimento, dinâmica, mudança considerando a realidade envolvente. Pois é na própria realidade que o Projecto Social se constrói, podendo ser aplicado a um grupo, a uma organização ou instituição ou até mesmo a uma zona ou área territorial. Assim, o Projecto Social poderá ser considerado como um projecto colectivo que de acordo com Boutinet passa por “uma combinação operatória de um futuro desejado” (1990:101). Portanto, o Projecto Social, requer um principiar pela prática (da perspectiva de quem intervém junto dos problemas), seleccionar um problema assente na realidade presenciada, adquirindo consciência das necessidades, tentando projectar um plano com originalidade e criatividade, garantindo abertura e flexibilidade na sua aplicação. Desta forma, aplicar projecto social enquanto reconstrução da acção, sendo que se

fundamentaria nas necessidades de um grupo específico – as crianças, ambicionando percorrer um caminho que nos facultasse respeitar/defender/divulgar os direitos do grupo social em questão.

## **Parte II – Opções e procedimentos metodológicos**

### **Nota Introdutória**

Após a advertência da importância da participação das crianças nos processos sociais, esta parte é dedicada à justificação teórica das opções e os procedimentos metodológicos que orientaram este projecto de investigação, um tipo específico de processos sociais, no qual se assume e define a criança enquanto ser competente e aprendiz como participante, e que consequentemente permitiram a construção de conhecimento social sobre o uso do tempo das crianças.

Nesta fase, conscientes que pelo facto de a investigação ser realizada *com crianças e não sobre crianças* representa responsabilidades e preocupações acrescidas para o investigador, reflectiremos sobre alguns aspectos teórico-metodológicos tais como: a investigação com crianças (consideradas como actores sociais), particularmente princípios e precauções da Investigação-acção participativa com crianças. Posteriormente, faremos uma breve referência a algumas técnicas que promoveram a escuta e que conduziram à participação efectiva das crianças. Neste âmbito focalizaremos o desenvolvimento de técnicas participativas em particular, as conversas com crianças e as potencialidades que reconhecemos nos Grupos de Discussão Focalizada (GDF) (que favoreceram/orientaram as conversas estabelecidas com as crianças participantes).

### **Capítulo I: Pressupostos teóricos-metodológicos abraçados numa investigação-acção participativa com crianças**

Com a reconceptualização da Infância, que se iniciou na década de 80 no século XX, investiu-se, progressiva e significativamente, na investigação **com** crianças. Alguns sociólogos da infância tais como Ambert (1986) James e Prout (1990); Jenks (1992); Ovortrup (1995), defendem a necessidade de considerar as crianças como actores sociais, e a infância como grupo social com direitos, sendo crucial considerar novas formas de investigação com crianças (seres competentes e com direito à participação).

Em Portugal, gradualmente, verifica-se a exigência científica de construir o conhecimento em parceria com as crianças, encaradas como actores sociais e co-construtores, que pode e deve ser estudado a partir de si próprias. Ambicionando este projecto constituir-se num contributo para a promoção de uma pedagogia de participação nos contextos sociais e nos contextos escolares de educação, com a grande

finalidade que as crianças vivam cada vez mais felizes e que sejam principalmente crianças. E conscientes que os pressupostos da investigação com crianças colocam, inevitavelmente, desafios metodológicos acrescidos, e que teríamos consequentemente que reinventar metodologias e ferramentas de investigação que permitissem desocultar e incluir as vozes das crianças na investigação, seleccionámos como referência metodológica a *investigação-acção participativa* (IAP), a fim *colher e interpretar* a voz das crianças e posteriormente, *intervir*. Pois esta, “procura juntar a acção e a reflexão, a teoria e a prática, de forma participada, na procura de soluções para questões importantes para as pessoas e, mais geralmente, para que as pessoas individuais e as suas comunidades possam florescer” (Reasin & Bradbury, 2000, in Lima, 2003).

Este projecto de natureza social e comunitária, concretiza-se metodologicamente numa forma de IAP, em concordância com Lima R. (2003:306), pois esta corresponde a um modo de procurar entender o mundo para nele se viver melhor, para que se possa construir uma moradia confortável de tudo o quanto nele existe, uma posição que não procura apenas conhecer o mundo, mas também transformar alguma coisa do tanto que ofende o sentido de justiça e de harmonia dos equilíbrios em permanente (re)construção. Ou seja, reflecte uma preocupação com a justiça social e com o desenvolvimento (cf. Lima, R., 2003:308). Integra-se na vida, procura especialmente o «saber prático», útil e utilizável pelos actores sociais num quotidiano o mais perspectivado possível, em relação directa com os saberes de que os participantes são já portadores em cada momento (cf. Lima, R., 2003:309).

Esse saber praticável, pode reconfigurar o contexto local e, geralmente com algum desfamento temporal, pode alterar as práticas, e as regras, e os relacionamento, e portanto alterar algumas estruturas. Certos que é através da aprendizagem, do conhecimento das coisas acerca do seu mundo e do agir assim como da compreensão dos contextos dos participantes que se consegue alguns ganhos, que favorecem e implicam mudança. E a que mudança que se pretende é a da melhoria da qualidade de vida, que passa pelo ter, pelo ser, pelo fruir, pelo fazer, em articulação (cf. Lima, 2003:309). Neste sentido, um investigador colectivo, num processo de desenvolvimento, procura conhecer-se e conhecer a realidade



envolvente para agir adequadamente e age prudentemente para melhor conhecer e novamente melhor agir.

A IAP, baseada em valores, orientada segundo um compromisso moral, ético, científico e político social com a democracia da participação, parte de situações reais da comunidade, estabelece diferentes relações teóricas, diferentes entendimentos dos fenómenos e situações, e com outros protagonistas de conhecimento, ou seja, na investigação-acção participativa, o conhecimento constrói-se em diálogo e em comunicação premamente. Tendo como pressupostos metodológicos que: i) “todos os seres humanos possuem e podem produzir conhecimentos úteis (...); ii) as realidades que nos tocam são um bom ponto de partida para a aprendizagem (...) e iii) a participação na análise e na tomada de decisões favorece a responsabilização e o empenhamento na sua concretização” (Lima, R., 2003:319).

Concisamente, servindo-me de uma metodologia do tipo IAP, pretendo, numa lógica de cidadania activa, promover o direito à participação (previsto na Convenção dos Direitos da Criança, nos artigos 12 e 13), dando voz às crianças em relação aos seus mundos sociais e culturais, valorizando as suas opiniões, através da construção de dispositivos de escuta próprios e adequados (recurso às técnicas participativas), e contribuir para a produção de conhecimento científico nesta mesma temática e especificamente sobre a ocupação do tempo das crianças.

### **1. Crianças como investigadoras**

A discussão sobre a participação infantil na investigação tornou-se algo inquestionável – a emergência do paradigma da infância que pretende desocultar as vozes e as próprias crianças. Soares (2006) menciona que “A abordagem da pesquisa da criança como actor social considera-as como sujeitos e actores sociais envolvidos na construção e na compreensão das suas próprias experiências e conhecimentos, salientando-as pelo seu agir, envolvimento e participação na transformação do meio social e cultural em que vivem”.

Neste panorama, este projecto considerou as crianças como co-produtoras de dados, durante a investigação conduzida com elas. Este tipo de co-investigação implicou o respeito pelo grupo investigado e pelas suas próprias ideias capacidades, que está intimamente ligado aos Direitos das Crianças. Pois, a consciência crescente destes, em

particular, dos direitos de participação, traçou o caminho para o envolvimento das crianças como investigadoras. Em conformidade com Sarmiento, *et al.* (2006), a construção dos direitos participativos das crianças nos seus contextos de acção compõe um ponto nodal na afirmação do reconhecimento da sua competência social. Alguns desses espaços constituem-se pelos contextos institucionais, nomeadamente a escola, pelo qual optámos e o considerámos como um espaço de participação. Para isso será importante que se quebrem as relações de poder entre as crianças e o adulto. Portanto, o investigador terá de conseguir formas de entrar no grupo das crianças e de ser aceite por elas, podendo socorrer-se de um vasto leque de estratégias, como por exemplo as “estratégias reactivas” (Corsaro, 1985, *in* Graue, 2003).

A evolução cultural e pedagógica trouxe uma nova imagem da criança que logicamente teve impacto nos paradigmas da investigação. A investigação sociológica dos mundos sociais da infância exige *uma praxis ética*, que permita atender a um conjunto de valores éticos estratégicos que possibilitam ao investigador a flexibilidade necessária para enfrentar as variadas circunstâncias, que pode descobrir durante a investigação. Na perspectiva de Oliveira-Formosinho (2008:26), o primeiro desafio para a investigação é um desafio ético: o respeito pelas crianças. Esta autora sumariza os direitos das crianças nos processos de investigação, na figura seguinte.



Com o processo investigativo vivenciado, reforça-se a ideia todos os que se encontram envolvidos na investigação, em particular as crianças, têm o direito a serem tratados de forma ética e moralmente aceitável. No desenvolvimento deste projecto social de investigação com crianças tive alguns cuidados éticos, que reflectem o respeito e a sensibilidade para com as crianças, tais como: o consentimento informado da criança, em que se procedeu à explicação credível e significativa sobre as intenções subjacentes à investigação, garantindo ainda a oportunidade real e legítima para que a criança recuse, a qualquer momento, de participar em tal processo; o consentimento informado dos pais ou responsáveis pela criança; terminei, em conformidade com as

crianças, as sessões em que se tornou visível algum tipo de desconforto; finalizei os encontros, na sua maioria, agradecendo e reforçando a importância da presença e participação das crianças envolvidas; respeitei a privacidade das crianças participantes.

Aos investigadores que desenvolvem pesquisa com crianças, são exigidas competências de reflexividade, no sentido de questionar não somente os seus valores e papéis mas também os das crianças envolvidas no processo de investigação, bem como a escolha dos métodos e ferramentas metodológicas e a forma como eles são utilizadas. A reflexividade, segundo a minha perspectiva, é particularmente crucial no momento da entrada no campo de investigação, e no reconhecimento da importância de trabalhar todos os preconceitos trazidos para o estudo.

É possível um diálogo e uma interlocução mais fácil para os investigadores e profissionais que trabalham com crianças, permitindo agilizar e pôr em comum, de uma forma mais eficaz, um conjunto de pressupostos epistemológicos e procedimentos metodológicos essenciais para o indispensável desenvolvimento no percurso de construção de conhecimento para/pelas e com as crianças. Atitude investigativa de constante confronto do investigador consigo próprio e com as crianças, convoca a nossa dimensão ética e ao reconhecer a diferença nas crianças, recuperamos a dignidade de nos reconhecermos, nos nossos limites, nas nossas faltas, na nossa incompletude permanente, enfim, em tudo isso que é essencial e verdadeiramente humano. Construir a dimensão ética, na relação com as crianças, é um cuidado em não criar e/ou colocar as crianças numa situação em que os seus valores de vida sejam desqualificados ou corram riscos físicos e/ou psicológicos. Cabe efectivamente, ao investigador a responsabilidade de cuidar dos fins e dos meios nos quais as imagens das crianças ( e demais materiais), recolhidos durante a pesquisa são empregues.

Actualmente, a reflexividade é considerada uma necessidade metodológica na investigação subjacente ao paradigma qualitativa.

Em relação ao estudo com crianças, a reflexividade é um processo dual já que não é somente comum ao discurso e à prática mas também postura adoptada pelas crianças que participam na investigação (contribuição importante à compreensão e à análise das vidas diárias das crianças). As crianças para além de pensarem e comunicarem acerca das suas práticas e experiências também constroem relações com e como investigadores, reconhecendo a sua importância e envolvimento na sua vida. Evidenciando deste modo, que não são simples respondentes mas intérpretes do

processo de investigação e, em concordância de Oliveira-Formosinho, “...se lhes for dado espaço, poderão contribuir para moldar o próprio processo de investigação e poderão fazer auto-análise e evoluir durante o próprio processo investigativo.” (2008:24).

O referido processo reflexivo dual, requer que os investigadores, estejam atentos e explorem as suas percepções relativamente às culturas das crianças. A investigação foi e deverá ser sempre percebida como um encontro de três linguagens, a linguagem quotidiana das crianças participantes, a linguagem do investigador enquanto profissional de investigação e enquanto pessoa.

## **2. Desenvolvimento de técnicas participativas**

O uso de técnicas participativas assume-se como um recurso bastante útil, dado que estas se têm revelado muito eficazes quando utilizadas com crianças. Em consonância com Theis (1996), “O uso bem sucedido de técnicas participativas requer um compromisso de processos progressivos de partilha de informação, diálogo, reflexão e acção” (in Christensen e James. 2005:145).

O presente processo investigativo demonstrou que realizar investigação com crianças não envolve, necessariamente, a adopção de métodos diferentes ou particulares. Tal como os adultos, as crianças podem e participam em entrevistas estruturadas e não estruturadas; preenchem questionários; e, nos seus próprios termos permitem que o observador, enquanto participante, se junte a elas nas suas vidas diárias. Assim, embora algumas técnicas de pesquisa possam, por vezes ser pensadas como mais apropriadas da pesquisa ou à concepção de perguntas específicas, não há nada particular ou certamente peculiar às crianças que obrigue o uso duma dada técnica.

Regularmente, a infância e as vidas das crianças têm vindo a ser investigadas unicamente através das percepções dos adultos, seus guardiões. Desafiados pela perspectiva que vê as crianças na posse de características desenvolvimentais cognitivas e sociais distintas, como os investigadores, desejando usar as informações das crianças, adoptámo-la neste projecto de investigação. Porém, na pesquisa com crianças não se deve tomar como dado adquirido e único a distinção entre adultos/crianças. Como em todas as pesquisas, o importante é que a escolha dos métodos particulares para uma parte da pesquisa seja apropriada aos grupos envolvidos, nos seus contextos sociais e culturais e aos tipos de investigação que foram pensados.

Logicamente, que o afastamento da visão das crianças como recipientes passivos de socialização adulta para um reconhecimento de que as crianças são actores sociais de direito próprio e participantes activos na construção e determinação das suas experiências, das vidas de outras pessoas e das sociedades onde vivem, implica, naturalmente, uma adaptação e por vezes, uma mudança metodológica, nos métodos de investigação, visto que, em concordância James (1995:146), a forma como “vemos” as crianças influencia a selecção de métodos e técnicas.

Admitindo tanto os investigadores como os investigados como participantes activos na recolha de dados, estes necessitam dum reconhecimento dos problemas de poder, de controlo e de autoridade no processo de investigação.

Apresentamos, inferiormente, de forma resumida, as vantagens e as limitações na utilização de métodos participativos.

<b>Uso de métodos participativos</b> <b>(cf. Christensen e James, 2005)</b>	
<b>Benefícios</b>	<b>Limitações</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ajudam a resolver um número de problemas éticos na investigação com crianças;</li> <li>- Accionam as vozes das crianças;</li> <li>- Possibilitam a criação de um ambiente mais flexível;</li> <li>- Permitem às crianças navegarem e estabelecerem os parâmetros;</li> <li>- Permitem a transformação de relações de poder (investigador-criança);</li> <li>- Fornecem um grau de transparência que dissipa o misticismo em torno da investigação;</li> <li>- Diminuem os medos/receios das crianças;</li> <li>- Ajudam em entrevistas sensíveis com as crianças;</li> <li>- Podem ser utilizadas com crianças de diferentes idades e capacidades;</li> <li>- Possuem um factor <u>“divertimento”</u> (factor de perigo) extremamente importante;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A oportunidade de recolher informação de forma uniforme é confiscada</li> <li>- Limitação no campo de investigação devido ao controlo do foco e da agenda pelos participantes (por exemplo, crianças)</li> <li>- É necessário despende de muito tempo para das aos investigadores espaço para desenvolverem, utilizarem e analisarem técnicas de participação com crianças individualmente e em grupos</li> </ul>

No contexto particular deste projecto, seleccionámos as técnicas participativas devido ao seu poder de comunicação bem como pela sua adequação para o respectivo projecto, uma vez que as crianças (com o consentimento informado e permissão dos encarregados de educação) dedicaram tempos específicos para a sua participação no processo investigativo. De acordo com Madeira (2009), “quando pensamos na participação das crianças devemos pensar nas realidades que estão ao seu alcance e na

necessidade de promover experiências que lhes permitam aprender a intervir no meio que as envolve, que elas conhecem através da experiência imediata e sobre o qual tem direito a receber informação suficiente para darem opinião ou agir sobre a realidade, com que estão em contacto directo a cada dia.”.

Evidenciamos ainda que as crianças (actores sociais capazes) comunicam de forma mais satisfatória através do uso dos métodos: jogos, desenhos, permitindo-lhes participar de forma mais produtiva nas questões investigativas exprimindo/comunicando livre e criativamente as suas experiências, opiniões, imaginação e tomadas de decisão e interpretação do mundo envolvente e sobre as relações, mensagens e negociações que estruturam as suas vida, nos seus próprios termos.

Considerámos que os instrumentos utilizados, construídos tendo em conta a teoria sobre as técnicas participativas, além de inovadores, tornaram-se divertidos e apropriados para o respectivo estudo com crianças, já que através da sua participação, as crianças tiveram um papel activo e falaram sobre as suas necessidades. E ajudaram a transformar as relações de poder entre adulto(s) e crianças.

Ao longo das sessões foram encontradas formas de lidar com as crianças como investigadoras, de modo que se construiu uma relação de respeito mútuo, de abertura, de amizade, onde era evidente a intenção genuína de escutar. Para isto, foi necessário quebrar o desequilíbrio de poder entre as crianças participantes e o investigador adulto. Para isto, recorri à informação/conhecimento existente centrada na criança; a escolha de participar, assegurar a confidencialidade, o uso de actividades de participação, o humor, procurei opiniões sobre como melhorar a investigação (sempre orientada pela professora doutora Rosa Madeira), valorizei o seu tempo, com agradecimentos, bem como realização de pequenos lanches, pela sua participação. Outro grande contributo foi o facto de ser um processo transparente, procurando permitir às crianças participantes um grau de controlo e autonomia sobre a agenda e a própria investigação, tendo em consideração a sua própria realidade, concedendo-lhe o tempo e o espaço necessário, para falarem livremente sobre o uso do seu tempo.

A informação recolhida com crianças, através do uso de técnicas participativas no nosso projecto, alerta para uma panóplia de assuntos quer relativos à vida das crianças (por exemplo, é reforçada a ideia que a ocupação do tempo das crianças é

regulada pela vida dos adultos), quer assuntos teóricos contemporâneos referentes à natureza da infância e das relações adulto-criança.

A triangulação de diferentes métodos permitiu observar de muitos ângulos e muitas maneiras diferentes, forneceu-nos uma descrição mais completa da parte do mundo social das crianças. Enquanto estive no campo de investigação explorei várias formas de gerar dados. Olhei para aquelas crianças, cuidadosamente e de muitas maneiras, com vidas multifacetadas e complexas. Além das importantes e indispensáveis tarefas de observar cuidadosamente e anotar, a escuta e o diálogo tornaram-se cruciais. Tal como afirma Quivy (2008), “A escolha dos métodos de recolha dos dados influencia, portanto, os resultados do trabalho de modo ainda mais directo: os métodos de recolha e os métodos de análise dos dados são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto, em função dos objectivos e das hipóteses de trabalho.” Para além dos instrumentos e técnicas aqui mencionados, serão posteriormente referidos e explicados outros que foram igualmente utilizados<sup>3</sup>. Todavia, considera-se importante descrever neste momento aquelas que foram comuns a todo o processo, nomeadamente a observação participante e a elaboração das notas de campo.

## **2.1 Observação Participante**

Considerando as crianças como actores sociais participantes, assumi o papel de observador participante com as crianças, isto é, observei, escutei, reflecti e relacionei-me com as crianças no diálogo, à medida das situações naturais que decorreram da interacção social e em função das minhas interacções e percepções durante o trabalho de campo. Segundo Mandell e Thorne (citados por Christensen e James, 2005), “a observação participante de crianças requer tentar adoptar o “papel menos adulto”, misturando-se com o mundo social das crianças, não tomando o lado dos adultos, operando física e metaforicamente ao nível das crianças nos seus mundos sociais.”. Ou seja, durante as sessões com as crianças, a realização da observação participante ambicionava minimizar os efeitos causados pelas diferenças de poder entre crianças e adultos. De acordo com Berry Mayall, “De forma a obter dados de qualidade, as crianças devem ser ensinadas pelo investigador que questões de poder entre crianças e adultos podem ser diluídas ou difusas a ponto das crianças aceitarem o adulto como

---

<sup>3</sup> Ver Anexo D, pág. 241.

uma delas” (*in* Christensen e James, 2005). Neste sentido, aceitei a sua linguagem e os seus comportamentos (implicando um esforço para me distanciar do papel de professora) brinquei, sentei nos mesmos bancos, etc..

A observação participante possibilitou ainda obter uma visão mais atenta e profunda do contexto institucional.

## **2.2 Notas de campo<sup>4</sup>**

Em harmonia com Norman Denzin , as notas de campo baseiam-se numa descrição consistente do acontecimento, essa “ A descrição densa ... faz mais do que registar o que uma pessoa está a fazer. Ela vai além dos meros factos e das aparências superficiais, apresentando detalhes, contexto, emoção e as redes de relações sociais que unem pessoas umas às outras. A descrição densa evoca a emotividade e os auto-sentimentos e, inserindo história na experiência, estabelece a significação dessa experiência, ou a sequência de acontecimentos, para a pessoa ou pessoas em questão. Nesta descrição ouvem-se as vozes, os sentimentos, as acções e os significados dos indivíduos em interacção” (*in* Graue 2003:83).

Com a finalidade de dar realmente Voz e Vez às verdadeiras protagonistas deste projecto de investigação social: as crianças, optei por colocar em algumas notas de campo, trechos de transcrição integral das conversas estabelecidas com elas. Reconheço que nem sempre foi fácil porque, tal como os adultos, nem sempre se encontravam bem-dispostas, com vontade de falar. Todavia, estas notas de campo, expressam efectiva e autenticamente, como ocorreu o processo de investigação. Certamente hoje, modificaria certas atitudes, aperfeiçoava opções e técnicas metodológicas, sendo prova que aprendi muitíssimo com crianças participantes.

As técnicas participativas foram também utilizadas dentro do contexto/orientação dos Grupos de Discussão Focalizada/ Focus Groups, e construídas num diálogo contínuo com as crianças, Conversas com Crianças.

---

<sup>4</sup> Consultar Anexo C, pág. 141.



### **2.3 Grupos de discussão focalizada.**

Alguns dos encontros realizados tiveram por base a literatura sobre Grupos de Discussão Focalizados, GDF, (*focus Groups*), que “(...)foram descritos como sendo discussões de grupo organizados para explorar um conjunto específico de assuntos.” (Christensen e James, 2005: 156). Kitzinger (in Christensen e James, 2005), identificou nove vantagens dos GDF que se relacionam com: i) a interação dos participantes; ii) encoraja uma variedade comunicativa; iii) ajuda a identificar as normas do grupo; iv) fornece uma perspectiva dos processos sociais; v) e pode encorajar conversas sobre assuntos embaraçosos; vi) o investigador é capaz de explorar diferenças; vii) usar o conflito para clarificar o porquê as pessoas fazerem o quê; viii) explorar argumentos para ver como as pessoas mudam de opinião; ix) e analisar a maneira como formas particulares de discurso facilitam ou inibem a comunicação de pares.

Adicionalmente, a informação recolhida em contextos de grupo, pode ser diferente da recolhida em encontros individuais mesmo quando envolvem os mesmos participantes. Como tal, foi pensado que os GDF seriam de grande utilidade para poder visionar o contexto cultural da vida diária de crianças investigadoras, mas menos úteis para adquirir mais detalhes pessoais (utilizando outro método).

A técnica baseada nos GDF forneceu um vislumbre e uma visão partilhada pelas crianças, sobre o uso do seu tempo.

### **2.4 Conversas com crianças**

Neste projecto explorámos a conversa como meio de recolher dados com crianças. O que nos possibilitou, de certa forma, entregar a agenda às crianças, para que estas pudessem controlar a conversa, levantando e explorando tópicos implicando pouca participação do investigador adulto. Através das conversas estabelecidas, chegámos a uma boa compreensão sobre é importante para as crianças participantes (estas consideram que as suas vidas são amplamente controladas pelos adultos, pais, professores e auxiliares da escola e do ATL).

Em concordância com Christensen e James (2005), através das conversas umas com as outras, as crianças fortalecem o seu conhecimento e aprendem mais sobre aspectos dos seus mundos sociais, as crianças aprendem sobre o que significa ser uma criança e sobre as variedades de infâncias, ao compararem experiências, discutindo respostas emocionais a acontecimentos, e debatendo valores. Através deste meio, as

crianças também aprendem a como tornar as infâncias aceitáveis a outras crianças e adultos em locais específicos.

Importa referir que o diálogo demonstra as capacidades sociais das crianças entre si (cf. Corsaro, 1997 in Christensen e James (2005)). A análise dos diálogos estabelecidos com o grupo de crianças investigadoras revelaram aspectos das suas relações afectivas e demonstraram as suas capacidades cognitivas de escutar, tomar nota, responder e adicionar pontos.

As crianças nas conversas de grupo são geralmente positivas (em vez de negativas), escutam-se entre si, e geralmente, defendem e fazem as outras falar. Além disso, ajudam com a apresentação social de outras crianças, ao explicar ao investigador adulto que o seu colega é tímido, não é muito falador, ou que não está a sentir-se bem. Em bastantes conversas celebradas, as crianças apresentaram uma faceta colectiva, como crianças, em alguns casos em oposição ao poder dos adultos, noutros casos partilharam a sua compreensão, enquanto crianças, dos seus mundos sociais.

De acordo com Christensen e James (2005), os diálogos são um meio de adquirir dados de qualidade suficientes.

As compreensões das crianças completam e reforçam a ideia que os seus direitos de participação são pouco reconhecidos e que as políticas sociais devem ser endereçadas, directamente, aos interesses das crianças, mais do que, simplesmente aos interesses dos adultos.

Metodologicamente, a escola coloca desafios, é necessário criar um espaço onde move/incentiva as próprias crianças a participarem nas tomadas de decisões. Para desenvolver este projecto na escola, criaram-se circunstâncias sociais propícias à realização de investigação com crianças, começando pela criação do “Grupo de Amiguinhos Investigadores” e do “Laboratório de investigação”.<sup>5</sup> Sob estas circunstâncias, realizar comigo era aceitável até divertido, um alívio para algumas do trabalho escolar (AEC’S consideradas por elas como aulas), era uma actividade diferente que desafiava as crianças.

De forma a explorar o conhecimento das crianças, pretendia relacionar-me com elas através de conversas em que, num ambiente aberto, poderia conduzir as crianças até onde elas o desejassem. Como já se conheciam muito bem, facilitou o processo

---

<sup>5</sup> Ver notas de campo I, II e III, pp: 141-149.

investigativo, as crianças seguiam as falas das outras crianças, realçando certos aspectos e confirmando e comentando ou seguindo em frente. Por exemplo, no diálogo a seguir,

“Pauleta: *É quando estamos na escola, a trabalhar...*

123 Gorila: *Estamos em trabalhos...*

Pauleta: *Não podemos brincar senão estamos distraídos e depois não aprendemos a matéria.”<sup>6</sup>*

As crianças estavam desejosas de participar na investigação. Estavam igualmente familiarizadas umas com as outras, deste modo falavam livremente, em certas alturas brincavam e conversavam entre si. Parecia que, naquele local, àquela hora, não me identificavam como sendo um adulto oficial da escola, como fazem com os seus amigos pediam-me para não contar nada a ninguém certos desabafos.

As crianças falavam sobre assuntos, elaborando, confirmando, opondo-se ou divergindo como uma discussão. Conversar entre si era uma forma muito importante de adquirir conhecimento, escutar as suas conversas era uma forma de aprender sobre vários aspectos da sua vida.

Advertida por Graue (2003:129), “a triangulação entende-se para lá do trabalho de campo”, em interacção com outros, assim para além da revisão bibliográfica contínua, fui, ao longo do processo investigativo, estabelecendo conversas informais com os guardiões daquelas crianças (Pais/ Encarregados de Educação, professores titulares de turma, das AEC’s, do ATL e pessoal não docente das instituições referidas), colmatando com um debate entre estes e as próprias crianças.

As evidências recolhidas junto das crianças beneficiam do processo de triangulação com outras evidências, observações, em suporte de imagem como fotografia, vídeos, e ainda com produções/registos das próprias crianças.

---

<sup>6</sup> Ver nota de campo VII., pág. 165.

## Capítulo II – A Construção de um Projecto Social de Intervenção Comunitária

### 1. A pertinência do projecto de investigação “O Tempo das Crianças”

Como referencia Sacraton, 1997, em Sarmiento (2006:14), “ a imagem da criança com um quotidiano super preenchido, deslocando-se da família para a escola e daqui para as inúmeras actividades de formação complementar, das suas aulas de língua estrangeira ao ballet e do clube de informática às actividades desportivas, ilustra bem uma dependente e vigiada sob controlo do adulto, numa extensão custodial do poder familiar, agora alargado às múltiplas agências de ocupação infantil.”.

O facto é que actualmente, as crianças, entre os 7 e os 10 anos, de idade trabalham para e na escola, no seu ofício de alunas, cerca de 8 a 9 horas diárias, ou seja cerca de 40 a 45 horas semanais, trabalham hoje mais tempo do que aquele que é definido no horário de trabalho que achamos razoável para um adulto (cf. Araújo, 2009).

É assustadora a quantidade de tempo que passam, depois das aulas, a realizar, no seu tempo livre, actividades organizadas e prescritas pelos adultos (TPC, Inglês, Expressão Musical, Expressão Físico-motora, Apoio ao Estudo - AEC's, ATL's), sem , na maioria das vezes terem uma palavra a dizer.

A perplexidade com que me fui confrontando com este fenómeno, ao longo do tempo, e reflectido sobre ele, é efectivamente a uma das principais razões e motivações deste projecto. Efectivamente, tornou-se um problema actual, visto como um imperativo social, eloquentemente sublinhado por actores sociais distintos (Educadores Sociais, Psicólogos, Pais, Professores, Médicos, Políticos entre outros)

A este tempo e à sua organização acrescentam-se os problemas com o espaço físico, como é o caso do contexto escolar onde se realizou o projecto em questão, em que o espaço do recreio é bastante reduzido em proporção com o número elevado de crianças que o frequentam diariamente. Muitos dos espaços que as crianças frequentam – Escola e o ATL- não estão preparados para as receber adequadamente durante o dia inteiro.

Este projecto é também, efeito da preocupação sobre as consequências negativas que resultam do excesso de trabalho e de actividade organizada para as crianças. É simultaneamente, um alerta para a questão dos **Direitos da Criança**. Tendo como principal finalidade a necessidade de mergulhar na vida das crianças para que essa vida possa, em alguma medida ser reconstituída, na tentativa de tirar do *silêncio* a realidade *vivida* por esse grupo social, dando *vez e voz às crianças, ouvi-las e chamá-las a*

*colaborar na discussão/participação da organização do seu Tempo*, pois são elas a essência e as principais afectadas. É urgente fazer com que os seus *ruídos (identificados como “indisciplina”, sendo esta o disfarce de muito cansaço)*, sentidos pelos diversos agentes sociais com quem interagem (Pais, professores titulares de turma, das AEC, dos ATL's, psicólogos educacionais e auxiliares da acção educativa), sejam realmente manifestados e considerados.

Este projecto focaliza vários aspectos da utilização do tempo das crianças e da compreensão na sua vida (práticas e experiências) do dia-a-dia, em casa e na escola. Adoptou uma perspectiva na qual as crianças são consideradas como actores sociais competentes, que participaram na investigação as suas próprias opiniões.

Algumas das questões deste processo de investigação foram as seguintes: i) Existem semelhanças nas vidas diárias de crianças com nove anos de idade? Se sim, de que tipo? ii) Com quem estas crianças passam o tempo? iii) Como é que o tempo diário das crianças é organizado? iv) O que é que elas têm a dizer na tomada de decisões ao longo deste tempo? Como é que negociam o uso do seu tempo com os colegas e adultos? Que ideias as crianças relacionam com o “tempo” à medida que este avança, ao seu passado, presente e futuro?

Metodologicamente falando, estas questões não foram imediatamente fáceis de colocar e de falar sobre elas pois as noções “Tempo”, “passagem de tempo” são noções abstractas. De modo a explorar as compreensões e os significados que as crianças possuem sobre tais conceitos temporais, estruturámos uma série de ferramentas mediadoras da comunicação entre nós (investigador adulto e as crianças investigadoras) e de recursos muito simples por exemplo jogos, desenhos, registos de orçamentos de tempo. Estas técnicas eram fornecedoras de poder, através do seu uso, as crianças, cujas as opiniões são raramente ouvidas, foram capazes de se exprimir, foi-lhes fornecido um meio através do qual puderam falar.

## 2. Objectivos gerais e específicos que se propunha o projecto de investigação “O Tempo das Crianças...silêncios vividos e ruídos sentidos”

Em concordância com Boutinet (1981) os “Motivos e metas definem o sentido de projecto, um duplo sentido a compreender, antes de tudo, no sentido temporal, os motivos ligam o projecto ao momento presente sem contudo o tornar prisioneiro deste momento; as metas ligam o projecto ao futuro sem o iludir sobre este futuro. É assim que o projecto está destinado a vogar entre o realismo do presente e a ilusão do futuro.”. Em conformidade, o presente projecto de investigação foi desenvolvido, da necessidade e de forma a alcançar, na sua generalidade, os seguintes objectivos:

- Criar uma “comunidade de investigação”, procurando cultivar nas crianças participantes a experiência de investigação partilhada e do diálogo cooperativo, enfatizando valores tais como: respeito mútuo, responsabilidade, colaboração, diálogo, sinceridade, companheirismo, amizade.
- Ouvir e descrever os “*saberes, fazeres e sentires*” das crianças (actores sociais), e o modo como eles se produzem, desenvolvem e transformam em situações/contextos diversificados do seu dia-a-dia;
- Compreender e interpretar o sentido/ significado das acções e interacções das crianças enquanto sujeitos activos da sociedade, num contexto em que as suas vozes não são ouvidas ou são pouco ouvidas;
- Triangular a perspectiva das crianças com a perspectiva dos adultos; (com a minha enquanto investigadora; e com a dos pais, professores e outros adultos responsáveis pelas crianças - debate);
- Contribuir para o melhoramento da parceria comunidade-escola, principalmente através da escuta das vozes das crianças;
- Desenvolver saberes nos diversos actores sociais envolvidos para assim, transformar e melhorar a sua prática;
- Promover a consciencialização dos diversos agentes responsáveis pelas actividades lúdicas, pedagogicamente, socialmente e civicamente *mais ricas*, de modo a que as crianças se sintam felizes na e com a escola, cresçam de forma saudável e se tornem **cidadãos activos, responsáveis, solidários e felizes** (e não seres humanos stressados, desiludidos/revoltados com a instituição escolar, com a sociedade e com a própria vida).

Especificamente, este projecto tem o intuito de:

- Ouvir e descrever como é que as crianças ocupam o seu tempo, o que sentem e o que pensam acerca disso, em concordância com a realidade vivida.
- Analisar as potencialidades e vulnerabilidades do uso do tempo pelas crianças, actualmente, no seu crescimento pessoal e social (grupo participante);
- Aferir se a ocupação do tempo têm em consideração as necessidades, características e interesses das crianças *co-investigadoras e participantes*;
- Consciencializar/sensibilizar a comunidade educativa das implicações da participação infantil e da organização do tempo no desenvolvimento pessoal e social das crianças, e reconfigurar o seu papel nos processos de mudança.
- Desenvolver um espaço de participação no qual “as perguntas das crianças, o seu protagonismo na procura de caminhos, dos recursos e das respostas, bem como a sua participação no desenvolvimento e organização dos mesmos ocupam um lugar relevante e decisivo.” (Cosme, 2007:46).

### **3. Escolha do contexto da investigação - A Instituição escolar carece de um abraço incessante à Educação Social e à Intervenção Comunitária.**

Justificamos a escolha do contexto onde se inseriu o projecto com os factores a seguir mencionados. Primeiramente, porque “ (...) a escola é um meio de vida social tão rico, complexo, activo como a maior parte dos meios profissionais. Se isso não é evidente, é sem dúvida porque aos olhos da maioria dos “crescidos” a criança e o adolescente são só adultos em devir, vendo nas suas paixões e nos seus jogos apenas brincadeiras de crianças” (Perrenoud, 1995:30). Acrescido da concepção que a instituição escolar actual ainda é quase a mesma que foi programada para um modelo de sociedade bastante estável, sem considerar um conjunto de aspectos que surgiram e que se encontram em constante desenvolvimento, tais como influência o fenómeno das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, os problemas de exclusão social, a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho, o aparecimento de novas famílias (monoparentais, recompostas etc.,) ou seja, para uma sociedade muito distinta da contemporânea. Encontrando-se com dificuldades em proporcionar respostas adequadas às necessidades da sociedade. A escola actual tem de acolher e inserir toda a população infantil. Questão que se relaciona directamente com o papel que a escola tem na

inclusão social, pois é a única instituição por onde tem de passar obrigatoriamente todas as crianças. A adaptação não é fácil necessitando de se entrelaçar urgentemente com a educação social e com intervenção comunitária. Sendo a implementação deste projecto social de intervenção comunitária em contexto escolar um contributo para evidenciar que a escola é vida, para aproximar a Escola à Sociedade, pela escuta e recolha da voz dos principais implicados: as crianças.

Decifrado o motivo basilar do projecto se ter desenvolvido numa escola, fundamentamos a selecção específica da EB Carlos Alberto. Sobretudo por esta pertencer a um Território Educativo de Intervenção Prioritária,

Para além disto, é o local onde exerço funções de professora assessora, possuindo um conhecimento da sua realidade social, crucial para uma intervenção harmonizada.

Por último, mas não menos importante, a disponibilidade, o empenho, a motivação e a dedicação manifestados pelas pessoas responsáveis pelos cargos de direcção e coordenação, tanto do Agrupamento de Escolas de Miragaia como da EB Carlos Alberto, em construir *uma Escola sem Muros*, aberta à Comunidade Educativa e à Sociedade, e que valoriza a formação contínua dos seus docentes, pois acredita que só assim se pode melhorar e alcançar o sucesso educativo e a felicidade das crianças que a frequentam.



### 3.1 Caracterização do contexto



Praça Carlos Alberto



EB Carlos Alberto, escola pública do 1.º Ciclo do Ensino Básico, situada na cidade do Porto, concretamente na Praça de Carlos Alberto, da freguesia da Vitória. A Freguesia de Vitória está situada a Norte do rio Douro, estende-se na margem direita do rio, confina com Miragaia, Santo Ildefonso, Cedofeita, Sé e S. Nicolau. São também importantes na Vitória as áreas de comércio, serviços e turismo, pois está situada junto à Rua de Cedofeita (uma das maiores ruas de comércio do Porto).

A proximidade do Hospital St.º António e a Ordem do Carmo são uma mais valia para a população habitacional da Freguesia, quer a nível de serviços, quer a nível de emprego. Por esta razão muitos pais e encarregados de educação deslocam-se dos locais onde vivem para trazerem os filhos à Escola, uma vez que trabalham nas imediações.

A EB Carlos Alberto fica situada no centro da zona histórica do Porto, abrangendo uma pequena área geográfica rica em património arquitectónico e cultural. O meio é rico em usos e costumes, tradições, artesanato e romarias: festas são-joaninas, em honra do S. Roque da Vitória, em Agosto, a festa do Senhor da Boa Fortuna, com procissão – que percorre algumas das artérias da zona histórica e se realiza no último fim-de-semana de Agosto -, bem como o S. Martinho, a festa de Natal, o 25 de Abril e o 1.º de Maio.

Sendo uma zona tipicamente urbana possui um povoamento atípico, densamente povoada durante o dia com diminuição drástica após o encerramento do comércio e

serviços. À noite, é notória a diversão estudantil com os bares que oferece, pois está localizada junto a diferentes Faculdades.

Em todo o ano, vislumbram-se turistas pelas ruas, algumas delas bem estreitas, características comuns a todas as zonas históricas.

Relativamente à tipologia da população, a freguesia da Vitória tem cerca de 4000 habitantes. Dado o elevado número de habitantes, e construções centenárias, existem zonas de habitação degradadas e em alguns casos, mesmo de má habitabilidade. A realidade social, o nível socioeconómico e cultural, da população residente caracteriza-se por ser bastante baixo (em média os pais dos alunos apenas têm como habilitações literárias o 4º ano de escolaridade). Em síntese, a população partilha o mesmo tipo de problemas sociourbanísticos, nomeadamente os resultados da degradação do habitat e das carências económicas que geram fragilidades sociais e situações de exclusão em número muito significativo.

A EB Carlos Alberto pertencente ao Agrupamento de Escolas de Miragaia. O referido Agrupamento está integrado no Projecto TEIP, Território Educativo de Intervenção Prioritária, espaço comunitário onde se intersectam, as estruturas do sistema escolar e as comunitárias da educação extra-escolar, para o desenvolvimento cultural de populações social e economicamente carenciadas ou em processos de transformação socioeconómica, em zonas com um número significativo de alunos de diferentes etnias ou filhos de populações itinerantes ou filhos de migrantes, numa perspectiva de Educação Permanente. Consequentemente, no âmbito deste projecto estão a ser desenvolvidas actividades de combate ao insucesso e abandono escolar, tendo em conta as características do meio no qual está inserida a escola.

A respectiva instituição escolar é um prédio urbano adaptado à escola, com rés-do-chão e três andares e um sótão. Funciona em regime normal. Os recreios têm a duração de 30 minutos e decorrem entre as 10h30min. e as 11h (de manhã) e das 15h30min. às 16h (de tarde). A comunidade educativa é constituída por cento e dezoito alunos (seis turmas), seis professores Titulares de Turma, duas professoras Assessoras, uma professora do Apoio e Ensino Especial e três auxiliares de acção educativa. Possui Núcleo dos Serviços Especializados dos Apoios Educativos (Serviços de Psicologia e Orientação Escolar/ Serviço de Educação Especial e Apoio Educativo).

### **Capítulo III – Percurso de opções metodológicas**

#### **Nota introdutória**

A calendarização inicial, deste projecto de investigação social, previa a realização de sessões entre os meses de Maio a Junho de 2010, em horários a combinar com as crianças<sup>7</sup>.

Seguidamente, apresentaremos o panorama de todo o projecto, que com o intuito de facilitar a compreensão do processo de investigação na sua globalidade, subdividimos em cinco etapas de sucessivo envolvimento com/das crianças, acautelando a explicação dos procedimentos seleccionados em cada uma, a apresentação dos dados, bem como uma breve análise dos mesmos.

**1ª etapa:** entrada no terreno, com a aquisição dos consentimentos informados oportunos da direcção da instituição escolar EB Carlos Aberto e dos Encarregados de Educação das crianças.

**2ª etapa:** Explicação às crianças do pretendido, construir projecto de investigação com elas e não sobre elas. Obtenção do consentimento informado das crianças. Criação de um novo espaço de identificação social das crianças no contexto institucional (escola), com recurso à figura de investigador colectivo e aos princípios e técnicas de investigação participativa com as crianças

**3ª etapa:** Geração de dados e posterior conhecimento analítico e crítico, a partir da utilização de diversos métodos e recursos materiais. Daremos também conta de algumas precauções adoptadas para que a produção de registos nos permitisse gerar dados de compreensão do processo através do qual se procurou promover o protagonismo das crianças, e da apreensão e co-reconstrução do sentido emergente através da interacção com elas e entre elas.

**4ª etapa:** Devolução de toda a informação recolhida às crianças investigadoras participantes e posterior avaliação do percurso de investigação.

**5ª etapa:** A quinta e última etapa foi orientada pela preocupação de devolver e reflectir sobre a informação final de todo o processo investigativo e reconhecer à Comunidade Educativa a sua atenção, colaboração e disponibilidade e interesse pelo desenvolvimento do presente projecto de investigação.

---

<sup>7</sup> Consultar Anexo B, pág. 140.

## 1. 1.ª Etapa - Entrada no terreno

Por uma confluência de factores, aprendizagens, contextos, percursos e experiências de vida, e fortalecida a ideia de desenvolver um projecto de Investigação-Ação Participativa com crianças, decidi construí-lo com um grupo de onze crianças que frequentavam a EB Carlos Alberto, do Agrupamento de Escolas de Miragaia, TEIP, onde exercia funções de Professora Assessora. Consequentemente, e após um diálogo e reflexão com a Orientadora Dra. Rosa Madeira, pedi autorização à Direcção/Coordenação do Agrupamento de Escolas referido, para desenvolver o meu projecto de investigação com crianças deste e neste contexto educativo especial, como descrito anteriormente.

Enquanto esperava por uma resposta, voltei-me a relançar nas considerações teóricas e metodológicas ao nível da realização e construção de um projecto de investigação.

Reflecti que o importante seria edificar um projecto de investigação no qual as crianças tivessem, desde o início, um papel de actores sociais participantes, escolhendo as temáticas e assuntos significativos dentro dos seus mundos sociais e culturais, as quais seriam exploradas, por elas, através de metodologias participativas.

1.ª Etapa		
Momentos	Actividades	Recursos
1.º momento	- Consentimento da Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo do Agrupamento das Escolas de Miragaia; - Consentimento da Coordenadora de Escola da EB Carlos Alberto; - Consentimento da Professora Titular de Turma, da turma A do 3.º ano de escolaridade;	
2.º momento	- Consentimento dos Pais/ Encarregados de Educação (na reunião de Encarregados de educação, dia 12 de Abril de 2010);	Folhas de registo do consentimento <sup>8</sup>

A Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo do Ensino Básico e da EB de Carlos Alberto, Maria das Dores Folgado, consentiu e demonstrou disponibilidade para que, se os seus alunos desejassem e os respectivos Encarregados de Educação aprovassem, o projecto fosse desenvolvido com crianças da sua turma, afirmando que a

---

<sup>8</sup> Consultar anexo D, pág. 242.

formação (sendo extremamente importante), e o colocar os alunos nos papéis de investigadores e actores sociais são linhas com que se tece uma efectiva mudança nas práticas dos professores e de todos os que trabalham directamente e indirectamente com crianças.

Posto isto, a minha intervenção começou no dia 12 de Abril de 2010 quando, na reunião de Encarregados de Educação para a entrega dos registos de avaliação referentes ao 2.º período do presente ano lectivo, informei os Pais/Encarregados de Educação do facto de me encontrar a frequentar o mestrado e que precisava da sua colaboração, que incidia em consentir que os seus educandos participassem comigo num projecto de investigação. A professora Maria das Dores Folgado, Professora Titular da Turma, interveio comunicando e enfatizando a ideia de que a participação dos seus filhos num projecto com estas características seria efectivamente, benéfico para eles, não somente como alunos mas principalmente como crianças, transmitindo, deste modo, uma certa segurança e confiança aos pais, que se tornou relevante na sua decisão. Após a recolha dos consentimentos, iniciou-se, **no contexto referido**, o projecto de investigação, construído **com** um grupo de onze crianças (sendo logicamente o motivo pelo qual o problema central não se encontra inteiramente em concordância com o do projecto provisório – “*Dar Vez e Voz às crianças das AEC’s...*”), que decorreu durante dezoito encontros/sessões, *findando os encontros*, no dia dezanove de Julho de 2010, com a apresentação (realizada pelas crianças - actores sociais participantes e principais) à Comunidade Educativa (Pais/Encarregados de Educação/Professores (EB Carlos Alberto e EB Bandeirinha) /Assistentes Operacionais da Acção Educativa/Responsáveis pelo ATL/Direcção/Coordenação do Agrupamento de Escolas de Miragaia/Orientadora deste mestrado em Ciências da Educação, da Universidade de Aveiro) e posterior debate intitulado “*O Tempo das Crianças...silêncios vividos...ruidos sentidos*”.

Assim este projecto teve como **facilitadores**, os adultos responsáveis pelas crianças, Professora Titular de Turma e os Encarregados de Educação/Pais, pessoas com quem realizei um primeiro contacto e que facilitaram a relação com as crianças. Apesar de não assumirem, para a investigação um papel relevante, estas foram, indirectamente, fundamentais para o desenvolvimento do projecto de investigação, nomeadamente na disponibilidade de tempos e espaços, na troca de impressões acerca das dinâmicas que se pretendia desenvolver e das questões que se iam levantando no decorrer da investigação.

## 2. 2.<sup>a</sup> Etapa – Criação do “Grupo dos Amiguinhos Investigadores”.

Em concordância com o descrito anteriormente, entrar no terreno, neste contexto específico, foi fácil, iniciar a investigação com crianças é que se tornou difícil e num processo de aprendizagem contínua.

Parti para o terreno como aprendiz, explicando imediatamente, no primeiro encontro, às crianças que queria aprender com elas, pois encontrava-me consciente que era assim o único modo de ficar a saber tanto quanto elas sobre o seu mundo, de obter os seus pontos de vista, de perceber/descobrir o sentido das suas acções (o que fazem, o que isso significa para elas, o que pensam e o que sentem), ouvindo e observando com muita atenção.

*“... deixem-me explicar melhor o que vamos fazer... primeiro quero-vos dar a boas-vindas e agradecer por terem vindo... segundo tenho uma coisa muito importante para vos dizer... aqui não há professoras nem alunos!”<sup>9</sup>*

Nas primeiras sessões, tentei demonstrar às crianças quem eu era ou quem não era ali, naquele contexto particular, como já era uma pessoa familiar, tornou-se possível a interacção e consegui rapidamente ganhar a confiança deles.

### 2.<sup>a</sup> Etapa

Momentos	Actividades	Recursos
1. <sup>o</sup> momento	<ul style="list-style-type: none"><li>- Conversa com as crianças sobre o projecto de investigação a desenvolver;</li><li>- Jogo do dado “Conhece-me melhor!”.</li><li>- Entrega de um pack de investigação.</li></ul>	Dado; Folhas de registo do jogo “Conhece-me melhor!” <sup>10</sup>
2. <sup>o</sup> momento	<ul style="list-style-type: none"><li>- Desenho livre “Eu _____ como investigador!”.</li><li>- Diálogo com as crianças investigadoras sobre “O que é investigar? O que faz um investigador? Para quê investigar?”;</li></ul>	Pack (capa/caderno/caneta) <sup>11</sup>
3. <sup>o</sup> momento	<ul style="list-style-type: none"><li>- Fotografias das crianças como investigadoras.</li><li>- Construção de um Cartão de Identificação das Crianças Investigadoras (recolha dos dados biográficos e expressão da sua vontade de participar no projecto de investigação);</li><li>- Criação do “Grupo dos Amiguinhos Investigadores”.</li></ul>	Folhas brancas A4;  Máquina Fotográfica Cartão C.I.C.I. <sup>12</sup>

<sup>9</sup> Ver notas de campo I, pág.141.

<sup>10</sup> Consultar anexo D, pág. 243.

<sup>11</sup> Consultar anexo D, pág. 243.

<sup>12</sup> Consultar anexo D, pág. 243.

## 2.1 Caracterização dos protagonistas

**Os protagonistas** (actores principais) deste projecto são efectivamente, as próprias crianças, neste caso particular onze crianças, entre os 8/9 anos da mesma escola urbana – da cidade do Porto, EB Carlos Alberto<sup>13</sup>.

Na selecção do grupo de trabalho foi considerado a diversidade social, cultural, emocional, e em especial a heterogeneidade de vivências, principalmente na frequência das AEC's, visto que a pertinência inicial, antes da entrada no terreno, era investigar as implicações das AEC's no desenvolvimento pessoal e social das crianças. Ou seja, esteve relacionada com “critérios adulto-investigadora-centrados”, que pretendiam assegurar alguma diversidade social, cultural, emocional – *Princípio da responsabilidade*. (cf. Fernandes, 2009:136).

No refere na escolha dos protagonistas pretendi também, ser acautelada por princípios éticos, relacionados, antes de mais, com a selecção, inclusão ou exclusão das crianças na investigação.

A opção por delimitar o grupo participante, apresentou-se ainda como uma possibilidade metodológica, pois permitia organizar um grupo de trabalho mais pequeno onde era possível recuperar princípios essenciais à natureza da investigação: a proximidade, a intimidade, a possibilidade das crianças terem tempo para se fazerem ouvir individualmente, em pequeno ou grande grupo.

Apresentam-se, nos seguintes quadros, alguns dados relativos ao grupo de participantes, possibilitando a sua caracterização, informação recolhida através da análise do C.I.C.I.<sup>14</sup>

### Quadro 1

---

Categorias e distribuição dos resultados quanto ao género	
Género	
Masculino	8
Feminino	3
Número de crianças	11

Pela leitura do quadro 1, podemos verificar, que o grupo é constituído maioritariamente por crianças do sexo masculino.

---

<sup>13</sup> Consultar Anexo A, pág. 139.

<sup>14</sup> Ver nota de Campo I, pág. 141.

## Quadro 2

Categorias e distribuição dos resultados relativamente à situação socioeconómica das crianças de acordo com as profissões dos pais.

<b>Categorias<sup>15</sup></b>	<b>Número de crianças</b>
<b>A</b> - Criança com um nível socioeconómico elevado	2
<b>B</b> - Criança com um nível socioeconómico médio	3
<b>C</b> - Criança com um nível socioeconómico médio-baixo	3
<b>D</b> - Criança com um nível socioeconómico baixo	3
	11

É possível certificar pela leitura do quadro 2 que, a maioria crianças que formaram o grupo de investigação enquadra-se num nível socioeconómico baixo.

## Quadro 3

Categorias e distribuição dos resultados relativamente ao tipo de família a que pertencem as crianças participantes.

<b>Categorias</b>	<b>Números de Crianças</b>
A - Famílias compostas	8
B - Famílias recompostas	1
C - Famílias monoparentais	2

## Quadro 4

Categorias e distribuição dos resultados ao número de irmãos.

<b>Categorias</b>	<b>Número de crianças</b>
<b>A</b> – Criança sem irmãos	2
<b>B</b> – Criança com um irmão	6
<b>C</b> - Criança com 2 ou irmãos	3

Tal como é possível constatar pela leitura dos quadros 3 e 4, a maioria das crianças participantes vivem em famílias compostas (pai e mãe) e com um irmão. Duas crianças pertencem a famílias monoparentais, por simultaneidade com nível socioeconómico mais baixo. Também temos uma criança que vive no seio de uma família recomposta tendo dois meios-irmãos, em que se encontra incluída no nível socioeconómico baixo.

<sup>15</sup> Confrontar com os dados, relativamente às profissões dos pais, do quadro A, do anexo A, pág.139.



## Quadro 5

Categorias e distribuição dos resultados relativamente à frequência das crianças nas AEC's e no ATL's.

Categorias	Raparigas	Rapazes	
A- Criança que frequenta só AEC's;	2	1	3
B- Criança que frequenta só o AEC's e ATL;	2	2	4
C- Criança que frequenta só o ATL;	3	0	3
D- Criança que não frequenta nem AEC's nem o ATL;	1	0	1
Número de crianças	8	3	11

Em concordância com a análise do quadro 5, podemos referir que uma esmagadora maioria das crianças frequenta as AEC's e que mais de metade destas frequenta também o ATL.

Como é possível verificar pelas leituras dos quadros anteriores, temos um grupo constituído por onze crianças investigadoras participantes bastante heterogéneo que enriqueceu naturalmente esta investigação.

### 2.2 Desconstrução dos papéis e relações entre professora e/com alunos

Os primeiros encontros constituíram-se cruciais no desenvolvimento da investigação, foi o criar um modo de conviver com crianças que sabem mais acerca do seu mundo do qualquer outra pessoa, comecei a construir o meu papel como investigadora (processo contínuo de tomadas de decisão), quebrando o meu papel e posição de professora e adulto. Não fui (investigador adulto) a única a tomar decisões sobre posições e papéis. As crianças participantes também tomaram e retomaram decisões e assumiram principalmente o papel de criança.

As relações foram-se rompendo, construindo e reparando de acordo com as necessidades dos participantes ao longo do trabalho de campo.

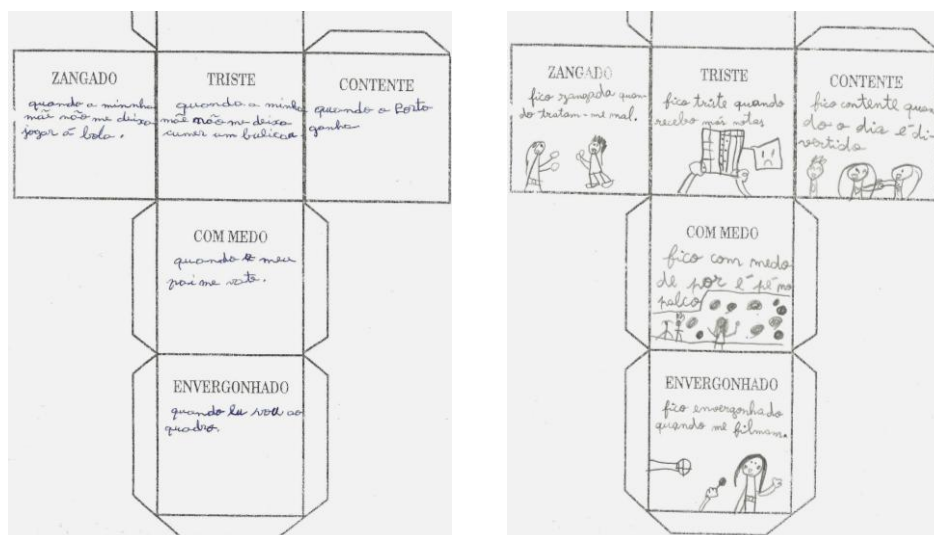
Na **primeira sessão**, dia trinta de Abril de 2010, <sup>16</sup>intitulada “Apresentação”, comecei por explicar o porquê, o para quê da nossa presença naquele espaço. Acerca disto, Quivy (2008) refere que “Antes de mais, há que ser aceite pelo grupo. A menos que tenha sido o próprio grupo a solicitar a presença do investigador, este último deve-lhe, desde o início, uma explicação sobre as razões da sua presença, sobre a natureza do trabalho que deseja empreender e sobre o que fará com os resultados”.

*“Sim é para me ajudarem a fazer um trabalho, pois como sabem a professora está frequentar o mestrado, na Universidade de Aveiro, e preciso sim da vossa ajuda. Pois quero fazer um trabalho, uma*

<sup>16</sup> Ver nota de campo I, pág.141.

*investigação convosco! (...) Deixem-me explicar-vos o projecto de investigação ... Primeiramente, vamos combinar uma coisa depois de eu explicar bem o que vamos fazer vocês são livres de não aceitarem ou até desistirem quando quiserem... não são obrigados a estarem aqui certo? (...) Então, para fazermos bem, muito bem, esta investigação, há um segredo! Querem saber qual é? Primeiro, tudo o que for dito aqui nesta biblioteca é segredo, ou seja, ninguém saberá ou melhor só saberão o que permitirem... por isso, e o importante, é que falemos sem medo, com confiança... Ah! E é proibido fazer pouco de alguém não respeitar a opinião dos colegas de investigação, pois como somos todos «investigadores em início de carreira» ninguém tem razão... ou melhor temos todos razão...ou se tivermos dúvidas vamos investigar... é para isso que estamos aqui, entenderam? (...) Se concordarem vamos investigar primeiro o nosso tempo, como é que ocupamos o nosso tempo!”*

Posteriormente, através de um jogo “Conhece-me melhor”, falámos de assuntos que como professora não tinha abordado de forma aprofundada, o intuito era iniciar um processo de escuta das vozes das crianças participantes como forma de as conhecer melhor, identificar e responder às suas necessidade, interesses, competência e direitos, começando pela desconstrução do papel, da relação e da interacção de aluno e professora, e obviamente aprofundar. Foi surpreendente verificar como as crianças falaram aberta e sinceramente sobre os temas em causa, no espaço de participação construído.



**Ilustração 1:** Registos do jogo “Conhece-me melhor”.<sup>17</sup>

As categorias que emergiram da relação com a decomposição dos direitos da criança (declarados implicitamente na CDC) com a análise de conteúdo das respostas das crianças que são por si só, reveladoras (por isso, se transcreve directamente as respostas das próprias crianças) :

<sup>17</sup> Consultar anexo H, pp. 259-260.

## Quadro 6

Categorias e distribuição dos resultados do jogo “Conhece-me melhor” relacionando-os com os direitos das crianças.

Categorias:	(Respostas das Crianças <sup>18</sup> ) Faces do cubo, o que deixa as crianças participantes:				
	Zangadas	Contentes	Envergonhadas	Tristes	Com medo
<b>A criança tem direito a ser respeitada e protegida física e psicologicamente.</b>	- “Quando me tratam mal.”; - “Quando a minha mãe me bate”; - “Quando a prof. D me bate!”.	- “Fico contente quando o dia é divertido”; - “Quando a minha mãe faz a comida que eu gosto”.		- “Com quem bate a quem não merece”; - “Quando fico sem lanche”, quando a minha mãe me ralha”; - “Quando me gozam” “fico triste todos os dias mesmo que não pareça...”.	- “Quando o meu pai me bate”; - “quando eu ouço barulhos à noite”; - “quando me assustam”; - “Quando me ameaçam”; - “quando vejo um amigo a bater”, “quando alguém me quer bater”, “quando fico sozinho na rua”. “quando há trovoadas”,
<b>A criança tem direito a que a sua autonomia seja encorajada e favorecida.</b>	- “Quando não faço o que apetece!”; - “Quando a minha mãe não me deixa jogar à bola”; - “quando a minha mãe não me deixa fazer nada”	- “Quando tenho o que quero”; - “quando a minha mãe me dá o quero”	“Se faço xixi nas calças!”, “Quando falo para muitas pessoas; “quando me filmam”; “Quando vou ao quadro”, “quando tenho de cumprimentar uma pessoa que não conheço”.	- “Quando não vou jogar bola”,	- “de estar no palco”
<b>A criança tem direito a usufruir do sentimento de pertença</b>	“Quando alguém trata mal a minha família”, quando a minha prima bebé deita os brinquedos para o chão”, , quando os meus primos mexem nas minhas coisas”	“Quando estou com a minha família”,	“Quando vejo a professora Sara!”; “Quando conheço uma pessoa nova!”; “Quando falo com pessoas desconhecidas!”.	“Quando a minha mãe chora”; “quando tenho não provas de BTT” ; “quando perco coisas importantes”.	“De ficar sem os meus pais”.
<b>A criança tem direito ao reconhecimento e consideração das suas conquistas</b>	“Quando o Porto perde!”.	“Quando consigo um lugar no Pódio” quando o Porto ganha”, “quando marco um golo”, “Quando compro uma caderneta de futebol	“Quando eu fiz a espargata”,	“Quando a minha mãe não me deixa comer um bolicão” “quando recebo más notas”	

Pelo estudo do quadro 6, pode-se dizer que **o que deixa estas crianças zangadas** são os maus tratos físicos e verbais, a repressão dos seus desejos e a invasão da sua privacidade, **que estas crianças ficam contentes** quando experienciam situações de conquista e quando estão com a sua família. Que perante situações de embaraço, desconhecimento, protagonismo e incapacidade **estas crianças ficam envergonhadas**.

<sup>18</sup> Ver nota de campo I, pp.141-145,

**O que deixa estas crianças tristes são a perda, o gozo/escárnio, a injustiça e a impotência.** Vivenciar situações de violência, de responsabilidade, sobressalto/ameaça e de solidão deixa **estas crianças com medo** (não se diferenciando dos sentimentos muitas vezes experimentados perante tais situações pelos adultos).

É visível pela análise do quadro que, os direitos das crianças não são totalmente praticáveis pelos adultos responsáveis pela sua guarda, protecção e educação.

As crianças referem-se, ainda, indirectamente à relação que estabelecem com os seus pais, revelam a importância da família na sua vida, o medo de ficarem sem eles, mas também se denota que em alguns casos ainda existe um estilo parental autoritário (cf. Oliveira-Formosinho, 2008:36), tentando avaliar, controlar e moldar o comportamento e atitudes das crianças, em que para estes pais a obediência da criança é altamente valorizada, bem como a utilização de punições no sentido de submeter a vontade da criança à autoridade do adulto em momentos de conflito.

Visto que o desenvolvimento moral da criança tem sido, predominantemente, associado à influência parental, considero que os pais responsáveis deveriam na relação com seus filhos usarem e abusarem de uma comunicação aberta e apoiante, encorajando a negociação verbal, valorizando a acção autónoma e responsável dos mesmos, proporcionando amor e apoio, criando ambientes agradáveis, estimulantes e desafiadores, reconhecendo os seus direitos como adultos do mesmo modo que reconhecem e respeitam os interesses, características próprias, e direitos das suas crianças, servindo, conseqüentemente, como sustentáculo ao desenvolvimento moral da infância. Certamente que só este tema social controverso, merecia uma investigação, por sua vez, imensa e aprofunda, fica neste projecto uma alusão a essa necessidade. Pois, certamente que, se os pais escutarem e olharem para os seus filhos como pessoas e cidadãos com direitos, competências de participar nas tomadas de decisão que afectam as suas vidas, a relação entre ambos melhora nos mais diversos aspectos.

### 2.3 (Re)Construção do papel de investigadora e de criança investigadora

No **segundo encontro** “Vamos investigar”<sup>19</sup>, partindo da ilustração elaborada por cada um de “Eu \_\_\_\_\_ como investigador”, conversámos sobre o que seria afinal investigar, como é um investigador, o que faz um investigador.



**Ilustração 2:** “Eu, Deissy, como investigadora.”<sup>20</sup>

E chegámos à conclusão que investigar é, para estas crianças é *descobrir coisas novas... (o investigador) tem que ter um disfarce...para ninguém o descobrir... Também trabalham de noite... e têm um cão! Alguns não têm cão...*<sup>21</sup>. Em geral, as suas respostas basearam-se em desenhos animados, verificando-se mais uma vez a influência das TIC na formação das suas concepções. No final desta sessão, surge a questão/dúvida *se há crianças investigadoras*<sup>22</sup> (da sua idade). Reforçando o desafio de conseguir provar que a estas crianças (e a todas) que podem participar inteiramente como protagonistas numa investigação, pois, tal como os adultos, têm uma leitura própria do mundo, que o interpretam, que constroem saberes e cultura, que participam como cidadão na vida familiar, escolar e social.

Desta incerteza, advém um breve diálogo sobre o que ser criança entre algumas das crianças participantes:

“Vasco: *é giro, divertido mas também cansativo ...*

Atílio: *É só escola!*

Diogo: *E ATL...*

Teresa: *Mas é bom ser criança...temos mais atenção...somos mais queridos e estamos sempre a ser elogiados que somos fofinhos...*

<sup>19</sup> Ver nota de campo II, pág. 145.

<sup>20</sup> Consultar anexo H, pág. 257.

<sup>21</sup> Concepções prévias das crianças: ver nota de campo II., pág.147.

<sup>22</sup> Formulada pelo Paulo, pág. 145.

Atílio: *Eh! Mas não podemos fazer o que queremos, quem manda em nós são os nossos pais...*

Paulo: *é verdade o meu pai bate-me... se eu não faço o que ele quer!*<sup>23</sup>

Apercebe-se que, para a maioria destas crianças, o modo como ocupam o seu tempo está directamente associado à sua noção do que é ser criança e também, que realmente, os direitos das crianças, nem sempre são considerados, em particular, é notório, mesmo que implicitamente, que não é praticável e porventura, conhecido, o direito de participação das crianças, de serem escutadas, na tomada de decisões dos assuntos que afectam a sua vida, forçadas, usualmente, às vontades e necessidades dos adultos e para tal são submetidas, por vezes, a castigos físicos.

Finalmente no **terceiro encontro** “C.I.C.P”,<sup>24</sup> com a ajuda imprescindível da máquina fotográfica, as crianças participantes experienciaram e inauguraram a construção do seu papel social como investigadoras e, com um toque de magia, formou-se o “Grupo dos Amiguinhos Investigadores”<sup>25</sup> e criou-se o nosso “Laboratório de Investigação”. Como referem os investigadores, “A partir do dia 6 de Maio de 2010 quando entrarmos na biblioteca da escola nós transformamo-nos em investigadores prontinhos a investigar”<sup>26</sup>, “Foi a partir deste dia que me tornei investigador”<sup>27</sup>, “...senti-me investigadora e deixei a aluna lá fora. Sou investigadora.”<sup>28</sup>



**Ilustração 3:** Registos do início da transformação em crianças investigadoras.<sup>29</sup>

<sup>23</sup> Ver nota de nota de campo II, pág. 145.

<sup>24</sup> Ver notas de campo III, pág. 149.

<sup>25</sup> Consultar anexo H, pág. 257.

<sup>26</sup> Super Guerreiro Sam Gocu.

<sup>27</sup> Pauleta.

<sup>28</sup> Luz.

<sup>29</sup> Consultar anexo H, pág. 260.



**Ilustração 4:** Grupo dos Amiguinhos Investigadores e o Laboratório de Investigação, respectivamente.

Ainda neste encontro, com o intuito de fazer sentir estas crianças investigadoras, de reafirmarem a sua vontade em participar na investigação e recolher os seus dados biográficos, de modo atractivo, preencheram o cartão C.I.C.I (Cartão de Identificação das Crianças Investigadoras), o qual também se tornou bastante útil para a caracterização do grupo participante.

**C.I.C.I**  
(Cartão de Identificação das Crianças Investigadoras)

Investigador (a): PAULETA

Nome: Paulo Sérgio da Silva Data de nascimento: 16/1/2010  
 Morada: Rua de Almada 575

Nome da mãe: Maria Fernanda Pereira Silva  
 Idade: 38 Profissão: Empregada de limpeza

Nome do pai: Sérgio Paulo Vieira Rocha  
 Idade: 34 Profissão: Empregado de mesa

Números de irmãos: 4 Idade: 5, 7, 12 e 15

**Ilustração 5:** Cartão de Identificação das Crianças Investigadoras

A utilização da máquina fotográfica entre pares, do cartão C.I.C.I, e de um pouco de magia, contribuíram para a transformação, por enquanto, simbólica, da atitude das crianças participantes, que começaram a perceber que no nosso *Laboratório de Investigação* não eram efectivamente, alunos nem eu professora, mas sim um *Grupo de Amiguinhos Investigadores prontos a investigar*. Evidenciando, a importância dos recursos materiais, humanos e até imaginários, numa investigação com crianças.

### **3. 3.º Etapa – Trabalho de campo... gerar dados para a construção de uma teoria**

De acordo com Graue (2003:115), a aquisição dos dados é um processo muito activo, criativo e de improvisação.

Neste processo investigativo, a geração de dados começou com questões. Primeiramente, relacionadas com a razão pela qual o trabalho de campo se realizara na EB Carlos Alberto, «o que é que as crianças sabiam acerca das Actividades de Enriquecimento Curricular: quando, onde, como, porquê e com quem, e o que sentem?». Todavia, na realidade, surgiram perguntas inteiramente novas, decorrentes das antigas que foram efectivamente, o motor da investigação «Como é que as crianças ocupam o tempo? Que actividades fazem num dia? Que espaços/contextos frequentam durante o dia? O que pensam e sentem sobre o uso do seu tempo?».

O conhecimento prévio que detinha da realidade educativa envolvente e a revisão constante da bibliografia existente e a procura permanente de mais informação sobre o que estava a ser explorado foram logicamente fundamentais para enriquecimento da geração de dados e consequentemente para o desenvolvimento do processo de investigação na sua globalidade. Outro factor que se tornou crucial para isso, foi sem dúvida, o ter elaborado um horário preliminar (facultado aos encarregados de educação das crianças participantes e aos responsáveis da direcção/coordenação da escola), onde constava o começo e desfecho provisório do trabalho de campo, como o dia e a hora de todas os encontros a realizar (sendo alterado, algumas vezes, em concordância com as necessidades de todos os participantes).

Resumidamente, a formulação de interrogações, o rever da bibliografia e a elaboração de uma planificação provisória, (que, tal como as questões, também se modificou no decorrer do projecto), foram actividades importantes que antecederam o trabalho de campo e que não terminaram quando este se iniciou.

“Ao fazer trabalho de campo com crianças, têm de se encontrar permanentemente maneiras novas e diferentes de ouvir e observar as crianças e de recolher aspectos físicos (psicológicos) das suas vidas” (Graue, 2003:120), ou seja, a geração de dados com crianças desafia-nos a ser especialmente criativos. De seguida, ilustraremos os processos, práticas e «ferramentas», utilizadas no nosso processo investigativo para conseguir gerar dados sobre o uso do tempo das crianças.



### 3.º Etapa

Momentos	Actividades	Recursos
1.º momento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conversa sobre o “Tempo das Crianças!”</li> <li>- Conversa e registo de um dia das suas vidas (segunda-feira)</li> <li>- Conversa e registo da sua quinta-feira.</li> <li>- Conversa com as crianças sobre “Como ocupo o tempo (O que mais gosto de fazer/o que menos gosto de fazer/gostaria de ter mais tempo para...).”</li> <li>- Discussão da noção do tempo: preenchimento de <i>relógios</i> “O meu tempo...”.</li> <li>- Descrição de um dia em que fossem elas (as crianças) a decidir tudo.</li> <li>Os trabalhos de casa.</li> <li>- Conversa e análise do “Tempo para Brincar?!”</li> <li>- Visualização do filme “Direito ao Coração”- Diálogo sobre o filme referido.</li> <li>- Conversa: O <i>Tempo</i> e os <i>Direitos</i> da criança.</li> <li>- Conversa sobre o percurso escolar e o futuro.</li> <li>- Conversa: “O tempo das AEC’s e o tempo dos ATL’s.”.</li> </ul>	<p>Folha de registo de orçamento-tempo: segunda e quinta – feira.<sup>30</sup></p> <p>Folha de registo “O meu tempo...”<sup>31</sup></p>
2.º momento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaboração do questionário e das entrevistas para realizar a outras crianças.</li> <li>- Experimentação dos questionários.</li> <li>- Preparação para a entrega dos questionários.</li> <li>- Entrega dos questionários às crianças do 2.º e 4.º ano de escolaridade. (9h20min. às 10h20min.- 2.ºano/13h30min. às 15h -4.ºano).</li> </ul>	Questionários <sup>32</sup>
3.º momento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Análise e conclusões dos questionários.</li> </ul>	

Esta terceira etapa, que compreende treze sessões (da quarta à decima sexta sessão), tornou-se num processo de geração de dados verdadeiramente reflexivo, através do qual fui (re)construindo e questionando permanentemente sobre as minhas ideias pré-concebidas dos temas abordados, sobre os meus conhecimentos pessoais e académicos sobre a infância, sobre as minhas acções e interpretações das experiências no campo, no qual fui experienciando uma variedade de papéis como investigadora e aprendendo as linguagens das crianças, as quais me forneceram inúmeras oportunidades para aprender sobre e com elas.

A especificidade das técnicas metodológicas utilizadas, a seguir mencionadas, providenciou uma maneira de concretizar as ideias frequentemente abstractas ou

<sup>30</sup> Consultar anexo D, pág. 244.

<sup>31</sup> Consultar anexo D, pág. 245.

<sup>32</sup> Consultar anexo D, pág. 246.

implícitas sobre “tempo”, forneceram-nos um ponto de partida e de chegada firme para a nossa investigação acerca de diferentes aspectos do uso do tempo.

Na **quarta sessão** “A minha Segunda-feira”<sup>33</sup>, entram como investigadores, e além de uma conversa orientada e baseada na técnica GDF, a fim de enriquecer e particularizar os dados recolhidos, recorreremos aos registos, “A minha Segunda-feira” e “A minha Quinta-feira...”, para descrever e registar o dia (segunda e quinta-feira) de cada criança investigadora.<sup>34</sup>

*Nome investigador...*

*A minha Segunda-feira...*

	Horas...	Onde estou...	O que faço...	Com quem...
De manhã...	8h30m 10h00m	na escola na sala de aula	Estudo atividade brincos	Professora amigos
Almoço...	meio dia	ATL	Comemos almoço	com a minha mãe
De tarde...	uma e meia até 3 meia	na sala de aula depois na escola	trabalho depois brincos com a minha mãe	Professora amigos
Jantar...	entre 6 e 7 meia	em casa na sala de aula	Comemos jantar	com a minha mãe
Depois de jantar...	de 7 e 8 meia até 9 meia	na sala de aula na cama	Estudo atividade brincos depois de dormir	Professora amigos

Coloca um sorriso 😊 nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: Sophie

*A minha Quinta-feira...*

	Horas...	Onde estou...	O que faço...	Com quem...
De manhã...	7:00	casa	acordar	pai ou mãe
Almoço...	12:00	ATL	almoçar	educadores colegas
De tarde...	13:30	escola	trabalhar	professora colegas
Jantar...	20:00	casa	jantar	pais
Depois de jantar...	de 21:00 até 22:00	cama	televisão P.S.P	mãe depois sobe

Coloca um sorriso 😊 nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: Diego Nilton de Jesus Lapa

**Ilustração 6:** Registos orçamento-tempo “A minha segunda-feira” e a “A minha quinta-feira”

Resumidamente, em concordância com a análise dos registos anteriormente mencionados, verificámos que a maioria das crianças investigadoras, levanta-se entre as 7h e as 8h, e que os investigadores, Sophie, Xavier I, Luz, antes das nove horas, entrada na escola, frequentam o ATL, devido à incompatibilidade com horário de emprego dos seus pais. Todos, à excepção do investigador Pauleta, que almoça em casa, fazem a refeição do almoço no ATL. Às três e meia, quando terminam as aulas, os investigadores Xavier 2, Pauleta, Deissy, Sophie, Luz e o 123 Gorila frequentam as AEC’s, os restantes (excepto o Jocabake, que vai para casa com a mãe) vão, após as

<sup>33</sup> Ver nota de campo IV, pág. 153.

<sup>34</sup> Consultar anexo H, pp. 259-260.

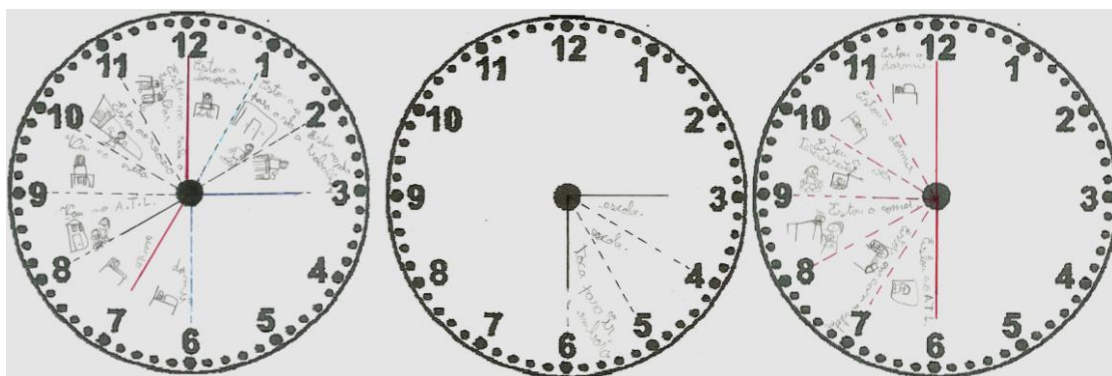
Na **quinta sessão** “Como ocupo o meu tempo...”<sup>35</sup>, conversámos sobre como ocupamos o tempo, o que mais gostamos de fazer, o que menos gostamos de fazer e para quê que gostaríamos de ter mais tempo, registando na folha intitulada “Como ocupo o meu tempo...”<sup>36</sup>.



<sup>36</sup> Consultar anexo H, pp. 261-262.

investigadoras mais gostam de fazer é brincar, ver televisão, andar de bicicleta, jogar futebol, jogar PSP, dançar e trabalhar. O que gostam menos de fazer é os trabalhos de casa, jogar computador, aulas à tarde, tarefas domésticas e trabalhar (estudar). Gostariam de ter mais tempo para brincar, ver televisão, jogar PSP, estar com a família, jogar futebol e estar com os amigos.

Na **sexta sessão**, “O meu tempo...”<sup>37</sup>, aprofundámos a noção do tempo através do diálogo e do preenchimento dos *relógios* “O meu tempo...”.



**Ilustração 8:** Registo “O meu tempo...”.<sup>38</sup>

Apurámos/confirmámos que as crianças investigadoras antes de ir para a escola: vão para o ATL, ou ficam no trabalho dos pais até às nove horas.

Considero este encontro o mais complicado, pois perdi uma criança investigadora, o investigador Curby decidiu desistir.

Na **sétima sessão**, “O meu tempo... e os trabalhos de casa”<sup>39</sup>, as crianças investigadoras desenharam a sua rotina diária, ilustrando-a, maioritariamente, através de expressões faciais, os seus sentimentos, vividos no decorrer do dia, e falámos como seria o seu dia se fossem elas a decidir tudo.

<sup>37</sup> Ver nota de campo VI, pág. 160.

<sup>38</sup> Consultar anexo H, pág. 265.

<sup>39</sup> Ver nota de campo VII., pág. 165.



**Ilustração 9:** Registos “O meu dia...”.

O esquema “o meu dia...”, ou “a minha rotina diária”, como o designaram, procurava produzir um conjunto de dados básicos sobre como é que as crianças passam e se sente com a organização do seu tempo.

Analisámos os sentimentos que invadem estas crianças, durante o seu dia, desde o acordar até ao adormecer. Cada criança falou sobre o seu desenho (a maioria desenhou e escreveu em círculo, demonstrando, provavelmente, que é algo que se repete). Como exemplo, transcrevemos o relato do investigador Jocabake, que mostrando aos colegas o seu desenho, explica

“que acorda bem além de ainda ter muito sonho, prepara-se e vem para a escola, gosta das aulas das nove horas às dez e vinte porque passam rápido, no intervalo sente-se mais ou menos, porque há pouco espaço no recreio para brincar e os professores ou as funcionárias estão sempre a vigiar. As aulas a seguir ao recreio, gosta mais ou menos pois acha que o intervalo deveria ser maior. Fica feliz quando toca a campainha para almoçar, pois antes e depois de comer ainda tem tempo para brincar um bocadinho. Não gostam das aulas à tarde e refere que preferia o horário anterior, que era das oito às treze horas, porque além de terem mais tempo para brincar não era tão chato. Depois das aulas vai para casa com a mãe, faz os trabalhos de casa, que são uma seca, e de seguida fica muito alegre porque só faz coisas que gosta muito, primeiro vai treinar BTT, seguidamente vem para casa ver televisão, janta, depois brinca com a irmã, vai para a cama, torna a ver televisão até adormecer. Revela ainda, como gostaria que fosse o seu dia, seria acordar ir treinar duas horas depois teria, igualmente, duas horas de aulas, de seguida ia para casa para estar com a família, treinaria mais um pouco, e por fim ia dormir.”<sup>40</sup>

Neste encontro também regressámos à análise dos relógios “O meu tempo...”, à procura do tempo livre e de brincar. A primeira ideia que as crianças investigadoras manifestaram foi que se encontram sempre ou quase sempre ocupados, como afirmam,

<sup>40</sup> Ver nota de campo VII., pág. 165.

*“Faço sempre alguma coisa”<sup>41</sup>, “Quando tenho tempo livre que é só à noite brinco, brinco com o meu irmão e faço outro tipo de coisas com a minha irmã ... ajudo-a fazer os trabalhos de casa e faço os meus.”<sup>42</sup>. Fomentando uma discussão sobre o que era tempo livre para eles, para o Jocabake é “quando não temos nada para fazer...”, a Deissy diz que tem tempo livre “depois dos deveres, tenho tempo para fazer alguma coisa...antes do jantar e antes de ir para a escola (manhã)...”, o Falcão concorda “de manhã antes de vir para a escola, depois de acabar e ir para o ATL e depois do jantar (...) De manhã vejo televisão, quando venho do ATL, vejo Morangos com Açúcar Escola de Talentos, e jogo computador.”*

Durante esta sessão, os trabalhos de casa, TPC, foram novamente mencionados, como algo desagradável de se realizar para a grande maioria das crianças.

No **oitavo encontro**, “Tempo para Brincar”<sup>43</sup>, começamos por estabelecer um diálogo sobre o que retirariam e acrescentariam ao seu tempo (depois de relembrar o que fizemos na sessão anterior), todos reduziram o tempo escolar “(..) tirava a escola e os deveres”<sup>44</sup> e aumentariam o tempo para brincar, “eu gostava de tirar a escola e punha playstation”<sup>45</sup>. As crianças justificam o desejo de ter mais tempo para brincar, com as seguintes expressões “porque é fixe!”, “Altamente!”, “faz bem à saúde”, e “é divertido”, “quase que nem brincamos!”, “é só no recreio e passa rápido”. Costumam brincar com os amigos, os irmãos e primos, e raramente com os pais, porque os adultos não sabem/quêrem brincar, “às vezes com a minha mãe”, “os meus pais têm de trabalhar, não têm tempo para brincar!”, “é verdade eles não têm tempo!”, ou “às vezes brincam, quando não estão chateados” ou então, “os meus não brincam porque não querem!”, “eles já são adultos!”. O tipo de brincadeiras frequente é as caçadinhas, as escondidinhas e a “luta”.

Na **nona sessão**<sup>46</sup>, pelo facto de nos encontros anteriores ter verificado que as estas crianças investigadoras sentem que o seu tempo é ocupado de acordo com as necessidades dos pais, falta de tempo para brincar livremente, que passam muito tempo na escola e pouco com a sua família, visualizámos sobre o filme “Direito ao Coração”. Este encontra-se subdividido em sete capítulos, no final de cada, as crianças

---

<sup>41</sup> Super Guerreiro

<sup>42</sup> Pauleta

<sup>43</sup> Ver nota de campo VIII, pág. 174.

<sup>44</sup> Jocabake

<sup>45</sup> Xavier 2

<sup>46</sup> Ver nota de campo IX, pág. 181.

investigadoras comentaram sobre o que viram, identificando-se bastantes vezes com as atitudes e sentimentos demonstrados nos bonecos do filme.

## Quadro 7

Comentários das crianças e subsequentes considerações relativamente aos Direitos das Crianças espelhados no filme “Direito ao Coração”.

Direitos das Crianças	Comentários das Crianças <sup>47</sup>	Considerações
Direito a aprender com a dignidade;	<i>“estar nas aulas a pensar noutras coisas e que as professoras chamam a atenção, porque às vezes tem sono ou está a pensar, muitas vezes no seu pai.”; “às vezes não lhes apetece estar na sala de aula apetece-lhes ir para o recreio brincar”; “havia de ser ao contrário, passar mais tempo no recreio e menos nas aulas”; as aulas dão dor de cabeça, que estudar muito cansa e apetece brincar”.</i>	Os problemas familiares, a satisfação das necessidades básicas, o dormir, a alimentação, a necessidade de brincar, de descansar interferem no processo de aprendizagem das crianças.
Direito a ser ouvida, a participar nas decisões que afectam a sua vida;	<i>“ninguém se importa com o que as crianças dizem porque ainda são pequenas”; “que para falar com o seu pai é preciso berrar”; “porque o pai está a ver televisão”; “se calhar os pais até queriam brincar mais com os filhos mas eles estão sempre ocupados com o trabalho e ao telefone, mas claro que as crianças ficam tristes”; “os adultos não gostam (nem sabem) de brincar com as crianças”.</i>	<b>É evidente que as crianças sentem que não são ouvidas. A vida super-preenchida dos adultos influencia na concretização do direito da criança em ser ouvida.</b>
Direito a distrações saudáveis;	<i>“não gosta de ver coisas tristes e que metam medo porque depois durante a noite só sonha e não consegue dormir”; “não gosta de ver sangue na televisão, filmes de terror, pessoas a morrer”; faz mal ver muita televisão”; “prefere brincar na rua com os amigos, jogar à bola”; “gosta de jogar PSP”.</i>	Os videojogos encontram-se efectivamente incorporados nas brincadeiras das crianças de hoje. Até que ponto serão distrações saudáveis?
Direito a uma alimentação suficiente;	<i>“”quando estamos com fome ou sono não conseguimos aprender”; “com calor também não se consegue aprender”; “quando está com fome fica chato”; “dá dor de cabeça”; “a barriga começa a roncar”.</i>	As crianças têm consciência que uma alimentação carente afecta a sua aprendizagem, a sua saúde e o seu bem-estar.
Direito a ser respeitada;	<i>“os grandes fazem aquilo(magoar) aos mais pequenos no recreio”; “às vezes andam todos à luta”; “há pouco espaço no recreio e acabam por levar quase todos, sem culpa, porque não gosta dessas brincadeiras estúpidas”; “há muitas respostas que não respeitam os adultos”; “as crianças não são respeitadas, porque ninguém faz o que elas querem, têm é que estudar”;</i>	As crianças vivenciam situações de desrespeito, entre pares e com adultos, consequência de não serem ouvidas e também elas respeitadas.
Direito a uma família	<i>“têm muita sorte em ter uma família e uma casa para viver”; “teve muita sorte porque ganhou uma família, para cuidar dela”: “para lhe dar amor”; “para lhe dar presentes”; “passar”; “deve ser muito triste não ter família”;</i>	Reconhecimento da importância da família na vida das crianças (no cuidar, no proteger, no amar, no presentear e no lazer).

Perante a análise do quadro anterior, será que todas as crianças têm os mesmos direitos ou melhor será que estes são verdadeiramente considerados e exequíveis?

<sup>47</sup> Ver nota de campo IX, pp. 181-185.

Pondero que nós os responsáveis pelas crianças deveríamos ver com atenção o pequeno filme “Direito ao Coração”, especialmente o capítulo II, referente ao direito da criança em ser ouvida e em participar nas decisões que afectam a sua vida, certamente que a vida das crianças melhoraria e consequentemente a dos adultos, pois bastantes problemas seriam resolvidos ou até mesmo evitados.

No final da visualização do filme as crianças investigadoras afirmaram que gostaram bastante e à questão qual era o tema geral do filme, responderam imediatamente que era sobre os Direitos das Crianças, o investigador 123 Gorila é o único que diz que fala sobre o tempo,

“ (...) argumentando que o primeiro capítulo era sobre o tempo em que nos apetece estar a brincar e que temos de estar nas aulas. A investigadora Luz profere aquele capítulo que diz que temos o direito a ser respeitados, que fala do tempo que passam no recreio, que é quase igual ao deles. O investigador Xavier 2 interrompe expressando que as crianças não são respeitadas porque nunca lhes fazem as suas vontades. O investigador Super Guerreiro pergunta porque será. O investigador Falcão responde porque senão era só brincar e assim não aprendíamos. A investigadora Luz exclama que são os adultos que têm de mandar. O investigador Xavier 2 contesta com Èh!Èh!!!”<sup>48</sup>

Mais uma vez manifestam a necessidade e a vontade que têm de brincar, a noção que são os adultos que mandam e que eles só têm que obedecer e aludem, indirectamente, também o problema com que se deparam no seu recreio (o gozar e o lutar uns com os outros, acusando sempre os mais fracos, aliado à falta de espaço).

Na **décima sessão**, “ O sonho de ser”<sup>49</sup>, conversámos sobre a relação da ocupação do nosso *Tempo* com os *Direitos* da criança, as crianças investigadoras revelam que não são ouvidas nem participam decisões da organização do seu dia, e expressam que desconheciam que tinham esse direito.

Também, falámos das profissões de sonho destas crianças. Os rapazes investigadores foram muito claros, a maioria sonha ser jogador de futebol porque “gosto de jogar à bola”<sup>50</sup>, “Porque assim fico rico!”<sup>51</sup>, “E não precisas de estudar!”<sup>52</sup>, as meninas investigadoras sonham com profissões das áreas artísticas, “Quero ser

---

<sup>48</sup> Ver nota de campo IX, pág. 181.

<sup>49</sup> Ver nota de campo X, pág. 185.

<sup>50</sup> Xavier 2

<sup>51</sup> 123 Gorila

<sup>52</sup> Xavier 2



actriz porque gosto de representar”<sup>53</sup> “Quero ser veterinária porque gosto muito de animais! Ou cantora, também gosto muito de cantar!”<sup>54</sup> acham a escola podia contribuir para a possível realização das suas profissões de sonho ao “deixar jogar mais bola!”<sup>55</sup>, “ensinar a falar muitas línguas!”, “ter aulas de canto”<sup>56</sup>, “e de representação”<sup>57</sup>. Realmente, ambicionam profissões que além de «parecerem estar na moda», requerem na sua perspectiva pouca escolarização (mostrando, de certo modo, algum desprazer em frequentar a escola) e de poderem ganhar bastante dinheiro (expressando o seu desejo de mudar a sua realidade, de viver futuramente sem dificuldades económicas).

Na **décima primeira sessão**<sup>58</sup>, “O tempo das AEC’s e o tempo dos ATL’s.”. Este encontro foi um dos mais caricatos de todos, e que por incrível resultou numa abordagem natural sobre o tempo das AEC’s, iniciando-se a conversa com a afirmação do Xavier 2, “*Que barulho portam-se mesmo mal nas AEC’s...*”. As crianças investigadoras que frequentam as AEC’s, referem que até os colegas que têm um bom comportamento na sala de aula nestas actividades isso não acontece “*eu gosto de tudo...mas os outros meninos fazem muito barulho ... sabe até a Raquel e o Rocha se portam mal no inglês e na música ... só gritam... e por isso às vezes não fazemos as actividades ... e os professores zangam-se e ficam tristes com nós...*”<sup>59</sup>. O Xavier 2 afirma que andar nas AEC’s “*é uma seca*” e que só gosta de educação física, a Sophie diz que gosta mais de inglês e menos de música, a Luz concorda dizendo que o inglês é o mais importante. Relativamente às crianças investigadoras que não frequentam as AEC’s, o Super Guerreiro tristemente confessa “*Eu gostava de andar...mas não ando...tudo por causa do meu irmão...*”, o Falcão declara que “*Eu não ando... mas só gostava de andar no inglês*”, e o Jocabake “*Eu não ando...nem queria andar...assim eu vou para casa com a minha mãe e ando de bike.*”.

À questão “Se pudessem decidir como seriam as AEC’s?”, surge o seguinte diálogo, que efectivamente, merece ser considerado (mostrando mais uma vez, que as

---

<sup>53</sup> Luz

<sup>54</sup> Sophie

<sup>55</sup> Xavier2

<sup>56</sup> Sophie

<sup>57</sup> Luz.

<sup>58</sup> Ver nota de campo XI, pág. 189.

<sup>59</sup> Deissy

crianças são seres com competências cognitivas, capazes de ajudar a resolver os problemas sociais em que estão implicadas),

“Sophie: *se fosse noutro espaço...*  
Deissy: *Poderíamos aprender a cozinhar...fazer penteados...*  
Sophie: *a dançar...*  
Luz: *Fazer teatro...*  
Sophie: *era ter muita coisa e nós escolhíamos o que queríamos fazer...*  
Pauleta: *isso é que era fixe! Altamente!*  
Xavier 2: *Era só jogar à bola...*  
Xavier 1: *Assim eu também queria andar...*  
Jocabake: *Quem é que não queria!*  
Luz: *Eu não...*  
Xavier 2: *porque és totó ... és menina...*  
Xavier 1: *A Élia gosta de jogar à bola...*”

Conversámos também sobre o tempo que passam no ATL, verificando que quase todas as crianças frequentam esta instituição, ou imediatamente após as aulas terminarem ou posteriormente às AEC's, verificámos que no ATL brincam, além de não terem, também, muito espaço, e fazem geralmente os TPC e/ou estudam, manifestando que não gostam muito de estar lá, que preferiam estar com o pai ou com mãe.

Na **décima segunda sessão**<sup>60</sup>, começámos por relembrar sobre o que estivemos a conversar no encontro anterior, acrescento a pergunta se fosse eles a decidir, o que fariam no tempo em que decorrem as AEC's,

“O Xavier 1, diz que podiam ir todos para o ATL, para onde ele vai, que assim brincariam todos. O Xavier 2 ri e diz que seria altamente. A Sophie diz que se os pais tivessem em casa, podiam ir para casa. Deissy completa afirmando que assim estaria mais tempo com irmã bebé. Pauleta diz que nesse tempo brincaria ou jogaria PSP. Super Guerreiro diz que deveríamos fazer o que quiséssemos. O Falcão diz que se fosse assim não iria para o ATL iria para casa, estaria com a mãe e jogaria playstation. O Jocabake diz que já vai para casa se fosse a decidir ia na mesma, porque assim pode andar de bike.”<sup>61</sup>

Repetidamente, expressam a vontade de brincar, de estar com a família e o seu gosto pelos videojogos.

Analisámos também, os momentos em que brincam durante o seu dia semanal, visto que nas descrições dos seus dias, realizadas nas sessões anteriores, era quase inexistente a referência ao tempo de brincar, para tal cada criança anotou no seu caderno de investigação, os momentos do dia em que brincava, onde e com quem.<sup>62</sup>

Verificámos que gostariam de brincar mais com os amigos e com os pais.

---

<sup>60</sup> Ver nota de campo XII, pág. 192.

<sup>61</sup> Ver nota de campo XII., pág. 195.

<sup>62</sup> Consultar anexo H, pág. 258.

Posteriormente, as crianças sugerem questões para a elaboração do questionário para outras crianças preencherem. As questões formuladas pelas crianças provaram que compreenderam o rumo para o qual a nossa investigação se direccionou.

No final desta sessão, a Sophie propõe que se realizem entrevistas directamente as crianças, na escola, no ATL e na rua e o Jocabake sugere que se crie um blogue, para falar com as outras crianças de outras cidades e de outras aldeias sobre como ocupam o seu tempo.

Na **décima terceira sessão**<sup>63</sup>, experimentámos os questionários para verificar se estava de fácil compreensão e preenchimento. Tendo em consideração as sugestões das crianças investigadoras e a orientação da professora Dra. Rosinha Madeira, em colocar mais círculos para desenhar, modificámos a estrutura e organização do questionário.

Na **décima quarta sessão**<sup>64</sup>, preparámos a entrega dos questionários em que todos manifestaram vontade em participar na sua entrega (distribuí-los, explicá-los, tirar fotografias etc.).

Na **décima quinta sessão**<sup>65</sup>, entregámos os questionários às crianças de uma turma do 2.º, 4.º e 3.º anos de escolaridade, do mesmo contexto escolar. Foram recebidos no total trinta questionários, catorze do 4.º ano, três do 3.º ano, e treze do 2.º ano de escolaridade (mais sete os questionários preenchidos pelas crianças investigadoras).

Na **décima sexta sessão**<sup>66</sup>, discutimos, analisámos e reflectimos sobre as respostas dos trinta e sete questionários. Consequentemente, elaborámos conjuntamente uma conclusão para cada grupo do questionário, e como os protagonistas desta investigação social são as crianças participantes e por uma questão de ética, apresento fielmente essas conclusões, transcrevendo-as na íntegra.

**Questionário “O meu tempo”**, tinha como objectivo possibilitar o acesso ao conhecimentos e opiniões sobre o uso do seu tempo de outras crianças (com nível etário diferente). Através da **análise do conteúdo** dos questionários e em comparação com toda a nossa investigação revelamos assim, as concepções do tempo das crianças e da sua experiência social no uso do seu tempo.

---

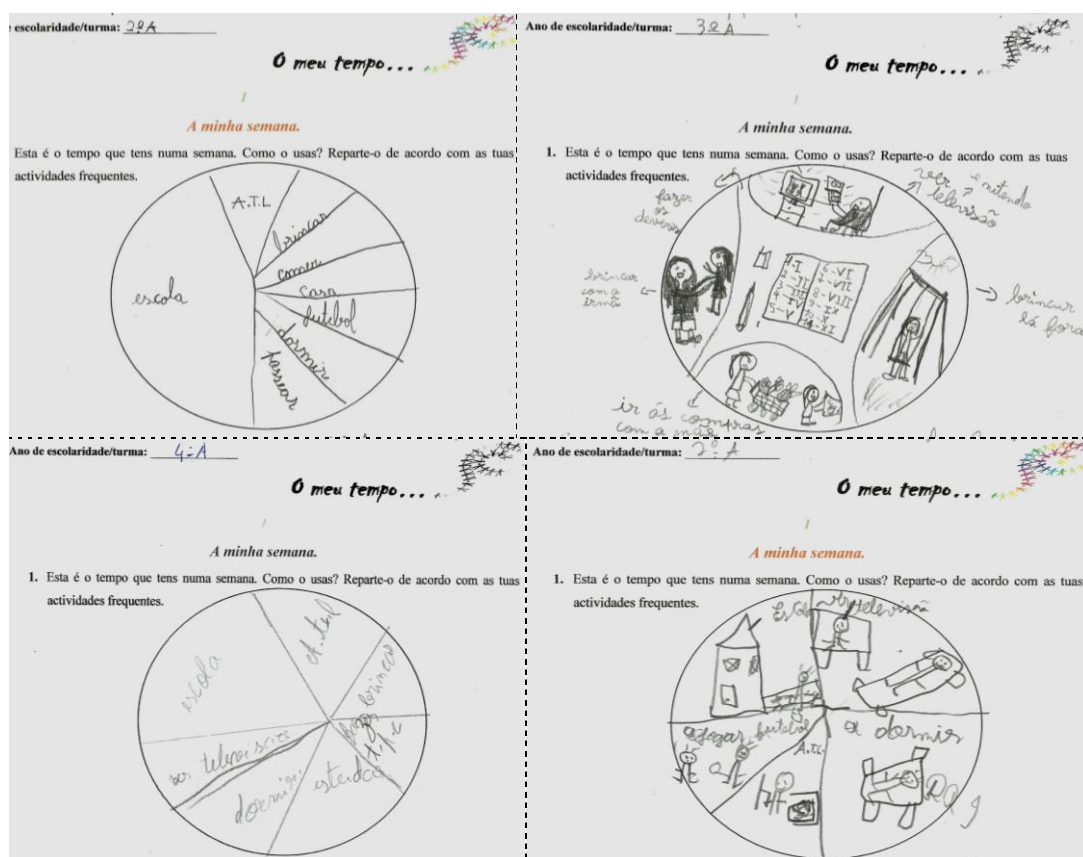
<sup>63</sup> Ver nota de campo XIII., pág. 195.

<sup>64</sup> Ver nota de campo XIV, pág. 196.

<sup>65</sup> Ver nota de campo XV, pág. 197.

<sup>66</sup> Ver nota de campo XVI., pág. 198.

O **grupo I** do questionário era constituído pelo esquema “**A minha semana**” que foi estruturado e utilizado na investigação, para produzir um conjunto de dados básicos sobre como é que as crianças ocupam o tempo, ou seja, este esquema teve como objectivo facilitar o pensamento das crianças sobre como passavam o seu tempo durante uma semana. Solicitava-se às crianças que imaginassem que aquele círculo vazio representava o tempo da sua semana, que o repartissem de acordo com as suas actividades habituais. Posteriormente, foi-lhes dito que poderiam fazer exactamente o que quisessem, com o círculo, para representar esse tempo.



**Ilustração 10:** Registos do grupo I, “A minha semana”.<sup>67</sup>

Como se pode verificar, pelos registos anteriores, a recolha de dados resultantes foi extremamente variada: incluía esquemas com ilustrações pictóricas, esquemas divididos com linhas torcidas, esquemas com muitas divisões, esquemas com poucas divisões etc.

<sup>67</sup> Consultar anexo H, pp. 258-263.

Na sua maioria, as crianças associaram imediatamente o círculo ao conceito matemático familiar do esquema da tarte, que tinham estudado nas aulas de matemáticas (por exemplo para explicar a noção de décima). Neste sentido, esta actividade particular de desenho realçou a semelhança da experiência entre estas crianças: solucionando um problema ao trabalharem com este tipo de esquema.

Sugerimos ser significativo, algumas crianças terem escolhido completar o esquema, usando desenhos em vez de palavras. Provavelmente, porque escrever é considerada uma actividade escolar, normal e rotineira e porque um desenho de uma criança, contrariamente a escrever, é menos capaz de ser criticado ou julgado pelos outros (incluindo as crianças).

Após reflectirmos sobre a forma como os tinham produzidos, discutimos o conteúdo dos esquemas no seio do grupo. Abrangendo semelhanças e diferenças de uso do tempo de crianças, baseando-nos nas próprias competências e capacidades das crianças que com papel e caneta expressaram as suas susceptibilidades, capacidades pessoais e variadas experiências sociais. Para tal, começámos por comentar o cabeçalho onde as crianças se identificaram, com um nome imaginário (provocou entusiasmo em todas as crianças, a maioria colocou o nome dos ídolos, no caso dos rapazes nomes de jogadores de futebol), apercebemo-nos neste processo que as crianças que responderam ao questionário, têm entre 7 a 10 anos, sendo obviamente alunos da mesma escola e vivem em famílias com uma constituição diferente, verificando-se que a maioria vive em famílias compostas, (doze crianças são filhos únicos, vivem só com os pais, nove delas têm irmãos, a grande parte só um,), cinco delas vivem só com a mãe (famílias monoparentais), uma minoria vive em famílias recompostas.

Por exemplo a maioria das crianças, não mencionou nos seus esquemas as actividades de higiene diária (lavar-se, ir ao quarto de banho, pentear o cabelo etc...). Também a maior parte não incluiu o dormir e o comer nos seus esquemas. O facto de tais actividades serem excluídas na maior parte dos esquemas das crianças, fomentou um diálogo/ reflexão entre nós, demonstrando que a própria consciência das crianças investigadoras do uso tempo foi despertada no decorrer das sessões anteriores.

Referente, ao grupo I, além do mencionado anteriormente, concluímos que,

*“ (...) as actividades mais frequentes, praticadas durante a semana pelas crianças questionadas são, estar na escola, em casa, no ATL, brincar, fazer os trabalhos de casa, estudar, ler, ver televisão, AEC's, (as refeições diárias, dormir e passear, foram expostas poucas vezes).*

*A “actividade” em que gastam mais tempo é a escola e a que gastam menos é o brincar. O que mais gostam de fazer é brincar porque é divertido e o que menos gostam de fazer são os trabalho de*

casa, estudar e estar na escola. Gostariam de ter mais tempo para brincar, dormir, estar com os meus pais, jogar PSP, ver televisão, cantar e rir. Afinal os dias das outras crianças são quase iguais aos seus.<sup>68</sup>

Relativamente, ao grupo II “O meu dia...”, apresentado do seguinte modo:

II- O meu dia...						
Momentos...	Horas	O que fazes?	Onde?	Com quem?	Gosto +	Gosto -
Levantar	7h	ver televisão	na sala	com ninguém	X	
Ida para a escola	8h:30m	vestir-me	no quarto	com ninguém	X	
Antes de chegar à escola		brincar	no carro	com ninguém	X	
Chegada à escola		dou um cumprimento ao portão	na rua	com ninguém	X	
Aulas	9h	trabalhar	na sala	com ninguém	X	
Recreio	10h30min.	brincar	nas esquadras	com ninguém	X	
Aulas	11h	trabalhar	na sala	com ninguém	X	
Almoço	12h	comer	na refectório	com ninguém	X	
Depois de almoço		brincar	no recreio	com os meus amigos	X	
Aulas	13h30min às 15h30min.	trabalhar	na sala	com ninguém	X	
Depois das aulas...						
AEC's	Das 16h às 17h30min.	o que as professoras me mandarem	nas salas	com os meus amigos	X	
ATL	17h:30m	trabalhar de casa	na mesa	com ninguém	X	
Antes de chegar a casa...						
Na ida para casa	19h:00	brincar	na rua	com amigos	X	
Chegada a casa	19h:30m	brincar	no quarto	com ninguém	X	
Depois do jantar	20:30	de campo	na sala	com os pais	X	
Jantar	20h	jantar	na sala	com os pais	X	
Deitar	22h:30m	dormir	no quarto sozinho		X	

1. Quem decide o que fazes durante o dia? Os professores.

1.1. Existem momentos em que és tu a decidir o que fazes? Sim X Não \_\_\_

1.1.1. Se sim, quando? Não sei.

1.1.2. Se não, porquê?

2. Conversas com alguém sobre como correu o teu dia? Sim X Não \_\_\_

2.1. Se sim, a quem? Com os meus pais.

2.2. Se não, porquê?

**Ilustração 11:** Registo do grupo II, “O meu dia...” do questionário.

Verificámos que a maioria das crianças, levanta-se entre as seis e oito horas da manhã. Pensámos que às seis horas é muito cedo para se levantarem, e que isto acontece devido ao emprego dos pais. Concluímos também que as crianças para vir para a escola utilizam transportes públicos tais como metro, autocarro e comboio ou carro e outras

<sup>68</sup> Ver nota de campo XVI, pág. 198.

fazem o percurso casa-escola a pé. Apurámos ainda que, grande parte das crianças, antes de ir para a escola, vão para o ATL, onde brincam ou vêm televisão.

Na chegada à escola, as crianças brincam no passeio (entre a escola e a estrada) com os colegas (sob a vigilância dos pais, dos responsáveis dos ATL's que frequentam e alguns sem vigilância visto que vêm para a escola sozinhos), até a escola abrir, já que esta abre somente às nove horas.

Posteriormente, reproduzimos outras conclusões a que chegámos, com a análise<sup>69</sup> do grupo II,

*“ Das nove às dez e vinte horas, as crianças têm aulas, nestas estudam e aprendem, depois lancham e vão para o recreio, onde brincam com os amigos. Das onze às doze horas, têm novamente aulas. Ao meio dia, vão almoçar ao ATL. Uma minoria das crianças questionadas refere que almoça com elementos da sua família. **Depois de almoço** aproveitam para brincar um pouco.*

*Da uma hora e trinta minutos até às quinze horas e trinta minutos têm novamente aulas, onde aprendem e estudam.”*

*“Relativamente às **AEC's**, verificamos que a maioria das crianças das turmas do 3.º e 4.º anos frequenta as AEC's, contrariamente às do 2.º ano que só duas crianças dizem participar nessas Actividades. Reparamos ainda que as crianças que frequentam as AEC's, dizem que, durante o seu decorrer, aprendem, estudam e fazem o que os professores ordenam.*

*Pelas respostas comunicadas, é notório que na sua generalidade, as crianças frequentam o ATL, quase todas almoçam no ATL, e a maioria delas, ou depois das aulas (15h30min.) ou das 17h30min. (seguidamente às AEC's) vai ou regressa ao ATL, até que algum familiar (pai, mãe, avós irmãos etc.) as possam ir buscar. ”*

*Podemos também concluir, que as crianças no ATL brincam, estudam e fazem os trabalhos de casa.*

*No item “**Na ida para casa**”, apuramos que tal como na ida para a escola, as crianças utilizam transportes públicos (metro, comboio, autocarro), carro e outras vão a pé, geralmente acompanhadas por familiares.*

*Quanto à “**Chegada a casa**”, averiguamos que a maioria das crianças regressa a casa entre as 18h30min. e as 19h30min, faz os trabalhos de casa ou estuda, brinca e vê televisão.”*

*Conferimos ainda que a hora do **jantar** destas crianças é normalmente entre as 20h e 21h.*

***Depois do jantar**, algumas crianças tomam banho e preparam-se para se deitar, outras brincam um pouco ou vêem televisão ou/e jogam computador e/ou PSP.*

*A maior parte destas crianças **deita-se** entre as 21h30min. e as 22h30min.*

*Pelo estudo da questão “**Quem decide o que fazes durante o dia**”, concluímos que são os pais e as professoras.*

---

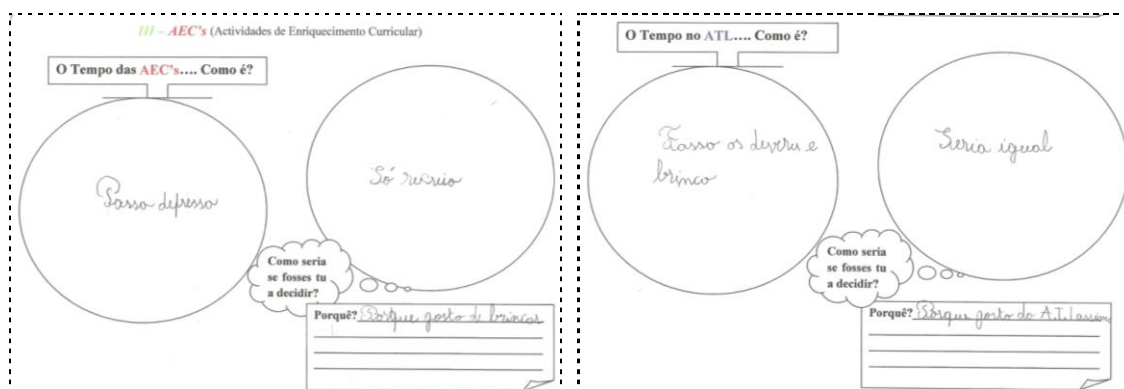
<sup>69</sup> Ver nota de campo XVI, pp.198-216.

“Em relação à pergunta colocada, **“Existem momentos em que és tu a decidir?”**, uma parte considerável das crianças disse que não, alegando que ainda são muito pequenas ou então os pais não as deixam. Todavia, a maioria dos questionados profere que sim, que decide nos momentos em que se encontra a brincar ou em ocasiões especiais (no aniversário, ao fim-de-semana, nos passeios, na praia) ou ainda quando os pais estão bem-dispostos.

Quanto à questão seguinte, **“Conversas com alguém sobre o teu dia?”**, algumas das crianças indicam que não, justificando com os seguintes factos, ninguém lhes pergunta, não lhes apetece, não gostam e porque têm vergonha. Uma parte significativa das crianças diz que conversa com os pais principalmente com a mãe, referem também outros familiares (por exemplo: avós e irmãos) e os amigos.”.

Numa análise mais profunda das questões indicadas anteriormente, podemos afirmar que o direito à participação das crianças nas decisões que lhes afectam, como por exemplo, a participação no agendamento do seu dia, não é considerado pelos adultos responsáveis pelas mesmas, talvez devido à concepção que detêm do que é ser criança (são muito pequenas, não têm competências para tal, etc.), pelo entendimento que possuem do papel do que é ser pai ou mãe (podem pensar que são eles unicamente que têm de mandar e os filhos obedecer passivamente), ou até pelo desconhecimento desse direito.

Em relação ao **grupo III, “O Tempo das AEC’s e o Tempo no ATL”**, exposto da forma seguinte.



**Ilustração 12:** Registo do grupo III, “O Tempo das AEC’s e o Tempo do ATL”.

Verificamos que algumas das crianças não frequentam as AEC’s,<sup>70</sup>

“No local onde se pergunta **Como são...** as AEC’s, observamos que a maioria dividiu o círculo em quatro partes, Ginástica, Inglês, Música e Apoio ao Estudo. Relativamente à questão, **“Como serias se fosses tu a decidir?”**, concluímos que se fossem estas crianças a decidir, tal como nós, as AEC’s seriam mais divertidas, seria brincar, jogar futebol e outros tipos de jogos, ter mais tempo de ginástica, e teriam




<sup>70</sup> Ver nota de campo XVI., pp. 198-216.



espaços melhores. Ainda no grupo III, comparativamente ao ATL, de **Como é**, averiguamos que é o local em que grande parte das crianças faz os trabalhos de casa, em que metade do tempo que aí passam brincam e a outra metade estudam.

Analisamos que se fossem estas **crianças a decidir**, no ATL haveria mais tempo para brincar e mesmo para algumas delas não haveria simplesmente.

Ao analisarmos o grupo IV, “Os TPC”, estruturado do seguinte modo,

IV – Os TPC (os trabalhos para casa/deveres escolares)					
Que tipo de tarefas (trabalhos) levavas para fazer em casa?	A que horas? 	Onde?	Com quem?	Gosto 	Gosto 
De matemática, Língua portuguesa, Estudo do meio	18 h às 20 h	A.T.L e casa	funcionária do A.T.L e pai	X	

**Ilustração 13:** Registo do grupo IV “Os TPC”.

“Concluímos que os tipos de TPC’s habituais destas crianças são, as contas, tabuadas e as composições, e que os fazem em casa ou no ATL, com os pais ou com as professoras/funcionárias do ATL ou sozinhos, a hora de realizarem os TPC’s decorre num período que vai das 16h às 20h, dependendo da hora que vão para o ATL e da hora que regressam a casa.”

**V- Fim-de-semana**

**1. O que fazes ao fim-de-semana?**

*Vo passava as aulas de Inglês ao Sábado de manhã.*

*Do resto do fim de semana jogo PSP, computador, brinco com amigos, ando de bicicleta, vou almoçar fora...*

**Ilustração 14:** Registo do grupo V, “Fim-de-semana”

“Comparativamente, no grupo V, “Fim-de-semana”, concluímos que estas crianças passam o fim-de-semana de forma muito parecida, brincam, jogam computador, PSP, vêem televisão e fazem os trabalhos de casa.”

Em relação ao grupo VI, “**Tempo para brincar**”, em concordância com as respostas dadas, nos esquemas seguintes,

VI – Tempo para brincar...					
Como brincas? (Tipo de brincadeiras)	Quando e a que horas? 	Onde?	Com quem?	Gosto + 	Gosto - 
fogo-futebol	nos intervalos	no recreio	com amigos	X	
cassadinhas	nos intervalos	no recreio	com amigos	X	

**Ilustração 15:** Grupo VI, “Tempo para brincar...” (1.ª parte).

“Apuramos que as brincadeiras frequentes destas crianças são as escondidinhas, as cacadinhas/apanhadinha, jogar à bola. Praticam-nas no recreio, no ATL e alguns quando regressam a casa, na rua, e normalmente brincam com amigos ou sozinhos.”

1. Se fosses <b>TU</b> a decidir darias mais tempo para brincar? <u>Sim</u>
1.1. Justifica a tua resposta. <u>Porque gosto muito de brincar.</u>
2. Se fosses <b>PAI</b> ou <b>MÃE</b> darias mais tempo para brincar ao teu filho? <u>Sim</u>
2.1. Justifica a tua resposta. <u>Porque sabia que ele gostava.</u>
3. Se fosses <b>PROFESSOR (A)</b> darias mais tempo para brincar aos teus alunos? <u>Não</u>
3.1. Justifica a tua resposta. <u>Porque eles tinham de estudar.</u>

**Ilustração 16:** Grupo VI, “Tempo para brincar...” (2.ª parte).

“Verificamos que algumas das crianças, **se fossem elas a decidir**, não dariam mais tempo para brincar, declarando que se habituariam e têm de estudar, e que se cansariam. Todavia, aferimos que a maioria das crianças daria mais tempo para brincar, porque gostam e é divertido, acham que têm pouco tempo para o fazer, porque passam muito tempo nas aulas e têm muitos trabalhos.”

“Averiguamos que uma parte considerável das crianças, **se fossem pai ou mãe** não daria mais tempo para brincarem alegando que ele (o seu filho) teria de estudar, e de fazer os trabalhos de casa, para não o aturar, e para não se habituar. Porém a maioria, continuaria, se fosse pai ou mãe, a dar mais tempo para brincar, justificando que têm pouco tempo para brincar e que precisam de brincar, de se divertir, e faz bem, para ser feliz, porque gostam do filho. “

“Quanto à pergunta, *se fosses professor darias mais tempo para brincar aos teus alunos*, verificamos que as respostas negativas, ou seja, que se elas (as crianças) fossem professor (a), não dariam mais tempo para brincar aos seus alunos, aumentaram significativamente, justificando-as que a escola é para aprender e trabalhar e o mais importante é estudar. Algumas das crianças, se fossem professor (a), dariam mais tempo para brincar alegando que se estiverem sempre a estudar cansa a cabeça, e faz bem e há pouco tempo para brincar, porque ao brincar também se aprende. Também, apuramos que há crianças que davam mais tempo para brincar mas só se os seus alunos se portassem bem e acabassem as actividades propostas.

No que concerne ao **grupo VII, “O percurso escolar e o futuro”**, em particular, à questão, **“Que profissão queres ter quando fores adulto e porquê?”**, concluímos com a análise das respostas obtidas, *que a maioria dos rapazes querem ser jogadores de futebol porque gostam de jogar à bola, podem ganhar muito dinheiro e não precisam de estudar. Quanto às raparigas, a maioria sonha enveredar pelas áreas artísticas indicando profissões tais como, atrizes, cantoras, modelos, porque gostam de cantar, de representar e de ficar bonitas.*<sup>71</sup>

**VI – O percurso escolar e o futuro**

1. Que profissão queres ter quando fores adulto? Quando for adulto quero ser cantor

1.1. Porquê? Porque gosto de cantar.

---

2. Achas que precisavas de mais tempo para preparar o teu futuro? Porquê?

Sim. Porque quanto mais preparado estiver, melhor será o futuro.

2.1. Se sim, o que farias nesse tempo? Estudava e preparava-me melhor

---

Local e Data em que ocorreu o inquérito:

Porto, 17 de junho de 2010

Observações:

---



Obrigada pela tua colaboração!

**Ilustração 17:** Registo do grupo VI, “O percurso escolar e o futuro”.

<sup>71</sup> Ver nota de campo XVI, pp. 198-216.

Quanto à segunda questão do grupo VI, *“analisamos que grande parte dos inquiridos não compreenderam muito bem o que se perguntava, ou então não tinham ainda uma resposta formada. Porém, a maioria respondeu que sim alegando que é preciso treinar para se ser um bom futebolista, para ser o melhor, para se preparar, para aprender mais línguas.”*

Nesta sessão ainda sintetizámos as conclusões a que chegámos, com todo o processo investigativo realizado, que gostaríamos que ficassem registadas e que servissem de reflexão para uma possível e esperada mudança.<sup>72</sup>

*“- O uso do tempo das crianças depende do tempo dos adultos;*

*- A actividade em que as crianças gastam mais tempo é a escola (actividades educativas);*

*- As actividades em que gastam menos tempo são brincar e estar com a família;*

*- As actividades que mais gostam são brincar, estar com os pais, jogar PSP, jogar futebol;*

*- Gostariam de ter mais tempo para brincar e estar com a família.*

*- Quem decide o que as crianças fazem são os pais e os professores (da escola e ATL);*

*- As crianças conversam, às vezes, sobre o seu dia, com os pais (mais com a mãe) mas dizem que os adultos estão distraídos quando falam com eles. E outras dizem que os pais não têm tempo para as ouvir porque trabalham muito.*

*- As crianças pensam que as AEC's deveriam ser mais divertidas e desenvolvidas noutro espaço.*

*- A AEC que mais gostam é Educação Físico-Motora; Se fossem elas a decidirem, esta AEC ocupava mais tempo.*

*- A maioria das crianças frequenta o ATL, onde realizam os trabalhos de casa (TPC);*

*- As crianças não têm tempo para brincar...*

*- Não são ouvidas...e não participam na realização do agendamento do seu dia...*

*- As crianças sonham profissões como jogador de futebol, cabeleireira, cantores, camionistas, artistas da Televisão, porque são profissões divertidas e não precisam de estudar muito....”*

No final deste encontro, decidimos que queríamos apresentar à comunidade educativa a nossa investigação, a fim de divulgar as nossas descobertas e provar que as crianças podem e devem desempenhar o papel de investigadoras, contribuindo efectivamente para a compreensão de diversos problemas sociais principalmente, naqueles em que elas estão implicadas.

Como se pode verificar, este processo demonstrou às crianças que podem efectivamente participar de forma activa na realização, interpretação e reflexão de uma investigação, conquistando novas perspectivas sobre as suas experiências e práticas sociais e sobre as dos outros.

---

<sup>72</sup> Ver nota de campo XVI, pp. 198-216.

O recurso à fotografia, ao vídeo, ao registo em papel, utilizados de forma a entusiasmar e interessar as crianças, permitiram avaliar até que ponto o grupo das Crianças investigadoras partilha uma determinada atitude e opinião, (que foi escutada num comentário casual).

A espécie de triangulação metodológica efectuada, na investigação-acção social com crianças favoreceu o relacionamento com as crianças, estas tiveram comportamentos muito diferentes do que tinham habitualmente em contexto sala-de-aula, o que pode ser visto como a escolha delas tratarem o espaço e o tempo estruturados para a investigação como o próprio tempo das crianças, permitindo-lhes fazer as coisas da forma que queriam, o que se opunha ao “tempo escolar” onde teriam de fazer o que era esperado delas.

Estas “ferramentas” metodológicas permitiram às crianças investigadoras participar no processo investigativo, facilitaram, mediaram e enriqueceram a comunicação entre mim e elas, permitiram a concretização da noção abstracta de “tempo”, concederam às crianças a oportunidade de fazer comentários sobre o processo da sua produção e permitiram às crianças oferecerem-nos a sua própria perspectiva subjectiva do uso do tempo na sua vida diária. Provaram que as crianças, quando participam numa investigação, conseguem ser actores sociais, activos, interpretativos e competentes.

#### 4. 4.<sup>a</sup> Etapa - As crianças como agentes da avaliação do percurso da investigação

##### 4.<sup>a</sup> Etapa

Momentos	Actividades	Recursos
1. <sup>o</sup> momento	Avaliação do desenvolvimento do projecto;	- Mega cartazes (papel de cenário); - Cartões.
2. <sup>o</sup> momento	Preparação para o debate “O tempo das crianças silêncios vividos e ruídos sentidos.	

##### 4.1 Primeira devolução efectiva da informação às crianças

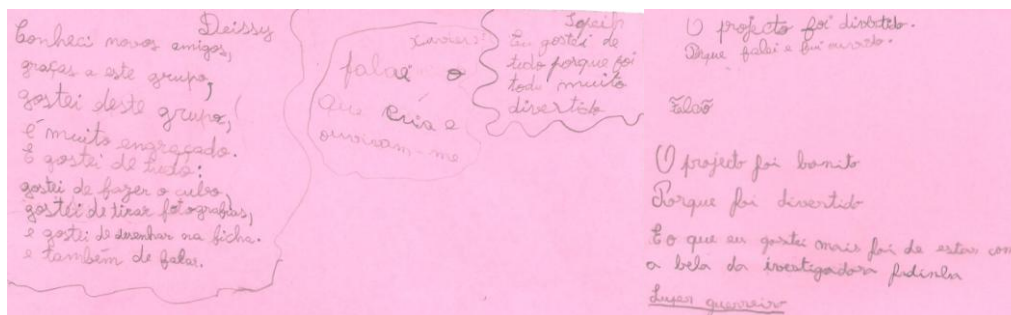
Para além, da constante pergunta, no início de cada sessão, “Lembram-se do que fizemos na sessão anterior?”, conduzindo à realização do «ponto de situação» em que se encontrava a nossa investigação, uma forma de devolver a informação às crianças, e também de eu avaliar o meu papel de investigadora, e a compreensão das crianças perante o processo investigativo, na **décima sétima sessão**, concretizou-se a devolução efectiva de toda a informação gerada no decorrer dos encontros, tratando-se de três mega cartazes com fotografias, com a identificação do local de investigação (laboratório de Investigação), dos actores e a data de todas sessões realizadas anteriormente (nas primeiras doze sessões). Após relembrámos cada sessão, através de uma breve conversa, as crianças que se encontravam divididas em grupos de cerca de três crianças junto dos cartazes, decoraram-nos e escreveram o que desejaram sobre as sessões que quiseram.



Ilustração 18: Cartazes referentes à síntese das sessões.

## 4.2 Reflexão e avaliação do processo investigativo

Posteriormente, a este recordar, encontrando-nos todos em grande roda, à volta dos cartazes preenchidos por eles, fizemos uma pequena reflexão do que foi anotado e avaliamos todo o percurso da nossa investigação, curiosa, surpreendente e fundamentalmente as suas opiniões recaíram sobre o direito que lhe foi garantido, o de exprimirem livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitam, e naturalmente a oportunidade de serem ouvidas, por exemplo “ (...) gostei deste grupo, é muito engraçado, gostei de tudo... de fazer o cubo... de tirar fotografias de desenhar e também de falar”<sup>73</sup>, “ Falei o que queria e ouviram-me.”<sup>74</sup>. As crianças participantes sentiram efectivamente, que os seus pareceres foram tomados em consideração, expressos e recebidos sob a forma de diversos meios, oral, escrita, impressa ou artística, entre outros (em concordância com a sua idade e maturidade).



**Ilustração 19:** Registo das opiniões das crianças investigadoras sobre o presente projecto.

Seguidamente, iniciámos uma conversa onde negociámos o que colocaríamos no PowerPoint da nossa apresentação à comunidade educativa (realizada no dia 19 de Julho de 2010), além de acordarmos de pôr uma síntese de cada sessão e as das nossas principais conclusões apontadas na sessão anterior, as crianças, em particular, manifestaram o desejo de serem apresentados como investigadores, demonstrando novamente que «vestiram» autêntica, digna e envaidecidamente o papel de investigadores sociais.

<sup>73</sup> Deissy

<sup>74</sup> Xavier 2

## 5. 5.ª Etapa – Devolução da informação final à Comunidade Educativa como forma de Intervenção Comunitária.

### 5.ª Etapa

Momentos	Actividades	Recursos
1.º momento	Apresentação do projecto de investigação.	Apresentação em PowerPoint. <sup>75</sup> Crianças/ Professores/ Pais/ Auxiliares da Acção
2.º momento	Debate “O Tempo das Crianças...Silêncios vividos e ruídos sentidos”	Educativa/Responsável do ATL.

No dia dezanove de Julho de 2010, na **décima oitavo sessão**<sup>76</sup>, efectuou-se a apresentação do presente projecto, realizada pelas crianças investigadoras - actores sociais participantes e principais (com a ajuda de uma apresentação em PowerPoint<sup>77</sup>), à Comunidade Educativa, numa sala da EB Carlos Alberto, devidamente preparada encontravam-se aproximadamente trinta e cinco pessoas distribuídas por grupos (entre Pais/Encarregados de Educação/Professores da EB Carlos Alberto e EB Bandeirinha /Assistentes Operacionais da Acção Educativa/Responsáveis pelo ATL/Direcção/Coordenação do Agrupamento de Escolas de Miragaia/ Professora Doutora Rosa Madeira, minha orientadora/ e outras Crianças). Para além, de um pouco de nervosismo envolvido com alguma timidez e bastante entusiasmado, as crianças mostraram que a investigação foi realizada com a sua total implicação, afirmando que é possível e que são capazes de o fazerem, estando verdadeiramente de parabéns pela sua atitude e sobretudo porque foram realmente crianças.

Como referem Soares, Sarmento e Tomás (2007) “é possível mobilizar e implicar efectivamente as crianças em processos de participação nos assuntos que lhes dizem respeito, considerando-as como actores sociais com competências para desenvolver acções sociais dotadas de sentido, nas distintas interacções que vão estabelecendo com os outros indivíduos, sejam eles adultos ou crianças”.

Após a apresentação, realizou-se o debate intitulado “*O Tempo das Crianças...silêncios vividos...ruídos sentidos*”, que esmiuçaremos seguidamente.

<sup>75</sup> Consultar Anexo F, pág.249.

<sup>76</sup> Ver de campo XVIII, pág. 219.

<sup>77</sup> Consultar Anexo F, pág. 249.



No desfecho deste debate, todos os participantes manifestaram a sua opinião sobre o trabalho desenvolvido, sendo unânime no que respeita à pertinência/importância do tema, à sua actualidade e autenticidade, sendo igualmente notória a surpresa/satisfação/entusiasmo deste ser verdadeiramente uma investigação **com** crianças e não **sobre** crianças, um projecto em que as crianças tiveram Vez e Voz.

### **5.1 Debate como tentativa de acção/intervenção comunitária e social**

*“Muita magia e muita sorte têm as crianças que conseguem ser crianças.”*

Eduardo Galeano (Cit. Kramer, S., 2006:83)

“Certamente que poderíamos imaginar um debate suficientemente longo e organizado para que cada um conseguisse pôr na mesa todas as suas experiências e intuições, o que permitiria aos outros compreenderem verdadeiramente o que se diz, o que se fala, em que visão do mundo e em que condições e vida se fundamentam as opiniões emitidas. Mas infelizmente, um encontro tão laborioso rapidamente se tornaria fatigante.” (Perrenoud, 1994: 150).

O encanto do debate sobre o tempo das crianças é o seu carácter apaixonado, o seu lado de guerra das crenças, o seu aproveitamento mediático, que se pode dramatizar, que tem sempre algo a acrescentar que não se esgota.

Um dos fundamentos deste debate era combater as hierarquias de poder e transformar as crianças em protagonistas, em actores principais do palco que metaforicamente é a sua vida. Tal como menciona Madeira (2009), “A superação de barreiras que se opõem ao diálogo intercultural e intergeracional, dependem no entanto do reconhecimento da assimetria que as estrutura e que limita a possibilidade de criação conjunta de uma nova base da imaginação e reconstrução social”. Portanto, é necessário levar as pessoas a reconhecerem que existem assimetrias e que é necessário combatê-las para que se possa proporcionar o diálogo entre gerações e entre culturas.

A presença e a participação da orientadora Rosa Madeira foi um elemento-chave no debate, na medida em que nos levou a reflectir de forma mais aprofundada assunto sobre o uso do tempo das crianças.

Após iniciar o debate<sup>78</sup>, com a questão “(...) *como actores sociais com diferentes funções e papéis qual a Vossa posição perante o uso do Tempo das Crianças(..)?*”. A Directora Adjunta começa por afirmar “*Assim não está bem... o contributo é termos*

---

<sup>78</sup> Ver nota de campo XVIII, pág. 219.

*autonomia e podermos elaborar um projecto para as (deveria ser também, com as...) crianças, englobando a Escola a Tempo Inteiro, dentro de outros moldes em virtude dos espaços.”, mostrando-se atenta aos que as crianças disseram anteriormente, acrescenta “há pouco as crianças diziam que o tempo das AEC’s deveria ser desenvolvido noutra espaço, concordo com elas, estão plenamente de acordo com elas, porque o espaço físico é muito importante para elas se desenvolver... e dentro destas actividades deveria ser mais lúdico também concordo com elas, e se calhar inserir nestas actividades algo tradicional que não existe, porque há um esquecer de brincadeiras, de se ser criança...”. Concorde também com as crianças quando “elas diziam que gostariam de ser ouvidas e participar no agendamento do seu dia”, argumentando que “nós pais temos o nosso trabalho e tratamos de ocupar os nossos filhos (...) e esquecemo-nos de com eles conversar, (...) dar a oportunidade de as ouvir sobre as AEC’s, ATL.”. A Coordenadora do Departamento do 1.º ciclo, em consonância com o referido, adiciona “O espaço (recreio da escola) é muito reduzido as crianças têm de ter espaço pelo menos para no tempo do intervalo, terem espaço suficiente para brincar! Passam já horas suficientes a trabalhar dentro da sala de aula, com muito esforço! (...) perante aquilo que temos tentamos desenvolver o melhor possível, claro que são as crianças que sofrem...muitas vezes, os próprios professores das AEC’s dão matéria, o que deveriam ser lúdicas, concordo com elas (crianças), porque já são muitas horas lectivas (...)” .*

Uma professora-mãe faz um desabafo incrível (por isso, decidi transcrevê-lo na íntegra), no qual se conforta com difícil conciliação de papéis de pais e profissionais, entre o emprego e a família, com a falta de tempo para os filhos, com a importância do papel do professor, demonstrando um sentimento de angústia e incapacidade perante a sua situação (que era infelizmente, como se verificou pelos comentários e expressões, o da maioria das pessoas presentes), “*Enquanto professora, em contexto sala-de-aula devemos desenvolver actividades centradas, focalizadas nos interesses das crianças e assentes num ensino experimental... porque existem áreas de currículo obrigatório mas nós professores podemos torná-las mais e motivadoras para todo o processo ensino-aprendizagem, onde as crianças estejam na sala a aprender, a divertir-se e que para elas toda essa aprendizagem seja realmente significativa. Ou seja, compete a cada professor, as metodologias que utiliza, adaptá-las à realidade em que está inserido e às características das próprias crianças. Enquanto encarregada de educação é assim,*

*compreendo essa falta de tempo para os nossos filhos, porque a própria escola nos obriga a passar muito tempo aqui, ou seja, o tempo disponível que tenho para o meu filho, lá está, dou aos meus alunos e retiro ao meu filho... não consigo equilibrar o papel de mãe e o papel de professora... é muito difícil ... é o tempo na escola... é para preparar aulas... rouba-nos muito tempo... enquanto mãe ... o meu filho quer falar comigo, eu digo espera um bocadinho que a mãe agora vai fazer uma coisa e não pode responder... isto realmente leva-nos a pensar: o que posso fazer como mãe? Como professora, já sei o que devo fazer, e agora como mãe? Passar menos tempo na escola? Não...”.*

Outra professora compara a sua infância com a actual concluindo que” (...) *hoje em dia faz-lhes falta apanhar sol, faz-lhes falta entrar em contacto com a natureza, saber o que é bicho... saber mexer na terra... fazer bolos de lama, que é uma coisa que hoje ...olha a aquela carinha, (as crianças olham e ouvem atentamente a professora com entusiasmo e consentimento) ... hoje é saem da escola...casa, casa televisão e playstation, é o computador e agora com internet e depois falta aquele espaço de liberdade, de brincar, de conviver”.* Esta como outras referências às TIC durante este debate, demonstra, mais uma vez, o seu vínculo à infância das crianças de hoje.

Aborda-se ainda a mudança do papel social da mulher e dos avós, a consequente entrada no mundo do trabalho e o aumento do tempo da reforma provocaram transformações na vida familiar “(...) *há uma necessidade da mulher trabalhar(...)* como os avós também têm de trabalhar até muito tarde... as crianças acabam por ficar num ATL, ou seja, as crianças passam o seu tempo em duas instituições escola e ATL.”, explica uma professora.

Relativamente ao tema dos trabalhos de casa, é controversa a opinião dos presentes, para alguns pais é algo necessário para a aprendizagem dos filhos, outros consideram que passam muito tempo em actividade escolar, o que “*é muito cansativo para eles...eles próprios se sentem cansados!*”<sup>79</sup>. Para alguns professores, o problema encontra-se no tipo de trabalhos, a criança precisa somente de “*estar sozinha meia hora, um bocadinho para reflectir sobre o que fizeram durante o dia!*”<sup>80</sup>. Estando em concordância com a opinião da maioria das crianças, que gostam destes quando é fazer pesquisas, pintar etc.

---

<sup>79</sup> Citado por um pai.

<sup>80</sup> Sugerido por uma professora.

Os pais também se queixaram da falta de tempo para falar e estar com os seus filhos, *“Ele quer conversar...e vem ter comigo e eu digo agora a mãe não pode porque está trabalhar...não tenho tempo!”*<sup>81</sup>. Uma mãe sugeriu *“faço isso (conversar) há hora de jantar...a nossa hora de jantar é para aí duas horas (...). Mas não há televisão, não há jogos, estamos quatro pessoas há mesa e falámos de tudo!”*.

Alguns pais e professores defenderam o horário escolar antigo, em que as aulas lectivas decorriam entre as 8h e as 13h, *“(...) obrigava a que o tempo preso na escola fosse psicologicamente menor!”*<sup>82</sup>.

Em síntese, este debate permitiu que os adultos se apercebessem da existência de uma nova infância, diferente da sua. Reconheceram que a ocupação/organização do tempo das crianças não está em total concordância com as necessidades, interesses, características próprias destas. Referiram ainda, o papel fundamental das duas principais instituições Escola e ATL, onde as crianças passam grande parte do seu tempo. Revelaram preocupação com o brincar, além de admitirem que as crianças brincam pouco, questionaram-se sobre a qualidade do tipo de brincadeiras.

Para além dos aspectos mencionados anteriormente, este debate possibilitou transformar o olhar dos adultos, para que estes se tornassem capazes de revelar o olhar das crianças, reconhecendo a competência social das crianças como potenciais parceiros dos adultos na resolução dos problemas que as afectam e na reconstrução social, visado pela intervenção comunitária, e não como a habitual forma ou ordem social dos adultos que interpreta esta possibilidade como redutora das competências dos mais novos neste âmbito.

Este debate, como toda a apresentação do projecto, teve como efeito imediato, provocando a discussão e reflexão sobre a ocupação do tempo das crianças e consequentemente sobre a participação infantil, no almoço de professores do conjunto de escolas do Agrupamento de Escolas de Miragaia, que se realizou após quatro dias.

---

<sup>81</sup> Mencionado por uma mãe.

<sup>82</sup> Argumentado por pai.

### **Parte III – (Re) conhecimento alcançado**

Neste capítulo confrontaremos e enriqueceremos as nossas conclusões com o conhecimento já existente sobre o uso do tempo das crianças. Visto que, “A investigação, enquanto produção de conhecimento, é uma forma de aprendizagem que integra o quadro teórico de referência, accionado nas decisões e na acção, quadro em aberto, para receber o que as práticas, intimamente assentes no contexto, têm para lhe dizer de conhecimento nelas produzido, e assim o tornar mais denso” (R.,Lima 2003:321)

#### **Capítulo I - (Sem) Tempo para ser Criança**

*“Dia a dia nega-se às crianças o direito de ser  
crianças. Os fatos, que zombam desse direito,  
ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana.”*

Eduardo Galeano (Cit. Kramer, S., 2006:83)

O tempo é uma dimensão estreitamente associada à condição da criança. No âmbito deste projecto social investigámos com as crianças, os usos que fazem do tempo, a percepção que têm do tempo, em concreto, o que acontece com elas principalmente nos dias úteis (de segunda a sexta-feira), fazendo de uma forma breve referência ao seu fim-de-semana, em síntese interessou fundamentalmente compreender as características do seu tempo, nomeadamente à ocupação e especialmente à liberdade, sob o seu ponto de vista e os seus sentimentos.

Segundo Pinto (2000:52), o tempo escolar, porque organizado, com o local próprio, horário fixo, calendário e progressão com o decorrer do tempo, poderá ser assemelhado ao tempo de trabalho e o tempo não ocupado com as actividades lectivas e com as necessidades individuais constituirá o tempo livre das crianças. O tempo de lazer deveria circunscrever-se o conjunto de actividades e ocupações resultantes dos actos de escolha por parte das crianças.

As crianças investigadoras caracterizaram o seu tempo, ao tempo em que “*estamos em trabalhos*”<sup>83</sup> em que “*não podemos brincar senão estamos distraídos e depois não aprendemos a matéria*”<sup>84</sup>, chamámos tempo de estudar que “*é quando estamos na escola, a trabalhar...*”<sup>85</sup>.

---

<sup>83</sup> 123 Gorila, nota de campo VII, pp.165-174.

<sup>84</sup> Pauleta, nota de campo VII, pp. 165-174.

<sup>85</sup> Pauleta, nota de campo VII, pp. 165-174.

A construção da definição de tempo livre, provocou discussão entre as crianças participantes, sentindo-se efectivamente sobreocupadas, evidenciam ausência e/ou escassez de tempo livre, “*Faço sempre alguma coisa...*”<sup>86</sup>, “*Eu nem tenho livre...*”<sup>87</sup>, “*só ao fim-de-semana*”,<sup>88</sup> “*de manhã antes de vir para a escola, depois de acabar a escola e ir para o ATL, e depois do jantar*”<sup>89</sup>, após o confronto de várias opiniões “*é quando não temos nada para fazer*”<sup>90</sup>, “*É jogar playstation, ver televisão...*”<sup>91</sup> “*é estar com a família*”<sup>92</sup>, elaboraram a sua noção de tempo livre: é o tempo em que decidem o que fazer, ou seja, ninguém lhes dá ordens.<sup>93</sup> Ou seja, tal como os adultos as crianças, entendem o seu tempo livre como um tempo em que escolhem o que fazem. Porém, também afirmam que quem decide onde, quando e o que fazem durante o seu dia são os pais ou os professores, sendo estes que organizam as suas actividades, impondo (in) directamente um carácter obrigatório e não de carácter optativo e por vezes recreativo, de escolha individual de cada um, de acordo com as suas preferências, sem se calcular a utilidade, benefícios ou necessidade. Isto é, a selecção das actividades que as crianças realizam é orientada pela família ou pela escola (adultos).

Actualmente, o tempo da criança adquiriu uma compartimentação semelhante à do adulto. Ela tem o tempo da escola e outros tempos escolhidos e coordenados pelos pais cujas escolhas são feitas em função dos seus horários laborais e tempos disponíveis para o lazer. Desta forma, as crianças ficam interditas de poderem optar livremente pelo modo de ocupação do seu tempo livre, ficando sujeitas a propostas institucionalizadas, normalizadas, sem a possibilidade de usufruir de espaços onde possam agir e pensar livremente. O tempo livre na infância fica assim condicionado pela rotina dos adultos e manipulado pelo contexto em que se insere a criança (cf. Marques, 2000:31-33, Pereira e Neto, 1994).

A importância atribuída pelos pais na escolha de actividades de ocupação dos tempos livres dos filhos, está relacionada com diversos factores: constituição da família, habilitações académicas, classe social, local de habitação, dificuldades económicas,

---

<sup>86</sup> Super Guerreiro, nota de campo VII, pág. 168.

<sup>87</sup> Xavier I, nota de campo VIII, pág. 175.

<sup>88</sup> Pauleta, nota de campo VIII, pág. 175.

<sup>89</sup> Falcão, nota de campo VII, pág. 168.

<sup>90</sup> Jocabake, nota de campo VII, pág. 168.

<sup>91</sup> Falcão, nota de campo X, pág. 186.

<sup>92</sup> Xavier 2, nota de campo X, pág. 186.

<sup>93</sup> Ver nota de campo X, pág. 186.

distância do local de trabalho, horários referentes à prática da actividade e experiências anteriores (cf. Neto, 1995:135).

Acontece que as actividades que os pais consideram ser mais adequadas para os filhos nem sempre correspondem aos desejos destes. Verificou-se que as crianças com os tempos livres orientados nem sempre realizam actividades da sua manifesta preferência. Ora, sem brincadeira genuína, livre e espontânea, a criança vê diminuída sua oportunidade de auto-expressão (cf. Olivier, 1976:11; Pereira e Neto, 1994; Neto, 1995:131).

Assim como os adultos, as crianças deveriam ter um tempo livre, em que pudessem decidir o que fazer, o que não acontece efectivamente, ainda temos uma sociedade em que são quase inexistentes os espaços onde as crianças podem participar e tomar as suas próprias decisões.

### **1. O dia de hoje de uma (s) criança (s)**

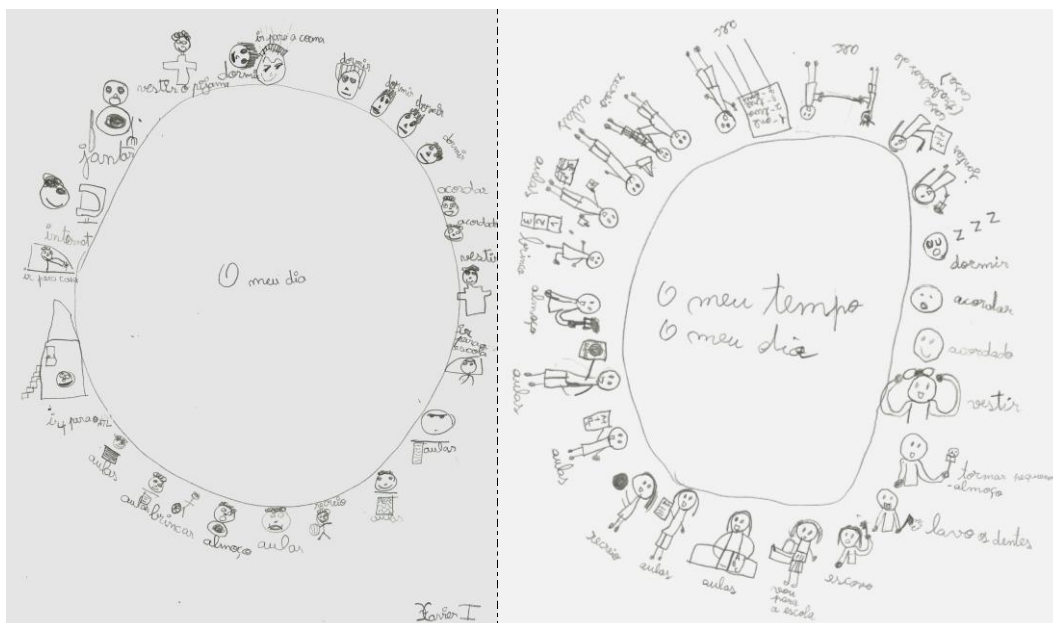
*“Um dia de semana é horrível porque estou a fazer os t.p.c e fazer tarefas.”<sup>94</sup>*

As actividades das crianças são um aspecto crítico do seu desenvolvimento e educação. A qualidade e quantidade do que fazem, a institucionalização das actividades lúdicas e de lazer, as tarefas escolares, o trabalho infantil, a geografia da ocupação do tempo são, entre muitos outros, temas que enlaçam e acostam na nossa investigação.

O presente processo investigativo analisou meticulosamente o dia de semana das crianças participantes, que representam uma grande parte das crianças da nossa sociedade, do tempo de hoje. Demonstrando que as crianças trabalham actualmente no seu ofício de aluno, as mesmas horas que um adulto trabalhador. Às cinco horas de aulas lectivas somam-se noventa minutos de actividades de enriquecimento curricular (no ATL ou na Escola a Tempo Inteiro) que reproduzem a lógica da escola (são consideradas aulas) e ocupam as crianças com actividades para elas e não com elas, planificadas em função daquilo que o adulto entende ser útil para elas na escola. Não respeitando de certa forma o tempo livre das crianças.

---

<sup>94</sup> Curby, consultar anexo H, pág. 258.



**Ilustração 20:** Registo do dia de duas crianças investigadoras

É notório, que do ponto de vista destas crianças, os dias da semana são praticamente iguais, a sua vida é uma rotina, tal como a de um adulto. Sendo um facto que as crianças, tal como os adultos, têm 24 horas diárias para utilizarem nas suas actividades, o que realmente importa é a conclusão da análise da distribuição diária dessas actividades, isto é o que pensam, sentem e quando, como é que as crianças realizam as respectivas actividades.

Podemos sintetizar e concluir (em consonância com a análise dos dados de toda a investigação), que o ritmo diário regular de semana destas crianças é da seguinte forma:

**Da meia-noite às 7h da manhã: *Dormir é a ordem...*** naturalmente a principal actividade é dormir.

**Das 7 às 9 horas da manhã: *é tempo de acordarem e prepararem-se para um novo dia***

Período diário das actividades pessoais tais como higiene pessoal, vestir-se, tomar o pequeno-almoço, e posteriormente umas vão directamente para a escola, outras (uma parte considerável) vão para o ATL, que se compromete por depois as levar à escola. O horário escolar e o horário do emprego dos Pais/Encarregados de Educação (sendo este especialmente culpável pelo acordar, cada vez mais cedo, das crianças) são os principais responsáveis por esta azáfama matinal.

Este período do dia, é considerado tempo de lazer para a maioria crianças porque convivem com a família, e/ou amigos e vêem televisão.



**Das 9h às 17h30min.: *É tempo de escola...***

Das 9h às 10h30min., período de aulas lectivas.

Das 10h30min. às 11h recreio, onde libertam a sua energia, através do brincar, momento, tão desejado como apreciado, de grande partilha, convivência e socialização entre as crianças.

Das 11h às 12h, após o intervalo, as crianças têm mais uma aula lectiva (uma hora).

Das 12h às 13h30min. *Hora de almoço, e não só ...* dirigem-se para o ATL (uma minoria almoça em casa), depois de almoçar aproveitam para realizar actividades de lazer, tais como brincar, jogar à bola.

Às 13h30min. *Outra vez na escola...* recolhem à escola para mais duas horas de aulas.

Às 15h30min. as crianças que frequentam as AEC's têm um intervalo de meia hora no qual lancham e brincam mais um pouco, as crianças que não frequentam estas actividades, regressam para o ATL (uma minoria quando terminam as aulas vai para casa com os pais ou outro familiar).

**Das 17h30min. às 19h30min. : *De volta a casa ou ATL***

Depois de terminarem as AEC's, ainda há crianças em que os responsáveis do ATL vêm buscá-las à escola. A maioria das crianças investigadoras que frequenta o ATL, faz neste local os TPC, as restantes fazem-nos em casa. Posteriormente aos trabalhos de casa, alguns ainda têm tempo de brincar, e/ou os jogar PSP, computador, ir para internet, ver televisão.

**Das 19h30min. às 21h: *Tempo em família...***

A grande parte das crianças janta neste período, mas ainda há algumas crianças a fazer os trabalhos de casa e/ou ver televisão. Algumas crianças ajudam nas tarefas domésticas (por exemplo pôr a mesa, varrer).

**Das 21h às 22h: *Preparam-se para deitar.*** Algumas crianças ainda estão a acabar de jantar... depois do jantar é tempo de se envolverem, mais um pouco, em actividades de lazer (especialmente ver televisão, jogos de computador, convívio com a família), preparam-se para se deitar.

**Das 22h30min. à meia-noite: *A maioria está a dormir, mas não todas...*** uma pequena parte das crianças, ainda se encontra acordada, principalmente a ver televisão, e/ou preparar-se para dormir.

Posto isto, pode-se afirmar que estas crianças, ocupam a maioria do seu tempo diário com actividades escolares tendo pouco tempo livre para brincar (na maioria cerca de três horas para brincar). De forma geral, os adultos acham que as crianças têm tempo livre e que eles têm o direito de o ocupar. Todavia, o contrário de tempo livre, não é tempo ocupado (como prova as conversas com as crianças investigadoras) porque o tempo pode ser ocupado com liberdade (quando as crianças podem ter uma palavra decisiva na escolha da sua ocupação) e sem liberdade (quando as crianças são vítimas de uma imposição ou escolha a que são totalmente alheias). Para tempo não livre já temos as aulas. Depois das aulas é bom que o tempo seja mesmo livre. Não faz sentido prolongar de tal modo as suas obrigações que não lhes deixamos tempo para brincar e descansar. Para serem crianças...

Relativamente às actividades que realizam fora da escola, tempo livremente ocupado, para não se tornar uma sobrecarga, deveriam ser as próprias crianças a escolher, pois não seria tão cansativo.

Durante o dia, as crianças, tal como os mais crescidos, são invadidas por um turbilhão de emoções e de sentimentos, os quais deveriam ser considerados, e analisar sua implicação no desenvolvimento pessoal e social das crianças, por exemplo as crianças que manifestam desagrado, tristeza em estar nas aulas pode a curto/longo prazo provocar a exclusão da escola.

Até as crianças, tal como uma grande parte dos adultos, já desejam que o dia fosse maior, que o tempo se alonga-se, por sinal à noite, quando estão junto da família “ (...) *à noite gostava que as horas fossem mais...* ”<sup>95</sup>.

Como concluímos com este projecto investigativo, o agendamento do dia das crianças depende dos afazeres da sua família, em concordância com INE (2001), “a estrutura temporal das crianças é assim, condicionada pela estrutura temporal dos adultos com quem vivem e, consequentemente, pela dimensão e tipologia da família, pela condição perante o trabalho e pelo nível de educação dos pais, etc.”. Adicionalmente, estamos a sobrecarregar bastante as crianças em função da socialização da escola para resolver problemas que são dos adultos e não das crianças. Temos que entender o que andamos a fazer e respeitar o tempo da infância como um tempo que tem de ser vivido em função dos interesses das crianças e não dos problemas dos adultos.

---

<sup>95</sup> Pauleta, pág. 174.

Perguntamos então qual a distribuição de tempo ideal para uma criança entre os 7 e os 10 anos?

Nos nossos tempos de adultos apressados precisamos de parar para pensar o que andamos a fazer às crianças e sobretudo ouvi-las atenciosamente, certamente que encontraremos soluções benéficas para todos, e especialmente para elas.

### **1.1 A escola “o lugar da infância” (Sarmento, 2004:174)**

#### *Criança cada vez mais aluno a tempo inteiro*

A construção sócio-histórica da infância está implicada e é decorrente da construção da escola como instituição de socialização potencialmente para todas as crianças. As mudanças contemporâneas na condição infantil estão também implicadas nas (e são, em parte, resultantes das) transformações da escola. A investigação sobre o contexto escolar na sua generalidade e especificidade é central na definição da condição contemporânea de aluno e na profissionalidade dos(as) professores(as).

O direito à infância na escola coloca em causa “... o carácter homogeneizador desta instituição levando-a a uma revisão radical dos mecanismos que sustentam a estrutura, o funcionamento e a organização escolar, possibilitando a construção de uma pedagogia capaz de respeitar a criança como um sujeito de direitos.” (Sarmento e Cerisaro: 2004:169). A crença no papel da escola como factor de democratização vincula-se ao conceito de educação como prática social, na qual está subjacente certa visão do mundo, e ainda ao entendimento de que sendo as escolas construídas para as crianças – nos níveis político e organizacional e nos planos histórico e das políticas educativas – elas também são no plano de acção concreta - construídas (sobretudo) pelas crianças.

É visível, neste processo de investigação, que as crianças têm noção que a escola foi construída para ocupar grande parte do seu tempo e manifestam a necessidade de reduzir e/ou modificar esse tempo, “*que às vezes as aulas dão dor de cabeça, que estudar cansa e apetece brincar*”<sup>96</sup>, e “*que se aulas fossem todas fixas estavam sempre atentos mas que quase sempre as aulas são uma seca*”.<sup>97</sup>

Perguntamo-nos se, neste momento, está a ser respeitado o direito da criança em aprender com dignidade da criança. Consideramos que é urgente construir escolas **com**

---

<sup>96</sup> Super Guerreiro, na sessão IX, pp. 181-184.

<sup>97</sup> Jocabake.

as crianças, inaugurando pela redefinição das relações sociais aí estabelecidas, nesta perspectiva um dos parâmetros volta-se para a superação de relação de poder e consequente comunicação, que se estabelece entre professor e o aluno, que por vezes é responsável pela expulsão de crianças pois é fundada em mitos, preconceitos, hábitos rotineiros, segregadores – enfim crenças travestidas de conhecimentos científicos. (cf. Sarmiento e Cerisaro: 2004:171). A fim de superar tais culturas produzidas socialmente, precisa-se de uma mudança de mentalidade que permita aos professores compreenderem-se como ser social alterar as relações de trabalho como as condições objectivas da prática educativa. Provavelmente, começar por aceitar, sem restrições, o testemunho infantil como fonte confiável e respeitável, seria efectivamente um grande contributo. O presente projecto demonstra, precisamente, que é possível conhecer a criança que está no aluno a partir da análise das representações sociais, procurando vê-la e ouvi-la a respeito de como pensa e concebe o mundo, a escola, a sua vida. De acordo com Canário (1992:119), “os alunos são a comunidade dentro da escola (...) uma efectiva «abertura» à comunidade define-se menos pela natureza e frequência das interacções entre a escola e as instituições locais, e mais pelo modo como se trata os alunos”, ou seja, focalizar a sua atenção na criança. Sem nunca esquecer a finalidade da escola: a aprendizagem das crianças e “esta aprendizagem não é apenas cognitiva. É também a da solidariedade, da responsabilidade, do sentido crítico, da criatividade, dos laços afectivos. E todo este compósito de aprendizagens só é possível se à criança for proporcionado espaço de intervenção, naturalmente de acordo com as características da sua faixa etária.” (Sarmiento, 2009: 37). Indo de encontro à concepção de escola cidadã “... centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A Escola Cidadã. Então é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. (...). É toda a escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os seus educandos-educadores, também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma escola de comunidade, de companheirismo.” (Freire, 1997). É nesta base, que faz sentido reflectir na escola enquanto porta de oportunidade para a construção de uma sociedade que garanta o espaço e dê voz a todos os cidadãos principiando e implicando as crianças, reconhecendo o protagonismo efectivo de cada um, seja criança ou adulto, seja pai, professor ou aluno.

No decorrer desta investigação fui várias vezes confrontada com diversas dúvidas, incertezas e questões que colocavam em causa o meu papel de professora e

principalmente como investigadora, tais como “*Qual o sentido da escola para a criança/ aluno? Qual a participação da criança na escola? O que é para as criança participar na escola? Como desenvolver a participação da criança na escola? Porquê a necessidade, que as crianças manifestam, em reduzir o tempo escolar? Que sentimentos as crianças estão a desenvolver em relação à escola? Como se poderia melhorar o tempo escola, tendo obviamente, em consideração as opiniões das crianças?*”

## **1.2 Os trabalhos dos Trabalhos de Casa**

“...são uma seca...não haviam de existir...”<sup>98</sup>

Os deveres, trabalhos de casa, têm um papel importante (que pode ser negativo ou positivo) na vida das crianças/alunos, dos professores e dos pais, influenciando geralmente o dia-a-dia dos alunos e do respectivo clima familiar. O tema dos trabalhos de casa é controverso, de valor mediático e de um paradoxal pedagógico, que suscita naturalmente discussão e em que todas as pessoas têm uma opinião que vai de encontro à sua própria experiência e aos seus valores da sua concepção da educação. Evidentemente, que também tenho um parecer sobre os trabalhos de casa que, enquanto professora e enquanto investigadora, acredito que é parcialmente sustentado em dados fiáveis de prática de investigação, observação e teoria (não sendo assim um ideia preconcebida). Todavia, simultaneamente, o que interessou neste projecto social de investigação foi conhecer e divulgar as concepções das principais implicadas: as crianças.

Algumas razões que geralmente os adultos apontam (pais/professores entre outros) quando são a favor dos trabalhos de casa são: - estabelecem o elo de ligação família-escola, fortificam a relação/diálogo entre a família e a escola (porém se esta relação for conflituosa e débil na medida, em que mostra aos pais a parte mais pobre dos programas e do trabalho escolar, em que os coloca, por vezes, em situações de incompetências ou de onnipotência, em que os transformam em explicadores, em que envenenam os serões familiares, quando a maioria dos pais discute e pune as crianças por não os quererem fazer); - desenvolvem a autonomia (porém favorecer autonomia não é impor um dever, é dar liberdade de não fazer nada assumindo riscos, não é dar ordens, é deixar um espaço e criar favorável à sua realização); - combatem o insucesso

---

<sup>98</sup> Xavier 2, pág. 179.

escolar (porém prevenir as desigualdades não é sobrecarregar o aluno fraco com tarefas e muitas vezes impossíveis de as fazer sozinho, a luta contra as desigualdades deve passar por um apoio integrado na aula e pela diferenciação do ensino); - minimizam a sobrecarga dos programas (porém o essencial não é encontrar fora das aulas, tempo para se fazer tudo, mas sim insistir nas aquisições essenciais, é preciso deixar de querer fazer tudo ao mesmo tempo) (cf. Perrenoud 1994:195).

Considerações elaboradas e baseadas em opiniões dos adultos responsáveis pela educação das crianças, contudo neste projecto, como já salientámos abordamos a concepção dos trabalhos de casa, numa perspectiva pouco habitual, ou seja, ouvimos e escutamos as crianças que os têm de realizar.

“Os trabalhos de casa” representam para a maioria das crianças, que participaram nesta investigação, uma sobrecarga de trabalho num tempo que seria para brincar “ (...) tiram a maior parte do tempo para brincar...”<sup>99</sup>, “O que é que eu tirava (ao meu dia) ... gostava de tirar os deveres (...) porque são uma seca!”<sup>100</sup>.

Os trabalhos de casa ou também denominados deveres são os trabalhos escolares realizados fora da escola (em casa, ATL, ou noutra instituição educativa). As crianças habituam-se a fazer os trabalhos de casa e a obedecer aos professores (não se podendo considerar uma actividade que depende unicamente da vontade e do interesse individual de cada criança/aluno), pois a grande parte manifesta recusa, má vontade, angústia em ter que os fazer. Para estas crianças os TPC são uma rotina, sendo naturalmente as crianças todas diferentes, os TPC para umas é uma tarefa fácil para outras difícil mas são vistos por todas como a forma de estudar e de carácter obrigatório.

Para estas crianças os TPC, são um exercício mecânico, habitualmente consistem em fazer as tabuadas, elaboração de composições, execução das contas (obviamente indicados pelo docente com a finalidade do sucesso educativo) o que não as motiva. Ora quando as crianças sentem o TPC como um desafio, como é o caso de quando têm de fazer pesquisas na internet, nos livros, entrevistas, aprendem e fazem-no livre e alegremente. Esta compreensão das crianças vai de encontro à posição de Perrenoud (1994), que se manifesta contra os trabalhos de casa, no entanto, não recusa a ideia que os alunos trabalhem para a escola fora das suas horas lectivas, é a favor de um tempo de trabalho em casa (TTC), que o caracteriza como: - *um recurso para o aluno*,

---

<sup>99</sup> Pauleta, nota de campo VIII, pp.174-181.

<sup>100</sup> Jocabake, nota de campo VIII, pp. 174-181.

*para a turma e para o professor*, que deve ser utilizado em função das necessidades dos projectos, não de uma forma regulamentada ou ritual; - *um tempo de trabalho, não necessariamente de aprendizagem*, pode ser por exemplo uma preparação ou um prolongamento de actividades mais globais realizadas na sala de aula: negociação, trabalho de organização, passar notas a limpo, pesquisa de documentação, e imagens, de filmes, entrevistas ou inquéritos, colecções de objectos...; - *um garante de flexibilidade*, é uma facilidade que um grupo atribui a si próprio para favorecer o trabalho comum em sala de aula; - *nunca ser um substituto do trabalho na aula*; - *contra a equidade formal*, o aluno não deve receber todos os dias ou todas as semanas a mesma dose de trabalho para casa; - *um tempo flutuante*, flutuar entre tempos fracos e tempos fortes, por exemplo às fases cruciais de uma investigação à preparação de um espectáculo, ou a momentos intensos de aprendizagem ou de revisão; - *o TTC não é feito para os pais*, para isso existem as reuniões de pais, as horas de atendimento aos pais etc.; - *os pais não são responsáveis*, não se lhes pede para, todos os dias controlarem se o filho o seu TTC, isso diz respeito ao professor ou à turma; - *o TTC não é objecto de qualquer avaliação formal*; um reexame periódico, para manter a sua coerência, fazer regularmente o ponto situação entre alunos pais e professores sem procura normalizar o TTC ou regressar aos trabalhos de casa tradicionais. Ou seja, o TTC é uma forma de aprender a articular trabalho individual com trabalho colectivo, deve ser realizado de “forma autónoma, negociada, parcialmente voluntária, porque só tem sentido no quadro de funcionamento e dos projectos do grupo turma e porque a sua utilidade é evidente para o aluno.” (Perrenoud, 1994:157). “Se o TTC for objecto de um controlo apertado, da vigilância dos pais, criar conflitos entre professores e alunos, perderá, sem qualquer proveito, o seu papel educativo. O mesmo se pode dizer se o trabalho for feito por outros, principalmente pelos pais. (...) o sentido do TTC deve ser regularmente reexplicado aos pais, mas sobretudo reconstruído pelos e com os alunos, como um aspecto do contrato didáctico...” (Perrenoud, 1994:157).

Devemo-nos preocupar com a vida das crianças e não somente com a sua vida escolar. E certos que, na organização escolar, tudo está relacionado, que nenhum dossier detém sozinho a chave do progresso ou seja, a real mudança dos trabalhos de casa /deveres escolares será consequência de uma mudança qualitativa da escola.

Perguntamos se alguém está realmente interessado em construir uma nova escola, com outra lógica, numa lógica de ouvir e considerar as opiniões das crianças?

### 1.3 Actividades de Enriquecimento Curricular ou Actividades de Aborrecimento Curricular?

*“Era ter muita coisa e nós escolhíamos o que queríamos fazer...”*<sup>101</sup>

Em Portugal, dada a urgência de se adaptar os tempos de permanência das crianças nos estabelecimentos de ensino às necessidades das famílias, foram recentemente implementadas de forma generalizada a todas as escolas do 1.º CEB as AEC's, que decorrem após o horário lectivo. Consideram-se AEC's no 1.º CEB, as que incidam nos domínios desportivo, artístico, científico, tecnológico e das tecnologias da Informação e comunicação de ligação ao meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia da educação (Despacho n.º 12 591/2006, 2ª série, artigo 9º).

É inegável a importância das AEC's no panorama do sistema de Ensino Público tanto do ponto de vista da oferta equitativa a nível nacional de actividades de ocupação em ambientes de aprendizagem não-formal, bem como na consolidação do *Projecto Escola a Tempo Inteiro* que proporcione aos alunos uma ligação à escola como um espaço de aprendizagem integrada com diversas formas de aprender e outras áreas do saber.

Actualmente, como já mencionado, as crianças têm de passar mais tempo na escola, este tempo coincide com o horário de trabalho dos pais, no entanto, o tempo lectivo não deve ser estendido, outro tipo de actividades devem ser desenvolvidas.

Araújo (2009) realça ainda que o sistema propõe, na maioria das escolas, pelo menos duas aulas de 45 minutos cada, das 16h às 16h45min. e das 16h45min. às 17h30min.. Desta forma, as crianças mais pequenas, que entram na escola às 9h, trabalham na escola cerca de seis a sete horas diárias, o que equivale a dizer que elas no seu 'ofício de aluno' trabalham o mesmo que um adulto. Há muitos educadores (pais e professores) preocupados com isto. De tal modo, que quando têm hipótese, não deixam os seus filhos na escola depois do horário lectivo, como nos mostra esta investigação, *“Eu não ando nas AEC's! O meu pai não quis...mas ele já me perguntou se queria...mas eu disse que não...”*<sup>102</sup>, *“Eu não ando...nem queria andar...assim eu vou para casa com a minha mãe e ando de bike ...”*<sup>103</sup>.

---

<sup>101</sup> Sophie , ver nota de campo XI, pp.189-192.

<sup>102</sup> Xavier I, nota de campo XI, pág.189.

<sup>103</sup> Jocabake, nota de campo XI, pág.190.



Araújo (2009) destaca que apesar de os educadores/professores pensarem nas crianças quando fazem as actividades, a verdade é que raramente estas actividades surgem de um diálogo prévio com elas, mas antes de um conjunto de orientações que o Ministério propõe, a autarquia tenta organizar e os professores tentam seguir. A decisão sobre a forma como funcionam estas actividades está ligada à concepção que a sociedade tem da infância e de saber se as actividades devem ser pensadas com as crianças ou para as crianças.

O Projecto *Escola a Tempo Inteiro*, deveria proporcionar aos alunos novas oportunidades de aprendizagem em ambiente não-formal e informal, privilegiando a interdisciplinaridade, a multiculturalidade e a ligação à comunidade, proporcionando desta forma, o desenvolvimento do potencial dos alunos a partir da descoberta de diferentes formas de “olhar” o mundo. Tendo em atenção este ideal, é notório que na realidade isso não está a acontecer. Embora, no ponto 9 do despacho n.º 12591/2006, se considere que as AEC incidem nos “domínios (...) de ligação da escola ao meio, de solidariedade e de voluntariado e da dimensão europeia”, há que reconhecer que estamos somente, perante uma *declaração de intenções*. Pois, na realidade, não existe verdadeiramente, essa *relação pedagógica e social*.

Como explicado precedentemente, a génese do desenvolvimento deste projecto foi o reconhecimento generalizado da necessidade de *dar vez e voz às crianças que frequentam as AEC's*, pois os relatórios de avaliação das AEC, o CAP (Comissão de Acompanhamento do Programa) onde se inclui a CONFAP (Confederação Nacional das Associações de Pais), não têm também, em consideração os principais intervenientes das AEC's: **as crianças**. Ou seja, o nascer deste projecto é justificado com o facto de se ouvir constantemente, expressões como “*estou cansado...*”, “*não quero fazer esta actividade*”, “*quero brincar*”, “*não consigo portar-me bem!*”, “*ainda falta muito tempo para tocar a campainha?*”, “*estou farto de estar aqui*”, “*professora a aula pode ser lá fora*”, “*A aula que eu mais gosto é de educação física*”, pronunciadas pelas crianças que frequentam as AEC's, manifestando de diversas modos o seu descontentamento em “*ainda estar*” na escola, já que as AEC's decorrem na sua sala-de-aula, à excepção de Educação Física, pensamento compartilhado durante o presente

processo de investigação “Eu não queria ter AEC’s, metem nojo!<sup>104</sup>”, “às vezes são chatas<sup>105</sup>”.

As crianças investigadoras participantes neste processo consideram que as AEC’s que lhe são propostas para ocupar o seu tempo livre depois das aulas devem ser actividades mais divertidas, tendo em conta a sua vontade, nas quais elas possam escolher o que fazer, como por exemplo fazer teatro, ter música, pintar, cozinhar, dramatizar, dançar, e serem organizadas noutra espaço (sem ser na sala-de-aula, e se possível na escola), pois assim “*quem é que não queria andar!?*”<sup>106</sup>.

Pensamos que se as AEC’s, forem demasiado orientadas, se as crianças forem obrigadas a fazer as tarefas propostas, “*não se devia fazer fichas nas AEC’s, deveria ser só ver filmes ou jogar futebol*”<sup>107</sup>, pois se forem mais aulas depois das aulas, são muito cansativas e até contraproducente para o seu desenvolvimento pessoal e social. Estando em conformidade com Araújo (2009) que afirma que as AEC’s fazem parte do modelo de Escola a Tempo Inteiro que o Governo está a implementar, e que são “uma medida ‘socialmente útil’, que é feita a pensar nos pais, que podem trabalhar enquanto a escola mantém as crianças ocupadas. Porém, estamos a falar de crianças muito pequenas que demonstram o cansaço das mais diversas formas, a que por vezes damos o nome de indisciplina.

As AEC’s sendo uma medida relativamente recente e como todas as medidas precisam de um tempo para serem avaliadas. A sua permanência é quase certa, ou seja, a questão não é se devem ou não existir, o que deve ser considerado é o tipo e da organização das actividades, e do próprio conceito que os adultos têm do que é ser criança. O que pensamos é que as crianças depois de um dia de escola têm direito a um tempo de descanso e de brincar.

Portanto, uma das advertências deste projecto, é o facto de as AEC’s, não serem *pensadas com as crianças* que as frequentam, por as crianças não interferirem na sua selecção, por não serem ouvidas e por manifestarem sistematicamente o seu desagrado devem a curto prazo ser repensadas.

---

<sup>104</sup> Xavier 2, nota de campo VIII, pág. 174.

<sup>105</sup> 123 Gorila, nota de campo VIII, pág.174.

<sup>106</sup> Jocabake, nota de campo XI, pág. 190.

<sup>107</sup> 123 Gorila, nota de campo XII, 192.

## 1.4 O tempo no ATL: o terceiro lar contemporâneo das Crianças

*“Se fosse eu a decidir não havia ATL...”<sup>108</sup>*

A partir da década de 1970, na Europa Ocidental, começa-se a criar um conjunto de serviços sociais para apoiar as necessidades das famílias (efeito da entrada da mulher para o mercado de trabalho) e consequentemente de apoio à infância, entre os quais se encontram os centros de Actividades de Tempos Livres (ATL), que têm um papel relevante na organização dos tempos livres das crianças.

Como é visível nas conversas e questionários realizados às crianças, os ATL tornaram-se centros de apoio à realização dos trabalhos escolares, e quando a professora não marca TPC as crianças estudam, tomando como principal finalidade o acompanhamento/ aprendizagem de conteúdos escolares para que todas as crianças alcancem o sucesso educativo e posteriormente brinquem (que dizem que é pouco tempo).

As actividades e funcionamento do ATL subordinam-se às acções/realidades da escola e da família das crianças que o frequentam.

Paralelamente a este apoio, os ATL fornecem apoio nas refeições (almoço e lanche) das crianças, no transporte (no caso específico das crianças participantes a pé, dada a distância reduzida entre as duas instituições) da escola para o ATL e vice-versa.

Em conformidade com Araújo (2009:150), “os ATL’s aparecem também como um função de formação e de recomposição afectiva e intelectual, ou, mais exactamente, “restauro” psicológico face às diversidades das experiências a que as crianças estão sujeitas na escola e na família...”. Todavia, a função destes espaços de apoio social e educativo não substitui o amor e apoio familiar.

As crianças também têm a sua concepção sobre o ATL, a maioria das crianças participantes neste processo investigativo, manifesta desamor em frequentar o ATL, “preferia ficar com o pai ou a mãe”<sup>109</sup>, “Não temos muito espaço para brincar”<sup>110</sup>, “temos que fazer os trabalhos de casa!”<sup>111</sup>. Também, grande parte destas crianças se queixa da quantidade de tempo que passam no ATL, de manhã antes de ir para a escola, na hora de almoço, e após as 15h30min. ou das 17h30min. (para as crianças que

---

<sup>108</sup> Criança presente no debate, nota de campo XVIII, pp-219-240.

<sup>109</sup> Xavier 2, nota de campo XI, pág. 190.

<sup>110</sup> Luz, nota de campo XI, pág. 190.

<sup>111</sup> Xavier I, nota de campo XI, pág. 190.

frequentam as AEC's), até à hora que os seus pais ou outros familiares, as possam ir buscar (entre as 18h e as 19h30min.).

O ATL passa ser a terceira casa das crianças, será que não estamos a institucionalizar demais as nossas crianças? Retirando-lhe um conjunto de afectos e vivências fundamentais para a sua formação de seres humanos e cidadãos amados e felizes.

Surge a questão que alternativa têm os pais que saem de manhã cedo para trabalhar, deixando as crianças no ATL e só voltam a estar com elas ao final da tarde?

Claro que a maioria dos pais sabem o que é melhor para os seus filhos. As crianças são todas diferentes. O diálogo entre crianças e adultos, tentando compreender o que uns e outros gostam e querem fazer, é sempre uma opção que promove bem-estar. Ouvir as crianças é fundamental.

### **1.5 Tempo minguante para Brincar**

*“... não sei explicar bem mas quando tou a brincar sinto-me tão contente...”<sup>112</sup>*

A criança é indissociável do brincar. O brincar é uma necessidade para a criança que é tão precisa como do ar que respira (cf. Olivier, 1976:24). O brincar é um comportamento que permite o conhecimento de si próprio, do mundo físico e social dos sistemas de comunicação, que leva a considerar a actividade lúdica como intimamente ligada relacionada com o desenvolvimento da criança e, assim, com a aprendizagem (cf. Araújo, 2009: 132).

O tempo para brincar é aproveitado pela criança para a busca de prazer. Enquanto brincam umas com as outras as crianças interagem livremente entre si e com o que lhes é disponibilizado em termos materiais. Elas tomam decisões, escolhem os pares e definem as regras do jogo. Promove-se a criatividade, a improvisação, recriação e invenção de brincadeiras e jogos. Este tempo de brincadeira poderá também ser utilizado para experimentar a medição de forças e estabelecer relações de poder entre pares (Pereira, 2000:24-25; Pereira e Neto, 1997:225; Pereira, Neto e Smith, 1997:243).

Porém, no que concerne ao tempo para brincar, este vai “minguando com o aumento desmesurado da jornada escolar” (Alberto, 2007:5), as crianças investigadoras

---

<sup>112</sup> Pauleta.

sentem precisamente essa diminuição do tempo que têm para brincar livremente. Manifestando uma enorme vontade de ter mais tempo para brincar, “*escola até uma e meia para depois ir para casa e brincar!*”<sup>113</sup>. Conhecida a faceta de ser brincante e da importância que lhe subjaz nos mais variados domínios que enformam o crescimento das crianças, facilmente nos sentimos inquietados pela rápida constatação, que se nos revela, das severas limitações que actualmente se colocam para que se cumpra esse incontornável ofício da criança concretizado nos jogos e nas brincadeiras, sem as quais a sua infância perderá sentido.

De acordo com Gallahue e Ozmun (2003:18-28), o desenvolvimento é um processo permanente e contínuo no tempo, no qual têm lugar alterações no nível de funcionamento do indivíduo. Tratando-se do desenvolvimento motor, implica uma alteração progressiva no comportamento motor (área psicomotora que inclui todas as alterações físicas e fisiológicas) ao longo da vida, sendo essa alteração realizada pela interacção entre a biologia do sujeito, as exigências da tarefa e as condições ambientais. Assim sendo, a educação motora é um processo permanente de alteração do comportamento motor que se realiza em função de factores ambientais específicos, de oportunidades para a prática, de encorajamento, de instrução e do contexto ecológico ambiental. Deste modo, a existência de instalações e equipamentos apropriados é um factor facilitador do processo da educação motora. Também, consideram a existência de várias fases de desenvolvimento motor (reflexiva, rudimentar, fundamental, especializada). Cada uma dessas fases contém diferentes estágios separados mas que se podem sobrepor. As crianças de 7 a 10 anos são incluídas no estágio transitório da fase motora especializada. No estágio transitório da fase motora especializada, os movimentos fundamentais (estabilizadores, locomotores e manipulativos) são aperfeiçoados, refinados, sendo aplicados em situações mais exigentes pelas crianças, nas suas brincadeiras, jogos e situações da vida diária (idem: 105-106).

Reconhecendo o meio que rodeia a criança pode portanto determinar a sua formação pela diversidade de ofertas que lhe proporciona. Verifica-se que os espaços disponibilizados às crianças para a prática de brincadeiras e jogos de actividade física influenciam o seu desenvolvimento motor (Lança, 2003: 43; Pereira, 2000:21).

Em consonância com um estudo de Silva e Brito (1994) com crianças de 7 e 9 anos de idade, verificou-se que espaços mais reduzidos implicam a diminuição da

---

<sup>113</sup> Super Guerreiro, nota de campo VIII, pp.174-181.

actividade motora em situação de jogo livre. Estes autores admitem ainda que a redução do espaço físico provoca alterações na dinâmica dos grupos, acentuando a liderança e intervenção das crianças com maior domínio do jogo, sendo marginalizadas as crianças com menos capacidades. Ou seja, os espaços lúdicos devem estar adaptados à fase de desenvolvimento motor dos seus frequentadores. A frequência destes espaços pelas crianças proporciona-lhes abundância de sensações, pesquisas, descobertas, alegrias, trocas e construções. Estes espaços devem apelar à imaginação e espírito de iniciativa das crianças. Devem ainda ir ao encontro da individualidade própria de cada um, respeitando a sua mentalidade, desenvolvimento e experiências pessoais e de grupo. (cf. Pereira, Neto e Smith, 1997: 245-246; Fernandes, 1988: 50).

Para a promoção de hábitos de vida activos é necessária disponibilidade de meios materiais e humanos, assim como o respeito pela individualidade de cada um, não esquecendo os interesses e gostos dos diferentes grupos etários e de género. (Mota, 2001).

Conclui-se que as crianças, segundo o género e a idade, precisam de espaços adequados para desenvolverem as suas brincadeiras. Porém, o que vulgarmente se observa é que isso nem sempre acontece, como é o caso do recreio escolar (conforme o da escola onde se realizou este projecto).

O recreio escolar, locus onde se mistura a complexidade e a riqueza que encerram os grupos de pares, nas suas lógicas de formação, relações estabelecidas, coesão e interacção, com a transmissão e transformação de factos culturais, e onde pulula uma verdadeira cultura infantil pode constituir-se como uma resposta à problemática emergente (Delalande, 2001 in Alberto). Todavia, o contexto escolar onde se realizou este projecto social de investigação, apresenta um recreio com um reduzidíssimo espaço para as crianças que abarca. Cogitamos diversas possibilidades de solucionar este problema, mas devido a um conjunto de burocracias ficaram em ponderação. Esperamos sinceramente que se encontre uma resolução viável, continuaremos atentos e a tentar, pois em concordância com Jarret (2003), o recreio escolar constitui-se como a única oportunidade que muitos meninos têm para participarem em interacções sociais com outros meninos, sobretudo crianças de pais e mães trabalhadoras que ficam fechadas em casa depois da escola com a televisão e os jogos de computador por companheiros (o que também concluímos com a nossa investigação).

O recreio é, cada vez mais e para a maioria das crianças, o espaço e momento para que possam saborear de um tempo livre e de lazer retemperador, de onde se lhe acrescente alento para melhor suportar as exigências de um dia-a-dia cada vez mais preenchido, como concluímos com esta investigação. O tipo de brincadeiras mais comuns neste espaço são as caçadinhas, as escondidinhas, jogar à bola ou seja, é dos únicos lugares onde poderemos considerar que têm distrações saudáveis além de algumas manifestar que às vezes andam à luta (conforme vêm nos desenhos animados, na TV).

Analizou-se também que as actividades mais escolhidas no tempo livre, fora da escola, era jogar no computador ou na consola e ver televisão, confrontado com o estudo efectuado, no qual se averiguou que ver televisão é uma forma habitual das crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico ocuparem os seus tempos livres (Pedro, 2005:67).

Verificou-se ainda que as crianças de classe social mais baixa referem actividades de lazer em redor de casa: brincar na rua, andar de bicicleta, jogar à bola. (cf. Carvalho e Machado, 2006).

Efectivamente, brincar é uma actividade importante para as crianças, pois interfere no seu desenvolvimento físico (habilidades motoras), social (relação com os outros) e psicológico (bem-estar).

Consideramos que o fenómeno da ludicidade é um caminho estimulador dos processos de socialização, comunicação, expressão e conhecimento da criança. Difícil porém necessária, articulação entre o ensinar e o brincar no interior da escola e do ATL.

Será que não estamos a retirar o melhor das nossas crianças, a capacidade de brincar saudavelmente?

## **1.6 Saúde, Qualidade de Vida e Bem-Estar e o(s) Uso(s) do Tempo das Crianças**

A saúde constitui uma dimensão-chave da qualidade de vida e bem-estar individual, os estilos de vida, e outros comportamentos de risco, a qualidade dos cuidados prestados são, entre outros, problemas de saúde com fortes implicações económicas, sociais e educacionais. Posto isto, neste ponto, que efectivamente exigia um maior aprofundamento (daria outro projecto), deixamos apenas um alerta, quando ouvimos as crianças a dizer “*que as vezes as aulas dão dor de cabeça, que estudar*

*cansa e apetece brincar!*”<sup>114</sup>, que frequentam actividades que são escolhidas pelos pais e que assim não têm tempo para brincar, que não gostam muito de estar no ATL, que os pais não têm tempo para estar com elas e as ouvir (como todas as outras conclusões a que chegámos), questionamos que influência terão estes lamentos na saúde, na qualidade de vida e bem-estar das crianças?

Inacreditavelmente, há pessoas que ainda não conseguiram perceber a função essencial que a actividade lúdica tem na formação das crianças, no prazer, no bem-estar. Muitos adultos acham que brincar é actividade secundária mas para as crianças é importante, é uma necessidade e um direito fundamental. A sobrecarga de actividades impostas pelos adultos, causa falta de tempo para descansar, excesso de trabalho, stress ou ansiedade que podem consequentemente conduzir a problemas de comportamento e a indisciplina. Esse excesso pode comprometer o relacionamento da criança com o aprender, levar a uma saturação em que já não lhe apetece aprender nada. Perante tal panorama, perguntamos novamente onde é que se encontra a preocupação/prevenção do bem-estar, da qualidade de vida e consequentemente da saúde das crianças?

### **1.7 O Real e o Virtual do tempo da Infância**

*“Eu prefiro jogar Playstation”*<sup>115</sup>

A presença da tecnologia digital no quotidiano infantil constitui um potencial interface mediador de formas concretas ou virtuais, territórios de aventuras ou universos imaginários da criança.

As crianças, como verificámos e concluímos com este processo investigativo, já tornaram familiares os videojogos - na playstation ou noutra consola, são jogos electrónicos computadorizados directamente ligados às TIC, que se podem jogar manipulando imagens num ecrã (de computador, TV, telemóvel...), pois oferecem-lhe a possibilidade de as crianças viverem a aventura que o jogo propõe descobrir, passar níveis, trocar peças, definir estratégias, partilhar, controlar e ter a ilusão de entrar na acção.

Partimos da ideia que a tecnologia é sempre neutra e de que o uso que fazemos dela é que lhe dá uma carga positiva ou negativa. Todavia, esta nova literacia digital, neste momento não é compreendida por todos da mesma forma.

---

<sup>114</sup> Super Guerreiro, nota de campo IX, pág. 181.

<sup>115</sup> Pauleta, nota de campo V, pág. 158.



É verdade que durante o processo investigativo, se ouviram algumas crianças afirmarem que não gostam e não se interessam pela escola e possivelmente uma forma de elas se interessarem por este espaço educativo seria integrar, contextualizar, partilhar, discutir e perceber esta componente da cultura digital que já é parte integrante da cultura infantil (um distanciamento pode demonstrar insensibilidade da escola ao que a rodeia).

Noutra perspectiva, hoje, as crianças comem/lancham em frente à televisão ou computadores. As casas têm cada vez mais televisões, e cada vez mais as crianças têm televisão e computador no quarto, o que significa que estão cada vez mais sozinhos, ou a teclar com amigos ou não, virtuais. Perguntamos então, se estes videojogos não estão a ser demasiado utilizados pelas crianças? Considerado, por muitas crianças e adultos, um tempo de brincar, até que ponto é saudável? Que lugar ocupam as brincadeiras tradicionais? Onde é que se encontram os afectos e interacções sociais nos videojogos? Será que tendemos para uma infância Virtual? Que implicações terá essa tendência para a realidade das crianças?

### **1.8 O tempo sem/com Família**

*“(...) deve ser muito triste não ter família.”<sup>116</sup>*

A família constitui um contexto privilegiado de desenvolvimento e educação da criança. Como instância de produção e reprodução sócio-cultural, flexibiliza as suas lógicas de organização e funcionamento de acordo com os padrões sociais em mudança, operando como dispositivo de inclusão/exclusão social.

A idade e o género são características individuais/aspectos que afectam a forma de ocupação do tempo (que poderia ser outro projecto de investigação), contudo nesta investigação são consideradas crianças (independentemente do género) entre os 7 e 10 anos. Contudo não são únicos, “outros factores que podem condicionar a afectação do tempo, nomeadamente os que se prendem com o ambiente familiar, tais como a dimensão ou a tipologia da família, o nível de educação dos pais, a profissão que os pais exercem ou o rendimento familiar. Estes podem influenciar tanto a ocupação do tempo em termos de duração como a participação nas diferentes actividades.” (INE, 2001).

O conceito de família<sup>117</sup> mudou profundamente, ainda que não da mesma forma em determinados grupo sociais. Os sociólogos da família têm apresentado diversas

---

<sup>116</sup> Super Guerreiro, nota de campo IX, pág. 183.

tipologias de acordo com a estrutura familiar e as relações que os seus diversos membros estabelecem entre si. Neste projecto, temos crianças com famílias de constituição distinta porém, a conclusão é unânime todas sentem que passam pouco tempo com a sua família.

Sendo a estrutura familiar essencial para o desenvolvimento do ser humano, sendo através dela que se criam redes de comunicação e diálogo (Serrano, 2003:71). A família influencia o desenvolvimento afectivo e intelectual do indivíduo (Pires, 1985:163). A estrutura das famílias portuguesas sofreu alterações consideráveis. A dimensão das famílias tornou-se mais pequena. Diminuiu o número de famílias com quatro pessoas, assim como os agregados familiares com três ou mais filhos. Verificou-se ainda uma diminuição nos indivíduos casados com registo enquanto os casados sem registo, os divorciados e os solteiros aumentaram. (cf. Santos, 2007:27-28). Segundo os Indicadores Sociais 2007 (INE, 2008:33-35) o número total de casamentos continua a diminuir, assim como a dimensão média das famílias.

Sabendo que na nossa sociedade, existem cada vez mais divórcios (cf. INE, 2008:92), e que a tendência será para continuarem a subir acreditam os sociólogos, que conduziu um aumento da realidade das famílias monoparentais (que pode advir uma outra: o contributo para o aumento da pobreza em Portugal). As famílias recompostas que surgem com o desmembramento de famílias, são ainda mais complexas, pois há mais laços familiares a fortalecer: pais biológicos, pais sociais, os novos meios-irmãos, os novos filhos que nascem do novo casamento, desconhecidos que passam a ser familiares com quem é necessário estabelecer uma ligação. Será que a família está em crise?

Certo é que com a modernidade veio a individualização e esbateu-se a rigidez dos papéis do homem e da mulher na sociedade e na família. Segundo a ideologia actual, valoriza-se mais a relação e não o casamento institucional, a formalização da relação passou a ser irrelevante, num processo de mudança de mentalidade muito lento, casar deixou de, na generalidade, uma forma de aceder a um determinado estatuto social. Em nome desta individualização e do conforto material há quem não queira ter filhos entre as causas encontra-se o facto que os filhos representam despesa. A ética do sacrifício, da privação ficou fora de moda outros até querem ter filhos mas não têm

---

<sup>117</sup> O conceito de família é fluído, dependendo a sua definição dos critérios privilegiados (laços de sangue, coabitação, orçamento comum, etc.).

porque sentem que não têm as condições necessárias para os educar, já que hoje a educação é mais exigente e não há tempo para isso, “*Eu queria ter mais tempo para ela mas não consigo ter mais tempo para a minha filha*”<sup>118</sup>.

Durante a investigação, a necessidade de estar mais tempo com família foi bastante evidente, referenciada em várias sessões, “*Eu tirava a parte da tarde da escola, para passar mais tempo com os meus pais e com os meus irmãos (...)*”<sup>119</sup>. Tradicionalmente, eram atribuídas à família diversas funções tais como: produtiva, protecção, judicial, educativa, económica, religiosa, reprodutora, afectiva, sexual, recreativa e de controlo. Algumas destas funções desapareceram com as transformações sociais, como é o caso da função produtiva ou judicial. As funções da família que actualmente parecem impor-se mais são a afectiva e a de apoio (Musitu, 2003:143).

Alves-Pinto (2003:25-32), acrescenta, por seu lado, a função socializadora da família. Contudo, as transformações ocorridas na família, têm repercussões na socialização familiar. Se antigamente a educação das crianças na primeira infância até à entrada na escola, cabia principalmente à família, hoje em dia, numa organização da vida social de matriz urbana, a socialização desenvolve-se com outra diversidade de actores e instituições.

Apresenta-se também, diversos tipos de relação entre trabalho e família. Em lares com dois cônjuges podem ocorrer várias situações: a) A divisão tradicional de responsabilidades (o homem exerce a actividade remunerada e a mulher cuida da família); b) Ambos os cônjuges trabalham fora de casa mas as exigências profissionais de um deles (geralmente o homem) são prioritárias, recaindo sobre a mulher o peso dos cuidados a prestar à família, especialmente a educação dos filhos; c) Ambos os cônjuges trabalham fora de casa e assumem de forma semelhante as exigências profissionais (cf. Alves-Pinto, 2003:34-36).

Em agregados familiares monoparentais a relação que se estabelece entre trabalho e família pode ocorrer de duas formas: a) A actividade laboral permite ter um salário mas não é importante em si mesma, sendo a família o investimento principal; b) A actividade profissional é o investimento predominante. Neste caso o conflito com a família é mais susceptível de ocorrer, particularmente no que concerne à educação dos filhos.

---

<sup>118</sup> Proclamado por um pai no debate, nota de campo XVIII, pp. 219-240.

<sup>119</sup> Pauleta, nota de campo VIII, pp. 174-181.

O' Grady (2007:22) refere que actualmente, a sobrecarga a que as mulheres estão sujeitas pelo acumular da actividade profissional com as tarefas domésticas e o cuidar dos filhos, acaba por se reflectir na distribuição do tempo com o lazer, ficando este relegado para segundo plano ou simplesmente esquecido.

Neste projecto de investigação, as crianças também abordaram voluntariamente a sua relação com os pais alegando muitas vezes a afirmação de poder dos adultos,<sup>120</sup> implícita ou explicitamente, onde se inclui exigências, ameaça de punição física e privação de bens ou privilégios assim como a punição ou privação efectiva por parte dos pais, utilizadas na ausência de qualquer esclarecimento da e à criança. Os efeitos desta maneira de interacção são a obediência em função do medo despoletado na criança e emergência de sentimentos de raiva, normalmente descarregados nos seus colegas (figuras de menor poder). Adicionalmente, também provoca alteração de comportamentos do outro centrado na reivindicação de poder. Alguns pais expressam raiva ou desaprovação pelo envolvimento da criança num acto não desejado, ignorando-a, recusando-se ao diálogo<sup>121</sup>, dizendo não gostar dela, ameaçando abandoná-la, conduzindo a uma resposta de ansiedade por parte da criança, pois suscita a dúvida do afecto dos seus pais por si.

De forma geral, os pais vivem ansiosos e preocupados com o futuro dos filhos e esquecem-se que eles têm um presente, tem de ser criança... acham que se as crianças trabalharem muito vão ter mais sucesso. Porém, mesmo considerando que atribuir às crianças mais trabalho é para o seu bem, e que a formação dá sempre mais e melhor emprego, o trabalho escolar formal não deveria ter mais carga horária tão ou mais pesada do que a ocupação laboral para os adultos.

Todavia, também começam a existir “as famílias pessoais, onde predomina o respeito pelas características individuais de cada elemento, independentemente da sua idade ou sexo.”, (Sarmiento, 2009: 37).

Sendo a família, uma das instituições centrais da nossa sociedade, o primeiro reduto de felicidade, o lugar onde as pessoas são, ou deveriam ser, elas próprias, onde as crianças além de filhos deviam ser crianças. Este subtema que de forma geral abarcou a nossa investigação, principalmente pela necessidade que as crianças sentem em estar mais tempo com a sua família e além disso que sejam ouvidas e que as suas opiniões

---

<sup>120</sup> Confrontar com o quadro 6, e/ou nota de campo I, pp.141-145.

<sup>121</sup> Confrontar com a nota de campo IX, 181-184.

sejam consideradas relevantes para os seus pais biológicos ou sociais, a fim de melhorar a sua relação, poderia e deveria ser mais aprofundado, noutras investigações similares mais direccionadas e focadas nas formas de participação das crianças em família, nas relações e interacções familiares.

## **Capítulo II - A (re)conciliação de papéis: entre o lugar de investigador e de professor**

Durante a realização do presente projecto, reflecti variadíssimas vezes sobre a (re)proximidade (im)possibilidade do papel social do professor e do investigador: **Como? Porquê? Para quê? A favor de quem investigar?**, o que justifica esta pesquisa, a procura de respostas.

*O investigador é, por excelência, gerador de conhecimento novo. Até que ponto se pode dizer o mesmo do professor?*

O conhecimento do professor era, e ainda o é por alguns, considerado como *tácito, prático, situado, relacional* e consequentemente com pouca projecção, validade e valor epistemológicos. Factualmente, os professores sentiram necessidade de criar conhecimento que tivesse expressão nos múltiplos contextos da sua prática, uma vez que o conhecimento formal produzido pelos investigadores institucionalizados muitas vezes não o fazia.

Assim nas décadas de 70 e 80 do século XX, brotou uma mudança nos paradigmas de investigação sobre o professor que convencia numa concepção completamente nova, na qual o professor já não é entendido, simplesmente, como consumidor de investigação mas *como produtor ou mediador de conhecimento*.

Como afirma Oliveira (2002:132) a perspectiva do professor investigador rejeita a concepção do professor como técnico, consumidor, receptor, transmissor e implementador do conhecimento de outras pessoas, e assume que o seu papel é como intelectual, produtor de conhecimento, investigador e até, em alguns casos, como crítico e teórico em matérias educativas e sociais.

De acordo com Hernández (1998:128), “o professor torna-se um pesquisador, dividindo com os alunos a responsabilidade pela construção do conhecimento”.

Stenhouse citado por Alarcão (2001:4) acrescenta que “[...] a investigação e o desenvolvimento curriculares devem pertencer aos professores” (1975:142) e que “o desenvolvimento curricular de alta qualidade, efectivo, depende da capacidade dos

professores adoptarem uma atitude de investigação perante o seu próprio ensino” especificando que, por atitude de investigação entendia “uma predisposição para examinar a sua própria prática de uma forma crítica e sistemática” (1975:156). Esse tipo de professor deve estar sempre com um espírito de pesquisa inquieto, motivado por inovações e nunca alheio ao compartilhamento com o grande grupo sobre as novas descobertas, criando outras possibilidades de explorar a capacidade argumentativa no confronto de idéias e posicionamento diante das problemáticas sociais contemporâneas, o que implica abertura de espírito, análise rigorosa e consciência social.

O professor que conquista essa prática investigativa-reflexiva consegue atribuir importância a questões globais da educação, como as finalidades e as consequências do **ponto de vista social e pessoal dos alunos**, a racionalidade dos métodos e do currículo e a relação entre essas questões e a sua prática de sala de aula.

O professor investigativo é, então, aquele que procura o equilíbrio entre a acção e o pensamento e uma nova prática o que implica ver o novo mundo educacional que comporta cidadãos com necessidades educacionais diferentes e que procurar soluções com o objectivo de transformação social e profissional."Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias." (Freire, 1983)

Esta mudança de paradigma determina ainda o propósito de que não é possível reformar a escola segundo uma orientação exógena. A mudança em educação, qualquer que seja a sua natureza, “depende daquilo que os professores pensarem dela, dela fizerem e da maneira como eles a conseguirem construir activamente” (Thurler, citado em Santos, 2000:3).

No novo paradigma, ao valorizar-se a produção de conhecimento pelo professor, originam-se questões importantes relativas à relevância, estatuto e natureza desse conhecimento, assim como aos métodos de investigação que permitem obtê-lo.

Diversos autores, nos seus trabalhos, apresentam várias condições *sine qua non* para o professor actuar como investigador. Uma das mais valorizadas, está relacionada com a ambição do professor, ou seja, o professor tem que desejar, tem que ter vontade de assumir o papel de investigador e o estilo de pensamento que lhe está associado.

Alarcão (2001) salienta, similarmente, a necessidade do professor desejar/**querer** investigar e querer cooperar para o incremento do conhecimento sobre educação. Naturalmente, a recusa do professor arriscará toda abordagem investigativa.

Elliott, segundo Pereira (1998:167), reconhece uma outra condição preliminar à investigação do professor, como profissional ele deve sentir “a necessidade de iniciar mudanças, de inovar”. Como diz Beatriz D’Ambrosio (1996:19): “O professor investigador é aquele que observa, questiona e aprende cada vez mais sobre sua prática e seus alunos.”.

Presumivelmente, a base da investigação é a designada atitude investigativa, que abarca a “predisposição para examinar a sua própria prática de uma forma crítica e sistemática” (Stenhouse, citado em Alarcão, 2001:3), e a subsistência do “estado de dúvida, que é estímulo para uma investigação perfeita, na qual nenhuma ideia se aceita, nenhuma crença se afirma positivamente, sem que lhes tenham descoberto as razões justificativas” (Dewey, citado em Alarcão, 2001:6).

A atitude investigativa referida, cognitiva e afectiva, é consolidada por “uma curiosidade, uma abertura para explorar diferentes fenómenos observados na sala de aula” (Clouthier e Shandola, 1993:320), e no sentido mais amplo da profissionalidade de docente.

Alarcão (2001) identifica ainda a necessidade do professor desenvolver competências investigativas de acção, de comunicação e de tipo metodológico. Segundo Ponte (2002:15), para que o professor investigue “é necessário o domínio de certo *savoir faire*, incluindo o uso de diversos instrumentos metodológicos.

Sendo reconhecida e subentendida a capacidade investigativa ao professor mas que se encontra num estado de latência (cf. Alarcão 2001). Pergunta-se o que será preciso para que essa capacidade latente se transforme efectivamente em competência investigativa?

A formação contínua pode ser uma via de desenvolvimento de competências de investigação.

Ora, e se neste paradigma de investigação, “o que é esperado não é tanto a resolução definitiva do problema, mas antes um processo cíclico de resoluções parciais e de reformulações do problema de partida” (Santos, 2000:775), o professor possui a oportunidade de aperfeiçoar a sua competência para observar, questionar, analisar,

reflectir, criticar, debater, compreender e divulgar o que investiga, preferencialmente no confronto científico com os seus colegas e investigadores profissionais.

Alarcão (2001:2) estima que, quando os professores agem como investigadores, esse desempenho contribui para o seu desenvolvimento profissional e para “o desenvolvimento institucional das escolas” em que realiza a sua investigação e para a sociedade em geral. Visto que o professor ao problematizar e interrogar a sua realidade profissional, processo investigativo, pode gerar importante conhecimento sobre os processos educativos, útil para outros professores e logicamente para outras crianças/alunos, para os futuros professores/educadores e investigadores universitários. Indiscutivelmente, os professores encontram-se numa conjuntura privilegiada para dar a conhecer o que se passa dentro da escola, as suas realidades e problemas.

Crawford e Adler (1996:1202) asseguram que “a aprendizagem através da investigação resulta em conhecimento que é accionável – uma base para a acção profissional”. Ainda referem que a investigação permite ao professor, uma adaptabilidade consciente “às mudanças das necessidades educativas dos alunos em sociedades que estão a mudar” (Crawford e Adler, 1996: 1202).

Mason (2002) menciona que, quando o professor elabora um relatório escrito pertencente a uma experiência de investigação, refina-a, clarifica-a, organiza-a e simplifica-a. Este trabalho de “exteriorizar, de formular (...) é, talvez, a característica mais importante da transição entre estar mergulhado na prática e trabalhar sobre a prática” (2002:195).

A construção duma identidade profissional interventiva, questionadora e problematizante “implica romper com o iluminismo” (Miranda, 2001:137) tradicional e supõe a adopção de um estilo investigativo.

Alarcão (2001) contempla a investigação do professor como o meio, por excelência, de estruturação da identidade profissional. Declarando “Não posso conceber um professor que não se questione sobre as razões subjacentes às suas decisões educativas, que não se questione perante o insucesso de alguns alunos, que não faça dos seus planos de aulas meras hipóteses de trabalho a confirmar ou infirmar no laboratório que é a sala de aula, que não leia criticamente os manuais ou as propostas didácticas que lhe são feitas, que não se questione sobre as funções da escola e sobre se elas estão a ser realizadas. (...) Ser professor investigador é (...) ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona.” (Alarcão, 2001: 5).



Assim sendo, identidade profissional do professor como investigador é uma entidade dinâmica que se encontra em permanente construção, que lhe possibilita conhecer-se melhor como quer nível profissional quer pessoal, aprende a compreender os seus alunos e as respectivas famílias, amplia a sua credibilidade profissional, ajudando, simultaneamente, os seus alunos a evoluir cognitivamente, social e emocionalmente.

Outros benefícios do professor investigador são o facto de melhorar consideravelmente poder profissional, social e institucional, que vão adquirindo com as “oportunidades de explorar, investigar, criar, reflectir e resolver problemas e responder a questões de investigação por si mesmos” Crawford e Adler (1996:1201), o seu poder científico na avaliação dos currículos, e das dinâmicas e recursos educativos e o domínio moral perante os seus alunos, uma vez que estes o vêem como alguém que está permanentemente a aprender, pela investigação, com o propósito de melhorar a qualidade do seu ensino.

### **1. Que particularidades tem a investigação realizada por um professor?**

Beillerot (2001) revela, de forma sintetizada, que uma pesquisa para ser verdadeiramente uma investigação tem de necessariamente, originar conhecimentos novos, ser sistemática e rigorosa em termos metodológicos, e comunicar dos resultados obtidos. Adicionando ainda, a introdução de uma dimensão crítica e de reflexão, a sistematização dos métodos de recolha de dados e a interpretação dos dados à luz de teorias reconhecidas e actuais.

Assim, um processo investigativo, detém uma dimensão epistemológica (produção de conhecimento novo), metodológica (exigem métodos sistemáticos e rigorosos) e pública (pela comunicação transparente dos resultados). Será, que a investigação que o professor realiza contempla estas condições?

O professor pode realizar investigação em contextos de prática, que são excepcionais o que cria condições profícuas para gerar conhecimento novo (dimensão epistemológica), que por ser “mais integrado, mais holístico, mais directamente ligado à prática, mais situado é mais rápido nas respostas a obter” (Alarcão, 2001: 6).

Os professores investigadores “são aqueles que sistematicamente observam, questionam e aprendem mais acerca das suas práticas e dos seus alunos” D’Ambrosio (1997:289), e que recorrem a “processos organizados para recolher e registar informações, documentar experiências dentro e fora da sala de aula, registar por escrito

observações realizadas, e repensar e analisar acontecimentos” (Cochran-Smith e Lytle, citadas em Alarcão, 2001: 4), (dimensão metodológica).

Os resultados alcançados pela investigação do professor têm sido anunciados em diversas instâncias públicas apropriadas por exemplo em congressos, artigos, publicações diversas, facilitando e inflamando a discussão pública, a verificação e avaliação da metodologia, dos resultados e dos propósitos das investigações.

Ponte (2002) identifica quatro momentos característicos de uma investigação, nomeadamente, a problematização de uma situação (que envolve a formulação de uma questão de fundo e de várias questões associadas a esta); a recolha de dados que possibilitem uma resposta, ainda que aproximativa, à situação problematizada ; a análise e interpretação desses dados recolhidos; e a divulgação dos resultados ou conclusões da investigação.

Na prática, porém, “os diversos momentos de uma investigação podem interpenetrar-se profundamente” (Ponte, 2002:19). Por exemplo, muitas vezes os professores “começam a recolher dados antes de estarem inteiramente seguros quanto à sua questão de investigação” (Clouthier e Shandola, 1993:324). Isto significa que, até atingirem a estabilidade, o problema e as questões podem ser formulados e reformulados mesmo no decorrer da investigação.

O primeiro momento, a problematização da situação a investigar, é crucial para o desenvolvimento de todo o processo investigativo. “As questões devem referir-se a problemas que preocupem o professor e devem ser claras e susceptíveis de resposta com os recursos existentes” (Ponte, 2002:16). Boas questões, por outro lado, podem assegurar a perseverança do professor na investigação.

Os outros momentos de investigação convergem para a escrita de resultados ou conclusões para divulgação pública.

De acordo com Cooney e Krainer (1996), a escrita para publicação de resultados é altamente benéfica para o professor investigador porque envolve a produção de conhecimento que pode seguramente influir a sua prática, e a partilha pública de ideias expressas dactilografadas amplia as possibilidades de comunicação e cooperação entre professores e outras pessoas que desempenham diferentes papéis no sistema educacional.

### Capítulo III - Reflexão final “ (Re) considerar o *Tempo das Crianças*”

#### “Um projecto social (in)acabado, de prova e de início...”

*“Investigámos, conversámos sobre o nosso dia-a-dia, falámos sobre a nossa vida, na escola, no ATL, e em casa, também, brincámos e rimos muito, contámos segredos e comemos coisas boas!”*<sup>122</sup>...foi mesmo assim meus pequenos grandes investigadores...

Considero que o projecto “O Tempo das Crianças...silêncios vividos e ruídos sentidos”, por tudo o que foi descrito, é verdadeiramente um projecto social de intervenção comunitária pois pôs em relação e acção pessoas, actividades, projectos e recursos, vinculou, conectou e canalizou e que dependeu da comunicação (fundamento e meio) que se estabeleceu. Tornou-se num processo social, de acompanhamento, de mudança de concepções, desenvolvendo a própria comunidade, que requereu reflexões sobre o porquê, para quê, e em que direcção se desenvolveria. Realizou-se uma acção comunitária, uma forma de acção social, visto que produziu mudança nesta comunidade, sobretudo na relação entre/com as pessoas, colocando em foco de discussão e preocupação o tema geral da investigação o *Tempo das Crianças*.

Com este processo investigativo sobressai efectivamente a vontade/ prontidão/ predisposição e competência das crianças em participar em projectos de investigação. A constante ligação importante entre a teoria e a prática, assegurou que o processo e os resultados da pesquisa fossem de benefício real e valor para as crianças.

Este projecto de investigação permitiu o reconhecimento da competência e do conhecimento que as crianças revelam possuir acerca da sua vida quotidiana nas instituições (Escola, ATL, Casa) de atendimento à infância, foi notória a sua compreensão vívida acerca da organização das suas actividades diárias, tendo sido muito competentes a explicar aquilo de que gostam mais e menos. Sendo concedível constatar também, que a sua voz e interpretações são sensíveis a diferentes contextos, significando que as crianças percebem e interpretam diferentes opções dogmáticas.

As crianças tornaram-se reflexivas, pensaram sobre as suas experiências e práticas na escola, em casa e no ATL. Deste modo, as crianças aparecem não somente como respondentes mas também interpretando activamente e dando forma ao processo

---

<sup>122</sup> Crianças Participantes Investigadoras, nota de campo XVI, pág. 210.

de pesquisa. Numa análise mais detalhada do uso das técnicas gráficas particulares de pesquisa com o grupo de crianças mostrou que foram essas próprias técnicas que ajudaram as crianças tornarem-se elas próprias intérpretes reflexivos, compreendendo o tempo e as experiências sociais. As técnicas, que requeriam a participação directa das crianças, ao produzir uma representação visual do seu uso diário do tempo, funcionaram para mediar a comunicação entre o mim (investigador) e as crianças participantes, possibilitaram também às crianças verem elas próprias como gastam/usam o seu tempo e como esse conhecimento poderia ser representado e interpretado.

Nesta pesquisa com crianças, a formação de relações, em que as crianças sentiram que queriam participar durante todo o processo de investigação, foi particularmente importante, pois contribuiu para se estabelecer um diálogo contínuo, no qual, tanto as crianças como eu sentimos que tínhamos controlo.

Evitar que as crianças, nas suas vidas diárias, possam frequentemente ter a experiência de que os seus pontos de vista não estão a ser tomados em conta de uma forma tão séria ou estão a ser negligenciados pelos adultos, é um dos aspectos centrais conseguidos do meu estudo.

Durante os sucessivos encontros, foram notórias evoluções, por parte das crianças participantes, relativamente à participação (de forma gradual as crianças começaram a esperar pela sua vez de falar e a ouvir com atenção os outros participantes); ao diálogo (interagiram e partilharam as suas posições em relação ao tema em discussão); à reflexão (apresentaram e reflectiram sobre as suas ideias, chegando, por iniciativa própria, a reformular algumas delas); ao raciocínio (nas discussões, as crianças trocavam as suas opiniões, discutindo seu ponto de vista ou aceitando a visão do outro); e à socialização (inesperadamente, as crianças investigadoras transportam os assuntos das conversas dos encontros para o seu dia-a-dia, tanto na escola como em casa, interagindo com colegas, professores, pais, irmãos). Promovendo assim, mesmo que indirectamente, de novos estilos de comportamento, novas capacidades de criar, questionar e aprender novas maneiras de viver e conviver, importante para (sobre)viver num mundo repleto de imprevistos e de mudança.

As crianças conduziram a investigação, estiveram envolvidas em todas as fases do processo de investigação, incluindo a disseminação dos resultados (questão ligada à prática da pesquisa, e de modo geral, aos Direitos da Criança e à sua participação na

sociedade.) As diferenças geracionais entre adultos e crianças não podem ser erradicadas do contexto de investigação, mas foi algo que foi trabalhado e atenuado.

Relativamente, ao uso do tempo por parte das crianças participantes, evidenciou-se que algo não está bem, os responsáveis pelas crianças (pais, professores etc.) devem repensar e pensar que a formação das crianças precisa de acompanhar o ritmo do seu desenvolvimento pessoal e social. O uso e abuso do tempo das crianças, as muitas actividades que são obrigadas a frequentar, ocupam um espaço precioso e indispensável nesta fase: **o tempo de ser criança.**

Se calhar estamos a atropelar essa fase fundamental na formação do ser humano, e a «infância é um país sagrado, um sítio que não se repete», muito cedo na vida se torna tarde demais para conquistar aquilo que se perdeu nos primeiros anos.

Considero que amamos cada vez mais as nossas crianças mas passamos cada vez menos tempo com elas.

As crianças trabalham hoje, no seu ofício de aluno, as mesmas horas que um trabalhador/a. Às aulas somam-se as actividades extracurriculares (também na escola a tempo inteiro) que reproduzem a lógica da escola e as ocupam com “actividades úteis” em função do que os adultos entendem ser útil para as crianças na escola. O respeito pelo tempo livre das crianças devia ser para levar a sério. Se não reabilitarmos a possibilidade de brincar e de escolher o que fazer do tempo (ou de não fazer nada), poderemos destruir a própria infância.

Deixamos o grande desafio e um alerta da urgência de reorganizar o tempo e espaço escolar no sentido para transformar a escola num lugar agradável, aonde a criança goste de ir e permaneça não só por “obrigação”, mas também porque se encontra mobilizada para participar do seu próprio processo formativo, pois existem

“realidades sociais que só podem ser descortinadas, analisadas e compreendidas sob o ponto de vista das crianças e universos... Devemos colocar em posição de escuta, pois as crianças são sujeitos conscientes dos seus sentimentos, ideias, desejos e expectativas, sendo capazes de expressá-los desde que haja quem os queira escutar e ter em conta. São sujeitos activos nas/das relações sociais.”

(in GRAUE, 2003)

Ouvir as crianças acerca do uso do seu tempo, como de outros temas que lhes dizem respeito é um direito das crianças (não uma concessão que lhe fazemos), e isso pode ajudar os adultos a tomarem decisões. Este trabalho evidencia e reconhece a importância do processo de ouvir e escutar as crianças para melhor as conhecer e melhor as identificarmos e respondermos às suas necessidades, interesses, competências

e direitos, se torne numa oportunidade real e efectiva, num investimento, no sentido, de reconhecer plenamente a participação das crianças, e a sua contribuição inquestionável para o desenvolvimento de projectos de investigação semelhantes a este, que apresentem temas que afectam directamente (ou indirectamente) as suas vidas. Sendo este **projecto (in) acabado, de prova e de início**, fica o desejo pessoal e profissional, (pois reconheço que com a realização deste projecto melhorei significativamente o meu olhar/atitude perante as crianças, progredindo como pessoa e logicamente como docente), de continuar com este projecto, aperfeiçoá-lo e aprofundar o conhecimento sobre o tempo das crianças, de comparar o uso do tempo destas crianças investigadoras com o de outras crianças de distintos contextos e realidades sociais (certamente será diferente o uso de tempo de uma criança que frequente um colégio privado, que habite noutro país etc.), seria interessante e útil a concretização destes estudos pois poderão contribuir para o encontro de uma solução para um uso mais sadio do tempo das crianças, em que as crianças tivessem tempo para **serem crianças**, mas...

«Para tudo há um tempo determinado.»

Eclesiastes 3:1.

### Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, A. e VIEIRA, M. (2006). *A escola em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- ALARCÃO, Isabel (2001). *Professor-investigador: Que sentido? Que formação?* Universidade de Aveiro. Porto: Porto Editora.
- ALVES-PINTO, C. (2003). Da socialização familiar à socialização escolar: representações de pais e alunos sobre as práticas educativas familiares. In C. Alves-Pinto, M. Teixeira, *Pais e escola: Parceria para o sucesso* (21-70). Porto: Edições ISET.
- ARAÚJO, Maria José (2009). *Crianças Ocupadas*. Prime Books;
- ARAÚJO, Maria José (2006). *Crianças Sentadas! Trabalhos de casa no ATL*. Legis Editora/ Livpsic;
- ARIÉS, Philippe, (1986). *La Infância*. *Revista de Educacion*, 281:5-17.
- ARIÉS, Philippe (1973). *L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime*. Paris. Seuil.
- BEILLEROT, J. (2001). A “pesquisa”: esboço de uma análise. In M. André (Ed.), *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores* (pp, 71-90). Campinas: Papirus.
- BOUTINET, Jean-Pierre (1990) - *Antropologia do Projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BOUTINET, Jean-Pierre (1981) – *Contribution à une Méthodologie d'Etude du Projet d'insertion Professionnelle des jeunes scolarisés*. Paris. Sorbonne.
- CABANAS, Jose Maria Quintana (2000). *Pedagogia social*. Dykinson. Madrid.
- CANÁRIO, R. (1992). “Estabelecimento de Ensino no Contexto Local”. In R. Canário (org.), *Inovação e Projecto Educativo de Escola*. Lisboa: Educa.

- CANDEIAS, António (1994). *Educar de outra forma – A escola nº 1 de Lisboa 1905-1930*, Instituto de Inovação educacional. Lisboa.
- CARVALHO, A. D. e BAPTISTA, I. (2004). *Educação Social – Fundamentos e estratégias. Coleção Educação e trabalho Social*. Volume I. Porto. Porto Editora.
- CARVALHO, M. e MACHADO, J. (2006). Análise dos usos do tempo entre crianças acerca das relações de género e de classe social. *Currículo sem Fronteiras*. 1, 70-81.
- CLOUTHIER, G., & SHANDOLA, D. (1993). Teacher as researcher. In D. T. Owens (Org.), *Research ideas for the classroom: Middle grades* (pp. 319–335). Reston, VA: NCTM.
- COSME, Adriana e TRINDADE, Rui (2007). *Escola a Tempo Inteiro*. Porto: Profedições
- CRAWFORD, K. & ADLER, J. (1996). Teachers as researchers in mathematics education.
- CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Alison. (2005). *Investigação com crianças: perspectivas e práticas*. Edições Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Porto.
- DÍAZ, Andrés (2006). *Uma Aproximação à Pedagogia – Educação Social*, In Revista Lusófona de Educação, 7.
- FERNANDES, Natália (2009) – *Infância, Direitos e Participação. Representações, Práticas e Poderes*. Porto: Edições Afrontamento.
- FERNANDES, R. (1988). *Segurança nos espaços de jogo infantil*. Lisboa: Ministério da Educação / Direcção Geral dos Desportos.
- FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A.
- FREIRE, Paulo (1983). *Educação e Mudança*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ.



- GALLAHUE, L. e OZMUN, J. (2003). *Compreendendo o desenvolvimento motor – Bebés, crianças, adolescentes e adultos*. S. Paulo: Phorte Editora.
- GÓMEZ, José; FREITAS, Orlando e CALLEJAS, Germán (2007) – *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: Perspectivas Pedagógicas e Sociais da Sustentabilidade*. Porto: Profedições.
- GRAUE, M.E., WALSH, D.J. (2003). *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- HART, R. (1992). *Children's Participation: From Tokenism to Citizenship*. London: Earthscan/Unicef.
- HERNÁNDEZ, F. (1998). *Como os docentes aprendem*. Pátio, 4, 9-13.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2008). *Anuário Estatístico de Portugal – 2007*. Lisboa: I.N.E., I.P.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2008). *Anuário Estatístico da Região Centro – 2007*. Lisboa: I.N.E., I.P.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2008). *Estatísticas da cultura, desporto e recreio -2007*. Lisboa: I.N.E., I.P.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2008). *Indicadores Sociais – 2007*. Lisboa: I.N.E., I.P.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001). *Inquérito à ocupação do tempo 1999- principais resultados*. Lisboa: I.N.E., I.P.
- KRAMER, Sónia e BAZÍLIO, Luíz (2006). *Infância, Educação e Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez Editora, 2.<sup>a</sup> Edição.
- LANÇA, R. (2003). *Animação desportiva e tempos livres – Perspectivas de organização*. Lisboa: Editorial Caminho
- LIMA, Rosa (2003). *Desenvolvimento Levantado do Chão...Com os Pés Assentes na Terra*. FPCE, Porto.

- MADEIRA, Rosa (sd). *As Crianças como Participantes na Reconstrução de Contextos e Processos da Intervenção na Família e na Comunidade*.
- MARQUES, M. (2000). *Espaço de jogo e desenvolvimento da criança*. Tese de Mestrado. Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
- MASON, J. (2002). *Qualitative Research in Action*. London:Sage.
- MOTA, J. (2001). *A escola, a promoção da saúde e a condição física. Que relações?* *Horizonte*. 98, 33-36.
- MUSITU, G. (2003). A bidirecionalidade das relações família-escola. In C. Alves-Pinto, M. Teixeira, *Pais e escola: Parceria para o sucesso* (141-174). Porto: Edições ISET. do Ensino Básico no concelho de Vila Nova de Gaia. *Horizonte*. 118, 21-27.
- NETO, C. (1994). A família e a institucionalização dos tempos livres. *Ludens*.1, 5-10.
- NETO, C. (1995). *Motricidade e jogo na infância*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- NETO, C. (2001). Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de actividade física. In M. Guedes (ed.), *Aprendizagem motora: problemas e contextos* (193-220). Lisboa: Edições FMH.
- NETO, C. e MARQUES, A. (2004). A mudança de competências motoras na criança moderna: a importância do jogo de actividade física. In J. Barreiros et al (ed.), *Desenvolvimento e aprendizagem. Perspectivas cruzadas* (1-23). Cruz Quebrada: FMHedições.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto: Porto Editora.
- OLIVEIRA, P. (2002). *A investigação do professor, do matemático e do aluno: uma discussão epistemológica*. (tese de mestrado). Lisboa: DEFCUL.
- O'GRADY, I. (2007). *Lazer junto com as mães: restrições ao lazer infantil*. Tese de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- OLIVIER, Camille (1976). *A criança e os tempos livres*. Lisboa: Publicações Europa-América.

- PAPALIA, D., Olds, S. e Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- PEDRO, C. (2005). *Identificação das práticas de lazer: Estudo com crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico de Valpaços*. Tese de Mestrado. Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho.
- PEREIRA, B. (1993). *A infância e o lazer*. Tese de Mestrado. Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
- PEREIRA, B. e NETO, C. (1994). *O tempo livre na infância e as práticas lúdicas realizadas e preferidas*. *Ludens*. 14, 35-41.
- PEREIRA, B. (1997). *Estudo e prevenção do bullying no contexto escolar – os recreios e as práticas agressivas da criança*. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Criança – Universidade do Minho.
- PEREIRA, B. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. (1ª edição, 2002). Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humana.
- PEREIRA, B. e NETO, C. (1997). A infância e as práticas lúdicas. Estudo das actividades de tempos livres nas crianças dos 3 aos 10 anos. In M. Pinto e M. Sarmiento (coord.), *As crianças – contextos e identidades* (219-261). Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho.
- PEREIRA, B., NETO, C. e Smith, P. (1997). Os espaços de recreio e a prevenção do bullying na escola. In Neto, C. (ed.). *Jogo e desenvolvimento da Criança*. Lisboa. Edições FMH, 238-257.
- PEREIRA, B., NETO, C., SMITH, P. e ANGULO, J. (2002). Reinventar los Espacios de Recreo. Prevenir los comportamientos agresivos. *Cultura y Educación* 14 (3) 297-311.
- PEREIRA, B. e NETO, C. (1999). As crianças, o lazer e os tempos livres. In M. Pinto e M. Sarmiento, *Saberes sobre as crianças* (85-106). Braga: Bezerra Editora.

- PEREIRA, B. e PINTO, A. (1999). Dinamizar a escola para prevenir a violência entre pares. *Sonhar*. 1, 19-32.
- PEREIRA, B. (1999). Os tempos livres na escola, os recreios e a prevenção das práticas agressivas. In J. Precioso et al (org.), *Educação para a saúde* (361-375). Braga: Departamento de Metodologias da Educação – Universidade do Minho.
- PEREIRA, B. (2006). Lazer e Educação na Infância. Pensar os Espaços de Recreio. In João Eloir Carvalho. *Lazer no Espaço Urbano: Transversalidade e Novas Tecnologias*. (pp.19-32). Curitiba, Champagnat Editora, (pp.19-32).
- PEREIRA, Z. (2000). *Ocupação de tempos livres e actividade lúdica da criança com deficiência mental*. Tese de Mestrado. Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
- PERRENOUD, Philippe (1995). *Ofício do Aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto Editora.
- PETRUS, A. (1998). *Pedagogía social*. Barcelona: Ariel.
- PINTO, Manuel (2000). *A Televisão no Quotidiano das Crianças*. Porto: Edições Afrontamento.
- PINTO, Manuel et al. (2000). *As Pessoas que Moram nos Alunos*. Porto: Edições Asa.
- PIRES, E. (1985). Educação e tempos livres. *Congresso da Família. A família numa sociedade em mudança*. Lisboa: Conselho Diocesano da Pastoral Familiar do Patriarcado de Lisboa.
- PONTE, J. P. (2002). Investigar a nossa prática. In GTI (Org.), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM.
- QUIVY, R. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. 5ª ed. Lisboa: Gradiva.
- RAMOS, C. (2003). *Relações Jardim de Infância – Família. Representações e participação de pais / encarregados de educação*. Tese de Mestrado. Universidade Portucalense.

- SACRISTÁN, José Gimeno (2005). *O Aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed.
- SANTOS, M., Neves, J., Lima, M. e Carvalho, M. (2007). *A leitura em Portugal*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.
- SARMENTO, T. (org.), et al. (2009). *Infância, Família e Comunidade*. Porto Editora: Porto.
- SARMENTO, Manuel Jacinto, FERNANDES, Natália, TOMÁS, Catarina (2007). *Políticas públicas e participação infantil*. Educação, Sociedade & Culturas. N.º 25 pp. 183-206.
- SARMENTO, M. et al. (2006). *Participação social e cidadania ativa das crianças*. in Rodrigues, D. (org.). *Inclusão e educação: Doze Olhares Sobre a Educação Inclusiva*. Summus Editorial.
- SARMENTO, Manuel Jacinto (2006). *Visibilidade social e estudo da Infância*. In Vera Vasconcellos e M.J Sarmiento (org.), (In) visibilidade da Infância. Rio de Janeiro. Vozes (no prelo);
- SARMENTO, Manuel Jacinto, FERNANDES, Natália outros. *Participação Infantil na Organização escola*.
- SARMENTO, Manuel Jacinto, CERISARO, Ana Beatriz (2004). *Crianças e Miúdos. Perspectivas Sociopedagógicas da infância e educação*. Edições ASA.
- SARMENTO, M.; PINTO, M. (1997). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In PINTO, M.; SARMENTO, M. (coord.) **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- SERRANO, Gloria (2008) – *Elaboração de Projectos Sociais: Casos Práticos*. Porto: Porto Editora.
- SERRANO, J. (2003). *Mudanças sociais e estilos de vida no desenvolvimento da criança*. Tese de doutoramento. Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.

- SERRANO, J. e NETO, C. (1997). As rotinas de vida diária das crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 10 anos nos meios rural e urbano. In C. Neto (ed.), *Jogo e desenvolvimento da criança* (206-225). Lisboa: Edições FMH.
- SILVA, Alberto (2007). *Recre(i)ar o Espaço Escolar Contributos das Crianças*. FCT. Barcelona.
- SILVA, M. e BRITO, A. (1994). Estudo da influência da densidade de espaço no comportamento motor e interactivo em crianças de 7 e 9 anos em situação de jogo livre. *Ludens*. 1, 29-34.
- SOARES, N. (2006<sup>a</sup>). *Infância e Direitos: participação das crianças nos contextos de vida – Representações, Práticas e Poderes*. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- SOARES, N. (2006) *A Investigação Participativa no Grupo Social da Infância*. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.25-40, Jan/Jun.
- AAVV (2002). *Intervenção Social e Comunitária*. Lisboa: Hugin Editores, Lda.
- TOMÁS, Catarina (sd). Convenção dos Direitos da Criança: Reflexões Críticas. In: *Infância e Juventude*.

### **Legislação**

- Relatório de 2005 da UNICEF, intitulado “Uma Geração sobre Ameaça”.
- Despacho n.º 12591/2006, de 16 de Junho – Normas a Observar no período de funcionamento dos estabelecimentos, bem como na oferta das actividades de animação e de apoio à família e de enriquecimento curricular. (Programa de Enriquecimento Curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico).
- CONFAP (2007a). *Relatório de Acompanhamento Intercalar da Implementação das AEC*. Disponível em <http://www.confap.pt>.
- CONFAP (2007b). *Análise de implementação e recomendações das AEC. Relatório Intercalar do Programa de Generalização do Inglês e Outras Actividades de Enriquecimento Curricular, elaborado pela Comissão de Acompanhamento do Programa*. Disponível em <http://www.confap.pt>.

## Webgrafia

- MEZZAROBBA, Solange Maria Beggiato. *O papel do Educador Social: superando desafios*. Disponível em: [http://capacitacao.secj.pr.gov.br/arquivos/File/O\\_PAPEL\\_DO\\_EDUCADOR\\_SOCIAL.ppt](http://capacitacao.secj.pr.gov.br/arquivos/File/O_PAPEL_DO_EDUCADOR_SOCIAL.ppt). Acesso em: 14 Julho de 2010.
- SANTOS, B. S. (2002). *Em torno de um Novo Paradigma Sócio-epistemológico – Diálogos*. Revista. Lusófona de Educação. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/nl0a10.pdf>. Acesso em: 14 Julho de 2010.
- JARRET, Olga S. (2003). Disponível em: <http://www.ericdigest.org/2003-2/recreo.html>. Acesso em: 14 Julho de 2010.





## Anexos

### A - Quadro síntese referente à **caracterização do grupo das crianças investigadoras** participantes

<b>Crianças Investigadores</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão dos pais/</b>	<b>Idade</b>	<b>Número de irmãos</b>	<b>AEC's</b>	<b>ATL</b>	<b>Observações</b>
<b>Super Guerreiro Sam Gocu</b>	8 (05-09-2001)	Mãe: Doméstica/ Pai: Desempregado/	32 42	1 (11 e com deficiência)	Não	Sim	Pais divorciados (vive com a mãe)
<b>123 Gorila</b>	8 (31-10-2001)	Mãe: Recepcionista Pai: Agente da PSP	46 57	2 (de 23 e 25 anos)	Sim	Não	--
<b>Xavier 2</b>	9 (17-04-2001)	Mãe: Emprega de limpeza Pai: Empregado numa Funerária	34 36	1 (14 anos)	Sim	Sim	Pais divorciados (vive com a mãe)
<b>Xavier I</b>	9 (28-06-2001)	Mãe: Funcionária Público Pai: Funcionário Público	37 48	0	Não	Sim	--
<b>Jocabake</b>	9 (06-01-2001)	Mãe: Auxiliar da Acção Educativa Pai: GNR	--	1 (6 anos)	Não	Não	--
<b>Deissy</b>	8 (20-11-2001)	Mãe: Desempregada Pai: Vigilante	30 33	1 (2 meses)	Sim	Não	--
<b>Pauleta</b>	9 (10-01-2001)	Mãe: Empregada de balcão Pai: Empregado de mesa	38 34	4 (de 5, 7, 12 e 15 anos)	Sim	Não	Dois irmãos são só por parte do pai.
<b>Falcão</b>	8 (25-09-2001)	Mãe: Desempregada Pai: Serralheiro	42 40	0	Não	Sim	Tem o Síndrome Necrótico. Vive somente acerca de um ano com o pai.
<b>Luz</b>	9 (02-07-2001)	Mãe: Empregada de Limpezas Pai: Emigrante	--	1	Sim	Sim	Tem Asma Renite Alérgica
<b>Sophie</b>	9 (15-05-2001)	Mãe: Empresária Pai: Professor Universitário Reformado	48 61	1 (23 anos)	Sim	Sim	Pai com doença de Alzheimer
<b>Curby</b>	9 (09-01-2001)	Mãe: Terapeuta de Massagem Pai: Decorador	--	2(13/16 anos)	Sim	Sim	Desistiu na sessão n.º6

## B - Compêndio do percurso de construção do trabalho de campo

O quadro das sessões realizadas e que serão abaixo descritas como contínuum, foram cogitadas, desenvolvidas e continuamente avaliadas/reformuladas tendo como preocupação garantir condições de sustentabilidade de um processo contínuo de escuta das crianças, em que a sua perspectiva sobre a realidade possa ganhar audiência e visibilidade social, constituindo assim um novo espaço dentro do seu quotidiano estruturado pelo tempo da Família e da Escola, no desempenho do seu papel de Filho/a e Aluno/a.

Sessões	Data	Hora	O que fizemos?
<b>1.ª Sessão</b> “Apresentação”	30-04-2010	16h45min. às 17h30min.	Conversa com as crianças sobre o projecto de investigação a desenvolver; Jogo do dado “Conhece-me melhor!”. Entrega de um pack de investigação (capa/caderno/caneta);
<b>2.ª Sessão</b> “Vamos investigar...”	03-05-2010	16h45min. às 17h30min	Desenho livre “Eu _____ como investigador!”. Diálogo com as crianças investigadoras sobre “O que é investigar? O que faz um investigador? Para quê investigar?”;
<b>3.ª Sessão</b> “C.I.C.I”	06-05-2010	16h45min. às 17h30min	Fotografias das crianças como investigadoras. Construção de um Cartão de Identificação das Crianças Investigadoras (recolha dos dados biográficos e expressão da sua vontade de participar no projecto de investigação); Criação do “Grupo dos Amiguinhos Investigadores”.
<b>4.ª Sessão</b> “A minha Segunda-feira”	10-05-2010	16h45min. às 17h30min	Conversa sobre o “Tempo das Crianças!” Descrição de um dia das suas vidas (segunda-feira)
<b>5.ª Sessão</b> “Como Ocupo o meu tempo...”	19-05-2010	16h45min. às 17h30min	Descrição da sua quinta-feira. Conversa com as crianças sobre “Como ocupo o tempo (O que mais gosto de fazer/o que menos gosto de fazer/gostava de ter mais tempo para...)”.
<b>6.ª Sessão</b> “O meu tempo...”	21-05-2010	16h45min. às 17h30min	Noção do tempo: preenchimento de <i>relógios</i> “O meu tempo...”.
<b>7.ª Sessão</b> “O meu tempo...e os trabalhos de casa...”	26-05-2010	16h45min. às 17h30min	Descrição de um dia em que fossem elas (as crianças) a decidir tudo. Os trabalhos de casa.
<b>8.ª Sessão</b> “Tempo para brincar?!”	28-05-2010	16h45min. às 17h30min	Conversa – “Tempo para Brincar?!”
<b>9.ª Sessão</b>	02-06-2010	16h45min. às 17h30min	Visualização do filme “Direito ao Coração”- Diálogo sobre o filme visualizado.
<b>10.ª Sessão</b>	04-06-2010	16h45min. às 17h30min	Conversa: O <i>Tempo</i> e os <i>Direitos</i> da criança. O percurso escolar e o futuro.
<b>11.ª Sessão</b> “O tempo das AEC’s e o tempo dos ATL’s.”	09-06-2010	16h45min. às 17h30min	Conversa: “O tempo das AEC’s e o tempo dos ATL’s.”.
<b>12.ª Sessão</b>	11-06-2010	16h45min. às 17h30min	Elaboração do questionário e das entrevistas para realizar a outras crianças.

<b>13.ª Sessão</b>	14-06-2010	16h45min. às 17h30min	Experimentação dos questionários.
<b>14.ª Sessão</b>	16-06-2010	16h45min. às 17h30min	Preparação para a entrega dos questionários.
<b>15.ª Sessão</b>	17-06-2010	9h20min. às 15h	Entrega dos inquéritos às crianças do 2.º e 4.º ano de escolaridade. (9h20min. às 10h20min.- 2.ºano/13h30min. às 15h - 4.ºano).
<b>16.ª Sessão</b>	14-07-2010	14h30min. às 16h30min.	Análise e conclusões dos questionários.
<b>17.ª Sessão</b>	15-07-2010	14h30min. às 16h30min.	Avaliação do desenvolvimento do Projecto; Preparação para o debate “O Tempo das Crianças...Silêncios vividos e ruídos sentidos...”
<b>18.ª Sessão</b>	19-07-2010	14h30min. às 16h	Apresentação do projecto Debate “O Tempo das Crianças...Silêncios vividos e ruídos sentidos...” (Crianças/ Professores/ Pais/ Auxiliares da Acção Educativa/Responsável do ATL)

## C - Notas de Campo

### Nota de Campo I

<b>1.ª Sessão – “Apresentação”</b>	
Biblioteca, da EB Carlos Alberto, 30 de Abril de 2010 (das 16h45min. às 17h30min.)	
<b>Presentes:</b> Eu, o Atílio, o André F., o André, o Diogo, o João, a Liliana, o Paulo, o Pedro, a Rosana, a Teresa, o Vasco.	
<b>Recursos materiais utilizados:</b> Dado, folha de registo, pack.	
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Ouçó passos em tom de corrida, aproximavam-se da porta da biblioteca (situada no quinto andar, da EB de Carlos Alberto, do Agrupamento de Escolas de Miragaia). Encontro-me [simultaneamente agitada e expectante] de pé junto à referida porta. As crianças entram com expressões sorridentes e falando umas com as outras. Posam as mochilas e perguntam se podem sentar-se no quadrado, feito de bancos, que se encontrava no centro da sala. Após a resposta afirmativa, as onze crianças sentam-se aleatoriamente. Junto-me a eles, sento-me entre o João e o André F. Faz-se silêncio... o André F., num tom suave, comenta <i>hoje a professora está muito bonita</i>. As outras riem ... Agradeço o elogio e questiono se eles sabem o porquê de estarem ali sentados. O Diogo respondeu que foi porque o pai telefonou à professora e assinou o papel. Gerando um simultâneo de declarações. <i>Sim a minha mãe também assinou o papel porque eu pedi muito!</i> exclama o André F. Mas algum de vocês sabe o que dizia o papel? – pergunto. <i>Oh professora, eu não trouxe o papel, mas a minha mãe deixa! Amanhã eu trago!</i> Diz a Rosana, em tom aflito. Acalmo-a dizendo para ela não se preocupar. Retomo a minha pergunta <i>Mas afinal, porque estamos aqui?</i> O João responde <i>A professora disse que era para ajudar a fazer um trabalho!</i> O Diogo rapidamente</p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p>

retorque - *Não ... era para investigar!* Ouvem-se risos. Então esclareço, *“Sim é para me ajudarem a fazer um trabalho, pois como sabem a professora está frequentar o mestrado, na Universidade de Aveiro, e preciso sim da vossa ajuda. Pois quero fazer um trabalho, uma investigação convosco!”*. - *Vês, tinha razão!* Alega João. - *Mas eu também!* Retorque Diogo. - *Quem não sabia...eh!* Vocifera Atílio.

Continuo, *“Bem deixem-me explicar melhor o que vamos fazer, primeiro quero-vos dar a boas-vindas e agradecer por terem vindo... segundo tenho uma coisa muito importante para vos dizer... aqui não há professoras nem alunos!”*. Apressadamente, o Atílio pergunta *Ai, não! Então somos o quê?* obtendo resposta do Paulo, - *Investigadores!* Explico - *Sim eu sou investigadora e tu...tu ..tu és investigadores, somos todos investigadores.* Ouve-se o Vasco *Que fixe!*

Avanço, *Mas deixem-me explicar-vos o projecto de investigação ... Primeiramente, vamos combinar uma coisa depois de eu explicar bem o que vamos fazer vocês são livres de não aceitarem ou até desistirem quando quiserem... não são obrigados a estarem aqui certo?*

Ergue-se um conjunto de vozes gritando *Simm*.

Persisto, *Então, para fazermos bem, muito bem, esta investigação, há um segredo! Querem saber qual é? Primeiro, tudo o que for dito aqui nesta biblioteca é segredo, ou seja, ninguém saberá ou melhor só saberão o que permitirem... por isso, e o importante, é que falemos sem medo, com confiança... Ah! E é proibido fazer pouco de alguém não respeitar a opinião dos colegas de investigação, pois como somos todos «investigadores em início de carreira» ninguém tem razão... ou melhor temos todos razão...ou se tivermos dúvidas vamos investigar... é para isso que estamos aqui, entenderam?* Ouve-se um colectivo de vozes, *Sim*. Questiono se há alguém que não aceita. O Diogo, inteligentemente, interroga-me *Mas o que é que vamos investigar?* [Reparo que esta pergunta chama atenção das outras crianças]. Faz-se silêncio absoluto então declaro *Se concordarem vamos investigar primeiro o nosso tempo, como é que ocupamos o nosso tempo!* O Diogo responde prontamente *Sim, concordo...deve ser fixe!* Seguidamente a Teresa questiona *Ó Professora, e começamos já hoje? O que vamos fazer?* Respondo *Sim, hoje vamos conhecer um bocadinho melhor!* Alguém exclama *Mas já nos conhecemos!* Depressa, interpelo *Mas será que nos conhecemos mesmo bem? É que ser bons investigadores temos que nos conhecer mesmo bem!* O Paulo, naturalmente, afirma *Pois é ... temos que acreditar em todos!*

De repente, lembro-me que ainda não falei sobre as regras de participação, e então pergunto-lhes *Ah, colegas investigadores, informem-me de algo que será muito muito importante para o sucesso da nossa investigação. Conhecem as regras de participação? Aquelas que se usam, em todos os locais, quando um grupo de pessoas está a conversar, a dialogar sobre um determinado assunto?* Ergue-se um conjunto de vozes, gritando *Sim! Sim! São as que usamos na sala de aula!* Interpelo afirmando *Pois é! Bem, por exemplo, neste momento já não estão a respeitá-las!* A Rosana, coloca o dedo no ar, e diz *pois estamos todos a falar ao mesmo tempo! Temos que colocar o dedo no ar!* Insisto, *Aqui como já vos disse temos que nos ouvir a todos muito bem, vai ser muito*

**A finalidade é aproximarmo-nos do tema das AEC's, de uma forma espontânea.**

**Regras de participação (numa perspectiva de convivência social).**

**Primeiro**

<p><i>importante para a nossa investigação! Mediante o que eu expliquei, aceitam participar nesta investigação? Gritam entusiasmados, Simmmm!</i></p> <p>Informo que, a quem aceitar participar na investigação, entregarei um pack de investigador, que é uma pasta e um caderno para apontamentos. Enquanto faço a distribuição ouvem-se comentários tais como: <i>Que fixe!</i> (Pedro) <i>Ó professora! Foi gastar muito dinheiro!</i> (Atílio) <i>Que louco!</i> (Paulo). A Liliana pergunta <i>Temos que trazer sempre isso para aqui?</i> Olho para ela sorrio e abano com cabeça em sinal de consentimento.</p> <p>O Diogo afirma <i>É para guardar os documentos... fazer as nossas notas! E ó professora posso trazer a minha lupa?</i> Respondo que sim. A Teresa pergunta se pode desenhar e decorar a pasta que eu lhe entreguei digo-lhe que sim que a partir daquele momento pasta era deles que a podiam decorar como quisessem... <i>A professora é mesmo boa!</i> Diz o Pedro.</p> <p>Informo-os que está quase a tocar, mas que antes vamos fazer o jogo do dado “Conhece-me melhor!”. E mostro um dado de grandes dimensões, o que merece o comentário do André F. <i>E que dado grande!</i></p> <p>Explico o jogo, <i>Este jogo consiste no seguinte, primeiro vamos responder a folha para ... depois vamos rolar o dado e vamos falar sobre o que calhar pode ser?</i></p> <p>As crianças espalham-se pela sala, umas deitam-se sobre os bancos, outras colocam-se de joelhos, respondem por escrito ao que é pedido na folha. Eu também preencho. No final de preencher, regressamos ao nosso lugar inicial, lanço o dado, e começamos a conversar, com muita naturalidade,[Fico surpreendida com a postura e com o ar sério com que as crianças conversam] sobre o primeiro quadro (foi o que saiu), o que nos deixa <u>zangados</u>, ouço respostas como “<i>quando a minha mãe não me deixa jogar à bola</i>”, “<i>Quando me tratam mal.</i>”, “<i>quando a minha mãe me bate</i>”, “<i>quando não faço o que apetece!</i>”, “<i>quando a prof. D me bate!</i>”, <i>quando a minha prima bebé deita os brinquedos para o chão</i>”, “<i>quando a minha mãe não me deixa fazer nada</i>”, <i>quando os meus primos mexem nas minhas coisas</i>”, “<i>quando alguém trata mal a minha família</i>”, “<i>quando o Porto perde!</i>”. O Atílio pergunta o que é que me deixa zangada, antes de eu responder o Paulo afirma que é quando nós (os alunos) se portam mal. E as outras crianças dizem que concordam então eu digo que o que me deixa mais zangada é quando as pessoas faltam ao respeito às outras pessoas. O Paulo diz <i>pois a professora fica muito zangada quando o Miguel é mal-educado com as professoras e com a Dona Tília e a Dona Lurdes</i>. Pergunto se podemos lançar o dado para ver que quadrado sai. Mas o Diogo repara e pronuncia que a Teresa e o André F. não falaram, posto isto pergunto a estas duas crianças se querem partilhar connosco para assim nos conhecermos melhor. O André F., enrolando a folha, diz em tom baixo e reticente, “<i>É segredo por isso não posso dizer! Eu tenho um segredo, mas só quero contar à professora, pode ser?</i>” e imediatamente a Teresa exclama <i>Eu também!</i> e o Diogo refila <i>Isso não vale ...</i> e João acrescenta <i>Oh professora isso é batota!</i> E o Paulo continua <i>Não estão a ser bons investigadores...</i> defende a Rosana <i>Olha é porque têm vergonha!</i> Ironicamente o Atílio comenta <i>Faz xixi nas cuecas!</i> As crianças riem...</p>	<p><b>consentimento das crianças</b></p> <p><b>Entrega do Pack, funcionou como algo atractivo e responsabilizador.</b></p> <p><b>A importância dos recursos materiais.</b></p> <p><b>O jogo “Conhece-me melhor!” e os seus respectivos materiais captaram imediatamente a atenção das crianças.</b></p> <p><b>Considero que para realizar uma investigação fidedigna terei de apostar também em recursos materiais.</b></p> <p><b>O que deixa estas crianças zangadas:</b></p> <p>- maus tratos físicos e verbais, a repressão dos seus desejos, invasão da sua privacidade.</p>
---	--

<p>Interrompo e digo-lhes que temos que respeitar a sua decisão. Direciono o meu olhar para a Teresa e para o André e informo-os que no final do encontro, podem ficar para conversarmos. Pergunto às crianças se podemos continuar o jogo. E peço à Liliana para lançar o dado. As outras crianças expressam rapidamente a sua vontade de lançarem também o dado. Informo-os que será à vez. Sai a face <u>Contente</u>. Ouço as seguintes respostas “quando consigo um lugar no Pódio”, “quando o Porto ganha”, “Fico contente quando o dia é divertido”, “Quando compro uma caderneta de futebol”, “Quando tenho o que quero”, “quando a minha mãe faz a comida que eu gosto”, “quando marco um golo”, “quando a minha mãe me dá o que quero”, “Quando estou com os meus amigos e com a minha família.”, “quando estou com a minha família”, “quando marco um golo”, “Por vocês terem aceite o meu convite a estarem aqui”. O Diogo lança o dado sai a face <u>Envergonhado</u>, respostas “Quando vejo a professora Sara!”, “Quando conheço uma pessoa nova!”, “Se faço xixi nas calças!”, “Quando falo com pessoas desconhecidas!”, “Quando falo para muitas pessoas”, “quando eu fiz a espargata”, “quando me filmam”, “Quando vou ao quadro”, “quando tenho de cumprimentar uma pessoa que não conheço”. Lança o dado a Rosana, sai a face <u>Triste</u>. As respostas dadas são “quando tenho não provas de BTT”, “quando a minha mãe não me deixa comer um bolicão”, “quando recebo más notas”, “quando perco coisas importantes”, “Com quem bate a quem não merece”, “Quando a minha mãe chora”, “quando fico sem lanche”, “quando a minha mãe me ralha”, “quando me gozam”, “quando não vou jogar bola”, “fico triste todos os dias mesmo que não pareça...”. Ninguém lança dado, pois vejo as horas, e falta poucos minutos para as 17h30min., logo passamos para o quadrado COM MEDO, ouvindo as seguintes expressões, “de ficar sem os meus pais”, “quando o meu pai me bate”, “de estar no palco”, “quando eu ouço barulhos à noite”, “quando me assustam!”, “quando me ameaçam”, “quando há trovoadas”, “quando vejo um amigo a bater”, “quando alguém me quer bater”, “quando fico sozinho na rua”, ...</p> <p>Toca a campanha da escola, para sair, algumas das crianças colocam-se rapidamente de pé. Então eu pergunto rapidamente “Bem gostaram deste nosso primeiro encontro?”, Ouvem-se um coro “Simm...” Continuo “Querem ser investigadores?”, novamente se escuta “Sim”, e despeço-me “Então vá até amanhã... Sejam felizes!”. Alguns antes de saírem vêm dar-me beijinhos e depois saem a correr. Fica o André F. e a Teresa... Um de cada vez (o outro espera fora da biblioteca) e com a porta fechada contam o seu segredo... Que segredo... Que vidas escondem estas crianças!!!!</p> <p>Fico com aperto no coração... subitamente entendo muitas das suas atitudes...que como professora nunca fui capaz de desvendar... que momento...que despertou um turbilhão de emoções, de sentimentos, pensamentos, de dúvidas, de incertezas... e que mudou e contribuiu para crescer como pessoa, como professora e como investigadora.</p>	<p><b>O que deixa estas crianças contentes:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conquista, estar com a família.</li> </ul> <p><b>O que deixa estas crianças envergonhadas:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Embaraço, desconhecimento, protagonismo, incapacidade.</li> </ul> <p><b>O que deixa estas crianças tristes.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Perda, gozo/escárnio, injustiça, impotência.</li> </ul> <p><b>O que deixa estas crianças com medo.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivenciar situações de violência, de responsabilidade, sobressalto/ameaça e de solidão.</li> </ul>

### Registo fotográfico:



### Reflexão...

Como primeira sessão correu relativamente bem, no seu início pensei que tinha constituído um grupo bastante grande e heterogéneo ao nível do ser e do estar. Afinal, encontravam-se onze crianças presentes, que, de uma forma geral, já as conhecia, sabendo que em contexto escolar o seu comportamento é diferenciado, tendo alunos energéticos, conversadores e que gostam de ter toda atenção, tanto por parte dos colegas como dos professores, e outros muito tímidos, reservados, sensíveis, em que a sua voz é tão baixinha e por vezes não ouvida. Consciente que nas próximas sessões terei duas tarefas essenciais, além de as orientar, a primeira tratar-se-á de desconstruir o papel de aluno e professora, neste contexto, e construir o papel de crianças investigadoras e eu como investigadora. A segunda tarefa, será efectivamente, tentar manter todos os elementos do grupo e consequentemente, aprender a estar e a trabalhar numa investigação, com estas crianças, desenvolver nas mais convulsivas as suas capacidades de ouvir, e fazer as crianças mais inseguras falarem abertamente, sem receio. Ou seja, criar uma atmosfera de diálogo, de amizade, de cooperação, fundamental para a realização de um projecto de investigação. Será certamente um desafio!

Realço também, o entusiasmo, a motivação, alegria e a curiosidade exteriorizadas pelas crianças em desenvolver uma investigação, convicta que é um bom princípio, espero sinceramente não os desiludir! Reconheço que essas emoções manifestadas, deram-me ânimo para avançar, porém surgiram um turbilhão de dúvidas e receios! Serei capaz de realizar uma investigação com crianças?!

A escolha da estratégia do jogo do dado, "Conhece-me..." no meu ponto de vista foi óptima, dado que possibilitou efectivamente um conhecer mais e melhor, um assegurar que ali cada criança presente, é importante, o que fala, o que faz, o que sente realmente, isto é, a sua vida é deveras valorizada. As crianças ao aperceberem-se disto, dialogaram aberta e sinceramente, despreocupando-se com a possibilidade das outras crianças fazerem escárnio do que iam, progressivamente, expressando. O facto de elas já se conhecerem é objectivamente vantajoso, pois sentem-se num ambiente familiar, sendo elas próprias. Porém, como também as conheço, sei que existem crianças que não são aceites pelos restantes constituintes do grupo, será igualmente um desafio criar a noção que neste contexto somos um grupo em que todos são fundamentais para o desenvolvimento e sucesso de todo o trabalho investigativo, e quem sabe uni-los e torná-los verdadeiramente amigos.

Algo que ainda não compreendo, sinceramente, foi, como professora, nunca me predispor a ouvir aquelas duas crianças que vieram ter comigo e me contaram os seus segredos, sabia obviamente, que o pai da Teresa tem a doença de Alzheimer mas, desconhecia como isso influencia a vida

dela, além de ter ao seu lado uma grande mãe e um excelente irmão. Quanto ao André, sabia similarmente, que o seu irmão é deficiente, agora também desconhecia o que isso implicava na sua vida. Entendo, neste momento, muitas das suas atitudes, por exemplo o modo como o André fala o irmão, o ar pensativo e distante da Teresa nas aulas. Não consigo descrever o que ainda agora sinto ao pensar no que realmente aconteceu. Todavia, certamente mudará a minha atitude como professora e como investigadora

Até ao próximo encontro terei que descobrir/inventar uma estratégia para explicar o que é investigar, o que faz um investigador e para que serve uma investigação!

## Nota de campo II

<p align="center"><b>2.ª Sessão – “Vamos investigar”.</b></p> <p align="center">Biblioteca, da EB Carlos Alberto, 3 de Maio de 2010 (das 16h45min. às 17h30min.)</p>	
<p><b>Presentes:</b> Eu, o Atílio, o André F., o André, o Diogo, o João, a Liliana, o Paulo, o Pedro, a Rosana, a Teresa, o Vasco.</p> <p><b>Recursos materiais utilizados:</b> Pack de investigador.</p>	
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Entram, de forma alvoraçada, na sala, sentam-se ao acaso, falam entre si, queixam-se que está muito calor, ... Avisam que o André e Teresa vêm mais tarde porque estão a ensaiar a dança para o Sarau das Actividades de Enriquecimento Curricular...</p> <p>O Atílio pergunta se eu posso sentar-me ao lado dele. Deixo acalmá-los, e pergunto se podemos começar... <i>Voz colectiva:</i> Sim ...</p> <p><i>Eu:</i> Ah! Antes de começar, esqueci de vos dizer algo muito importante na sessão anterior, já devem ter reparado, que como vocês tenho a minha pasta de investigação e o meu caderno de notas...certo? E que na outra sessão já tive a tirar notas... mas podem-no ler sempre que o desejarem ...além de por vezes fazer apontamentos, em algumas sessões vamos tirar fotografias e filmar, isto se concordarem ... já sabem que tudo o que se passa aqui dentro é secreto, e só será divulgado o quiserem e quando o desejarem, é só para ajudar a investigação...Aceitam?</p> <p><i>Vozes:</i> Sim ...</p> <p><i>Eu:</i> Se há alguém que não aceita, pode dizê-lo! Não há problema sabem que aqui podemos ser muito sinceros uns com os outros ...</p> <p>Quando a câmara estiver a filmar vamos tentar esquecer que ela está ali, está bem? Vamos agir normalmente!</p> <p><i>Pedro:</i> O professora o que vamos fazer hoje?</p> <p><i>Diogo:</i> Vamos investigar ...</p> <p><i>Eu:</i> Para começar, gostaram da sessão anterior, ainda se lembram o que fizemos?</p> <p><i>André F.:</i> Sim...fizemos um jogo para nos conhecer mais...</p> <p><i>Eu:</i> Muito Bem!</p> <p><i>Atílio:</i> A Teresa e o André fizeram batotice!</p> <p><i>Eu:</i> Açam que com o jogo realmente nos conhecemos melhor?</p> <p><i>Liliana:</i> Sim! Eu não sabia que a professora tinha medo...</p> <p><i>João:</i> Sim ... eu disse a verdade...</p> <p><i>Diogo:</i> eu também</p> <p><i>Paulo:</i> Mas porque ninguém pode dizer a ninguém...não é professora?</p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p>



<p><i>Vasco:</i> O Atílio disse que fica envergonhado quando a professora Sara lhe dá um beijinho.</p> <p>Risos</p> <p><i>Atílio:</i> Pois foi!( Risos)</p> <p><i>André F.:</i> ó professora, vamos começar!</p> <p><i>Eu:</i> Estão a esquecer-se de uma coisa!</p> <p><i>Pedro:</i> O quê?</p> <p><i>Liliana:</i> Eu sei ... das regras de participação!</p> <p><i>Eu:</i> E não só! Há outra coisa, que combinamos na última sessão!</p> <p>Silêncio</p> <p><i>Eu:</i> Aqui há professores e alunos?</p> <p><i>Diogo:</i> Ah! Pois não... somos todos investigadores!</p> <p><i>Eu:</i> Pois é!</p> <p><i>Eu:</i> Bem, vou entregar uma folha a cada investigador... Onde terão de fazer um desenho de vocês como investigadores ...</p> <p><i>Diogo:</i> Como nós quisermos?! A investigar o que queremos...</p> <p><i>Eu:</i> Sim, como quiserem...</p> <p><i>Atílio:</i> Posso dar as folhas, professora?</p> <p><i>Eu:</i> Como?</p> <p><i>Atílio:</i> Investigadora!</p> <p><i>Eu:</i> Sim, podes!</p> <p>A Atílio distribui as folhas, as restantes crianças tiram o lápis e colocam-se como querem, de forma a puderem desenhar. Começam a desenhar...</p> <p>Ouçõ risos e falam silenciosamente entre si...</p> <p>Quando vejo que estão a terminar, peço que se sentem novamente.</p> <p><i>Eu:</i> Então, querem mostrar os vossos desenhos?</p> <p><i>Diogo:</i> Sim!</p> <p><i>Eu:</i> Então podes começar, mostra lá o teu desenho e se quiserem podes explicá-lo...</p> <p>Diogo vira a folha para os colegas.</p> <p><i>Atílio:</i> Ei, que fixe!</p> <p><i>Eu:</i> Queres explicar porque desenhaste um campo de futebol?</p> <p><i>João:</i> Porque ele só gosta de futebol!</p> <p><i>Diogo:</i> Pois é ... (risos) e se eu fosse investigador a sério... gostava de investigar os jogadores da bola... como o David Luís, o Cristiano Ronaldo...</p> <p><i>Atílio:</i> Que nojo! Do Benfica!</p> <p>(Risos)</p> <p><i>Eu:</i> Queres mostrar o teu Atílio?</p> <p><i>Atílio:</i> Não!</p> <p><i>João:</i> Posso mostrar professora?</p> <p><i>Eu:</i> Investigadora! Sim, podes!</p> <p><i>Vasco:</i> Uma esquadra?</p> <p><i>Atílio:</i> Só porque o pai dele é polícia!</p> <p><i>João:</i> Há investigadores na polícia, são aqueles que descobrem quem rouba e quem mata...Ah!</p> <p><i>Pedro:</i> Pois é!</p> <p><i>André:</i> Agora sou eu...</p> <p><i>João:</i> O que é isso?</p>	<p><b>Justificação dos seus desenhos (Eles como investigadores).</b></p>
--	--

<p>O André esconde o desenho...</p> <p>Eu: Está muito bonito, queres explicar para nós entendê-lo melhor?</p> <p>André: é Dragon Bol, são uns desenhos animados...</p> <p>Eu: Eu conheço!</p> <p>João: O que é que isso tem a ver com investigar?</p> <p>André: Eles lutam contra os maus...</p> <p>Paulo: Sim e para isso precisam de descobrir quem são os maus, têm de investigar!</p> <p>Vasco: Eu acho que escritório de investigação é assim! (mostra o dele)</p> <p>Atílio: Que fixe! Parece mesmo!</p> <p>Liliana: Eu também desenhei um cão! Os investigadores têm sempre um cão para os ajudar a descobrir!</p> <p>Teresa: Eu desenhei o nosso escritório de investigação...nós não vamos investigar??</p> <p>Apercebo-me que se instala uma agitação...</p> <p>Eu: Alguém quer mostrar mais?</p> <p>Silêncio...</p> <p>Depois de isto, alguém sabe dizer o que é investigar?</p> <p>Liliana: É descobrir coisas novas...</p> <p>André: tem que ter um disfarce...para ninguém o descobrir...</p> <p>Vasco: Também trabalham de noite... e tem um cão!</p> <p>Pedro: Alguns não têm cão...</p> <p>Eu: estão dispostos a fazer uma pequena investigação?</p> <p>Vozes: Sim</p> <p>Eu: Vou colocar nos vosso cadernos a actividade... vamos investigar, até à próxima sessão, nome de desenhos animados ou filmes onde existe investigação. Entenderam?</p> <p>André F.: Sim, tipo o Dragon Ball que eu desenhei...</p> <p>Teresa: Eu sei um ... o inspector gadgete...</p> <p>Rosana: Eu também vejo inspector gadgete</p> <p>Paulo: Mas ó professora! <u>Não há crianças investigadoras?!</u></p> <p>Rosana: Mas são maiores que nós!</p> <p>Eu: Então mas vocês vão ser investigadores... O que é ser criança?</p> <p>Vasco: é giro, divertido mas também cansativo</p> <p>Atílio: É só escola!</p> <p>Diogo: e ATL...</p> <p>Teresa: mas é bom ser criança...temos mais atenção...somos mais queridos e estamos sempre ser elogiados que somos muito fofinhos...</p> <p>Atílio: Mas não podemos fazer o que queremos, quem manda em nós, são os nossos pais ...</p> <p>Paulo: é verdade o meu <u>pai bate-me</u>...se eu não faço o que ele quer! (Toca)</p> <p>Eu: Não se esqueçam da actividade de investigação e se quiserem escrevam algo sobre o que é ser criança.</p> <p>Vozes: Tá bem!</p> <p>Diogo: Podemos levar os nossos desenhos na pasta?</p> <p>Eu: Podem... mas não os percam!</p> <p>Diogo: Vou fazer um melhor... Vou pintar o campo de futebol...</p> <p>Eu: Até amanhã. Sejam Felizes...</p>	<p><b>Conclusão obtida:</b></p> <p>investigar é descobrir coisas novas ... o investigador tem de ter um disfarce para ninguém o descobrir, trabalham de noite e a maioria deles têm um cão.</p> <p><b>Será que vão realizar a actividade de investigação solicitada?</b></p> <p><b>Surge a questão:</b></p> <p>Existe crianças investigadoras?</p> <p>Referência sobre o que é “<b>ser criança</b>”.</p> <p>Curiosas as suas respostas, para eles <b>ser criança</b> é giro divertido mas cansativo, é só escola e ATL e quem manda nas crianças são os pais.</p>
--	---

### Registo fotográfico:



### Reflexão ...

Considero que a sessão foi agradável, através do desenho destas crianças, explorei as ideias prévias relativamente ao que é investigar e de como é um investigador.

Todavia, tenho que descobrir uma forma, para que estas crianças, se sintam verdadeiramente investigadoras e também romper efectivamente, com a relação aluno-professor, neste contexto de investigação.

Na sua generalidade, as crianças estavam alegres, bem-dispostas, abertas ao diálogo. Reconheço que o Diogo surpreendeu-me, pois é um aluno bastante reservado, e foi dos meninos que mais conversou e se mostrou disponível e ansioso para progredir com a nossa investigação.

Quando o Paulo exclamou, em tom de pergunta, se havia crianças investigadoras, provavelmente não respondi do modo mais correcto, retribuindo com uma questão “O que é ser criança?”, algo muito abstracto, e sinto que não esclareci a dúvida.

No momento em que toca a campainha, e consequentemente as crianças agitaram-se, um menino encontrava-se a dizer que o pai lhe batia, e eu não disse absolutamente nada, porém, as suas palavras ficaram no meu pensamento. Na próxima sessão, falarei com ele a sós, não quero de maneira alguma, que este menino imagine que o ignorei.

### Nota de campo III

#### 3.ª Sessão – “C.I.C.I”.

Biblioteca, da EB Carlos Alberto, 6 de Maio de 2010 – (das 16h45min. às 17h30min.)

**Presentes:** Eu, o Atílio, o André F., o André, o Diogo, o João, a Liliana, o Paulo, o Pedro, a Rosana, a Teresa, o Vasco.

**Recursos materiais utilizados:** Cartões “C.I.C.I”

#### Descrição:

Entram apressadamente, falam entre si, pousam a mochila, e sentam-se...

Sento-me entre eles...

Eu: Podemos começar...

(Vozes): Sim....

Eu: Alguém se recorda do que estivemos a fazer na sessão anterior...

Diogo: Ó professora!

Eu: Como?

Diogo: Investigadora, eu fiz os deveres...

Eu: Deveres? Eu não mandei deveres... os investigadores têm deveres? A tarefa... Pesquisaste sobre desenhos ou filme de investigação?

#### Observações /Temas abordados/reflexões:

A Actividade de investigação foi considerada como

<p>Diogo: Sim!</p> <p>Eu: Muito bem...</p> <p>João: Eu também fiz investigadora...</p> <p>Eu: Então o que é investigar? O que faz um investigador?</p> <p>Liliana: um investigador descobre coisas que ainda ninguém conhece...</p> <p>Diogo: Anda com a lupa a examinar tudo ...para descobrir coisas novas...</p> <p>Atílio: Que fixe! Amanhã também trago uma lupa...</p> <p>Diogo: E trouxe uma mascote... (um cão peluche).</p> <p>Pedro: E quando é que nós começamos a investigar?</p> <p>Eu: Sabem... hoje vamos fazer algo muito especial e importante!</p> <p>Diogo: O quê?</p> <p>Eu: Primeiro, vamos tirar a uma fotografia como investigadores!</p> <p>Liliana: Para o cartão?</p> <p>Eu: Sim! Para colocarmos no nosso <u>Cartão de Identificação de Crianças Investigadoras (C.I.C.I)</u> ... tipo o nosso B.I ... Depois vamos combinar uma coisa:</p> <p>a partir da próxima sessão ao subirem as escadas vão-se transformar gradualmente em investigadores</p> <p>André F: É como se fosse magia ...</p> <p>Eu: Isso... e a transformação fica completa, quando se entra aqui... compreenderam?</p> <p>Paulo: Sim... ao subir... ao entrarmos aqui, deixamos de ser alunos e somos investigadores ...</p> <p>Pedro: E vamos ter outro nome, para não sermos descobertos?</p> <p>Eu: Isso mesmo... Cada um vai pensar no seu nome de investigador</p> <p>Atílio: Que louco!</p> <p>Diogo: Eu já qual vai ser o meu... Xavier...</p> <p>Atílio: Ei... mas em também queria ser Xavier!</p> <p>João: ficas Xavier II...</p> <p>Eu: Mas esperem! Vamos começar por tirar as fotografias depois, decidimos o nosso nome, pode ser?</p> <p>Paulo:A investigadora Sara também vai ter um nome?</p> <p>Diogo: Claro... ela também é investigadora como nós...</p> <p>Pedro: investigadora Sara é que nos vai tirar a foto?</p> <p>Eu: Não! Não somos todos investigadores? Cada um de vocês escolhe quem que e que lhe tira a fotografia.</p> <p>Atílio: Que fixe!</p> <p>João: Altamente!</p> <p>Atílio: A mim é João!</p> <p>Diogo: A mim é o Vasco!</p> <p>João: A mim é Atílio!</p> <p>Eu: Muito bem... podem utilizar objectos... coloquem como verdadeiros investigadores... ó que seremos a partir de hoje...</p> <p>Entrego a máquina fotográfica ao João ...</p> <p>Liliana: Posso tira-lhe a fotografia?</p> <p>Eu: Sim...</p> <p>Depois de terminar ... sentam-se ...</p> <p>Eu: Agora pensem bem no vosso nome ... pois vamos preencher o nosso cartão de Identificação... depois colocaremos a nossa impressão digital</p>	<p><b>deveres! Não acredito!</b></p> <p><b>Será que podemos aliar a magia à investigação?</b></p> <p><b>Incrível o entusiasmo de serem eles a utilizar a máquina!</b></p>
---	---

<p>como símbolo que aceitamos continuar a participar nesta investigação... entenderam...</p> <p>Sim...</p> <p>(distribuo um cartão por cada criança)</p> <p>Preenchem ... o cartão ...</p> <p>Conforme vão terminando sentam-se ....</p> <p>Eu: Bem como já preenchemos o nosso cartão... Quero que cada um diga o seu nome de investigador... Quem quer começar?</p> <p>Rosana: Eu ... sou investigadora Luz...</p> <p>Eu: Sempre a seguir...</p> <p>(Enquanto cada um, diz o seu nome de investigador, riem e comentam-nos entre si, parecem tão felizes! Que bom!)</p> <p>Teresa: Sophie</p> <p>André: 1,2,3</p> <p>André F.: Super-Guerreiro Sam Gocu</p> <p>Diogo: Xavier</p> <p>Vasco: Cardoso 007</p> <p>Atílio: Xavier 2</p> <p>Pedro: Falcão</p> <p>Paulo: Pauleta.</p> <p>Liliana: Deissy</p> <p>João: Joca Bake</p> <p>Pedro: E a Investigadora Sara? Podemos dar ideias?</p> <p>Eu: Podem?</p> <p>Atílio: Sarita</p> <p>Liliana: Sarinha, é mais bonito!</p> <p>Diogo: Investigadora Fadinha...</p> <p>Pedro: Eu gosto mais de Sarinha</p> <p>João: Por mim fica Sarita</p> <p>Eu: vamos a voto ... pode ser?</p> <p>Vozes: Sim!</p> <p>Quem gosta de Sarita, põe a mão no ar?</p> <p>(Atílio, João e Vasco)</p> <p>Eu: Sarinha</p> <p>(André F., Pedro)</p> <p>Eu: Fadinha</p> <p>(Liliana, Rosana, Teresa, Diogo, Paulo)</p> <p>Eu: Fica Investigadora Fadinha! Agora vamos colocar a nossa impressão digital no cartão, isto quem aceitar participar na nossa investigação, certo!</p> <p>Vozes: Simmm!</p> <p>(molham o dedo na tinta e pressionam o dedo no seu cartão).</p> <p>Eu: Bem meus amigos a partir deste momento somos investigadores ... temos um nome, pelo qual seremos chamados ... lembrem-se que para a próxima sessão, a partir do momento que entram aqui, o que é que acontece?</p> <p>Diogo: transformamo-nos em investigadores...</p> <p>Liliana: deixamos de ser alunos e deixamos também as mochilas lá fora...</p> <p>Eu: Isso mesmo...</p> <p>Diogo: Aqui vai ser o nosso laboratório de investigação!</p>	<p><b>Confirmação do seu consentimento em participar no projecto de investigação.</b></p> <p><b>Surgem o Laboratório de investigação e o Grupo dos Amiguinhos Investigadores.</b></p>
--	---

Eu: Muito bem... então na próxima sessão já não será a biblioteca mas o nosso laboratório de investigação, se todos concordarem ... concordam?  
 Sim... (vozes)  
 Eu: Muito bem, já temos um nome, um local de investigação, ... somos um grupo de investigadores...  
 Liliana: O nosso grupo podia ter um nome!  
 Diogo: Era fixe... o Grupo dos Amiguinhos investigadores  
 Eu: Pode ser?  
 (Vozes) Sim é fixe...  
 Eu: Faltam segundos para terminar... digam-me gostaram da sessão de hoje?  
 Sim (vozes)  
 Pedro: Agora vamos começar a investigar?  
 Eu: Sim...Agora somos mesmo investigadores!!!  
 (Toca)  
 Paulo: Podemos sair, professora?  
 Diogo: Investigadora Fadinha!!!  
 Paulo: Eu sei!!  
 Eu: Sim, podem sair. Sejam felizes!

#### Registo fotográfico:





### Reflexão ...

Esta sessão decorreu bastante bem, a actividade de utilizar a máquina fotográfica para se retratarem uns aos outros, como investigadores, motivou-os imenso. A ideia do cartão também foi espectacular, as crianças com um cartão a identificá-las como investigadoras, incluindo a atribuição de um nome de investigador fictício, ficaram convictas da sua utilidade e importância na realização da investigação.

As crianças são admiráveis, não esperava sinceramente que surgisse um nome para o grupo de investigação e nome para o nosso local de investigação.

A partir de hoje, penso que, estamos, eu e as crianças investigadoras, prontas para começarmos a investigar sobre a implicação das AEC's nas suas vidas.

## Nota de Campo IV

### 4.ª Sessão - "A minha Segunda - Feira".

Laboratório de Investigação, EB Carlos Alberto, 10 de Maio de 2010 – (das 16h45min. às 17h30min.)

#### Descrição:

Ouvem-se risos e falas... chegam à entrada... pousam a mochila ... perguntam se podem entrar ... entram com postura diferente... com as pastas de investigação... com um ar de investigadores envaidecidos... Sentam-se nos seus lugares habituais... e riem entre si e fazem comentários ... como se tivesse acontecido mesmo magia...  
 Eu: Muito bem amigos investigadores... prontos para começar?  
 (Vozes)Simmm...  
 Eu: Informo que, se não importarem, a sessão será gravada ...  
 (Sinto que ficam mais agitados...)  
 Eu: Lembrem-se do que vos disse ... façam de conta que não está a câmara ...  
 Pedro: O que vamos fazer hoje ...  
 Eu: Vamos conversar sobre o nosso dia...  
 João: O nosso dia ...  
 Eu: Sim... Mas deixem-me colocar a câmara ali...  
 (Infelizmente não liguei correctamente a máquina fotográfica, assim que me apercebi deste facto, liguei-a imediatamente).  
 Curby: Esquadra  
 Xavier I: Esquadra...  
 Jocabake: Sim é uma esquadra...  
 (Vozes)

#### Observações /Temas abordados/reflexões:

<p>Eu: Então a seguir pode ser o investigador Curby... pode ser?</p> <p>Curby: Não...</p> <p>Jocabake: Bingo!</p> <p>Eu: Então quem é quer continuar a conversar...</p> <p>Xavier I: EU!</p> <p>Xavier I: EU!</p> <p>Super Guerreiro: Eu!</p> <p>1,2,3: Eu!</p> <p>Jocabake: Eu!</p> <p>Luz: posso ser a segunda ou terceira?</p> <p>Eu: sim...então fazemos o seguinte, vamos fazer um jogo, querem?</p> <p>Vozes: Simmmm!</p> <p>Eu: Esta caneta vai rodar, para quem ficar o bico direccionado, é essa pessoa, que fala sobre o ser dia, pode ser?</p> <p>Vozes: Siiiiimmmm!</p> <p>Eu: Lembrem-se das regras de participação, por favor! (rodo a caneta), És tu Xavier I, podes começar! Como é, normalmente, um dia da tua semana?</p> <p>Xavier I: De manhã, levanto-me às sete e meia da manhã ... e ...(risos) ... depois dou mimosinhos a minha gatinha... depois vou tomar pequeno-almoço ... depois visto-me...depois lavar os dentes... saio de casa ... depois vou andar de popó....</p> <p>De vez em quando saio de casa às oito e um quarto, sete e cinquenta e nove...</p> <p>Depois chego ao ATL às oito e meia ...</p> <p>Jocabake: Ei que mentiroso!</p> <p>Xavier I: Não, não!</p> <p>Jocabake: Chegas ao ATL lá para às oito e dez...</p> <p>Xavier I: de vez em quando... eu disse bem ...</p> <p>(Vozes)</p> <p>Jocabake: Ó professora, ele chega quando eu estou a chegar!</p> <p>Xavier I: De vez em quando...</p> <p>Jocabake: Ele chega quando eu estou a chegar ...</p> <p>Xavier I: De vez em quando ...não é todos os dias!</p> <p>Eu: Normalmente...Hoje a que horas chegaste?</p> <p>Xavier I: Hoje cheguei para às oito e meia...</p> <p>(Risos e Vozes)</p> <p>Eu: Regras de participação ...</p> <p>Xavier I: De vez em quando, não são os meus pais que me acordam!</p> <p>Eu: Então?</p> <p>Xavier I: ...de vez em quando é a minha gatinha a lambar-me ...</p> <p>Jocabake: o segundo andar de minha casa...</p> <p>(Vozes)</p> <p>Xavier I: depois toca às dez e meia pa lanchar...</p> <p>Jocabake: Para o recreio...</p> <p>Xavier I: Pa lanchar...primeiro..</p> <p>Jocabake: para lanchar é antes das dez e meia...</p> <p>(...)</p> <p>Eu: Continua investigador Xavier</p>	<p><b>A vontade e a necessidade das crianças falarem sobre as suas vidas.</b></p> <p><b>O dia do Investigador</b></p> <p><b>Xavier I:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-7h- Levantar;</li> <li>- 8h - ATL;</li> <li>- 9h – Escola/aulas;</li> <li>- 10h30min. – recreio;</li> <li>- 11h aulas;</li> <li>- 12h – ATL/Almoçar;</li> <li>- 13h30min.- Escola/aulas;</li> <li>- 15h30min. ATL/Recreio</li> <li>- 16h ATL;</li> <li>- 17h30min.-18h – Treinos com o pai;</li> <li>- 20h – jantar com os pais;</li> <li>- 21h – Brincar com a gatinha; Ver televisão jogar PSP;</li> <li>- 22h30min. – Deitar;</li> </ul>
---	---





<p>Xavier I: Professora ainda não acabei... e depois, de vez em quando, a minha gatinha vai para o fundo das pernas fica no meio das pernas dos meios pais...e fica lá...de vez em quando sobe até ao cima da cama porque ,...</p> <p>Xavier I: Deixa-me falar ó curby...</p> <p>Xavier 2: A Curby, a Curby... (a cantar)</p> <p>Xavier I: de vez em quando a minha gatinha...sobe para cima... almofadas tem lençol por cima ... Os coisos das as almofadas tem botões...e ela pensa que são as mamas da mãe...</p> <p>(Risos)</p> <p>Xavier I: O quê ... ela é bebé!</p> <p>123: Ela não tem mãe?</p> <p>Xavier I: Não!</p> <p>Xavier 2: Curby o meu cão é do tamanho de um touro!</p> <p>(Risos )</p> <p>Xavier 2: Curby curby ... (a cantar, ele hoje irradia boa disposição!)</p> <p>(...)</p> <p>Xavier I: É ela...(aponta para a investigadora Luz) professora!!</p> <p>Curby: acordo as sete e trinta tal ... saio de casa lá para a sete e cinqueta e tal ...não sei e cinquenta e nove ...</p> <p>Tomo pequeno almoço ...</p> <p>Eu: Diz!</p> <p>Curby: 8 e tal, chego ao ATL...</p> <p>Xavier I: Chego primeiro que tu!</p> <p>Jocabake: Então é lá para oito e vinte ,...</p> <p>Curby: As 9h toca para aulas...Acordo sempre mal disposto...Tomo o pequeno almoço com as minhas irmãs... com cereais.. hoje não porque acabaram ... E depois vou a correr... Vou para a escola às 9h...</p> <p>123 Gorila: O professora???</p> <p>Eu: Lembrem-se regras de participação?</p> <p>Xavier I: ó Investigadora, posso falar uma coisa?</p> <p>Uma vez em Abril ou Maio eu fui uma colega de futebol...</p> <p>As três, chego a casa dele ...e depois ... lavar a mão e cão dele veio e cheirou e lambeu a minha mão...depois não lavei as minhas mãos....e depois esfrego na roupa....</p> <p>Voices e risos</p> <p>Xavier I: Curby curby cury ... (canta)</p> <p>Eu: Acham que assim conseguimos conversar e investigar...</p> <p>Xavier I: É o João!</p> <p>Eu: É preciso muita concentração...</p> <p>Eu: Nos desenhos animados que disseram que havia investigador...</p> <p>Eles a investigar precisam de quê?</p> <p>Jocabake: O inspector Max é um cão!</p> <p>Eu: Investigador Xavier gostaste que os teus amigos te tivessem a ouvir?</p> <p>Xavier I: Sim, mas também estiveram a brincar e a fazer perguntas...</p> <p>(...) Deparando com a sua dispersão, finalizo o jogo e pergunto se querem registar o que fazem, onde e com quem passam, habitualmente a segunda-feira. Respondem que sim. Dou as folhas ao Xavier 2, e ele distribui-as pelos seus colegas. No final do registo, conversamos um pouco sobre este,</p>	<p><b>O dia do Investigador</b></p> <p><b>Curby:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-7h30min.- Levantar;</li> <li>- 8h - ATL;</li> <li>- 9h – Escola/aulas;</li> <li>- 10h30min. – recreio;</li> <li>- 11h aulas;</li> <li>- 12h – ATL/Almoçar;</li> <li>-13h30min.- Escola/aulas;</li> <li>- 15h30min. ATL/Recreio</li> <li>- 16h às 17h30min.- AEC's;</li> <li>17h30min.- ATL;</li> <li>- 20h – jantar com os pais e irmãos;</li> <li>- 21h – Ver televisão jogar PSP;</li> <li>- 22h30min. – Deitar;</li> </ul> <p>As segundas-feiras destas crianças são, em geral, muito semelhantes, visto que frequentam a escola, o ATL, permanecendo pouco tempo com a família, sendo precisamente este, o tempo que mais gostam.</p>
---	--

e terminamos a nossa sessão.

### Registo fotográfico:



### Reflexão ...

Extraordinária a entrada das crianças, modificaram a sua postura, aconteceu mesmo magia! Todavia, reconheço que a estratégia adoptada (o jogo da caneta) não foi utilizada da forma mais perfeita. Por exemplo, em vez de, para quem ficasse direccionado o bico da caneta, contar integralmente o seu dia, deveria ter feito por partes, ou seja, começar pelo período da manhã, de seguida o da tarde e por fim o da noite. Teria efectivamente, resultado muito melhor, não afadigaria as crianças, preservando a sua atenção e entusiasmo.

## Nota de campo V

<p align="center"><b>5.ª Sessão – “Como Ocupo o meu tempo...”.</b></p> <p align="center">Laboratório de Investigação, da EB Carlos Alberto, 19 de Maio de 2010 – (das 16h45min. às 17h30min.)</p>	
<b>Presentes:</b> <i>Grupo dos Amiguinhos Investigadores</i>	
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Entram como investigadores ... sentam-se e falam-se entre si... Até que que me sento entre eles e pergunto se alguém se recorda do que estivemos a falar na sessão anterior. A investigadora Deissy afirma que conversámos sobre nosso dia-a-dia. O investigador Xavier I, diz que contámos o que é que cada um de nós fazia desde que acordava até dormir. O investigador Falcão completa que foi através do jogo da caneta. A investigadora Luz, acrescenta que registámos o que fazíamos às segundas-feiras e depois cada um disse aos outros o que fazia. Proponho então que comparemos o que fazemos à segunda e à quinta – feira, quem quiser regista senão pensam um bocadinho. Conversamos sobre o que fazíamos nos dois dias, chegando a uma conclusão, os dias da semana são todos bastante parecidos.</p> <p>Comunico que, se concordarem, vamos registar e depois falar, sobre como é que ocupamos o nosso tempo, no geral, o que é que gostamos mais de fazer e o que gostamos menos e para quê que gostaríamos de ter mais tempo. O <i>Grupo dos Amiguinhos Investigadores</i> concorda. Dou as folhas de registo ao investigador Falcão e ele distribui pelos colegas, e começam a registar. Após terminarem e como não falta muito tempo para tocar a campainha, sugiro uma conversa bastante rápida e organizada, começo por perguntar o que é que ocupa mais o nosso tempo.</p> <p>A resposta é unânime e manifestada, por alguns, como algo desagradável, parece que a quantidade de tempo que permanecem na escola, não é bem aceite.</p> <p>Investigador Xavier 2: O que ocupa mais o tempo da Investigadora Fadinha também é a escola?</p> <p>Eu: Sim, como vocês sabem estou aqui na escola, de segunda a sexta-feira, como vocês, das 8h30min. às 17h30min., e às vezes até mais...</p> <p>Investigador Xavier 2: Menos à quarta e quinta-feira, pois vai para a Bandeirinha....</p> <p>Eu: Muito bem ... E o que ocupa menos o vosso tempo?</p> <p>A resposta torna a ser uniforme, é o brincar e o estar com a família, que ocupa menos do seu tempo, é evidente que estas crianças sentem necessidade disso.</p> <p>Eu: E o que gostam mais de fazer?</p> <p>Investigadora Deissy: Brincar e ver televisão.</p> <p>Investigador Joca Bake: eu é andar de bicicleta e jogar futebol e passear o meu cão...</p> <p>Investigadora Sophie: eu gosto de ir para a dança, estudar, trabalhar, ver televisão, brincar e jogar D.S.I</p> <p>Investigador 1,2,3 Gorila: Eu gosto mais de jogar P.S.P.</p> <p>Investigador Xavier 2: Eu gosto mais de jogar à bola.</p> <p>Investigador Pauleta: Eu prefiro jogar Playstation.</p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p> <p><b>É na escola que passámos a maior parte do nosso tempo;</b></p> <p><b>O que ocupa menos o nosso tempo são: o brincar e o estar com a família;</b></p> <p><b>O que gostam mais de fazer:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincar;</li> <li>- Ver Televisão;</li> <li>- Andar de bicicleta;</li> <li>- Jogar futebol;</li> <li>- Jogar PSP;</li> <li>- Dançar;</li> <li>- Trabalhar</li> </ul>

<p>Investigador Super Guerreiro Sam Gocu: Eu gosto é de brincar e jogar Playstation 2</p> <p>Investigador Xavier I: Eu gosto mais no treino a jogar e também estar com os meus pais.</p> <p>Investigadora Luz: Eu gosto mais de brincar com os meus amigos e amigas e de trabalhar e de ver televisão também...</p> <p>Eu: O que gostam menos de fazer?</p> <p>Investigador Luz: E a investigadora Fadinha o que é que gosta mais de fazer?</p> <p>Eu: O que mais gosto de fazer é de estar com a minha família... e de dar aulas...</p> <p>Investigador Xavier 2: Mesmo quando nós nos portamos mal?</p> <p>Eu: O que gosto menos de fazer é ter que chatear com os meus alunos...mas quando tende de ser! E Tu?</p> <p>Investigador Xavier 2: É fazer os trabalhos de casa!</p> <p>Investigador Jocabake: Eu também não gosto!</p> <p>Investigadora Deissy: Eu não gosto de jogar computador...</p> <p>Investigador Falcão: O quê? Não acredito! Quem não gosta de jogar computador?!</p> <p>Investigadora Super Guerreiro: o que é que tem? Ela não gosta ... não obrigada a isso...</p> <p>Faz silêncio...</p> <p>Eu: E tu investigador 123 Gorila, o que é que gostas menos de fazer?</p> <p>Investigador 1,2,3 Gorila: É de quando não levo contas para fazer em casa!</p> <p>Investigador Jocabake O que eu <u>menos gosto é de ter aulas de tarde!</u></p> <p>Eu: Porquê? De tarde!</p> <p>Investigador Jocabake: É <u>uma seca ...parece que demora mais tempo a passar... está calor...</u></p> <p>Investigadora Sophie: eu não gosto de pôr a mesa tirar a louça da máquina e meter a louça da máquina.</p> <p>Investigador Pauleta: eu também não gosto de meter a mesa...</p> <p>Investigador Super Guerreiro Sam Gocu: eu é trabalhar...</p> <p>Investigador Xavier I: estar na escola a trabalhar...</p> <p>Eu: E gostariam mais tempo para fazer o quê?</p> <p>Investigador 1,2,3: eu era para jogar à bola e PSP</p> <p>Investigador Xavier2: Eu também gostava mais de jogar à bola...</p> <p>Investigadora Deissy: Queria brincar mais com a minha irmã...</p> <p>Investigador Pauleta: a mim era ver mais televisão</p> <p>Investigador Jocabake: Jogar PSP era mais fixe...</p> <p>Investigadora Sophie: eu queria estar mais tempo com a minha família toda junta ...</p> <p>Investigador Super Guerreiro Sam Gocu: eu gostava de ter mais tempo para brincar e jogar à bola...</p> <p>Investigador Xavier I: eu era estar no treino de futebol e em casa com os meus pais e primos...</p> <p>Investigadora Luz: eu gostava de brincar mais e de ver televisão e estar com a minha família e amigas...</p> <p>Informo que de acordo com os meus apontamentos, podemos sintetizar</p>	<p><b>O que gostam menos de fazer:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhos de casa;</li> <li>- Jogar computador;</li> <li>- Aulas à tarde;</li> <li>- Tarefas domésticas;</li> <li>- Trabalhar (estudar);</li> </ul> <p><b>Gostariam de ter mais tempo para:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Brincar;</li> <li>- Ver Televisão;</li> <li>- Jogar PSP;</li> <li>- Estar com a família;</li> <li>- Jogar futebol;</li> <li>- Estar com os amigos;</li> </ul>
--	--

que é a escola que ocupa mais o seu tempo, que brincam e estão com a família pouco tempo. E o que mais gostam de fazer é de brincar, de ver televisão, de jogar playstation, de estar com a família, e o que gostam menos é de fazer os TPC .... Toca a campainha, arrumam a sua pasta de investigação e perguntam se podem sair, questiono-os se estavam a concordar com o meu resumo, e se gostaram da sessão de hoje, respondem que sim, despedem-se de mim, saem, com rosto sorridente.	
<b>Reflexão ...</b>  O encontro de hoje decorreu de modo bastante agradável, é evidente a ideia que as crianças possuem, de que é na escola que passam uma grande parte do seu tempo. Na sua generalidade, queixam-se do pouco tempo que passam junto da família e a brincar, pois, como mencionam, se tivessem mais tempo seria exactamente isso que fariam. O recurso utilizado, a folha de registo, funcionou, as crianças investigadoras sentiram-se à vontade e mais facilidade para se expressar tanto através do desenho e/ou escrita como posteriormente através do seu discurso oral.	

<b>6.ª Sessão – “O meu tempo...”</b> Laboratório de Investigação, da EB Carlos Alberto, 21 de Maio de 2010 (das 16h45min. às 17h30min.)	
<b>Presentes:</b> <i>Grupo dos Amiguinhos de Investigadores</i>	
Chegam a correr, falam e riem entre si, pousam as mochilas na varanda, pegam nas suas pastas de investigação e entram “como investigadores”, aproveito e fotografo-os, o investigador Xavier 2 pede para me fotografar a entrar como investigadora, os restantes apoiam a sua atitude e eu predisponto-me para tal. Posto isto, sentam-se nos lugares frequentes, perguntam se hoje vão utilizar a câmara e as máquinas fotográficas. Aproveito para lhes dizer que vou ligar a câmara de filmar. (ligo a câmara de filmar) Sento-me entre o Pauleta e Super guerreiro, e ouço “Professora está à frente da câmara?” Eu: Professora??? Investigador Curby: Investigadora! Está à frente da câmara ... Investigador Xavier I: Bem fixe! Obrigada professora por tar à frente! Altamente! Investigador Jocabake: O André tu é tas à frente da câmara! Ponho-me de pé e vou colocar a câmara num sítio mais adequado. Continuam bastantes agitados, alguns fazem caretas para a câmara. O investigador Xavier 2 mexe-se, ri-se e fala em tom baixo para os colegas colaterais, constantemente. Começo por perguntar se alguém se recorda do que estivemos a fazer na sessão anterior... Mas não consigo captar atenção de uma grande parte dos presentes, que por sua vez se encontram na brincadeira entre si, e que se queixam com calor e sede. Calo-me de repente, e espero que se acalmem. Quando se faz um pouco de silêncio, continuo refazendo a pergunta inicial. O Xavier I responde que estivemos a falar sobre o que gostamos mais e menos de fazer, como ocupamos o nosso tempo. Acrescento, que também registaram. O Xavier 2 não pára de	<b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b>

<p>murmurar e o Curby pediu-me para o mandar calar.</p> <p>Informo-os que estive a ver com mais atenção os seus registos “A minha Segunda-feira”, e “A minha quinta-feira”, e reparei que alguns investigadores escreveram que o seu dia começava às nove com a entrada na escola...</p> <p>Investigador Falcão: Fui eu!</p> <p>Eu: Por exemplo, sei que o Diogo ...</p> <p>Investigador Xavier I: Investigador...</p> <p>Eu: Muito bem... sei que o investigador Xavier I disse que acordava às sete ...</p> <p>Investigador Xavier 2: Eu acordo às seis!</p> <p>Investigador Xavier2 fala para os seus colegas ...</p> <p>Gera-se uma pequena discussão, o Falcão disse que não tem a fotografia que a Luz tem, os restantes colegas dizem que sim. Apelo às regras de participação. No entanto, o Xavier2 continua a brincar e destabilizar o grupo. Então, num tom mais elevado, reformulo a questão: “Gostava de saber o que é que cada menino faz desde que acorda até chegar às nove horas à escola?”</p> <p>Eu: O investigador 123 disse que acordava às sete menos cinco. O que fazes das sete às oito horas?</p> <p>Investigador 123 Gorila: <u>Tomo o pequeno-almoço vou para o trabalho da minha mãe.</u></p> <p>Eu: O que fazes lá?</p> <p>Investigador 123 Gorila: Até às nove <u>jogo PSP.</u></p> <p>Toca a playstation do Falcão.</p> <p>Investigador Xavier I: Desliga ó Pedro!</p> <p>Investigador Xavier 2: Mais valia não vires para aqui...</p> <p>Ouve-se a tocar a campainha da escola. A Auxiliar da acção Educativa chama pela Rosana (Luz). A Luz levanta-se e sai.</p> <p>Eu: Xau investigadora Luz!</p> <p>Investigadora Luz: Xau investigadores...</p> <p>Investigador Xavier 2: Xau investigadora!!</p> <p>Investigador Curby: Ó Di com tal vamos embora...</p> <p>O investigador Super Guerreiro, inesperadamente, dá-me um beijo na cara, o que imediatamente suscitou reacções.</p> <p>Investigador Xavier2: Dá graja ao André!</p> <p>Super Guerreiro: Porquê? Não posso dar um beijo à investigadora Fadinha? A professora não é um sapato!</p> <p>Eu:</p> <p>Investigador Pauleta: <u>Acordo... vou à casa de banho lavar a cara...tomo o pequeno-almoço com os meus irmãos...acordo o meu pai...pego na pasta e venho para a escola...</u></p> <p>Investigador Xavier 2: Pois, o pai dele adormece...</p> <p>Riem-se ...</p> <p>Eu: Das nove às dez</p> <p>Investigador Pauleta: Depois trabalho e vou para o recreio aí brinco com os meus amigos</p> <p>Investigador Xavier 2: à cuca...</p> <p>Continuam muito agitados, confesso que hoje devido ao meu dia de</p>	<p><b>O que fazem antes de chegar à escola (9h):</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- ATL;</li> <li>- Trabalho dos pais (onde por exemplo jogam PSP)</li> </ul> <p>Não deveria ser ao contrário!!!</p>
--	--





<p>Investigador Super Guerreiro: A professora comprou aquilo, gastou dinheiro nas fotocópias, gastou papel...</p> <p>Investigador Xavier 2: Para isso não vinha...</p> <p>Investigador Super Guerreiro: E se nós saíssemos todos o que ia fazer com as pastas todas?</p> <p>Eu: Digam-me uma coisa sinceramente, vocês são obrigados a estarem aqui?</p> <p>Investigador Xavier I: A minha mãe está a fazer tempo para eu estar ...</p> <p>Investigador Xavier2: Eu agradeço à tua mãe...</p> <p>Investigador Xavier I: Mas eu é que quero...</p> <p>Investigador 123: A Élia!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: O Miguel Ledo!</p> <p>Investigador 123 Gorila: O Miguel Ledo não pode, tem música...</p> <p>Investigador Super: Mas ele gostava muito de vir...</p> <p>Eu: Não posso obrigar ninguém a estar aqui ...Temos que continuar as nossas conversas...</p> <p>Investigador Pauleta: A Élia por exemplo ou a Raquel...</p> <p>Eu: Vamos continuar a nossa investigação...</p> <p>O investigador Xavier 2 abre a pasta de investigação do investigador Curby. Falcão chega de beber água e comenta algo, que não apercebo muito bem o quê, e gera alguma confusão.</p> <p>Eu: Querem sair todos... vamos dar por terminada a sessão de hoje...</p> <p>Investigadores quem não quiser estar, continuar, ... pode sair... As crianças investigadoras indicam com a cabeça que não pretendem sair. O investigador Xavier 2 comenta com o falcão sobre o desenho que o Curby fez sobre o que é ser criança. Riem. O investigador Pauleta por iniciativa própria decide continuar.</p> <p>Investigado Pauleta: das três e meia às cinco e meia tou nas AEC's.</p> <p>O investigador Pauleta tenta continuar a conversa mas sem hipótese ...O investigador Xavier I, avisa que falta pouco tempo para terminar a sessão. Pergunto se realmente querem continuar. O investigador Xavier I, responde:</p> <p>- Eu quero! Estamos a perder muito tempo, só estamos aqui a falar (assuntos não relacionados com a nossa investigação) ... ainda não fizemos nada... (para a investigação)</p> <p>Eu: E eu tenho culpa...</p> <p>Investigador Xavier 2: Investigadora Fadinha ficou quase a chorar...</p> <p>Eles próprios fazem mais uma tentativa para continuar a conversa.</p> <p>Investigador Xavier I: E a hora de almoço?</p> <p>Investigador Pauleta: Já disse!</p> <p>Investigador Xavier I: Não ouvi... fui à casa de banho....</p> <p>Investigador Pauleta: Fico na escola...vou para as actividades... vou com a minha mãe para casa...</p> <p>Investigador Xavier I: Tens AEC's?!</p> <p>Investigador Pauleta: (acena que sim) Às cinco e meia saio e vou com a minha mãe buscar o pão e vou para casa.</p> <p>Falam entre si e de repente ouve-se o investigador Xavier 2.</p> <p>Investigador Xavier 2: Eu não quero (sair, pois os colegas dizem, que talvez, será melhor ele sair) ...</p>	
---	--

Investigador Xavier I: Oh pauleta! Esqueceste-te de...

Investigador Xavier 2: Você está triste.... Porque o Vasco saiu...

Investigador Pauleta: E não só isso! Hoje estamos sempre a falar...

Verificando que as crianças se apercebem do meu estado de espírito, estabeleço um pequeno diálogo para tentar entender o que passou e o porquê do seu comportamento agitado. Depois de ouvir as suas razões, tais como o facto de sentirem muito calor e cansaço. Proponho o preenchimento dos relógios “O meu tempo...”. Após o seu consentimento explico a actividade. Ao visualizarem os relógios demonstram entusiasmo e interesse. Começam a preencher.

Conforme terminam sentam-se e falam entre si, mas em tom baixo, para não incomodar os seus colegas.

Entretanto, toca a campainha, as crianças que já preencheram, entregam e pergunta-me se podem sair. Digo que sim e que em casa analisarei os seus relógios para na próxima sessão os podermos discutir, investigar e tentar chegar a alguma conclusão. Alguns ficam a terminar e as outras dão-me beijinhos pedem-me desculpa pelo sucedido (é certamente evidente a minha tristeza por, provavelmente, ter perdido a participação e cooperação de uma criança investigadora, um membro do *Grupo dos Amiguinhos Investigadores*) e saem.

#### Registo fotográfico:





### Reflexão ...

Hoje foi verdadeiramente, uma das sessões mais complicadas, por um conjunto de factores tais como: a desistência de uma criança investigadora, o investigador Curby, a agitação e a desconcentração por parte das crianças, e pela primeira vez, o meu cansaço é visível. A perda de uma criança investigadora, tornou-se, efectivamente, o factor mais agravante, confesso que fiquei tristíssima, com a sensação de fracasso, inutilidade perante a respectiva situação, lembrando-me da história ... pois mesmo ficando ainda com dez crianças, o *Grupo dos Amiguinhos Investigadores* era constituído por onze elementos todos diferentes, todos especiais, todos importantes. Espero que o investigador Curby reconsidere, será desejado e bem-vindo o seu regresso ao grupo.

Talvez para evitar os acontecimentos passados neste encontro, e como as crianças participantes se encontravam desde o início desinquietas, deveria ter proposto, primeiramente o preenchimento dos relógios, como tentativa dos acalmar, ou encontrar uma outra solução para captar a sua atenção. Todavia, compreendo o comportamento destas crianças, tal como eu estava cansada, também elas estavam saturadas, precisando de libertar energias, de correr, de pular, de brincar, de sair de dentro de quatro paredes, e respirar ar puro.

### Nota de campo VII

<p align="center"><b>7.ª Sessão – “O meu tempo...e os trabalhos de casa...”</b></p> <p align="center">Laboratório de Investigação, EB Carlos Alberto, 26 de Maio de 2010 - (das 16h45min. às 17h30min.)</p>	
<b>Presentes:</b> <i>O Grupo dos Amiguinhos Investigadores.</i>	
<p><b>16h35min.</b></p> <p>Entra aflito o investigador Xavier 2, avisando que investigador Xavier I estava caído no recreio, magoado na cabeça...Espreito pela janela do nosso Laboratório de Investigação, e vejo realmente o investigador Xavier I a levantar-se e agarrado à investigadora Luz e ao investigador Falcão a caminhar.</p> <p>Chega o investigador Xavier I amparado pelos colegas, choramingando, pergunto se ele quer que chame o pai. Porém, ele diz que prefere ficar, que quer participar na sessão. Admirada, peço, então, buscar gelo para colocar na sua cabeça e digo se ele quer se sentar no meu colo. Imediatamente, o investigador Xavier I vem para o meu colo e então com um tom de voz mais baixo, que o habitual, começo a sessão, relembrando umas das sessões anteriores, onde usaram o registo “A minha Segunda-feira” e “A minha quinta-feira”. Informo que só algumas crianças investigadoras colocaram o smile nas actividades que mais gostam</p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p>

<p>durante os respectivos dias. Sugiro que façam ou desenhem um dia normal de semana, numa folha branca, expressando o seu estado de espírito no decorrer do mesmo, ou seja, manifestar os sentimentos que experimentam na realização das suas actividades diárias.</p> <p>Forneço folhas brancas às crianças investigadoras, pergunto ao investigador Xavier I, se quer realizar a actividade ele diz que tentará. Conforme vão terminando digo para pensarem como seria o seu dia se fossem eles a decidir. Posto isto, interrogam se podem escrever também, torno a dar uma folha branca aos desejam registar.</p> <p>Empenhados e concentrados na actividades, conversando entre si e sorrindo, mostrando o seu registo, terminam.</p> <p>Analizamos os sentimentos que invadem estas crianças, durante o seu dia, desde o acordar até ao adormecer. Cada criança fala sobre o seu desenho (a maioria desenhou e escreveu, colocando em círculo, demonstrando, provavelmente, que é algo que se repete). Começa o investigador Jocabake mostrando aos colegas o seu desenho. Diz que acorda bem além de ainda ter muito sonho, prepara-se e vem para a escola, gosta das aulas das nove horas às dez e vinte porque passam rápido, no intervalo sente-se mais ou menos, porque há pouco espaço no recreio para brincar e os professores ou as funcionárias estão sempre a vigiar. As aulas a seguir ao recreio, gosta mais ou menos pois acha que o intervalo deveria ser maior. Fica feliz quando toca a campainha para almoçar, pois antes e depois de comer ainda tem tempo para brincar um bocadinho. Não gosta das aulas à tarde e refere que preferia o horário anterior, que era das oito às treze horas, porque além de terem mais tempo para brincar não era tão chato. Depois das aulas vai para casa com a mãe, <u>faz os trabalhos de casa, que são uma seca</u>, e de seguida fica muito alegre porque só faz coisas que gosta muito, primeiro vai treinar BTT, seguidamente vem para casa ver televisão, janta, depois brinca com a irmã, vai para a cama, torna a ver televisão até adormecer. Revela ainda, como gostaria que fosse o seu dia, seria acordar ir treinar duas horas depois teria, igualmente, duas horas de aulas, de seguida ia para casa para estar com a família, treinaria mais um pouco, e por fim ia dormir.</p> <p>A investigadora Deissy mostra o seu desenho ao grupo e relata o seu dia, que às vezes custa a acordar porque tem muito sono, mas que depois passa e fica bem-disposta, veste-se, toma o pequeno almoço, lava os dentes, penteia o cabelo e vem para a escola, está nas aulas faz o que a professora manda e depois mostra-lhe ou vai corrigir ao quadro. No recreio brinca com os amigos e quando toca vai para a sala de aula e faz novamente os trabalhos. Almoça e depois ainda brinca um bocadinho, toca e vai para as aulas, que demora mais a passar, tem novamente recreio brinca com as amigas, e tem AEC's as que mais gosta é inglês e educação física, as outras são mais aborrecidas. Vai para casa e aí <u>faz os trabalhos de casa, gosta se for para fazer poesia</u>. De seguida, janta e fica alegre porque está com a família junta. No final, vai dormir, às vezes vê televisão e brinca com a irmã. Acrescenta que se fosse ela a decidir gostava que as aulas fossem divertidas, à tarde gostava de brincar, desenhar e fazer poesias, gostava que o dia fosse mais animado e alegre. O investigador Super Guerreiro acorda contente, não gosta muito de se</p>	<p><b>Como se sentem durante a sua rotina diária.</b></p> <p><b>Como seria o seu dia se fossem eles a decidir...</b></p> <p><b>Referência aos trabalhos de casa.</b></p>
---	--

vestir, lava a cara, vai alegre para a escola, depois trabalha, não se sentindo tão feliz, no recreio estou divertido, torno a trabalhar, mas é só uma hora de seguida almoço e depois volta a trabalhar na sala de aula. Às três de meia vai para o ATL, gosta de estar no ATL, só não gosta nada de fazer os deveres. Depois vou para casa, todo contente às vezes, brinco, jogo à bola, janto e vou dormir. Termina declarando que sonha ter um dia em que fosse ele a mandar e outro dia para brincar, jogar PSP e jogar futebol.

Investigador Pauleta começa por afirmar que não gosta de acordar nem de se vestir, na ida para a escola está feliz, porém não se sente feliz nas aulas só no recreio. Gosta de almoçar em casa e regressa para a escola, pelo caminho vem contente, mas nas aulas é como de manhã, no recreio é divertido. As extra-curriculares também são divertidas, às vezes. Depois a minha mãe vem buscar-me e eu vou feliz para casa brincar, estudar, comer e dormir. Conclui que se fosse ele a mandar não haveria aulas, ou só às vezes, seria só brincar.

O Investigador 123 Gorila, diz que acorda, veste-se, toma o pequeno-almoço, vai com a mãe para o comboio depois vai para o trabalho da mãe, onde joga PSP ou vê televisão, venho para escola, faço os trabalhos, mais ou menos contente, se for matemática fico mais, vou para o recreio é divertido, toca e venho para as aulas faço os trabalhos, toca e vou almoçar, como o almoço, toco e entro, faço os trabalhos e vamos para o recreio, vou para as AEC's, e vou para casa, janto vou para a cama e durmo. Se fosse ele a decidir gostaria de ter mais tempo para ter matemática e jogar futebol, e também que houvesse mais contas para casa.

O investigador Xavier 2, rindo diz que acorda todo despenteado, e cheio de sono, depois espreguiça-se, abre a boca, vai fazer xixi, veste-se, e vai contente para escola. Nas aulas sente-se triste porque é uma seca. O recreio é fixe. As AEC's também são uma seca. Fica contente quando vai para casa e dormir. Se fosse a decidir até poderia ter escola mas seria pouco tempo depois seria só jogar à bola.

O investigador Xavier I, diz que acorda cheia de sono, depois veste-se e vai para a escola, de carro, com o pai. Esqueceu-se de colocar que antes de ir para a escola vai para o ATL. Às vezes as aulas são aborrecidas e não me apetece estar lá, o recreio é sempre fixe. Depois do almoço, brinco um bocadinho e depois venho para a escola ter mais aulas. Às três e meia vou para o ATL, primeiro lanço e faço, às vezes, os deveres, e brinco. Lá para as seis horas, depende do dia, o meu pai vem buscar-me e vou de carro para casa, chego a casa e vai para a internet. Diz que se esqueceu pois às vezes vai treinar,. Depois de jantar com os pais veste o pijama e vai dormir. Se fosse a decidir passava mais tempo com os meus pais e com a minha gata e a jogar futebol.

A investigadora Sophie relata que acorda cheia de sono, veste-se e arranja-se, tomo o pequeno-almoço e vai para o ATL, às nove horas vai para a escola, trabalha na sala de aula, brinca no recreio, volta a trabalhar na sala de aula, ao meio-dia vai para o ATL, brinca e depois almoço, vai para a escola trabalha na sala de aula e começa a sentir cansada de estar lá, vai ao ATL lanchar, e depois para as AEC's, de seguida para o ATL,

<p>vai para casa, às vezes triste porque não sei como o meu pai vai estar, faz os deveres da escola, janta, vê televisão, tenta a adormecer. Se fosse eu a mandar tirava a doença ao meu pai. Sinto um aperto no coração as outras crianças fazem silêncio total e olham para a investigadora Sophie. Momento incrível, repleto de emoção. O investigador Xavier I ainda se queixa com dores.</p> <p>Começam-se agitar-se, pergunto se alguém quer partilhar o seu dia e se querem continuar com essa actividade. Obtendo uma resposta negativa por parte da maioria. Estabeleço um diálogo sobre a sessão anterior, em que estivemos a preencher nos relógios “o nosso tempo...”.</p> <p><b>17h03min.</b> (transcrição da filmagem efectuada)</p> <p>Eu: O investigador Super Guerreiro, por exemplo, nunca tem tempo livre! Quando é que tens tempo livre? Se preenchestes tudo... não tens tempo livre durante o dia?</p> <p>Investigador Super Guerreiro: <u>Faço sempre alguma coisa...</u></p> <p>Eu: Fazes sempre alguma coisa... (o investigador Super Guerreiro acena com a cabeça que sim). E tu investigadora Deissy? Também tens sempre o tempo ocupado?</p> <p>Investigadora Deissy: Não...</p> <p>O Investigador Xavier 2 ri-se e interrompe a investigadora Deissy.</p> <p>Eu: olha as regras de participação...</p> <p>Investigador Xavier 2: Desculpe investigadora... Só estava a dizer uma coisa ao jocabake.</p> <p>Eu: Mas quando quiseses participar, esperamos e ouvimos todos... está bem?! Continua investigadora Deissy!</p> <p>Investigadora Deissy: ... depois dos deveres tenho tempo para fazer alguma coisa, antes do jantar, e antes de ir para a escola (manhã)...</p> <p>Eu: Então que é o tempo livre?</p> <p>Investigador Xavier 2: Eu! Não sei...</p> <p>Investigador jocabake: <u>é quando não temos nada para fazer...</u></p> <p>Eu: Deissy!</p> <p>Investigadora Deissy: é passatempo...</p> <p>Eu: investigador (Xavier 2), está com algum problema? Não quero ver os pés em cima do banco...</p> <p>Investigador Xavier 2: desculpe investigadora...</p> <p>Eu: E tu investigador Falcão? Tens tempo livre?</p> <p>Investigador Falcão: Sim...</p> <p>Eu: quando?</p> <p>Investigador Falcão: quando venho da escola, <u>de manhã antes de vir para a escola, depois de acabar a escola e ir para o ATL e depois do jantar...</u></p> <p>Eu: E o que fazes no teu tempo livre?</p> <p>Investigador Falcão: Eu!</p> <p>Investigador Xavier 2: Oh investigadora! Posso dizer depois o meu tempo livre?</p> <p>Eu: Sim... a seguir ao investigador Falcão...</p> <p>Investigador Falcão: De manha vejo televisão, quando venho do ATL vejo Morangos com Açúcar Escola de Talentos, e jogo no computador que tenho em casa...</p> <p>Investigador Xavier 2: Investigadora, para já não é Escola de Talentos é o</p>	<p><b>Análise dos relógios</b></p> <p><b>“O meu tempo...”</b></p> <p><b>Estas crianças têm ou não tempo livre?</b></p> <p><b>O que fazem no tempo que pensam que é tempo livre?</b></p>
--	---

<p> Teu Talento...  Eu: Então qual é o teu tempo livre?  Investigador Xavier 2: o meu tempo livre é ver televisão e jogar Playstation...  Eu: E será que isso é mesmo tempo livre?  Investigador Jocabake: Não...  Investigador Xavier 2: E jogar futebol...  Eu: O jocabake disse que tempo livre era...  Investigador Jocabake: estar sem fazer nada...  Eu: estar sem fazer nada mas então tu estás a jogar futebol e a ver televisão...  Investigador Xavier 2: sim e jogar playstation!  Eu: então é isso tempo livre?  Investigador Jocabake: Não! Não é!  Investigador Xavier 2: mas eu vou para a rua...Ó investigador mas eu vou para o ringue jogar...  Investigador Super Guerreiro: Mas o que ele quer dizer é que faz isso, que joga à bola, que joga plastation e...  Investigador Xavier 2: Palstation!!  Super Guerreiro: Playstation  O Investigador Xavier 2 ri-se alto!  Investigador Jocabake: Olha! Diz antes PSP! É mais fácil!  Investigador Super Guerreiro: Fogo! Pára de gozar!  Investigador Xavier 2: Plastation (ri-se)!  Investigador Falcão: Não lighes....  Investigador Jocabake: olha diz antes PSP  Eu: continua investigador...  Investigador Deissy: Não lighes!  Falcão: Não lighes, pá!  O Super Guerreiro chora...  Falcão: Não lighes ...ele também quando estava sempre a interromper e a gozar quando eu estava a falar ...  Eu: Investigador Xavier 2, o que é que tens de fazer?  Investigador Xavier 2: Desculpa!  Eu: quais são as regras de participação que nós combinamos?  Investigador Jocabake: desculpe!  Eu: Olhem vocês nunca se enganaram? Olha eu já!  Investigador Xavier 2: Eu já!  Investigador Jocabake: Eu também!  Investigador Xavier 2: Ó Investigadora mas em vez de dizer plastation dizia PSP.  Eu: Tudo bem! Mas não falavas assim... Ou tu gostas que te chamem à atenção como tu chamaste? Passou investigador! Quando passar continua a falar, era a sua vez! Queres continuar? O que é que ele queria dizer?  Investigador Super Guerreiro: ele (o investigador Xavier 2) queria dizer que quando jogava esses jogos ele fazia isso, o que queria, nesse tempo livre...  Investigador Xavier 2: Ó Investigadora, mas fazias mais coisas...  Investigadora Deissy: Passatemplos! </p>	<p> As crianças têm sentido crítico, tem sentimentos, compreensão ... </p>
--	--

<p>Eu: Então o tempo livre é passatempos... jogar futebol, ver televisão...</p> <p>Investigador Xavier 2: e fazer mais coisas...</p> <p>Investigadora Deissy: coleccionar...</p> <p>Investigador Super Guerreiro: jogar playstation!</p> <p>Eu: Investigadora Luz...</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Olhe, está a ver eles a gozarem-me...</p> <p>Investigador Jocabake: não estou a gozar mas ele ri-se e também me rio!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Fogo!</p> <p>Investigador Xavier 2: Sabes como é! Somos irmãos do peito...</p> <p>Investigador Falcão: eu também não consigo aguentar...</p> <p>Eu: Investigadores! Investigador Joca o que tens a dizer disto? Disseste que o tempo livre, para ti, era não fazer nada, não estar ocupado, certo?</p> <p>Investigador Jocabake: Certo!</p> <p>Eu: o que tens a dizer sobre a opinião do Atílio?</p> <p>Investigador Xavier 2: Atílio!</p> <p>Eu: Desculpa! Xavier 2!</p> <p>Investigador Jocabake: ele está a pensar que esse tempo é o tempo disponível é estar a fazer deveres e assim ...</p> <p>Investigadora Deissy: Olhe o Pedro!</p> <p>Eu: Investigador Falcão, então?! (levantou-se).</p> <p>Investigador Xavier 2: Há mais coisas no tempo livre...</p> <p>Eu: O quê?</p> <p>Investigador Xavier 2: passear... mais coisas!</p> <p>Eu: Sim...</p> <p>Investigador Falcão: Posso ir buscar um leite?</p> <p>Indico com a cabeça que sim.</p> <p>Eu: O investigador Joca estava a dizer...</p> <p>Investigador Xavier 2: Investigadora posso dizer uma coisa... não é Joca é Jocabake!</p> <p>Eu: O investigador Joca estava a dizer...</p> <p>Investigador Xavier 2: Bake! Fogo! É Jocabake!</p> <p>Investigador Jocabake: é a mesma coisa!</p> <p>Eu: O Investigador Jocabake disse para ele o tempo livre era não fazer nada, e o Atílio acha que esse tempo é o tempo disponível para...</p> <p>Investigador Xavier 2: <u>Atílio? Depois somos nós...</u></p> <p>Investigador Jocabake: A professora está habituada chamarmo-nos assim...</p> <p>Eu: Tem razão! Mas aqui somos todos investigadores!</p> <p>Eu: Investigadora Luz...</p> <p>Investigadora Deissy: Não sou a Luz...</p> <p>Eu: Desculpa investigadora Deissy, para ti, o tempo livre é passatempos, como por exemplo?</p> <p>Investigadora Deissy: dançando... jogando... brincando e assim...</p> <p>Investigador Xavier 2: Ó Investigadora, o investigador Xavier I, não fala...</p> <p>Eu: Quando ele quiser fala, tem todo o direito... queres falar?</p> <p>Investigador Xavier 2: Estás melhor? Está melhor Xavier I?</p> <p>Eu: Está a passar a dor de cabeça?</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Professora, Professora! Quero-lhe dizer</p>	<p>Para as crianças já somos mesmo investigadores!</p>
--	--



<p>uma coisa!</p> <p>Eu: Professora?!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: <u>Investigadora...</u></p> <p>Investigador Falcão: <u>Fadinha....</u></p> <p>Investigador Super Guerreiro: quero-lhe dizer uma coisa... vou começar a chorar, quando eu fui bebé, quando eu estava a correr em casa tinha uma parede que tinha, era tipo picos, picos de lã, eu sem querer ia jogar à bola, não sei quantos anos eu tinha, esqueci-me, tinha para aí um ano, e foi... ó professora!</p> <p>Investigador Jocabake: Investigadora!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Oh, está bem! Estou habituado a chamar professora ... e depois eu caí e rachei aqui assim cabeça tive de ir logo internado para o hospital, na ambulância...</p> <p>Investigador Xavier 2: Oh, Investigadora! Como é que ele sabe se ainda era bebé?</p> <p>Investigador Super Guerreiro: porque a minha mãe contou-me...</p> <p>Investigador Falcão: tenho aqui uma marca, uma cicatriz, não tenho? Também rachei a cabeça...</p> <p>Geram-se vários comentários e alguma confusão, pois todos querem contar histórias parecidas com estas.</p> <p>Investigador Xavier 2: Ó investigadora, quando eu tinha um dente (ri) estava na minha ama e quando eu queria ir pelas escadas o meu irmão estava lá, houve uma vez que meu irmão não estava lá, vou eu pelas escadas abaixo, pumba... (todos riem)</p> <p>Investigador Jocabake: desce um degrau e depois prum pum pum... e o Tico na casa Branca? (ri)</p> <p>Investigador Xavier 2: O Tico estava a olhar para o Falcão e pimba...(ri)</p> <p>Investigador Falcão: cai na camioneta...</p> <p>Eu: Então o investigador Joca disse que o tempo disponível, o tempo livre era ...,</p> <p>Investigador Jocabake: Era não fazer nada....</p> <p>Eu: Então como chamaríamos ao tempo a que o investigador se está a referir? Investigador Jocabake!</p> <p>Investigador Xavier 2: Ó investigador, e porquê que nós não temos uma Playstation?</p> <p>Eu: Vamos pensar em conjunto, vamos...</p> <p>Investigador Xavier 2: Yes ou No?</p> <p>Jocabake: Cala-te pá!</p> <p>O Investigador Xavier 2 esconde o porta-lápis da investigadora Deissy...</p> <p>Entra na sala o investigador Falcão com dois meninos, trazem betadine e algodão mas dizem que a Dona Tília disse para o Diogo ir para baixo...</p> <p>(O Xavier 2 fala com eles, conta o engano do investigador Super Guerreiro ao dizer Playstation e riem-se conversam, entre si...).</p> <p>Investigador Xavier 2: O Investigadora! O Macaco não sai!</p> <p>Eu: É assim que tratas o teu colega?</p> <p>Criança: Professora, posso entrar?</p> <p>Eu: Para quê?</p> <p>Criança: Para lhe fazer uma coisinha...</p> <p>Eu: Para isso não!</p>	<p>As crianças também gostam de contar as suas histórias (tal como os adultos!)</p>
---	---

<p>Investigador Xavier 2: Olha é investigadora não é professora!</p> <p>Eu: Como te Chamas?</p> <p>Criança: Leo!</p> <p>Eu: Então, até amanhã Leo!</p> <p>As crianças saem e o investigador Xavier I também. Cria-se alguma confusão. Peço para continuar...</p> <p>Investigador Xavier 2: Oh investigadora, onde está o Xavier I?</p> <p>Investigador Jocabake: Ele foi-se embora!</p> <p>Investigador Xavier 2: Ó investigadora ele foi-se embora... ele esqueceu-se de uma coisa!</p> <p>Eu: Deixa estar eu dou-lhe amanhã...</p> <p>Investigador Xavier 2: Eu dou... eu guardo e amanhã dou-lhe...</p> <p>Investigador Deissy: deixa a professora guardar...</p> <p>Investigador Xavier 2: Eu dou-lhe! Eu juro!</p> <p>Eu: Investigadores!</p> <p>Investigador Xavier: eu dou-lhe amanhã a professora não vai estar com ele e eu vou... Posso? Posso? (Aceno com a cabeça que sim).</p> <p>Eu: Vamos continuar a nossa conversa?</p> <p>Entra o investigador Falcão e pergunta à investigadora Deissy como é que ela foi capaz de beber o último leite. Ela diz que ele é mentiroso. Interrompo e pergunto se podemos continuar. O Investigador Falcão não se queria sentar... revejo e sintetizo o que foi dito até então.</p> <p>O investigador Pauleta, chega...por causa da dança, as crianças investigadoras presentes perguntam se correu bem...</p> <p><b>17h25min.</b></p> <p>Eu: Estávamos aqui ter uma conversa .. sobre os relógios que preencheram qual o vosso tempo livre.</p> <p>Investigador Xavier 2: Diz Pauleta!</p> <p>Investigador Pauleta: Quando tenho tempo livre que é só à noite brinco, brinco com o meu irmão e faço outro tipo de coisas com a minha irmã ... ajudo-a a fazer os trabalhos de casa e faço os meus.</p> <p>Eu: E tu?</p> <p>Investigador 123 Gorila: À noite também, quando faço os deveres!</p> <p>Eu: O que é o tempo livre?</p> <p>O investigador Falcão levanta-se sai, entra, pega nas suas coisas, e sai novamente, provocando comentários por parte de alguns colegas.</p> <p>Investigador Jocabake: Investigadora!</p> <p>Investigador Xavier 2: Vais-te embora?</p> <p>Investigador Falcão: eh hh...</p> <p>Investigador Xavier 2: Vais-te embora! Também não precisamos de ti para nada... (incomodado com a saída do investigador Falcão e na consequente interrupção na nossa conversa).</p> <p>Eu: O que é o tempo livre? (tento não demonstrar importância com a saída do investigador Falcão, pois sei que, após uns minutos, ele regressa, senta-se e participa seriamente na conversa, efeito do seu problema de saúde).</p> <p>Investigador Pauleta: é o tempo que temos disponível para fazer aquilo, outras coisas, que não podemos fazer nos outros tempos...</p> <p>Investigador Xavier 2: Investigadora, Investigadora! Posso ir fechar a</p>	
--	--

<p>porta...</p> <p>Eu: O que são os outros tempos?</p> <p>Investigador Pauleta: É quando estamos na escola, a trabalhar...</p> <p>Investigador 123 Gorila: Estamos em trabalhos...</p> <p>Investigador Pauleta: Não podemos estar brincar senão estamos distraídos e depois não aprendemos a matéria</p> <p>Eu: Como caracterizas esse tempo?</p> <p>Investigador Pauleta: o tempo de estudar!</p> <p>Eu: Até que horas é esse tempo?</p> <p>Investigador Pauleta: Das nove às dez ...</p> <p>Investigador 123 Gorila: dez e vinte ...</p> <p>Investigador Pauleta: E depois das onze ao meio dia, depois da uma e meia às três e meia e das três de meia às....</p> <p>Investigador 123 Gorila: cinco e meia...</p> <p>Eu: Esse é o vosso tempo de estudar?</p> <p>Investigador Pauleta: Sim... E das 10 às 11 é o tempo do recreio... do 12h à uma e meia é tempo de almoçar</p> <p>Eu: O que fazes no tempo do recreio?</p> <p>Pauleta: Brinco com os meus colegas, jogo às caçadinhas, e de vez em quando, à luta, ...</p> <p>Eu: Investigador Falcão, queres entrar?</p> <p>Investigador Jocabake: Entras ou vais?</p> <p>Falcão: São cinco e meia! Já!</p> <p>Eu: Estamos a conversar mais um bocadinho, os teus amigos investigadores chegaram um bocadinho mais tarde!</p> <p>Investigador 123 Gorila: Não é bocadinho é um bocadão...</p> <p>Investigador Pauleta: e depois quando toca venho para dentro...</p> <p>Investigador 123 Gorila: Ele esqueceu-se de uma coisa ... das três e meia às quatro também temos intervalo...</p> <p>Investigador Falcão: Vou dar isto ao Di</p> <p>Investigador Xavier I: Dá cá ... Eu amanhã vou-lhe dar...</p> <p>Investigador 123 Gorila: Tá a chorar o Di ...</p> <p>Investigador Falcão: Está lá em baixo...</p> <p>Eu: Pedro vai lá baixo e pergunta se está tudo e se é preciso ir lá?</p> <p>Investigador 123 Gorila: O pai dele está lá baixo há muito tempo...</p> <p>Investigador Xavier2: Foi Miguel Silva que o magoou o Xavier I...</p> <p>Investigador 123 Gorila: e ele teve que ir treinar... futebol...</p> <p>Toca a campainha para sair...</p> <p>Investigador Deissy: mas arrependeu-se...</p> <p>Eu: O investigador 123, diz-me só uma coisa disseste que o investigador Pauleta se tinha esquecido de uma coisa, o quê?</p> <p>Investigador 123 Gorila: do intervalo das três e meia às quatro...</p> <p>Eu: Vamos para casa investigar como é o nosso tempo livre e como chamaremos ao outro tempo...</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Não temos que escrever, pois não?</p> <p>Investigador Pauleta: Professora! Antes da minha irmã fazer os deveres vejo Morangos com Açúcar que é uma série ...</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Investigadora olhe para isto!</p> <p>Investigador 123 Gorila: Podemos sair?</p>	<p><b>Tempo de estudar, de trabalho – tempo em que se está na escola.</b></p>
--	---



<p>vocês estão a fazer...</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Desportos..</p> <p>Eu: mas então estão ocupados com alguma coisa! Será mesmo tempo livre?</p> <p>Investigador Xavier I: <u>Eu nem tenho tempo livre</u>...</p> <p>Investigador 123 Gorila: Ó investigadora! À terça eu só tenho escola e natação...e quarta tenho escola e treinos...</p> <p>Investigador Xavier I: copião!</p> <p>Investigador 123 Gorila: à quinta tenho escola e dança...</p> <p>Investigador Pauleta: à sexta tenho escola e actividades (AEC's)...</p> <p>Investigador 123 Gorila: à sexta também tenho futebol...</p> <p>Eu: investigador 123, durante essa tua semana não tens tempo livre?</p> <p>Investigador Pauleta: sim...<u>só ao fim-de-semana!</u></p> <p>Investigador Jocabake: Cala-te!</p> <p>Investigador 123 Gorila: À quarta e à segunda não ...tenho treino... só saio de lá às nove horas... para ir para casa...</p> <p>Eu: Por exemplo, em relação à hora de almoço vão, como dizem, almoçar ao ATL...</p> <p>Investigador 123 Gorila: depois de comermos brincamos...</p> <p>Investigador Pauleta: Eu não... vou almoçar a casa e tenho de pôr a mesa ...</p> <p>Investigador Xavier I: Fogo! Ó Professora! Ele está todo cágado!</p> <p>Investigador Jocabake: Esqueci-me... na rua calquei coco, eu estava a sentir o chão macio...</p> <p>(Risos e comentários)</p> <p>Eu: Investigador Joca! Vamos fazer o seguinte para não estar a incomodar ninguém, vais lá fora tiras as sapatilhas, como tens meias, e tornas a entrar pode ser?</p> <p>Investigador Xavier I: Eh, e nós! (quer também tirar as sapatilhas).</p> <p>Enquanto o investigador Jocabake, vai lá fora, as restantes descontraídas crianças riem e comentam a situação.</p> <p>O investigador Jocabake, entra e deixa a porta aberta, merecendo logo uma chamada de atenção....</p> <p>Investigador Xavier 2: És de braga?</p> <p>Investigador Xavier I: Bacarense!</p> <p>Investigador Jocabake: Eu fechei a porta é que travou...</p> <p>(Risos. O Investigador Xavier 2, levanta-se e fecha a porta.)</p> <p>Eu: Continuando, como o André disse...</p> <p>Xavier I: André'??</p> <p>Eu: André não! Muito bem... o investigador 123...</p> <p>Investigador Xavier I: Ó professora!</p> <p>Eu: A professora não está aqui!</p> <p>Investigadora Luz: acho que é mais investigadora!</p> <p>Eu: Investigador 123 Gorila, se pudesses modificar alguma coisa do teu tempo, o que é que modificarias? Arranjavas tempo para fazer o quê?</p> <p>Investigador Xavier 2: Brincar...</p> <p>Eu: Ou retiravas alguma coisa...</p> <p>Investigador 123 Gorila: se os treinos fossem às oito e acabassem às nove e meia tinha tempo livre...</p>	<p>O que retirariam e acrescentariam ao seu tempo....</p>
---	---

<p>Eu: Investigadores, não nos está a ouvir?</p> <p>Investigador Falcão: Eu estou!</p> <p>Eu: muito bem, investigador Falcão...</p> <p>Investigador Xavier I: Eu não estou a ouvir por causa do Jocabake...</p> <p>Investigador Super Guerreiro: que está sempre a limpar o salão!</p> <p>Investigador Jocabake: Estou, o quê?!</p> <p>Investigadora Sophie: Está a tirar aquela coisa...</p> <p>Investigador Xavier I: esferovite!</p> <p>Investigador 123 Gorila: está a tirar macacos!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: olha, ó João está a gravar...</p> <p>Investigador Jocabake: estava a tirar catotas!</p> <p>Investigador Luz: ele não é João!</p> <p>Investigador Jocabake: Pim!</p> <p>Investigador 123 Gorila: Joca não sei o quê!</p> <p>Investigadora Luz: é qualquer coisa assim...</p> <p>Investigador Xavier I: troca de nome pá!</p> <p>Investigador Xavier 2: Ó investigadora, qual é o nome dele?</p> <p>Investigador Pauleta: Rei Sam Gocu!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: não é nada!</p> <p>Investigador Xavier 2: ó investigadora, qual é?</p> <p>Investigadora Luz: Já descobri, ele viu pela aquela cassete!</p> <p>Investigador Pauleta: é o Guerreiro Sam Goku!</p> <p>Investigador Falcão: não não é!</p> <p>Investigador Xavier I: é Dragon Ball, queres ver!</p> <p>(Gera-se alguma confusão com o nome do investigador Super Guerreiro, então chamo a atenção das crianças investigadoras, e para tal peço ao investigador 123 que me empreste o seu porta-lápis, tiro um lápis e explico que rodarei o lápis e onde calhar, para o investigador que ficar a ponta virada, vai falar o que é que gostaria de tirar/acrescentar do seu dia ... O Investigador Xavier 2 pede para tirar as sapatilhas. Explico que enquanto a pessoa seleccionada estiver a falar as restantes só podem ouvir com muita atenção. E que se quiserem fazer alguma pergunta colocam o dedo no ar.</p> <p>Eu: Podemos começar?</p> <p>Investigador Xavier 2: Jocabake!</p> <p>Investigador Jocabake: Era para a Deissy, se ela estivesse aqui... (gera-se uma confusão de vozes, relembro as regras do jogo).</p> <p>Investigador Jocabake: O que é que eu tirava... Gostava de tirar os deveres...</p> <p>Eu: os deveres?! Porquê?</p> <p>Investigador Xavier 2: porque são uma seca!</p> <p>Investigador Pauleta: porque tira a maior parte do tempo...</p> <p>Investigador Xavier I: Cala-te</p> <p>Investigador Jocabake: São uma Seca!</p> <p>Eu: Em vez dos deveres o que fazias?</p> <p>Investigador Xavier 2: punha o futebol!</p> <p>Investigador Xavier I: Cala-te!</p> <p>Investigador Jocabake: E não! Ia treinar...</p> <p>Eu: Treinar, onde?</p>	<p>Todos reduziriam o tempo escolar e aumentariam o tempo para brincar...</p>
--	---

<p>Investigador Jocabake: Bicicleta em casa... tenho uma em casa!</p> <p>Investigador Xavier 2: a mim era jogar à bola... Eu era o treinador dele...</p> <p>Eu: Se te desse a possibilidade de tu gerires o teu tempo durante o dia, que farias, por exemplo de manhã?</p> <p>Investigador Jocabake: tirava a escola e os deveres!</p> <p>Eu: Tiravas a escola e fazias o quê?</p> <p>Investigador Jocabake: ia treinar para a rua...</p> <p>Investigador Xavier 2: E deixavas-me aqui? E depois não tinhas saudades de mim?</p> <p>Investigador Jocabake: Oh! Cala-te!</p> <p>Eu: não tinhas saudades dos teus amigos, da escola?</p> <p>Investigador Xavier 2: Mas eu sou o melhor amigo dele!</p> <p>Eu: Investigador Joca mas o que quiseste dizer foi que reduzia o tempo da escolas ou tiravas mesmo a escola?</p> <p>Investigador Jocabake: reduzia</p> <p>Eu: Reduzias?</p> <p>Investigador Jocabake: Sim, como antigamente...</p> <p>Investigador 123 Gorila: era até há uma hora</p> <p>Investigador Pauleta: ou até a meio dia...</p> <p>Eu: Preferia assim?</p> <p>Investigador Jocabake: Sim! Reduzia! Era só de manhã!</p> <p>Eu: Posso passar a outro (rodando o lápis), ou queres dizer mais alguma coisa?</p> <p>Investigador Jocabake: Não!</p> <p>(Rodo, as crianças mostram-se entusiasmadas)</p> <p>Eu: É o investigador Falcão!</p> <p>Investigador Jocabake: Também gostava de jogar bola nesse tempo, mas não posso... é só</p> <p>Eu: Se fosses tu a mandar no teu dia, o que retiravas?</p> <p>Investigador Falcão: Cala-te, ó André! Ó investigadora, o investigador 123 Gorila está a dizer para eu tirar a escola.</p> <p>Eu: Não! Não se pode dizer! Olha para mim investigador, cada um tem a sua ideia, temos que dizer a verdade... e cada um tem a sua ideia...temos que dizer o que pensamos e não o que os outros pensam...</p> <p>Investigador Falcão: De manhã... todos os dias a escola a começar mais tarde...</p> <p>Eu: Para poderes dormir mais?</p> <p>Investigador Falcão: Não ... <u>para ver televisão</u>... acordo muito cedo</p> <p>Investigador Xavier 2: ver o telejornal... (em tom irónico). Risos.</p> <p>Investigador Falcão: era caótico!</p> <p>Investigador Xavier 2: O que é essa porcaria?!</p> <p>Investigador Xavier 2: <u>eu gostava de tirar a escola e punha playstation</u> (ri)</p> <p>Investigador Jocabake: Eu também gostava de jogar mais playstation!</p> <p>Investigador Falcão: Obrigada Xavier 2!</p> <p>Eu: continua investigador Falcão.</p> <p>Investigador Falcão: Gosto de jogar PSP!</p> <p>Investigador 123 Gorila: primeiro o que tiravas!</p> <p>Eu: Estavas a começar o teu dia.... Punhas a escola a começar mais tarde...</p>	<p><b>O gosto pelas TIC é evidente!</b></p>
---	---

<p>Investigador Falcão: e só tínhamos de manhã! E mais...</p> <p>Risos</p> <p>Eu: querias mais tempo para fazer o quê?</p> <p>Investigador Falcão: Ah! <u>Jogar PSP, bola, andar de bicicleta...</u></p> <p>Investigador Xavier I: Com rodinhas ou sem rodinhas?</p> <p>Investigador Falcão: sem rodinhas ...</p> <p>Investigador Jocabake: Também gostava de andar de Skate...</p> <p>Investigado Falcão: mais...</p> <p>Investigador Xavier 2: Tu... cala-te! Depois tinhas um acidente!</p> <p>Risos</p> <p>Eu: O que é que retiravas do teu dia? Se fosses mágico o que é que retiravas do teu tempo?</p> <p>Investigador Xavier I: Mágico!</p> <p>Investigador Xavier 2: Escola!</p> <p>Investigador Falcão: Eu tirava a escola por completamente...</p> <p>Investigador 123 Gorila: E a professora Sara desaparecia!</p> <p>Investigador Falcão: Não! Reduzia a escola...</p> <p>Investigador Xavier 2: Ó Investigador, se calhar a si, você também fala?</p> <p>Eu: Claro que sim!</p> <p>Investigador Falcão: Tirava...esqueci-me.</p> <p>Eu: Vou rodar! Depois se te lembrares dizes...</p> <p>Investigador Xavier I: É o Atílio!</p> <p>Investigador Jocabake: É o Atílio!</p> <p>Eu: É o investigador Xavier 2!</p> <p>Investigador Xavier I: Não queres dizer?!</p> <p>Investigador Xavier 2: Eu! Eu queria tirar a escola, para jogar ... André Figueiras... não sei!</p> <p>Eu: Quem é que decide o que tu fazes?</p> <p>Investigador Xavier 2: Sim!</p> <p>Eu: és tu que decides o que fazes na tua vida?</p> <p>Investigador Xavier 2: Não. Sim...</p> <p>Eu: Para todos investigadores, <u>quem decide o que fazem durante o dia?</u></p> <p>Investigador Super Guerreiro: Somos nós!</p> <p>Investigador Xavier I: O cérebro...</p> <p>Eu: Ah! Ninguém vos manda fazer nada, vêm para a escola porque querem...</p> <p>Investigador 123 Gorila e o investigador Falcão: <u>Os pais!</u></p> <p>Investigadora Luz: <u>Os professores!</u></p> <p>(confusão de vozes)</p> <p>Investigador Xavier I: Já são cinco e dez...</p> <p>(Riem, pois pensam que a ponta do lápis ficou virada para mim!)</p> <p>Eu: É ele (investigador Pauleta).</p> <p>Investigador 123 Gorila: É o Pauleta!</p> <p>Investigador Pauleta: <u>Eu tirar a parte da tarde da escola... para passar mais tempo com os meus pais e com meus irmãos, para ver televisão e... metia mais tempo no intervalo, mais alguns uns minutos ...</u></p> <p>(Interrompo para relembrar a regras de participação pois conversam entre si)</p> <p>Investigador Pauleta: (continua) Para brincar mais bocado um ...</p>	<p><b>Necessidade de estar mais tempo com a família.</b></p>
---	--





<p>Eu: Mas vocês acham que brincam muito?</p> <p>Vozes: Nãoooooo!</p> <p>Investigador Xavier 2: <u>quase que nem brincamos!</u></p> <p>Investigador Jocabake: pois é!</p> <p>Investigador 123 Gorila: <u>é só no recreio e passa rápido!</u></p> <p>Investigador Pauleta: muito muito rápido!</p> <p>Investigador Xavier 2: e às vezes nem podemos ir... quando está a chover!</p> <p>Vozes: Pois é!</p> <p>Eu: com quem costumam brincar?</p> <p>Investigador Xavier 2: <u>com os meus amigos e o meu irmão!</u></p> <p>Investigadora Luz: eu brinco às vezes com os <u>meus primos!</u></p> <p>Eu: e com os vossos pais?</p> <p>Investigadora Sophie: às vezes com a minha mãe...</p> <p>Investigador 123 Gorila: <u>os meus pais têm de trabalhar, não têm tempo para brincar!</u></p> <p>Investigador Jocabake: os meus também!</p> <p>Investigador Xavier I: é verdade eles não têm tempo!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: <u>os meus não brincam porque não querem!</u></p> <p>Investigadora Luz: <u>e eles já são adultos!</u></p> <p>Eu: e os adultos não brincam?</p> <p>Investigadora Luz: muito pouco!</p> <p>Investigador Xavier 2: <u>às vezes brincam, quando não estão chateados...</u></p> <p>Investigador Xavier I: pois é!</p> <p>Eu: Que <u>tipo de brincadeiras</u> costumam fazer?</p> <p>Investigadora Luz: <u>caçadinhas!</u></p> <p>Investigador Xavier 2: <u>jogar à bola!</u></p> <p>Investigador Falcão: <u>às escondidinhas...</u></p> <p>Investigador Xavier 2: <u>à luta...</u> (toca a campainha) Podemos sair?</p> <p>Eu: Sim, podem... até amanhã! Brinquem muito!</p> <p>Investigadora Luz: <u>temos de fazer os trabalhos de casa, quando chegámos ao ATL, só depois se tivermos tempo é que brincámos...</u></p> <p>Investigador Xavier 2: posso a abrir a porta?</p> <p>Eu: Podes... até amanhã e obrigada a todos!</p> <p>(algumas das crianças saem a correr, outras ficam e ajudam-me a arrumar o Laboratório de Investigação).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Raramente brincam com os pais;</li> <li>- Os adultos não sabem/querem brincar;</li> <li>- Brincam às caçadinhas, jogam à bola, à luta...</li> </ul>
<p><b>Reflexão ...</b></p> <p>O encontro de hoje tornou-se bastante produtiva e enriquecedora, apercebi-me que estas crianças sentem que não têm tempo livre, que estão sempre ocupadas com actividades impostas pelos adultos, que sentem necessidade de estar mais tempo com a família de brincar mais. Subentende-se que a escola é vista, por algumas destas crianças, como um lugar desagradável, em que reduziriam aí a sua permanência. Incrivelmente as crianças já desejam que o seu dia fosse maior. É interessante a perspectiva das crianças relativamente ao tempo de brincar, quero voltar a conversar com as crianças sobre este assunto. É efectivamente, visível que algo não está bem na ocupação do seu tempo!</p>	

## Nota de Campo IX

<p><b>9.ª Sessão</b> – Visualização do filme “Direito ao Coração”- Diálogo sobre o filme visualizado. Laboratório de Investigação, da EB Carlos Alberto, 02 de Junho de 2010 – (das 16h45min. às 17h30min.)</p>	
<p><b>Presentes:</b> <i>Grupo dos Amiguinhos Investigadores</i> (excepto a investigadora Deissy)</p>	
<p>Deixam as mochilas e o “aluno” na varanda e entram como crianças investigadoras, hoje com um ar especialmente feliz, sentam-se nos lugares frequentes, e falam entre si. Entretanto, peço para recomeçar a sessão, lembrando o que investigámos e concluímos nos encontros anteriores. O investigador Super Guerreiro disse que concluímos que passamos a maior parte do tempo na escola até a investigadora Fadinha. O investigador Xavier I, afirma que estivemos a ver o nosso tempo livre. O investigador 123 Gorila completa que o tempo livre é o tempo das brincadeiras, e de jogar computador e PCP, como diz o investigador Falcão. O investigador Jocabake continua dizendo que é o tempo disponível para não fazer nada. Concluo lembrando que como a investigadora Deissy, disse o tempo livre é o tempo em que podemos decidir o que fazer, descansar, brincar, passatempos, desportos e tudo o que eles apontaram. O investigador Falcão pergunta quando é que vamos investigar o tempo das crianças, quando é que vamos entrevistar com as câmaras. Respondo que temos ainda, que nos de preparar mais um pouco. O investigador Xavier 2 questiona sobre o que é que vamos fazer hoje. Comunico que se concordarem, veremos um pequeno filme intitulado Direito ao Coração, que se encontra dividido em capítulos. Obtendo só respostas afirmativas e animadas. Prossigo, explicando que vamos vê-lo com muita atenção e que no desfecho de cada capítulo, falaremos um pouco sobre mesmo, relacionando-o com a nossa investigação.</p> <p>Viram-se para a televisão e esperam ansiosos, conversam entre si e riem enquanto preparo a actividade referida. Ligo a câmara e peço silêncio e a sua atenção.</p> <p>Visualizamos o primeiro capítulo apelidado de “123 côcô”.</p> <p>Ao terminar, clico no botão do comando de pausa, e pergunto se querem dizer algo e se perceberam o que viram. A investigadora Sophie afirma que às vezes também está <u>nas aulas a pensar noutras coisas e que as professoras a chamam atenção, porque às vezes tem sono ou está a pensar, muitas vezes, no seu pai.</u> O investigador Pauleta acrescenta que <u>às vezes não lhes apetece estar na sala de aula apetece-lhes ir para o recreio brincar.</u> O Investigador Xavier 2, indica que havia de ser ao contrário, <u>passar mais tempo no recreio e menos nas aulas.</u> O investigador Super Guerreiro diz que as vezes <u>as aulas dão dor de cabeça, que estudar muito cansa e apetece ir brincar.</u> A investigadora Luz argumenta que <u>se não estiverem com atenção não aprendem e não passam de ano.</u> O investigador Jocabake diz que se <u>aulas fossem todas fixas estavam sempre atentos mas a quase sempre as aulas são uma seca.</u></p> <p>Estupefacta com a seriedade com que fazem os seus comentários, pergunto se têm mais alguma coisa acrescentar. Declaram que não e pedem para continuar. Assistimos, silenciosamente, ao segundo capítulo “Papá...mamã”.</p> <p>Quando termina questiono-os se sabiam que todas as crianças têm direito a ser ouvidas e se eles são ouvidos. O investigador Xavier 2, em tom de ironia, diz</p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p> <p><b>Resumo das sessões anteriores.</b></p> <p><b>A Criança tem direito a aprender com dignidade.</b></p>

<p><u>que ninguém se importa com o que as crianças dizem porque ainda são pequenas. O investigador 123 Gorila fala que não é ouvido, que para o seu pai o ouvir tem que berrar. Os restantes investigadores riem. O investigador Jocabake conta que quando o pai está a ver televisão e ele quer falar com ele, o seu pai diz para ele estar calado. O investigador Xavier I relata que conversa muito com o pai, só que às vezes ele também está cansado por causa do trabalho. O investigador Super Guerreiro diz que não está com o pai. O investigador Xavier 2 diz também que só está às vezes com o pai. A investigadora Sophie diz que brinca às vezes com o pai, mas fala muito com a mãe e o irmão. A investigadora Luz afirma que se calhar os pais até queriam brincar mais com os filhos mas eles estão sempre muito ocupados com o trabalho e ao telefone, mas claro que as crianças ficam tristes. Esta declaração da investigadora Luz provoca comentários. O investigador 123 Gorila diz que não é verdade pois mesmo que os pais tenham tempo para brincar consigo dizem que estão cansados. O investigador Super Guerreiro comunica que os adultos não gostam de brincar com as crianças. O investigador Pauleta completa que os adultos nem sabem brincar com as crianças. A investigadora Sophie diz que há alguns que gostam e sabem, a sua mãe brinca com ela. O investigador Falcão diz que as professoras às vezes também brincam. O investigador Xavier 2, em tom brincalhão, expõe que precisam de um coelho como aquele que aparece no vídeo. Todos consentem e riem. Opto por não comentar as suas opiniões e coloco a decorrer o terceiro capítulo “T.V. Tango”.</u></p> <p>Quando termina, imediatamente, o investigador Pauleta diz que adora ver os Morangos com Açúcar, com a mãe. A investigadora Luz diz-lhe que isso não é de terror, e que não gosta nada de ver coisas tristes e que metam medo porque depois durante a noite só sonha e não consegue dormir. O investigador Xavier I afirma que não gosta de ver sangue na televisão, filmes de terror, pessoas a morrer. A Investigadora Sophie revela que também faz mal ver muita televisão. O investigador Xavier 2 diz que prefere brincar na rua com os amigos, jogar à bola. O Investigador Falcão refere que gosta de jogar PSP. Pergunto o que é que eles acham que é mais saudável ver televisão, jogar PSP, jogar computador, estar na internet, ou brincar com os amigos, à caçadinha, às escondidinhas, andar de bicicleta, brincar com os pais. A resposta não é unânime, no entanto a maioria prefere brincar com os amigos, não dispensando jogar de vez em quando PSP e computador.</p> <p>Visualizamos o quarto capítulo “A Laranja”.</p> <p>O Investigador Pauleta diz que às vezes as outras crianças trazem melhor lanche do que o dele. Investigadora Sophie refere que este filme é muito triste. A investigadora Luz consente dizendo que estava quase a chorar. O Investigador Pauleta exprime que quando estamos com fome ou sono não conseguimos a aprender. Nem brincar, completa o investigador Xavier I. O investigador Xavier 2 completa que com o calor também não consegue aprender. O investigador Jocabake diz quando está com fome fica chato. Riem. O investigador Super Guerreiro acrescenta que dá dor de cabeça. O investigador Xavier 2 diz que a barriga começa a roncar. Riem.</p> <p>Para não perder a sua concentração, activo o quinto capítulo “Porta a Porta”.</p> <p>O investigador Xavier 2 diz que o primeiro berro o assustou e começa a rir. A Investigadora Sophie diz que é verdade, os grandes fazem aquilo aos mais</p>	<p><b>Direito a ser ouvida, a participar nas decisões que afectam a sua vida.</b></p> <p>Incrível! Estes comentários merecem reflexão por parte de todos os adultos, <b>que imagens têm as crianças dos adultos?</b></p> <p><b>Direito as distrações saudáveis.</b></p> <p><b>Direito a uma alimentação suficiente.</b></p>
---	---

<p>pequenos no recreio, o Fábio bate em todos os meninos. Todos concordam. O Investigador Xavier 2 diz que <u>são mais as meninas que fazem queixinhas à professora</u>. A investigadora Luz diz que são meninas porque são elas que apanham. O investigador Xavier 2 responde que nem sempre porque a Angélica do quarto ano bate nos rapazes até no Fábio. O investigador Jocabake diz que é porque ela é <i>maria-rapaz</i>. Riem. Pergunto se no recreio há muitas brigas. A resposta é unânime, <u>há efectivamente desentendimentos no recreio</u>. O Investigador Xavier 2 diz que <u>às vezes andam todos à luta</u>. Riem e consentem. Pergunto o porquê ele responde que é fixe. O investigador Super Guerreiro discorda mas afirma que <u>há pouco espaço no recreio e acabam por levar quase todos, sem culpa, porque não gosta dessas brincadeiras estúpidas</u>. Alguns investigadores contestam chamando-lhe vidrinho. Pergunto se eles são respeitados pelas outras crianças e pelos adultos. A investigadora Luz diz que às vezes, porque <u>há muitas crianças que não respeitam os adultos</u>. A investigadora Sophie diz que o Fábio não respeita ninguém nem a professora nem as funcionárias, nem os colegas. O investigador Jocabake diz <u>que as crianças não são respeitadas, porque ninguém faz o que elas querem, têm é que estudar</u>.</p>	<p><b>Direito a ser respeitada.</b></p>
<p>Visualizamos o sexto capítulo “Uma família para a Maia”, O investigador Falcão diz que há muitas crianças que não têm família. O investigador Super Guerreiro refere que <u>deve ser muito triste não ter família</u>. O Investigador Xavier I, diz que <u>têm muita sorte em ter uma família e uma casa para viver</u>. A investigadora Sophie pergunta porquê e para quem a menina roubava comida. O investigador Jocabake responde que deve ser para outras crianças que não tinham e viviam numa barraca. O Investigador Xavier 2 diz que até pode ser para um cão. O investigador Super Guerreiro diz que não se deve roubar, é feio. A Investigadora Luz diz que ela também teve sorte porque ganhou uma família, para cuidar dela. O investigador Super Guerreiro acrescenta para lhe dar amor. O investigador Xavier 2, adita para lhe dar presentes. E o investigador Xavier I termina adicionando, que a menina agora pode passear com a sua família!</p>	<p><b>Direito a uma família.</b></p>
<p>Visualizamos o último capítulo “Ver o mundo”. O investigador Jocabake diz que leu <u>que todas as crianças tem todas os mesmos direitos</u>. Investigador Xavier 2 diz que aquele viajou sozinho mas que <u>as crianças não podem viajar sozinhas é perigoso</u>. Pergunto o que é que o menino viu durante essa viagem. A investigadora Luz responde que ele viu crianças a trabalhar, pessoas a dormir na rua e crianças a escrever no chão, não tinham uma escola. A investigadora Sophie acrescenta que uns meninos roubaram a bicicleta a um menino mostrando-lhe uma navalha. Pergunto o que aconteceu no final. O investigador Super Guerreiro diz que uma pomba espalhou os desenhos que o menino fez e todas as crianças ficaram felizes. Investigador Xavier 2 esclarece que era a pomba da paz. Riem. Desligo a televisão, o investigador Super Guerreiro pede para ver outra vez o primeiro porque gostou muito. Digo que para outra sessão, vimos novamente o filme Direito ao coração, se for esse o desejo de todos. Acenam que sim. Pergunto se eles gostaram. A resposta é unânime, declaram que gostaram e muito. Continuo o encontro questionando de que falavam em geral o filme “Direito ao Coração”. A investigadora Sophie responde dos nossos direitos ... dos direitos das crianças. O investigador 123 diz que é sobre o tempo, o</p>	<p><b>Todas as crianças têm os mesmos direitos.</b></p>

investigador Falcão contesta, o investigador 123 retorque e afirma que sim argumentando que o primeiro capítulo não era sobre o tempo em que nos apetece estar a brincar e que temos de estar nas aulas. A investigadora Luz profere aquele capítulo que diz que temos o direito a ser respeitados fala do tempo que passam no recreio, que é quase igual ao do filme. O investigador Xavier 2 interrompe expressando que as crianças não respeitadas porque nunca fazem as suas vontades. O investigador Super Guerreiro pergunta porque será. O investigador Falcão responde porque senão era só brincar e assim não aprendíamos. A investigadora Luz exclama que são os adultos que têm de mandar. O investigador Xavier 2 contesta com Èh!Eh!!! O investigador Jocabake conta que hoje almoçaram com as professoras. O investigador Xavier 2 continua que comeram batatas fritas, ovos, e febras. O investigador 123 Gorila prossegue dizendo que foram ao parque de S. Roque. Comunico que já sabia e pergunto se gostaram. O investigador Xavier 2 exprime que foi muito fixe, que hoje nem num lápis eles pegaram. O investigador Pauleta exclama que foi mesmo louco. O investigador Xavier I refere que havia de ser sempre assim. Pergunto se querem registar nos seus cadernos de investigação algo sobre a sessão de hoje.

Toca a campainha. Digo que quem quiser pode registar em casa. O investigador Falcão pede para falar comigo e conta-me que dois colegas lhe chamaram nomes e que ele não gostou.

O investigador Super Guerreiro oferece-se para me ajudar a arrumar o nosso laboratório de investigação...

### Registo fotográfico:



### Reflexão ...

Até ao momento, esta foi efectivamente, das melhores sessões realizadas, além do calor que se sentia (também ajudou facto de ter levado copos, água, e bolachas), mantiveram-se interessados, motivados



<p>Investigador Deissy: desporto!</p> <p>Investigador Falcão: Tu disseste... passatempos!</p> <p>Investigador Deissy: sim é o mesmo!</p> <p>Eu: E porquê que a investigadora Deissy disse isso? Na altura... lembraste da discussão que nós tivemos? Discussão...</p> <p>Investigador Falcão: discussão entre aspas!</p> <p>Eu: exactamente ninguém esteve a discutir...</p> <p>Investigador Falcão: <u>Jogar playstation, ver televisão, jogar ...</u></p> <p>Investigador Xavier 2: Eu sei... é <u>estar com a nossa família...</u></p> <p>Eu: Porquê? Porque o tempo livre... quem é que disse... acho que foi o investigador...</p> <p>Investigador: O quê?</p> <p>Eu: que o tempo livre era fazer o que nós decidir...</p> <p>Investigador Xavier I: ah, fui eu!</p> <p>Eu: Foi o investigador Xavier I, que disse que o tempo livre para ele era <u>tempo em que ele decidia o que fazer, ou seja, que ninguém estava dar ordens...</u> não foi</p> <p>Investigador Xavier I: Sim! Ontem também, no feriado... acho que foi ontem... tive tempo livre, lá fora já disse à professora, mas agora vou dizer à investigadora...</p> <p>Investigador Xavier 2: ontem tivemos tempo livre!</p> <p>Investigador Xavier I: ...que de manhã tive a dormir até às dez horas...</p> <p>Investigador Xavier 2: Eh, que copião!</p> <p>Investigador Xavier I: (ri) depois almocei depois, às três horas, fui para a praia...cala-te... fui para a praia</p> <p>Investigador Xavier 2: encontraste lá uma sereia!</p> <p>Investigador Xavier I: ahhhh!</p> <p>Investigador Falcão: apanhaste um escorpião?</p> <p>Investigador Xavier I: fui para casa às seis e meia... e depois da praia ainda fui brincar, no primeiro andar, brincar com os meus primos mais novos...</p> <p>Eu: Então passaste tempo quê?</p> <p>Investigador Xavier I: livre...</p> <p>Eu: Foi tempo livre?</p> <p>Investigador Xavier 2: mas nós alguns dias também passamos tempo livre...</p> <p>Investigador Xavier I: Foi <u>tempo divertido...</u></p> <p>Eu: Foi tempo divertido?</p> <p>Investigador Xavier I: ...<u>joguei raquetes... ao jogo do disco...</u></p> <p>Investigador Pauleta: Professora eu ontem acordei e fui televisão... levantei-me eram três horas...</p> <p>Investigador Xavier I: Eh! Eh!</p> <p>Investigador Falcão: Ó investigadora, ó investigadora!</p> <p>Eu: Vamos então fazer o ponto de situação da nossa investigação, nós...</p> <p>Investigador Pauleta: mas eu tenho uma coisa para dizer! Quando estava a dar Morangos com açúcar foi a essa hora que tomei o pequeno-almoço!</p> <p>Investigador Xavier I: eh!eh!</p> <p>Investigador Jocabake: isso só às cinco da tarde!!!</p> <p>Investigador 123 Gorila: nem almoçam, nem jantou ... ou jantou a</p>	<p><b>Mais uma vez mencionam a importâncias dos jogos e dos aparelhos multimédia nas suas vidas.</b></p> <p><b>Definição do tempo livre pelas crianças.</b></p>
--	---





<p>também!</p> <p>Investigador Xavier 2: Mas os jogadores ganham mais que os guarda-redes!</p> <p>Investigador Pauleta: Eu gostava de <u>ser basquetebolista</u>!</p> <p>Eu: E vocês investigadoras o que é sonham ser quando forem mais crescidas?</p> <p>Investigadora Deissy: quero <u>ser poetisa</u>, porque gosto de rimar!</p> <p>Investigadora Sophie: quero <u>ser veterinária</u> porque gosto muito de animais! Ou <u>cantora</u>, também gosto muito de cantar!</p> <p>Investigadora Luz: quero ser atriz porque gosto de representar.</p> <p>Eu: E tu?</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Quero ser médico porque posso ajudar as pessoas!</p> <p>Eu: Muito bem! Chego à conclusão que temos aqui <u>muitos desportistas!!!</u></p> <p>Investigador Super Guerreiro: porque <u>não querem estudar</u>!</p> <p>Investigador Xavier 2: E quê?</p> <p>Investigador 123 Gorila: e <u>ficamos ricos</u>!</p> <p>Eu: mas precisam de estudar, por exemplo pois têm de aprender muitas línguas imagem que são como Cristiano Ronaldo, que vão jogar para outros países...</p> <p>Investigador Falcão: é como o Mourinho, já teve em muitos países, e fala muitas línguas, inglês, espanhol...</p> <p>Eu: Isso mesmo!</p> <p>Conversam entre si e riem (acham mesmo que não precisam de estudar para ser desportistas e que podem ficar facilmente ricos).</p> <p>Eu: O que é que vocês acham que poderia <u>aprender na escola para vos ajudar a ter as profissões que sonham</u>?</p> <p>Investigador Xavier 2: <u>deixar jogar mais à bola</u>!</p> <p>Riem</p> <p>Eu: Mais?</p> <p>Investigador Falcão: <u>ensinar a falar muitas línguas</u>!</p> <p>Eu: Muito bem! E mais?</p> <p>Investigadora Sophie: Podíamos ter <u>aulas de canto</u>!</p> <p>Investigadora Luz: <u>e de representação</u>!</p> <p>(toca a campainha)</p> <p>Investigador Xavier 2: Já podemos sair!</p> <p>Eu: Sempre o mesmo apressado!!! sim podem sair mas tenho uma coisa para vocês...</p> <p>Investigador Falcão: Que fixe! É de comer?!</p> <p>Dou três amêndoas de chocolate a cada criança investigadora. Saem sorridentes e a falarem entre si. Como sempre, o investigador Super Guerreiro e a Investigadora Sophie ficam e ajudam-me a arrumar o nosso Laboratório de Investigação.</p>	<p><b>Justificação da escolha dessas profissões.</b></p> <p><b>Sugestões das crianças relativamente à ajuda que a escola lhes poderia oferecer para a concretização das suas profissões ambicionadas.</b></p>
<p><b>Reflexão ...</b></p> <p>Encontravam-se bastante impacientes, não conseguindo permanecer tranquilos, mexiam-se constantemente, tudo era motivo de risota. Talvez devido, como eles próprios explicaram, ao cansaço e ao calor. Há dias assim! Como professora, em contexto sala de aula, talvez os tentasse</p>	<p><b>Ser professor e/ou</b></p>

<p>chamar a atenção de outro modo, não sei, no entanto como investigadora interessava-me, efectivamente dar continuidade à sessão, mas tentei, principalmente, entender/compreender o motivo de tanta agitação. Reconheço que o tento fazer também enquanto professora contudo, na sala de aula, é diferente, são mais do dobro das crianças e nem sempre é possível por muito que queiramos! É complicado! Ser professor perante tantas questões sociais actuais e pouco estudadas, requer uma aprendizagem constante, não só no âmbito das ciências exactas mas também sociais.</p> <p>Retomando, só consegui captar a sua atenção quando, ocasionalmente, surge durante a conversa o tema das suas profissões de sonho, ou seja, o que é que eles querem/sonham ser quando forem mais crescidos. É um assunto, que lhes permite sonhar, imaginar e serem feliz por instantes, portanto gostam imenso de falar sobre isso.</p>	<p><b>investigador ou professor investigador?!</b></p>
--	--

### Nota de Campo XI

<p><b>11.ª Sessão – “O tempo das AEC’s e o tempo dos ATL’s.”</b> Laboratório de Investigação (varanda), da EB Carlos Alberto, 09 de Junho de 2010 – (das 16h45min. às 17h30min.)</p>	
<b>Presentes:</b> <i>O Grupo dos amiguinhos investigadores</i>	
<p>Aproximam-se da porta, deixam as suas mochilas e entram, sentam-se nos seus lugares. Começo a nossa sessão, perguntando se estão bem-dispostos, respondem que sim. Questiono se alguém se lembra do que fizemos no encontro anterior. O investigador Falcão diz que sim e acrescenta que gostou mais de quando falámos sobre o que queríamos ser quando formos grandes. A investigadora Deissy afirma que também foi o mais gostou e relata que o mais engraçado foi quando no final se chegou à conclusão que os investigadores queriam ser todos desportistas porque não tinham que estudar muito e era divertido. Rimos. De repente, o Investigador Xavier 2 diz, em tom mais elevado:</p> <p><i>Investigador Xavier 2:</i> Cheira mal... cheira a «peido» ...</p> <p>O cheiro intensifica-se e o investigador 123 Gorila, muito tranquilo e sorridente, conta o que lhe aconteceu. Mando-o ter com a D. Lurdes para se lavar e mudar de roupa. Os outros investigadores riem porém, curiosamente, não é de quem faz troça mas sim da própria situação e dele próprio se rir do que fez.</p> <p>Posto isto, como não se aguenta o cheiro no Laboratório de Investigação, vamos para a varanda que dá acesso à biblioteca (nosso laboratório de Investigação). Sentamo-nos, ouve-se bastante barulho...</p> <p>Investigador Xavier 2: <u>Que barulho... portam-se mesmo mal nas AEC’s...</u></p> <p>Eu: Porquê?</p> <p>Investigador Xavier I: <u>Eu não ando nas AEC’s! O meu pai não quis...mas ele já me perguntou se queria...mas eu disse que não...</u></p> <p>Investigador Xavier 2: Só gosto de física ...</p> <p>Investigador Falcão: Eu não ando... mas só gostava de andar no Inglês...</p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p> <p><b>O Tempo das AEC’s</b></p>



<p>Eu: Porquê?</p> <p>Investigador Xavier 2: Porque não...</p> <p>Investigadora Luz: <u>Não temos muito espaço para brincar...</u></p> <p>Investigador Xavier I: <u>temos de fazer os trabalhos de casa...</u></p> <p>Investigador Jocabake: que seca!!!</p> <p>Eu: O que é que gostavam de fazer no ATL?</p> <p>Investigador Xavier 2: brincar...olha vem aí o André...</p> <p>(Risos) (toca a campainha)</p> <p>Perguntam ao André de quem é aquela roupa marada que traz vestida. Ele, com um sorriso magnífico, responde que não sabe a quem pertence. Perguntam se podem ir embora digo que sim. Levantam-se e pegam nas mochilas, dão-me um beijinho, e algumas crianças exclamam que hoje foi mesmo muito fixe!</p>	<p><b>Referência aos trabalhos de casa.</b></p>
<p><b>Registo fotográfico:</b></p> <div data-bbox="311 719 828 1099">  </div> <div data-bbox="858 719 1358 1099">  </div> <p><b>Reflexão ...</b></p> <p>Certamente, este encontro ficará marcado, tanto para as crianças investigadoras como para mim. Reconheço que inicialmente, fiquei nervosa e aflita, pensando que não conseguiria realizar a sessão de investigação. Inesperadamente, não acontecendo, mais uma vez, como planeada, tornou-se uma sessão, além de cómica, bastante frutífera pois, de forma natural, abordámos o tempo que as crianças passam nas AEC's e/ou no ATL.</p> <p>Admito que a atitude do investigador 123 Gorila, surpreendeu-me completamente, ao enfrentar o sucessivo com descontração, alegria e boa-disposição, não permitindo assim que ninguém o gozasse. Que grande lição de vida! Se encarássemos assim as eventualidades que aparecem às vezes na nossa vida, tudo seria mais fácil e menos sofrido! Mais uma vez aprendi com estas crianças!</p>	

## Nota de Campo XII

<p align="center"><b>12.<sup>a</sup> Sessão</b> – Elaboração do inquérito para realizar a outras crianças. Laboratório de Investigação, EB Carlos Alberto, <b>11</b> de Junho de 2010 – (das 16h00min. às 17h30min.)</p>	
<p><b>Presentes:</b> <i>Grupo dos Amiguinhos Investigadores.</i></p>	
<p><b>16h00min.</b> Deixam as mochilas no corredor e entram com a sua pasta de investigação, sentamo-nos nos lugares frequentes. Falamos um pouco e depois pergunto se podemos iniciar sessão. Questiono-os se se lembram do que conversamos na sua sessão anterior. Obviamente, que primeiramente recontam o episódio que ocorreu com o Investigador 123 Gorila, riem incluindo o próprio. Deixo-os acalmar e questiono-os, sobre o dialogamos na varanda, que dá acesso ao nosso laboratório. A investigadora Deissy diz que falamos do barulho que os meninos fazem nas AEC's, a investigadora Luz acrescenta que vimos quem frequentava e não frequentava as AEC's e o porquê disso. Posto isto, pergunto se concluímos algo, o investigador Xavier 2, prontamente responde que sim que as <u>AEC's são uma seca</u>, que só devia haver ginástica. Gera-se alguma confusão pois a investigadora Sophie não concorda, argumenta que a teacher é fixe e que estudar inglês é mais importante. Reformulo a pergunta, interrogo-os sobre o que acham que está mal nas AEC's e porquê. A investigadora Sophie diz que <u>deveriam ser noutra espaço</u>, a investigadora Deissy e ter outras actividades a investigadora Luz interpela exclamando <u>que adoraria fazer teatro porque quer ser actriz</u>. O investigador 123 Gorila profere que <u>não se devia fazer fichas nas AEC's, que deveria ser só ver filmes ou jogar futebol</u>. O investigador Pauleta diz que <u>gosta mais de educação física que poderiam ter mais vezes</u>. Pergunto se fossem eles a decidir, <u>o que fariam no tempo das AEC's?</u> O investigador Xavier 1, diz que podiam ir todos para o ATL, para onde ele vai, que assim <u>brincariam todos</u>. O investigador Xavier 2 ri e diz que seria altamente. A investigadora Sophie diz que <u>se os pais tivessem em casa, podiam ir para casa</u>. A investigadora Deissy completa afirmando que assim <u>estaria mais tempo com irmã bebé</u>. O investigador Pauleta diz que <u>nesse tempo brincaria ou jogaria PSP</u>. O investigador Super Guerreiro diz que <u>deveríamos fazer o que quiséssemos</u>. O investigador Falcão diz que <u>se fosse assim não iria para o ATL iria para casa, estaria com a mãe e jogaria playstation</u>. O investigador Jocabake diz que <u>já vai para casa se fosse a decidir ia na mesma, porque assim pode andar de bike</u>. Informo-os que na sessão anterior, tinha uma pergunta para lhes fazer sobre o preenchimento dos relógios e das <i>segundas e quintas-feiras</i>, que como investigadora fui analisar melhor em casa, e reparei pela sua análise que não existiam momentos de brincadeira durante o seu dia. Vocês não brincam? Pergunto. <u>Brincámos mas pouco</u> foi a resposta dada pela maioria dos investigadores.</p> <p><b>16h20min.</b> Proponho que nos cadernos de investigação tentei anotar os momentos em que brincam durante um dia de semana.</p> <p><b>16h32min.</b></p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p> <p><b>AEC's</b></p> <p><b>Se fossem as crianças a decidir...</b></p>







investigadoras além de se queixarem do calor, mostraram interesse pelas questões levantadas, respondendo com sinceridade, seriedade e boa disposição. Reconheço que fiquei bastante admirada com as questões formuladas pelas crianças investigadoras, provaram que elas compreenderam todo trabalho de investigação desenvolvido anteriormente.

### Nota de Campo XIII

<b>13.<sup>a</sup> Sessão</b> – Experimentação dos questionários Laboratório de Investigação, EB Carlos Alberto, <b>14</b> de Junho de 2010 (das 16h45min. às 17h30min.)	
<b>Presentes:</b> <i>Grupo dos Amiguinhos Investigadores</i> (excepto os investigadores 123 Gorila, Pauleta, Sophie, e Xavier I).	
<p>Entram, hoje não estão todas as crianças investigadoras, [Os investigadores 123, Pauleta e a Sophie, estão a faltar, o investigador Xavier I, não pôde ficar,]. Repararam que não se encontram os investigadores todos e perguntam se podem ir jogar à bola depois de terminar, pois vêm das janelas, os seus amigos a jogar à bola. Combinamos então, ler e experimentar o questionário, e de seguida, quem desejar vai ter com os seus colegas que estão a jogar à bola. Entrego-lhes o questionário, os investigadores Xavier 2 e Falcão acham-no bastante grande. A investigadora Luz explica que é de resposta curta...</p> <p>Lemos o questionário por grupos. Pergunto o que acham do questionário se as outras crianças vão entendê-lo e quanto tempo acham que demoram a preencher e devemos fazer algumas alterações. Sugerem que primeiro devem experimentar e posteriormente conversar.</p> <p>Questiono quem é que está disposto a experimentar, a investigadora Luz e a investigadora Deissy oferecem-se, os restantes investigadores dizem que não lhes apetece.</p> <p>A investigadora Deissy e a Luz preenchem o questionário, os outros investigadores pedem para sair, para jogar a bola, comprometendo-se a no final regressarem para ouvir as colegas. É notória a alegria deles ao saírem do laboratório de investigação, ouvem-se comentários, “Que bom!”, “A investigadora Fadinha é mesmo fixe”, “Altamente, bora lá!”.</p> <p>Fico com as investigadoras Deissy e Luz, estas preenchem o questionário.</p> <p><b>17h15min.</b></p> <p>Chamo por eles [pois como normal, estão a brincar e esquecem-se das horas]vêm a correr e entram e interrogam as investigadoras Deissy e Luz se já terminaram estas confirmam. Os próprios perguntam se é fácil e rápido. A investigadora Deissy, diz que é fácil e rápido mas que gostava se tivesse mais coisas para desenhar.</p> <p>A investigadora Luz reafirma que se compreende muito bem e que não demora muito tempo.</p> <p>Posto isto, pergunto se fazemos alguma alteração. Comunicam que só colocar mais círculos para desenhar.</p> <p>(Toca a campainha)</p> <p>Agradecem por ter deixado ir jogar à bola [como se fosse algo de extraordinário]. Despedem-se e saem.</p>	<b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b>

**Reflexão...**

Não sei se, porventura, como investigadora, agi correctamente, ao deixar parte do grupo ir jogar à bola. Porém, ao verificar a expressão de felicidade quando aprovei a sua vontade, fez com que eu não me arrependesse. Considero, que ao respeitar as necessidades das crianças investigadoras, ao dialogar e negociar com as mesmas, construí uma relação propícia à concretização de uma investigação com crianças.

Depois desta sessão, encontrei-me com a minha orientadora, que tal como as crianças propuseram, aconselhou-me a alterar a formatação do questionário. Realço ainda, a importância que o papel da minha orientadora neste processo investigativo.

**Nota de Campo XIV**

<b>14.ª Sessão – Preparação para a entrega dos inquéritos.</b> EB Carlos Alberto, 16 de Junho de 2010 (das 16h45min. às 17h30min.)	
<b>Presentes:</b> Todos os elementos do <i>Grupo dos Amiguinhos Investigadores</i> .	
Hoje reunimos na sala-de-aula, pois a biblioteca da escola, o nosso laboratório de investigação, encontrava-se ocupada. Sentamo-nos, em redor das mesas, de frente uns para os outros. Pergunto, se querem ver como ficaram os inquéritos. Respondem, com entusiasmo, que sim. Dou um a cada dois. Ouvem-se comentários, “estão mesmo fixes”, “e ficaram mais bonitos.” Interrogo, se alguém, quer ler o questionário, para ver se este encontra correcto e em concordância com as perguntas que indicaram nas sessões anteriores. Como algumas das crianças investigadoras manifestaram vontade em ler, distribuímos um grupo por cada. À medida que lêem, identificam as questões que propuseram. Após lermos e examinarmos o questionário, discutimos como e quem apresentará, explicará, entregará, tirará fotografias, na entrega dos questionários às crianças do segundo e quarto anos de escolaridade, no dia seguinte. Acordamos as funções que cada investigador teria. Ensaíamos duas vezes. E demos por encerrada a sessão.	<b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b>
<b>Reflexão...</b>  Realço a vontade/desejo que as crianças investigadoras, mesmo as mais tímidas, revelaram em participar na entrega (dar, ler, explicar, tirar fotografias) dos questionários.	

## Nota de campo XV

<p><b>15.ª Sessão</b> – Entrega dos inquéritos às crianças do 2.º e 4.º anos de escolaridade. Biblioteca, da EB Carlos Alberto, <b>17 de Junho de 2010</b> – (9h20min. às 10h20min.- 2.ºano de escolaridade/13h35min. às 15h -4.ºano de escolaridade)</p>	
<p><b>Presentes:</b> Todos os elementos do <i>Grupo dos Amiguinhos Investigadores</i>.</p>	
<p>Entram na sala-de-aula, perguntam “Professora é agora que vamos?”. Respondo que não só depois de todos os alunos chegarem e se acomodarem nas suas salas. Sentam-se e conversam entre si, dizem aos colegas o que vão fazer.</p> <p><b>9h20min.</b></p> <p>Peço que as crianças investigadores, se aproximem da porta da sala, pegarem no que precisam pois vamos para sala do segundo ano de escolaridade. Riem e conversam entre si, expressam alegria e entusiasmo.</p> <p>Pedimos licença à professora e alunos do 2.º ano, entramos, o investigador Falcão apresenta o Grupo dos amiguinhos investigadores e explica que pretendemos a sua colaboração para a nossa investigação, que consiste no preenchimento do questionário, com sinceridade. Espalhamo-nos pela sala e sempre que as crianças do segundo ano solicitam a ajuda um de nós aproxima-se e explica.</p> <p><b>10h20min.</b></p> <p>As crianças param de responder ao questionário, para lanchar, retiramo-nos da sua sala para fazer o mesmo. A Professora do 2.º ano lectivo, oferece-se para recolher os questionários depois do intervalo, quando os seus alunos acabassem o seu preenchimento. Falo com as crianças investigadoras e concordamos, assim estas também podem decorar as suas camisolas para o passeio à Bracalândia que se realizará, no dia seguinte.</p> <p><b>13h35min.</b></p> <p>Reunimo-nos à entrada da sala-de-aula, subimos para a sala da turma A do quarto ano de escolaridade, apresentamo-nos e explicamos o que pretendemos, a sua cooperação. Lemos e explicamos questionário.</p> <p><b>14h30min.</b></p> <p>Como ainda não tinham terminado as suas camisolas, e as crianças do quarto ano não necessitam muito da nossa ajuda, saímos, a sua professora comprometeu-se a recolher os questionários.</p> <p><b>15h30min.</b> (Toca a campainha para sair)</p> <p>Peço que as crianças investigadoras fiquem um pouco mais de tempo para falarmos. Pergunto como acham que correu a entrega dos questionários. Afirmam que correu bem, além de não terem tirado fotografias ao 4.ºano de escolaridade, e que estão curiosos para ver o que escreveram.</p> <p>Fica prometido uma sessão para analisarmos os questionários.</p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p> <p><b>O comportamento das crianças perante a responsabilidade (parecem adultos em miniatura).</b></p>
<p><b>Registo fotográfico...</b></p>	



### Reflexão ...

Os questionários deviam ser entregues antes umas semanas, visto que as crianças, certamente por ser o penúltimo dia de aulas, encontravam-se um pouco mais agitadas do que o habitual e consequentemente não concretizaram na escrita o que responderam e falaram oralmente para os colegas e a professora. Porém, manifestaram bastante meditação e interesse pelos assuntos abordados no questionário. Considero que resultaria melhor, que seria efectivamente mais eficaz, se dividíssemos o preenchimento do questionário por grupos, ou seja, o seu preenchimento ser faseado, de acordo com os temas ou subtemas referidos, exemplificando num dia preenchiam o grupo I, “A minha semana”, depois o grupo II, “O meu dia...”, no seguinte, “As AEC’s e o ATL”, posteriormente, o grupo dos TPC, e assim consecutivamente.

### 16.ª Sessão – Análise e conclusões dos questionários.

EB Carlos Alberto, 14 de Julho de 2010 – (das 14h30min. às 17h30min.)

**Presentes:** *Grupo dos Amiguinhos investigadores* (excepto a investigadora Luz)

Devido ao ano lectivo já ter encerrado, e logicamente as crianças investigadoras se encontrarem de férias, marcamos esta sessão na escola, na sala 2 e não no nosso Laboratório de Investigação (biblioteca).

Por volta das duas e meia, começam a chegar meninos, o Diogo é o primeiro, pois estava no ATL situado ao lado da escola. Enquanto espero que todas as crianças participantes cheguem, preparo a sala e o material necessário para a sessão, As crianças chegam abraçam-me e dizem que estavam com saudades e vão ter com os amiguinhos e começam a brincar e a contar como estão a passar as suas férias.

**14h40min.**

Como só faltava a Rosana porque tinha uma consulta, solicito às crianças que se sentem, em redor da mesa, estabeleço um diálogo com eles sobre a nossa investigação (há quase um mês que não estávamos reunidos). Pergunto se ainda se lembram como ficou a nossa investigação, o Diogo diz que depois de entregarmos os questionários às outras crianças não fizemos mais nada, os seus colegas concordam. Todos se recordam da entrega dos questionários surgindo os seguintes comentários, “foi mesmo fixe!”, “os outros meninos também gostavam de ser investigadores”, “eles riram-se de nossos nomes”, “eu gostei de ser eu a entregar os questionários, parecia uma professora”,

Depois de eles falarem, questiono-os se eles não estão curiosos

### Observações /Temas abordados/reflexões:

Para facilitar e elucidar melhor a análise dos questionários optámos por usares cores vermelho, verde e azul, para distinguir as respostas das crianças que se encontravam em diferentes em anos lectivos, 2.º, 3.º e 4.º anos, respectivamente.

<p>por saber o que é que as outras crianças responderam. Em coro respondem que sim. Explico que vamos descobrir e analisar os questionários, comparando-os com o que eles próprios responderam e com toda a nossa investigação.</p> <p>Peço ajuda ao investigador Falcão e à investigadora Deissy para distribuir questionários (que se encontram agrupados por anos de escolaridade) pelos restantes investigadores.</p> <p><b>14h50min.</b></p> <p>Começamos por discutir o primeiro grupo “A minha semana”, apresentam a criança (nome imaginário, idade, morada, pessoas com quem vivem e o ano de escolaridade) e analisam e comunicam como o usam o tempo na sua semana, como fizeram a repartição de acordo com as suas actividades frequentes, posto isto, dizem também a actividade que gastam mais tempo menos tempo, o que gostam mais de fazer e porquê, menos e porquê,</p> <p>As respostas dadas foram dormir, brincar, estar com os meus pais, jogar PSP, ver televisão.</p> <p>Pergunto que a conclusão chegamos, que as crianças questionadas as actividades frequentes referidas foram estar na escola, em casa, no ATL, brincar, fazer os trabalhos de casa, estudar, ler, ver televisão, AEC's, refeições diárias, dormir, passear, foram expostas poucas vezes.</p> <p>A actividade em que gastam mais tempo é a escola, a que gastam menos é brincar. O que mais gostam de fazer é brincar porque é divertido, o que menos gostam de fazer trabalho de casa, estudar e estar na escola.</p> <p>À questão “gostariam ter mais tempo para...”, responderam brincar, dormir, estar com os meus pais, jogar PSP, ver televisão, cantar rir.</p> <p>Pergunto-lhes se as respostas são parecidas com as que foram dadas por eles durante as sessões de investigação, respondem que afinal <u>os dias das outras crianças são quase iguais aos seus.</u></p> <p>Analisamos o II grupo “O meu dia...”, todas dizem a que horas se levanta a criança referente ao (s) inquérito (s) que têm. As respostas obtidas foram às <u>seis horas</u> levantam-se duas crianças (<b>menino/Nokas</b>); às <u>6h30min.</u> levantam-se sete crianças (<b>Nuno/Leonel Messi/ Lionel Messi/Bia/Cristino Ronaldo / Ana/ Marcelo</b>); às <u>6h45min.</u> levanta-se o 123 Gorila/ às <u>sete horas</u> levantam-se nove crianças (<b>IIIIIIII Super Guerreiro/ Luz/Bibia Ramara/ Marcarida/ Carolina/Nuno Augusto/ João / Runo/Afonso</b>); às <u>7h30min</u> levantam-se cinco crianças (<b>Sophie/Messi Alonso/Inês Araújo/Leonel Messi/ Vítor</b>; às <u>oito horas</u> levantam-se dez crianças (<b>IIIIIIII Eli/Leonel/Matilde/Bruno/ Leticíia/Hugo.</b>); <u>8h30min.</u> <b>Cristiano Ronaldo.</b></p> <p>Pergunto se com estes dados podemos chegar alguma conclusão. Respondem que sim, dizem que a maioria das crianças levanta-se entre as seis e oito horas da manhã. Pensamos que às seis horas é muito cedo para se levantarem, e que o fazem devido ao emprego dos pais.</p> <p>Analisamos a <b>Ida para a escola.</b> Decidimos que eu apontava todas as respostas dadas. Leio as respostas ouvidas [viagem de metro/ ando a pé</p>	<p><b>O que as crianças gostam mais e menos de fazer.</b></p> <p><b>Actividades frequentes das crianças.</b></p> <p><b>A actividades em que gastam mais e menos tempo.</b></p> <p><b>Gostariam de ter mais tempo para...</b></p> <p><b>O dia de uma criança...</b></p>
---	--

na rua com a mãe e a irmã bebé /”7h20min. vou apanhar o comboio, estação, com a minha mãe” (123 Gorila)/ “ Espero pelo autocarro, na paragem, com os meus pais (Super Guerreiro)/ 8h vou para o café e depois vou para o ATL (Sophie)/ “Vou no autocarro, com os pais (Eli) / 7h30min. Vou no carro, pai e mãe (Bibia Ramara)/ Autocarro (Marcarida)/ Brinco na rua com os amigos (Leonel)/ Autocarro com mãe (Nuno) / Estudo, na rua, com a mãe ou pai. (Bia) / Ando, na rua, sozinho (Cristiano Ronaldo) / Corro, na rua, com o meu pai (menino)/ entro no carro, com o pai e a mãe. ( Nokas)/ 7h15min. Vou no metro, com a mãe (Ana)/ Jogo PSP (Vítor) / Vou para a escola a pé, com a mãe. (Mónica) / 8h20min. Vou com a minha mãe levar os meus irmãos ao infantário. (Carolina) / Cumprimento os meus amigos, no carro, com o pai. (Luís) / Visto o casaco. (Lecticína) / Vou de carro para a escola, com a mãe, o pai e irmão. (Cristino Ronaldo) / Converso, no comboio, com a mãe. (João) /Brinco, à entrada da escola (Runo) / 8h30min. Venho a pé, com a funcionária. (Afonso) / Viagem de carro, com a mãe. (Marcelo)/]. Concluimos que as crianças inquiridas vêm para a escola a pé, de metro, de comboio, de autocarro e de carro.

Investigamos o que eles fazem **Antes de chegar à escola**. Utilizamos o mesmo método as crianças investigadoras lêem as respostas dadas e eu aponto [“divirto-me, no ATL, com os meus amigos”(Curby) / 8h Fico a jogar PSP, no trabalho da minha mãe (123 Gorila)/ Brinco, à porta da escola, com os meus amigos/ “8h30min. Brincar, no ATL, com os meus amigos” (Sophie) / “8h vou para o ATL” (Luz) / “Vou para o ATL até abrir a escola” (Fadinha)/ Brinco na escola, com amigos” (Eli) /8h Estou no ATL(Bibia Ramara)/ Brinco no ATL(Messi Alonso)/ 8h30min. Brinco, na Porta da Escola com a avó e mãe (Marcarida) / 8h30min. Brinco e jogo à bola, na rua, com os amigos. (Leonel)/ 8h07min. Brincar no ATL, com os amigos (Leonel Messi)/ Estudo. (Bia) / Brinco, na rua, com amigos (Cristiano Ronaldo) / 7h50min. Vejo televisão, no ATL, com as Auxiliares e colegas. (Lionel Messi) / Brinco no carro, com a mãe ( Nokas)/ Vejo televisão, em casa, com os pais. (Matilde) / Brinco no ATL, com os amigos. (Ana)/ Vou buscar o pão para lanche na escola. (Carolina) /Brinco, no carro, com ninguém (Nuno Augusto) / 8h55min. Despeço-me dos meus pais. (Luís) / 8h35min. Caminhar para a escola, na rua, com a minha mãe. (Lecticína) / Vou ao café, à beira da escola, com a mãe ou pai. (Cristino Ronaldo) / Tomo o pequeno almoço. (João) / Converso com a funcionária, na rua. (Afonso) / Estou no lar, no Porto, com uma senhora idosa. (Marcelo)/ Visto-me e vou de metro, com a mãe. (Hugo).]

Concluimos que a grande parte destas crianças antes de irem para a escola estão no ATL, a brincar ou verem televisão.

Observamos que, pelas respostas obtidas, na **Chegada à escola**, as crianças brincam no passeio com os colegas (sob a vigilância dos pais, dos responsáveis dos ATL's que frequentam e alguns sem vigilância visto que vêm para a escola sozinhos) até a escola abrir, já que esta

## O tempo do ATL





Podemos também concluir, que as crianças no ATL brincam, estudam e fazem os trabalhos de casa. [“das 17:30 às 19:25 jogo futebol com os meus amigos” (Curby)/ (Super Guerreiro)/ “Brinco e às vezes estudo, na sala do ATL e no recreio, com a Alcina e Paula e amigos” (Sophie) / “Das 16h às 19h, trabalho ou estudo, sozinha, não gosto” (Luz) / “Espero que o meu pai me venha buscar. Na escola ou no ATL” (Fadinha) / das 17h30 às 19h brinco no ATL (Bibia Ramara)/ Brinco (Messi Alonso)/ das 17h30 às 19h deveres e brinco (Marcarida)/ Brinco (Leonel)/ Brinco com os amigos (Nuno) / 17h30min. às 19h, brinco estudo, no ATL, com as educadoras (Bia) / 17h30min às 18h, Brinco, no ATL, com auxiliares. (Lionel Messi) / 17h30min. às 18h, estudo, no ATL, com as educadores. (Ana)/ 17h30min trabalhos de casa, na mesa, com ninguém (Nuno Augusto)/ 15h30min. Brinco, no ATL, com amigos (Luís)/ 15h30min. Como, no ATL, com os amigos. Gosto menos. (Lecticióna) / 15h30min. às 19h, faço os deveres, na sala do ATL, com colegas ou doutoras. (Cristino Ronaldo)/ Trabalho, no ATL, com os colegas (João) / 16h faço o deveres, no ATL, com a Doutora. (Runo) / 16h Lanche, no ATL, com os colegas. (Marcelo)/ 16h faço os TPC e brinco, ATL, com as doutoras. (Hugo).]

202



/ 16h40min. Viagem de camioneta, com a minha avó. (Marcelo)/ 18h vou de metro. (Hugo).]

Quanto à **Chegada a casa**, averiguamos que a maioria das crianças regressa a casa entre as 18h30min. e as 19h30min, faz os trabalhos de casa ou estuda, brinca e vê televisão. [17h brinco, trabalho, ou vejo televisão, sozinho/ faço os deveres, na sala com o pai/ estudo no quarto sozinho (Curby)/ Vejo televisão, sozinho (123 Gorila) / Brinco, no quarto, com o meu irmão (Super Guerreiro)/ “18h15min. Chego a casa e vou para a beira da minha mãe” Sophie /19h10min. Vejo televisão, sozinha (Luz) / “Faço os trabalhos de casa, na sala, o meu pai e a minha mãe ajudam-me” (Fadinha). 19h30min. Como (Bibia Ramara)/ Tomo banho (Messi Alonso). 8h Brinco (Leonel)/ Durmo. (Inês Araújo)/ Estudo (Leonel Messi)/ faço trabalhos de casa (Nuno) / 19h30min.Vejo televisão, estudo, no quarto sozinha (Bia) /16h Jogo, sozinho. (Cristiano Ronaldo) / Deveres, em casa, com o pai. (menino)/ 16h Brinco com a irmã. ( Nokas)/ 16h, faço os deveres, na secretária, sozinha (Matilde) / Vejo televisão, no sofá com a mãe. (Ana)/ Faço TPC, em casa, sozinho. (Bruno) /18h30min. Vou tomar banho. Gosto. (Mónica) / 16h, vou fazer os TPC, em casa, sozinha. Antes do jantar, vejo televisão, na sala, com avó. (Carolina) / 19h30min.brinco, no meu quarto com ninguém (Nuno Augusto)/ Brinco, com o pai ou mãe (Luís) / 19h faço os trabalhos de casa, em casa, com a minha mãe. (Lecticina) / Tiro o casaco e brinco, na casa ou na rua, com o irmão. (Cristino Ronaldo) / 19h. Brincar, ver televisão, no quarto, sozinho(João) / 19h10min. Tomo banho e janto, com a avó. (Runo) / 16h lancho, faço TPC, brinco, com as colegas e funcionárias. (Afonso) /17h os TPC, sozinho. (Marcelo)/ 19h Trabalhos de casa, sozinho. (Hugo).]

Conferimos ainda que o **Jantar** destas crianças é normalmente, entre as 20h e as 21h. [20h a cozinha a família I (123 Gorila/ Sophie/ Luz/ (Bibia Ramara)/ (Marcarida) (Bia) /(Cristiano Ronaldo) ( Nokas)/ com a mãe (Ana)/ Com a mãe. Gosto menos. (Mónica) /(Carolina) /(Nuno Augusto)/ (Luís) / (Lecticina) /(João) / (Afonso) 21:30 (Leonel) (Cristino Ronaldo) // 21h (Leonel Messi)/ 19h30min. (Matilde) / 19h30min. janto em casa, com a minha mãe e avó. (Marcelo)/.]

**Depois do jantar**, algumas das crianças tomam banho e preparam-se para se deitar, outras brincam um pouco ou vêm televisão ou jogam computador ou PSP. [preparo-me para deitar no quarto sozinho (não gosta)/ ver televisão no quarto com a irmã bebé/ vejo um filme na sala com a família (Curby)/ “Jogo PSP” (123 Gorila)/ “Vou ao café, na Pasteleira, com a mãe” (Super Guerreiro)/ “Vou para o sofá e às vezes para a cama” (Sophie)/ 21h Vejo televisão, com a minha mãe (Luz)/ Visto o pijama e vejo televisão, no meu quarto e na sala, sozinha”(Fadinha). Durmo. (Bibia Ramara)/ Ver televisão (Messi Alonso)/ Brinco um pouco (Marcarida)/ Brinco. (Leonel)/ 22h Brinco, em casa, com os pais (Leonel Messi)/ 20h30min. Brinco no quarto,

sozinha. (Bia) / 20h30min. Brinco, em casa, com os pais (Cristiano Ronaldo) / 20h, arrumo a loiça, na cozinha, com o pai. (menino)/ Brinco, em casa, com a irmã. (Nokas)/ Jogo computador, no quarto, sozinha. (Matilde) / Descanso, na cama, com ninguém. (Ana)/ 21h Vejo televisão, na sala, com a mãe. Gosto menos. (Mónica) /20h30min. Descanso, na sala, com os pais. (Nuno Augusto) / Vejo televisão, com o irmão. (Cristino Ronaldo) / Ver televisão com os meus pais. (João) / Faço uma ficha, com a mãe. (Runo)/ Tomo banho. (Afonso) / Tomo banho. (Marcelo)/ Televisão, com os pais. (Hugo).]

A maior parte destas crianças **deita-se** entre as 21h30min. e as 22h30min. [21:30 IIIII (123 Gorila) dormir sozinho (Dragon rai)/ Durmo com a bebé (Deissy)/ com a mãe (Bíbia Ramara)/ Leio (Cristiano Ronaldo) /(Ana)/ (Afonso) /(Marcelo)/ 22h (Curby/ Super Guerreiro – com o irmão / Sophie- com a mãe/ Luz com a mãe)/ ( Nokas) (João) / (Runo) 22h30min. Deito-me, o meu pai e a minha mãe dão-me um beijo de boa noite” (Fadinha)/ ninguém (Marcarida) (Leonel)/ 23h (Leonel Messi)/ 21h (Bia) / 21h, duro, no quarto, com o irmão. (menino)/ 22h30min. Jogo PSP, na cama sozinha. (Matilde) / 20h (Bruno) /(Nuno Augusto)/ 21h30min. Vou-me deitar, na cama fofinha, com a Hello Kitty.Gosto. (Mónica) / Vou deitar-me, na cama, com a irmã. (Carolina) /(Lecticióna) / 21h (Luís) (Hugo). / 22h30min. 23h40min. 00h durmo e às vezes vejo televisão, na cama, com a mãe e o irmão. (Cristino Ronaldo). ]

Relativamente à questão, “**Quem decide o que fazes durante o dia?**”, concluímos que quem decide o dia destas crianças são os pais e as professoras. [Ninguém/ A mãe/ Os meus pais (123 Gorila) / Sou eu (Super Guerreiro)/ “As professoras, a Paula e a Alcina e a mãe e irmão” (Sophie)/ A professora e a minha mãe (Luz)/ A professora (Fadinha)/ A mãe (Bíbia Ramara)/ Pai e mãe (Messi Alonso)/ Professoras. (Leonel)/ Sou eu (Inês Araújo)/ A professora (Leonel Messi)/ Eu. (Bia) / Eu. (Cristiano Ronaldo) / Mãe (Lionel Messi) / Professora (menino)/ Professoras, auxiliares, pai e mãe ( Nokas)/ Eu e os meus pais. (Matilde) / a minha mãe. (Ana)/ É a minha mãe e o meu pai. (Bruno) /A mãe. (Mónica) / Eu e a minha mãe. (Carolina) / É a professora (Nuno Augusto) / A minha professora ou mãe (Lecticióna) / Os meus pais. (Cristino Ronaldo) / Os pais ou a professora (João) / A professora na escola. (Runo)/ As funcionárias e a professora. (Afonso) / A mãe. (Marcelo)/ A Mãe é que decide (Hugo).]

Em relação à pergunta colocada, “**Existem momentos em que és tu a decidir?**” , uma parte considerável das crianças disse que não, alegando que ainda são muito pequenas ou então os pais não as deixam. [ Não III I IIII “Nunca decidi porque não deixam decidir”(curby)/ “Porque a minha mãe não deixa” (123 Gorila) ”Não, porque ainda não sou adulta” (Eli) / Não porque o meu pai bata-me. (menino)/ Não porque sou pequeno. (João) / Não. Porque eu sou muito pequeno. (Runo)/ Não. Porque gosto que minha mãe decida.

(Não) Participação no agendamento do seu dia.

<p>(Marcelo)/ Não. Porque é a minha mãe que manda. (Hugo).]</p> <p>Todavia, a maioria dos inquiridos profere que sim, que decide nos momentos em que se encontra a brincar ou em ocasiões especiais (no aniversário, ao fim-de-semana, nos passeios, praia) ou ainda quando os pais estão bem-dispostos. [Sim IIIIIIIII “fim de semana” / “ Quando fico de beijo de porco amuado” (123 Gorila)/ “ De manhã e à tarde (Super Guerreiro) / “ Depois de jantar decido se quero jogar Nintendo ou não ou outras coisas” (Sophie)/ Sim, quando brinco (Luz)/ Sim, quando estou no recreio a brincar (Fadinha)/ Sim,a Brincar(Bíbia Ramara)/ Sim em casa (Messi Alonso)/ Sim. casa (Marcarida) / Sim nas brincadeiras (Leonel)/ Sim decido a tarde. (Inês Araújo) / Sim, no recreio. (Leonel Messi)/ Sim em casa (Nuno) / Sim, quando vou às compras. (Bia) / Sim, quando brinco. (Cristiano Ronaldo) / Sim, com o meu pai (Lionel Messi) / Sim quando estou a brincar. ( Nokas)/ Sim, às vezes. (Matilde) / Sim quando é brincadeira (Ana) / Sim nas brincadeiras. (Bruno) / Sim, à noite. (Mónica) /Sim, quando me quero deitar e brincar. (Carolina) /Sim no recreio. (Nuno Augusto)/ Sim, em razões especiais. (Luís) / Sim, nos passeios, na praia e no parque. (Lecticína)/ Sim. Quando faço anos ou quando a minha mãe está bem disposta. (Cristino Ronaldo) / Sim, quando brinco (Afonso). ]</p> <p>Quanto à questão seguinte, “<b>Conversas com alguém sobre o teu dia?</b>”, Algumas das crianças indicam que não, justificando com os seguintes factos, ninguém lhes pergunta, não lhes apetece, não gostam e porque têm vergonha. [Não II IIII II porque não me apetece/ porque não me perguntam/ Não. Não gosto. (Leonel) Não. Porque não gosto. (menino). Não. Porque não têm nada a ver com isso. ( Nokas) Não. Porque tenho vergonha e não apetece. (Mónica) / Não. Porque são assuntos pessoais só eu e mais ninguém (Luís).]</p> <p>Uma parte significativa das crianças diz que conversa com os pais principalmente com a mãe, referem também outros familiares (por exemplo: avós e irmãos) e os amigos. [Sim IIIIIIIII “Com a minha mãe porque estou maldispuesto”(Curby) / Com a minha mãe (123 Gorila/ Super Guerreiro/Sophie/ Luz /(Bíbia Ramara)/Com o meu pai e a minha mãe (Fadinha)/ Sim, com os meus pais (Eli) / Sim com colegas, familiares (Messi Alonso) / Sim. Com a minha avó e a minha mãe e irmão. (Marcarida)/ Sim com as minhas amigas. (Inês Araújo)/ Sim com a mãe e o pai (Leonel Messi)/ Sim com os amigos (Nuno) / Sim, com a mãe. (Bia) / Sim, com a minha mãe (Cristiano Ronaldo) / Sim, com o meu pai. (Lionel Messi) / Sim, com os pais. (Matilde) / Sim com a minha mãe. (Ana)/ Sim, à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão (Bruno) / Sim. Não conto como correu o meu dia a desconhecidos só conto à minha família. (Carolina) / Sim. Com os meus pais. (Nuno Augusto) / Sim, com a minha família. (Lecticína) / Sim, com a minha mãe. (Cristino Ronaldo) /Sim, com a minha mãe. (João) / Sim com os pais. (Runo)/ Sim, com as funcionárias. (Afonso) / Sim, com minha mãe. (Marcelo)/ Sim, com os meus pais (Hugo).]</p> <p>Relativamente ao grupo III, em particular as AEC’s, verificamos que</p>	<p>(Não) Conversam sobre o dia.</p> <p>O tempo das AEC’s</p>
--	--

<p>algumas das crianças não as frequentam. [ Não III IIII IIIII (Super Guerreiro/ Luz) (Nuno) /(Cristiano Ronaldo) /(menino) (Matilde) / (Luís) /(Leticíia) /(João) / (Runo) (Marcelo)/ (Hugo).// Sim IIIIIIII (Leonel) (Leonel Messi) (Bia) /(Ana) (desporto, inglês, música, apoio ao estudo) (Bruno) ].</p> <p>No local onde se pergunta <b>Como são...</b> as AEC's, observamos que a maioria dividiu o círculo em quatro partes, Ginástica, Inglês, Música e Apoio ao Estudo, havendo também, as respostas seguintes: “bom divertido, com muitos jogos e estudioso” (Sophie) Bom divertido e educado. (Lionel Messi) / Passa depressa. (Nuno Augusto).</p> <p>Relativamente à questão, <b>“Como serias se fosse tu a decidir?”</b>, concluímos que se fossem estas crianças a decidir, tal como nós, as AEC's seriam mais divertidas, seria brincar, jogar futebol e outros tipos de jogos, ter mais tempo de ginástica, e teriam espaços melhores. [“Devia ter melhores espaços ... porque é tudo apertado”. “ainda não sei” “gostava que tivesse mais tempo a jogar a bola” (Curby) / “Metade ginástica/futebol e metade inglês porque é o que mais gosto” (123 Gorila)/ “Futebol, brincar, saltar à corda, rodar o arco, aprender inglês, porque eu gosto de brincar a vários jogos” (Super Guerreiro)/ Não sei (Sophie)/ “ Eu frequentava as AEC's e queria que houvesse só ginástica e música” (Luz)/ “Se fosse eu a decidir as aulas seriam mais divertidas” (Fadinha) / Muita ginástica e um bocado de Inglês. Porque gosto mais de ginástica. (Bíbia Ramara)/ Como é agora porque são giras (Messi Alonso)/ Era de cinco minutos. Eles faziam o que quisessem. Porque me apetecia e eu mandava (Marcarida)/ Mais ginástica. Porque não gosto de inglês, apoio ao estudo e música. (Leonel)/ Só física, porque é divertido e porque gosto (Leonel Messi)/ Piscina, Inglês, música, ginástica e apoio ao estudo. Faz bem. (Bia) / Futebol e basquetebol. Porque gosto. (Lionel Messi) / Metade Apoio ao Estudo, e a outra metade Inglês e Educação Física. Porque gosto muito desta disciplina (Ana)/ Só recreio. Porque gosto de brincar. (Nuno Augusto)/ Não ando nas AEC. Era só futebol. Porque é fixe é divertido é muito altamente. (Luís)-].</p> <p>Ainda no grupo III, comparativamente ao ATL, de <b>“Como é?”</b>, averiguamos que é o local em que grande parte das crianças faz os trabalhos de casa, em que metade do tempo que aí passam brincam e a outra metade estudam. [“Divertido, estudioso” (Sophie) “ é divertido mas tenho de fazer os TPC”/ Brincar e TPC (Bíbia Ramara)/ Brinco (Nuno) / Estudar e trabalhar (Bia) / Bom. (Lionel Messi) / Metade do tempo estudar e outra metade brincar (Ana)/ É uma seca. (Mónica) / Faço os deveres e brinco (Nuno Augusto)/ Estudar e Jogar futebol (Luís) / Metade do tempo, brincar com amigos, e a outra metade, fazer os trabalhos de casa. (Leticíia) / Computador e brincar (Cristino Ronaldo) / Trabalhar, jogar jogos e brincar. (João) / Lavo as mãos, lanchamos, brincamos, fazemos os deveres. (Runo) / Metade a brincar e metade a trabalhar. (Marcelo).]</p>	<p><b>O tempo do ATL</b></p>
--	------------------------------

Analizamos que se fossem estas **crianças a decidir**, no **ATL** haveria mais tempo para brincar e mesmo para algumas delas não haveria simplesmente. [“Como é. /Porque é bom!”/ “mais tempo, é muito divertido e muito animado”(Curby)/ “Queria ir porque é para brincar mais” (123 Gorila)/ “*Reduzia o tempo para estudar*, porque sempre seria mais divertido assim do que aquilo que já é “ (Super Guerreiro)/ “Se fosse eu a decidir não frequentava nenhum ATL e andava nas AEC’s” (Luz)/ “Se fosse eu a decidir passava mais tempo a praticar desporto” (Fadinha)/ Nada. Não quero. (Bibia Ramara)/ Não havia. (Leonel)/ Só havia uma educadora. Porque uma era simpática (Nuno) /(reduzia o tempo de estudar e trabalhar) porque faz bem (Bia) / Brincadeira. Porque gosto. (Lionel Messi) / Só estudar. Para saber e aprender. (Ana)/ Seria igual. Porque gosto do ATL assim. (Nuno Augusto) / Todos para o Quintal. Porque assim podemos brincar. (Luís) / Metade do tempo, brincar com os amigos e na outra metade ir embora para casa da minha avó. Era bom se fosse eu a decidir podia fazer o que quisesse. (Lecticína) / Brincar. Era fixe e podia fazer o que quisesse e os meus colegas também. (Cristino Ronaldo) /Igual. Acho que está tudo bem. (João) /lavava as mãos, lanchava, fazia os deveres e depois brincamos. Porque é a mais correcta. (Runo)/ Estar sempre a trabalhar, porque gosto de escrever. (Marcelo) /

**14h52min.**

Verifico que estão a ficar mais agitados e pergunto se querem fazer um intervalo para lanche. A resposta é imediata e afirmativa. Preparo o lanche, deito sumo nos copos e o investigador Super Guerreiro distribui, dou um pacote de seis bolachas a cada um, e ponho no centro da mesa batatas fritas. Digo-lhes que não muito saudável, mas que de vez em quando não faz mal... eles riem e lanchamos e conversamos. Enquanto informo que vamos continuar a análise dos questionários, arrumo a mesa, eles bem-dispostos pegam nos questionários e abrem-nos no grupo dos TPC, mostrando que sabem onde é que nos encontramos.

**16h06min.**

Para analisarmos o grupo IV, os **TPC**, lemos as respostas de todas as crianças inquiridas [*Tipo de trabalhos que levam para casa*: Composições **IIIIII** (Bia) /Contas **IIIIII III** (Marcarida) (Leonel) (Leonel Messi) (Cristiano Ronaldo)/ Fichas/ Desenhos **II** (Fadinha/Eli)/Ler/Cópias **I** (Messi Alonso)/Tabuadas **IIIIII** (Marcarida) (Messi Alonso) (Leonel) (Nuno) /Problemas (Leonel)/ Matemática II, Língua Portuguesa II e Estudo do Meio II. // *Onde*: casa **IIIIII** (Marcarida) (Leonel Messi) (Sophie) **ATLIIIIII** (Sophie/ Luz /(Bibia Ramara) (Marcarida) (Leonel) (Nuno) // *Com quem*: Pai ou mãe **II** (Fadinha)/ com a minha irmã/ Sozinho (123 Gorila) **Eli** / Alcina, Paula (ATL), mãe e irmão (casa) (Sophie)/ Sozinha ou com a Dra. Do meu ATL” (Luz) / Mãe Alcina Paula (Marcarida) // *A que horas*: das 18h às 19h / 19h (123 Gorila) 18:30 Sophie/ 17h Luz/ **19h30min** (Fadinha)/ Contas de dividir, às 6h,em casa com ninguém (Leonel Messi)/ Tabuadas, às 16h, no ATL, com a Sónia. (Nuno) / Composições, às

**O tempo dos trabalhos de casa**



<p>18h, no ATL, com ninguém (Bia) / Contas de dividir, 15h30min., em casa, com a mãe. (Cristiano Ronaldo) / Contas de dividir, reduções, etc., às 19h, em casa, com a mãe. (Lionel Messi) / Tabuadas, em casa com o pai. (menino)/ Contas e textos, 17h, em casa com minguem ( Nokas)/ Contas, cópias, desenhos, trabalhos de pesquisa, às 16h, em casa, com os pais. (Matilde) / Contas de dividir, em casa ou no ATL, com a mãe ou auxiliares. (Ana)/ Contas, 18h, em casa, sozinho. (Bruno) / Tabuadas, contas, composições, às 17h30min., no ATL, com a Manuela. (Mónica) / De matemática, Língua portuguesa, estudo do meio, das 18h às 20h, no ATL e casa, com as funcionárias do ATL e pai. (Nuno Augusto)/ Fichas de matemática, fichas de Língua Portuguesa, contas, tabuadas, composições e cópias, das 16h às 17h30min. , no ATL, com a Mónica. (Luís) / Tipo verbos, tabuadas etc., às 19h30min., em casa com a mãe. (Lecticióna) / O jogo do 24, tabuada, fichas no livro que estão a fazer o que está atrasado. Depende, das 16h30min. às 19h, no ATL, com colegas e a doutora. (Cristino Ronaldo) / Português, Matemática, Estudo do Meio, às 16h, no ATL. (João) / Tabuadas, composições e fichas. (Runo)/ 17h, composições, tabuadas, leitura, contas, pesquisar. (Afonso) / Tabuadas, depende, no ATL ou em casa, sozinho. (Marcelo). ] Concluimos que o tipo de TPC habituais destas crianças são as contas, tabuadas e as composições, e que os fazem em casa ou no ATL, com os pais ou com as professoras/funcionárias do ATL ou sozinhos, a hora de realizarem os TPC decorre num período que vai das 16h às 20h, dependendo da hora que vão para o ATL e da hora que regressam a casa.</p> <p>Comparativamente, no grupo V, em específico sobre o que fazem ao <b>fim-de-semana</b>, comunicamos as respostas obtidas [“faço trabalhos de casa e brinco” “brinco e faço os deveres” “Eu brinco com meu irmão” “Eu ao fim-de-semana trabalho e depois brinco um bocado (Curby)/ “Ao fim-de-semana faço os TPC e brinco” (123 Gorila)/ Vejo televisão, jogo Nintendo, brinco, vou à catequese e às vezes trabalhos de casa, jogo Magalhães” (Sophie)/ “Passeio e brinco” (Luz)/ “No fim-de-semana ando de bicicleta, jogo Nintendo, faço piqueniques, ou à piscina.” (Fadinha) /”Faço os trabalhos de casa.” (Eli)/ Brinco (Bíbia Ramara)/ Jogo, brinco (Messi Alonso)/ “Brinco durmo em casa das minhas colegas passeio” (Marcarida)/ Brinco(Leonel) / Vou para a piscina e gosto muito de brincar (Inês Araújo)/ “Brinco, estudo, como comida, jogo computador” (Leonel Messi)/ Vou à catequese (Nuno) / Ao fim-de-semana estudo. (Bia) / Brinco (Cristiano Ronaldo) / Brinco e jogo futebol (Lionel Messi) / Jogo PSP. (menino)/ Brinco, estudo e leio. ( Nokas)/ Vou passear. (Matilde) / Vou ao cemitério, brincar ...(Ana)/ Eu faço muitas coisas no fim-de-semana. (Bruno) /Durmo, brinco, como, chateio a minha mãe, os deveres. Gosto menos.(Mónica) / Vou para as aulas de Inglês ao sábado de manhã. No resto do fim-de-semana jogo PSP, computador, brinco com amigos, ando de bicicleta, vou almoçar fora ...(Nuno Augusto)/ No fim-de-semana brinco em casa. (Luís) / No fim-de-semana faço TPC, brinco com a minha prima, vou à catequese, durmo, vejo TV, vou para casa do meu pai, visito os</p>	<p>O tempo do fim-de-semana</p> <p>Tempo para brincar</p>
--	---

meus avós e ajudo a minha mãe em casa. (Lecticióna) / Vejo televisão, jogo à bola, brinco com o meu irmão, brinco com o meu pai ou a minha mãe. (Cristino Ronaldo) / Eu ao fim-de-semana trabalho, vejo televisão, brinco, jogo futebol. (João) / Eu chego a casa e estudo, passeio às vezes brinco, vejo televisão e jogo playstation 3 e computador. (Runo) / Vejo a mãe e brinco. (Afonso) / Jogo a bola com o meu pai e brinco com a minha mãe. (Marcelo)]. Concluimos que estas crianças passam o fim-de-semana de forma muito parecida, brincam, jogam computador, PSP, vêem televisão e fazem os trabalhos de casa.

Em relação ao grupo VI, **tempo para brincar**, divulgamos as respostas dadas. [*Tipo de brincadeiras/Quando/Com quem/ Onde: “com os legos com o carros”/ raquetes faço quando querem jogar em casa com o pai ou mãe”/ Corridas das 18 às 19 em casa com o meu irmão, das 19h às 20h vejo televisão com a minha irmã, o meu irmão e a minha mãe./ “As salvaçãoes, aos polícias e xadrez” Curby”/ Futebol aos toques e à caçadinha” (123 Gorila)/ às Barbies, às mães e aos pais, aos piqueniques” (Sophie)/ 16h Caçadinha, no ATL, com a Júlia, a Sara, Hélio” (Luz) / Às sereias, no intervalo, ao picagelo e picapau, na hora do almoço e na hora do lanche no ATL, com as minhas amigas” (Fadinha) / “as sereias, caçadinhas, às cadelas, na escola, com as amigas” (Eli) / “Caças, escondido, com mão, na Barca, com amigas” (Bibia Ramara)/ Caças, em casa, com a prima/ luta, em casa, com o pai/ PSP, casa, sozinho (Messi Alonso)/ Escondidas, cassas na rua com Inês(Marcarida)/ Jogar a bola, brincar, andar na rua, com os amigos. (Leonel)/ Caçadinhas, futebol, escondidinhas, na rua, com os amigos (Inês Araújo)/ Jogar bola com o irmão 6h, jogar computador 20h e 22h com ninguém (Leonel Messi) / Bola, às 16h, no ATL, com os amigos. (Nuno) / Escondidinhas, caçadinhas, a bola, 6h30min., no ATL, com os amigos. (Bia) / Futebol, caçadinhas, escondidinhas, 16h às 17h, na rua com os amigos. (Cristiano Ronaldo) / Futebol, 16h30min. às 18h30min., nos treinos, com o treinador. (Lionel Messi) / Jogo à bola, lá fora, com o irmão. (menino)/ Carros, futebol, correr, em casa com a irmã. ( Nokas)/ 17h Com bonecas, às professoras e aos desportos, em casa, sozinha. (Matilde) / Médicas, professoras e catequistas, em casa da minha prima. (Ana)/ 18h40min. Bola, na rua, com o irmão. (Bruno) / Jembre, no intervalo das aulas, recreio, com a Manuela. (Mónica) / Jogo futebol e caçadinhas, nos intervalos, no recreio, com amigos (Nuno Augusto)/ Futebol, desenhar, com carros, à tarde, no ATL, com amigos. (Luís)/ À macaca, 16h, em casa, com a prima. Gosto mais. Às bonecas, 19h30min., em casa sozinha. Gosto mais. Às caçadinhas, 10h, na escola, com colegas. Gosto menos. (Lecticióna) / Jogo à bola, às caçadinhas, às escondidinhas, na escola ou em casa, com os colegas ou irmão. (Cristino Ronaldo) / Caçadinhas, escondidinhas, corridas, às 16h, no ATL, com os amigos. (João) / Futebol, Trotineta, apanhadinha, em casa, com colegas. (Afonso) / Com os colegas, às caçadinhas, à semana, 16h35min., no ATL. (Marcelo).] . Apuramos que as brincadeiras frequentes destas*

crianças são as escondidinhas, as cacadinhas/apanhadinha, jogar à bola. Praticam-nas no recreio, no ATL e alguns quando regressam a casa, na rua, e normalmente brincam com amigos ou sozinhos.

Com bastante entusiasmo comunicamos as respostas dadas à questão, **“Se fosses TU a decidir darias mais tempo para brincar?”**. [“Não. Não é preciso” (Dragon rai) / “Sim, porque por vezes têm tanto trabalho que não podem brincar” (Deissy)/ Sim porque brincava muito mais e divertia-me”(Curby)/ “Sim! porque assim jogava mais à bola” (123 Gorila)/ “Sim, porque o tempo é da escola, e há menos tempo para brincar” (Super Guerreiro)/ Não porque já brinco muito (Sophie) / Sim, porque tenho pouco tempo para brincar (Luz)/ **“Sim. Haveria mais tempo para brincar porque passamos muito tempo nas aulas” (Fadinha) / Não. Porque gosto de estudar. (Bibia Ramara)/ Sim porque tenho pouco. (Messi Alonso)/ Sim. Porque adoro brincar (Marcarida)/ Sim. Porque gosto de brincar (Leonel)/ Sim porque gosto de brincar (Inês Araújo) / Sim, porque gosto (Leonel Messi)/ Sim. Porque tinha direito de brincar. (Nuno) / Não, porque iam-se a habituar e não estudavam. (Bia) / Sim porque gosto. (Cristiano Ronaldo) /Sim. Porque gosto. (Lionel Messi) / Sim, brincava mais com o irmão. (menino)/ Sim. Porque brincar é divertido. ( Nokas)/ Não, porque antes quero brincar. (Matilde) / Não, porque tenho de estudar. (Ana)/ Não. Canso-me. (Mónica) / Sim. Porque gosto muito de brincar. (Nuno Augusto)/ Não, porque devemos ter tempo para estudar (Luís)/ Sim. Porque assim brincava 2 horas com a minha prima. (Lecticina) / Sim. Posso estar descansado e a brincar. (Cristino Ronaldo) / Não porque gosto de estudar (João) / Sim, porque à semana não tenho tempo. (Runo)/ Sim, porque faz bem. (Afonso) / Não, porque o tempo que eu tenho para brincar já é bom. (Marcelo). ]. Verificamos que algumas das crianças, se fossem elas a decidir, não dariam mais tempo para brincar, declarando que se habituariam e têm de estudar, e que se cansariam. Todavia, aferimos que a maioria das crianças daria mais tempo para brincar, porque gostam e é divertido, acham que têm pouco tempo para o fazer, porque passam muito tempo nas aulas e têm muitos trabalhos.**

Comparativamente divulgamos as respostas da pergunta, **“Se fosses Pai ou Mãe darias mais tempo para brincar ao teu filho?”**. Reparo que as suas expressões faciais modificaram, dando um ar mais sério, como se fossem pais de verdade. [“Só mais um bocadinho. E pouco para eles” “Sim, porque por vezes têm tanto trabalho que não podem brincar”/ Não, porque ele tinha que trabalhar nos estudos” (Curby)/ “Sim, quando eles tivessem feito os trabalhos de casa” (123 Gorila)/ “Sim! porque eles precisam de brincar” (Super Guerreiro)/ Não sei, porque eu não sei depende (Sophie)/ Sim. Porque sei o que eles passar. (Luz) / **Sim, dava-lhe mais tempo para ele se divertir (Fadinha) / Não. Para não o aturar. (Bibia Ramara)/ Sim porque tenho pouco. (Messi Alonso)/ Não. Porque eles tinham de estudar e depois tinham tempo para brincar (Marcarida) / Não. Para eles estudarem. (Leonel)/ Não**

**Opinião das crianças experienciando diferentes papéis sociais.**



porque têm de ir para a escola (Inês Araújo)/ Sim. para ele brincar (Leonel Messi)/ Sim. Porque tinha o direito de brincar. (Nuno) / Não, porque iam-se a habituar e não estudavam. (Bia) / Sim, porque faz bem brincar (Cristiano Ronaldo) / Sim. Para ele não se sentir sozinho. (Lionel Messi) / Sim, porque eu gosto do meu filho. (menino)/ Claro. Porque é meu filho. (Nokas). / Não, porque o tempo que me dão já chega. (Matilde) / Não porque eles têm de estudar. (Ana)/ Não. Porque têm de estudar. (Vítor) / Sim. É feliz menos eu. (Mónica) / Sim. Porque sabia que ele gostava. (Nuno Augusto)/ Sim porque os filhos precisam de mimos. (Luís)/ Não. Porque o meu filho precisava de fazer os trabalhos de casa. (Lecticína) / Sim. Porque não é só estar em casa tenho de deixar ir brincar. (Cristino Ronaldo) / Não porque o tempo já é muito para brincar. (João) / Sim (Runo) / Sim. Porque faz bem para as crianças ficarem alegres. (Afonso) / Depende. Se ele se portasse mal. (Marcelo)]. Averiguamos que uma parte considerável das crianças, se fossem pai ou mãe não daria mais tempo para brincarem alegando que ele (o seu filho) teria de estudar, e de fazer os trabalhos de casa, para não o aturar, e para não se habituar. Porém a maioria, continuaria, se fosse pai ou mãe, a dar mais tempo para brincar, justificando que têm pouco tempo para brincar e que precisam de brincar, de se divertir, e faz bem, para ser feliz, porque gostam do filho.

Quanto à pergunta, **“Se fosses professor darias mais tempo para brincar aos teus alunos?”**, propagamos as respostas dadas. Parece-me que o ar sério se atenua, tal como a postura altiva, com que se encontravam. [“Só um bocado. E pouco”/ “Sim mas os que se portarem bem”(Deissy)/ Não porque tem de aprender (Curby)./ Sim quando acabassem os deveres que eu mandava”(123 Gorila) / Sim! Porque se estivermos muito tempo a trabalhar a nossa cabeça cansa” (Super Guerreiro)/ Não sei, porque depende do tempo da aula” (Sophie) / Não. Porque tinham de aprender. (Luz) / Não. Teriam só algum tempo porque têm de estudar” (Fadinha)/ Não. Para eles estudar. (Bibia Ramara)/ Não porque é para estudar (Messi Alonso)/ Não. Porque eles tinham de estudar para ter boas notas. (Marcarida) / Não. Porque tem de aprender. (Leonel)/ Não porque têm de estudar. (Inês Araújo)/ Não. Para estudar. (Leonel Messi)/ Não porque eles tinham de trabalhar. (Nuno) / Não, porque iam-se a habituar e não estudavam. (Bia) / Sim, porque faz bem brincar. (Cristiano Ronaldo) / Não para eles aprenderem. (Lionel Messi) / Não. Estudam. (menino)/ Não eles têm e estudar./ Não, porque já chega o tempo que dão. (Matilde) / Não. (Vítor) / Não. Porque aprender é bom. (Mónica) / Não. Porque eles tinham de estudar. (Nuno Augusto)/ Não, porque é mais importante estudar. (Luís)/ Não. Porque os alunos precisam de aprender. (Lecticína) / Mais ou menos. Porque têm de estudar e não podem estar a brincar. (Cristino Ronaldo) / Não porque a escola é para trabalhar. (João) / Sim, porque os alunos ao brincar aprendem. (Afonso) / Depende. Se falassem muito. (Marcelo)].

Verificamos que as respostas negativas, ou seja, que se eles fossem

Profissões de sonho

professor (a), não dariam mais tempo para brincar aos seus alunos, aumentaram significativamente, justificando-as que a escola é para aprender e trabalhar e o mais importante é estudar. Algumas das crianças, se fossem professor (a), dariam mais tempo para brincar alegando que se estiverem sempre a estudar cansa a cabeça, e faz bem e há pouco tempo para brincar, porque ao brincar também se aprende. Também, apuramos que há crianças que davam mais tempo para brincar mas só se os seus alunos se portassem bem e as acabassem as actividades propostas.

No que concerne ao grupo VII, o percurso escolar e o futuro, em particular, à questão, **“Que profissão queres ter quando fores adulto e porquê?”**, comunicamos as respostas obtidas, sinto que estão ansiosos e curiosos por saber as respostas dos seus colegas. [“Poetisa, porque adoro rimar” (Investigadora Deissy)/ “Futebolista, porque jogava com animação” (Curby)/ “Futebolista, porque podemos ser ricos e não sou.” (123 Gorila)/ “Quero ser médico porque ajudo as pessoas” (Super Guerreiro)/ “Veterinária ou cantora. Veterinária porque gosto muito de animais e cantora porque gosto muito de cantar” (Sophie)/ “Actriz porque gosto de representar” (Luz)/ “Camionista/ gosto de camiões” Dragon rai “Ainda não escolhi” (Fadinha)/ “Veterinária/gosto de animais” (Eli)/ “Não sei.” (Bibia Ramara)/ “Futebolista. Gosto” (Messi Alonso)/ “Professora, porque gosto de ensinar as pessoas” (Marcarida)/ “Tropa. Gosto de acção” (Leonel)/ “Médica, porque quero ajudar as pessoas.” (Inês Araújo)/ “Futebolista, porque gosto de jogar à bola.” (Leonel Messi)/ “Dançarino. Porque gosto de dançar.” (Nuno) / “Modelo, gosto de desfilar” (Bia)/ “Futebolista. Porque é um desporto” (Cristiano Ronaldo)/ “Futebolista. Adoro eu fazia tudo para isso”. (Lionel Messi)/ “jogador de futebol. Porque é a minha profissão preferida. (menino)/ “Ambientalista, porque gosto de o ser e de ajudar o ambiente.” (Nokas)/ “Professora de pólo, como já disse adoro o desporto” (Matilde)/ “Queria ser Juíza. Porque gosto de justiça. (Ana)/ “Actriz. Porque é divertido.” (Mónica) / “Quando for adulto quero ser cantor. Porque gosto de cantar.” (Nuno Augusto)/ “Futebolista. Porque gosto de jogar à bola.” (Luís)

“Quero ser pediatra. Porque assim tratava as crianças doentes.” (Lecticina) / “Quero ser futebolista. Porque é muito fixe, nervoso e o meu sonho para sempre.” (Cristino Ronaldo) / “Ser futebolista. Porque é fixe.” (João) / “Arquitecto porque gosto de construir.” (Runo) “Jogador. Porque gosto muito de futebol.” (Afonso) / “Cantor. Porque gosto de cantar.” (Marcelo).]. Chegamos à conclusão que a maioria dos rapazes querem ser jogadores de futebol porque gostam de jogar à bola, podem ganhar muito dinheiro e não precisam de estudar. Quanto às raparigas, a maioria sonha enveredar pelas áreas artísticas indicando profissões tais como, actrizes, cantoras, modelos, porque gostam de cantar, de representar e de ficar bonitas.

Comunicamos as respostas dadas à questão: **“Achas que precisavas**

**de mais tempo para preparar o teu futuro e porquê?”** [“Sim porque ainda não sei bem”/Sim. Porque assim já estava preparada para o meu futuro./ Não tenho estudos e trabalhar muito porque eu não posso”(Curby)/”Sim, porque era para preparar a minha carreira (123 Gorila)/ Sim! Porque não vai ser fácil! (Super Guerreiro) / “Não porque ainda sou pequena e dá tempo para pensar nisso” (Sophie)/ Sim (Luz)./ “Precisava porque sou ainda muito pequena” (Fadinha)/ “por muita coisa” (Eli) / Sim, ainda sou nova (Bibia Ramara)/ Não (Messi Alonso)/ Sim. Porque eu não sei se vou ser professora. (Marcarida)/ Sim, porque aprender a conduzir. (Leonel)/ Sim, porque tenho de ir para a universidade. (Inês Araújo)/ Sim, porque gosto. (Leonel Messi)/ Sim para saber mais línguas. (Bia) / Sim. Porque é preciso treinar. (Cristiano Ronaldo) / Sim. Para ser o melhor. (Lionel Messi) / Porque sim. (menino)/ Sim, porque preciso de estudar. ( Nokas) / Não, para quê que eu preciso se já sei (Matilde) / Sim para estudar./ Sim, quanto mais tempo tiver melhor é a minha decisão (Mónica)/ Sim. Porque quanto mais preparado estiver melhor será o futuro. (Nuno Augusto) / Sim, porque ainda tenho que crescer até ser adulto. (Luís) / Não, porque ainda sou muito nova. (Lecticióna) / Sim. Porque tenho de ver e pensar qual é o meu objectivo. (Cristino Ronaldo) / Sim, só tenho 8 anos e ainda tenho de estudar muito. (João) / Sim. Porque gostava de fazer investigação. (Afonso) /Não, porque canto muito. (Marcelo)].

Analizamos que grande parte dos inquiridos não compreenderam muito bem o que se perguntava, ou então não tinham ainda uma resposta formada. Porém, a maioria respondeu que sim alegando que é preciso treinar para se ser um bom futebolista, para ser o melhor, para se preparar, para aprender mais línguas.

Para terminar, analisamos as respostas obtidas **sobre o fariam nesse tempo**. [“Preparava a minha carreira de futebolista (123 Gorila)/ “Preparava o meu futuro” (Super Guerreiro)/ “**Nesse tempo estudava para me preparar melhor**” (Fadinha)/ estudava (Eli) / Nada (Messi Alonso)/ Preparava-me para tudo isso. (Marcarida)/ Treinar (Leonel)/ Estudava e tirava um curso (Inês Araújo)/ Jogar à bola (Leonel Messi)/ Aprendia línguas (Bia) / Treinava. (Cristiano Ronaldo) / Treinava (Lionel Messi) / Brincava. (menino)/ Ajudo o ambiente. ( Nokas)/ eu estudava mais para a minha profissão. (Ana)/ Estudava e preparava-me melhor. (Nuno Augusto) / Estudava (Luís)/ Pensar e dormir e logo se vê. (Cristino Ronaldo) / Para além de estudar tenho de treinar muito para ser bom jogador. (João) / Pesquisava no computador. (Afonso)]. Verificamos que as respostas completaram o que tínhamos concluído anteriormente, que nesse tempo treinavam, estudavam e pesquisavam sobre a profissão que sonham ter.

**16h50min.**

Recolho os questionários e estabeleço um diálogo com as crianças investigadoras participantes a fim de sintetizar todas as conclusões retiradas da análise dos inquéritos. Pergunto se as respostas obtidas eram as que esperavam que as crianças respondessem, dizem que sim! Investigador Falcão: Afinal, quase todas as crianças fazem o mesmo que nós...

<p>Eu: estas crianças que responderam ao questionário mas as outras crianças não sabemos, teríamos que ir investigar!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Vamos! Era fixe ir para rua com a câmara de filmar e tirar fotografias, fazer de jornalistas...</p> <p>Investigador Jocabake:</p> <p>Eu: quem sabe um dia se não vamos investigar o uso tempo por parte de outras crianças ... que moram noutra sítio, que por exemplo em vez de andar na escola frequentam um colégio .....</p> <p>Investigador Xavier I: Era altamente!</p> <p>(todos as crianças demonstram entusiasmo em realizar uma próxima investigação.)</p> <p>Investigador Jocabake: podemos usar também a internet, o Messenger o e-mail...</p> <p>Investigadora Sophie: fazer uma na página na internet, esqueci-me como se chama...</p> <p>Eu: um blog!</p> <p>Investigador jocabake: eu disse primeiro!</p> <p>(realmente o investigador Jocabake já tinha dado essa ideia, a qual podia e devia ter usado, pois acho que resultaria e enriqueceria a nossa investigação.)</p> <p>Eu: bem, quem sabe se para uma próxima, já vamos estar mais preparados e fazemos isso... Bem, o investigador Falcão já apontou uma conclusão a que chegamos com a nossa investigação, através dos nossos encontros e dos questionários, ele disse que estas crianças têm actividades semelhantes às vossas... que outras conclusões podemos chegar?</p> <p>Investigador Xavier 2: Gostávamos todos de ter mais tempo para brincar...</p> <p>Investigador Deissy: vimos também que quase todas as crianças frequentam ATL...</p> <p>Eu: e em que momentos do dia? Só na hora de almoço? Só à tarde?</p> <p>Investigador Xavier I: e antes de virem para a escola de manhã...</p> <p>Investigadora Sophie: e na hora de almoço e depois das aulas ou das AEC's ... até os pais os poderem vir buscar...</p> <p>Eu: A que hora é que os pais os vão buscar?</p> <p>Investigador Xavier I: depende do trabalho do pai e mãe...</p> <p>Investigadora Sophie: pois é!</p> <p>Eu: então a organização do vosso dia depende do emprego e do que o pai e a mãe tem para fazer?</p> <p>Investigador Xavier 2: é ... eu às vezes saio do ATL, e ainda vou para a casa da patroa da minha mãe!</p> <p>Investigador Jocabake: eu vou para casa quando a minha mãe acaba o trabalho dela por isso é não ando nas actividades...mas também não queria!</p> <p>Eu: mas a tua mãe deu-te a oportunidade de decidir se querias andar nas AEC's?</p> <p>Investigador Jocabake: não...mas também não queria é mais fixe ir para casa...assim posso andar de bike e brincar!</p> <p>Investigador Super Guerreiro: mas é a mãe que manda ... eu queria</p>	<p><b>Conclusões dos questionários e de toda a nossa investigação.</b></p>
---	--

Investigadora Sophie: é os jogadores também são vaidosos e aparecem

**Escolha do título para a  
nossa investigação.**

<p>na televisão... e famosos ...olha para o Cristiano Ronaldo... (gera-se alguma confusão, falam e riem entre si...)</p> <p>Eu: Ah! E conversar sobre o dia...</p> <p>Investigadora Deissy: quase todas falam com a mãe e o pai</p> <p>Investigadora Sophie: mais com a mãe!</p> <p>Investigador Jocabake: mas às vezes eles estão a ver televisão e não nos querem ouvir ou fazem de conta que estão a ouvir...</p> <p>Investigador 123 Gorila: principalmente quando dá futebol!</p> <p>Investigador Xavier I: às vezes os pais também não tempo porque têm muito trabalhos... coitados!</p> <p>Investigador Pauleta: é verdade, eles têm de trabalhar muito... chegam a casa cansados e não têm paciência...</p> <p>Investigador 123 Gorila: é, quando o meu pai vem cansado manda-me calar e deixa-me jogar PSP...</p> <p>Investigador Xavier 2: que fixe!</p> <p>Investigador Falcão: Altamente! (rimos)</p> <p><b>17h20min.</b></p> <p>Eu: Para terminar mesmo digam só para descobrir tudo isto o que é que fizemos durante todos os nossos encontros?</p> <p>Investigadora Sophie: investigámos...</p> <p>Investigadora Deissy: conversámos muito...</p> <p>Eu: sobre o quê?</p> <p>Investigadora Deissy: sobre o nosso dia-a-dia</p> <p>Investigador Jocabake: sobre as actividades que fazemos...</p> <p>Eu: Onde?</p> <p>Investigador Pauleta: falamos sobre a nossa vida!</p> <p>Investigador Jocabake: na escola, no ATL e em casa...</p> <p>Investigador Xavier 2: também brincámos e rimos muito...</p> <p>Investigador Super Guerreiro: contámos segredos...</p> <p>Investigador Xavier 2: mas isso é batota!!!</p> <p>Investigador Falcão: comemos coisas boas... não pode dar mais bolachas daquelas?</p> <p>Eu: Claro que sim...</p> <p>Investigador Xavier I: trouxe azeitonas e tremoços?</p> <p>Eu: Hoje não...Digam só uma coisa, gostaram de participar? Acharam que valeu a pena?</p> <p>Vozes: Simmmm....</p> <p>Investigador Super Guerreiro: Foi divertido! Além de às vezes alguns se portarem mal...</p> <p>Investigador Xavier 2: Mas não fui só eu e o João!</p> <p>Distribuo um copo de sumo e três de bolachas por cada um...</p> <p>Falam entre si e comigo e lancham ... Aproveito e pergunto se, como já tínhamos falado em sessões anteriores, querem apresentar a nossa investigação às outras pessoas, a resposta é unânime e positiva. Informo então que na próxima sessão prepararemos essa apresentação. Questiono sobre quem convidar. Entre nós decidimos convidar pais, professores, auxiliares da acção educativa, crianças, a direcção da escola e os responsáveis pelo ATL. Sugerem que eu faça convites,</p>	
--	--

<p>aceito mas pergunto o que ponho no convite e qual o nome que colocamos à nossa investigação. Surgem títulos como “O nosso dia-a-dia”, “o nosso tempo”, “A nossa vida”, “O grupo dos Amiguinhos investigadores”, “Uma investigação divertida”, “Uma investigação altamente”. Discutimos e elegemos o título “O Tempo das Crianças...”. Comprometo-me a fazer os convites e a levá-los no encontro seguinte, para eles puderem dar a sua opinião.</p> <p>Terminam de comer e perguntam se podem ir jogar um pouco à bola, infelizmente não dá tempo, alguns pais acabam de chegar!</p>	
<p><b>Reflexão...</b></p> <p>Pensava que era impossível ou extremamente difícil analisar os questionários com as crianças... superei as minhas expectativas... realmente as crianças têm competências/capacidades de falar, de se exprimir, de ouvir... o segredo está efectivamente em <u>elas sentirem que a sua opinião têm importância, valor, que são levadas a sério e que acreditamos nelas.</u></p> <p>Enquanto analisamos os questionários, detectamos algumas falhas, incorrecções nestes...</p> <p>E também concluímos que o inquérito devia ser dado repartido para as crianças terem mais tempo para responder e não ser tão maçador...</p> <p>Não sei se era por já se encontrarem de férias, estando mais descontraídos, com um ar menos cansado, as conversas fora bastantes melhores, estavam mais atenciosos e empenhados.</p>	<p><b>Um dos segredos para realizar investigação com crianças, com sucesso!</b></p> <p><b>Modificações a fazer no questionário.</b></p>

## Nota de Campo XVII

<p align="center"><b>17.ª Sessão</b></p> <p align="center">Avaliação do desenvolvimento do Projecto; Preparação para o debate “O Tempo das Crianças...Silêncios vividos e ruídos sentidos...</p> <p align="center">Biblioteca, da EB Carlos Alberto, <b>15</b> de Julho de 2010 (das 14h30min. às 17h30min.)</p>	
<p><b>Presentes:</b> Todos os elementos do <i>Grupo dos Amiguinhos Investigadores</i> (excepto a Investigadora Luz, que se encontrava doente).</p>	
<p>As crianças vão chegando, cumprimentam-me com beijinhos e abraços, comentam o facto de ser novamente na sala de aula do 2.ºano de escolaridade e a disposição desta. Encontram-se três cartazes enormes divididos em doze espaços correspondentes às doze sessões iniciais do projecto de investigação.</p> <p>Sentamo-nos, em redor de uma das mesas, e conversamos sobre cada sessão, desde a primeira à última.</p> <p><b>15h15min.</b></p> <p>Cada criança investigadora escreve algo nas sessões que desejam, que se encontram mencionadas nos cartazes.</p> <p><b>16h05min.</b></p> <p>Pergunto às crianças se elas gostaram de fazer este trabalho de investigação. Respondem todas que sim.</p>	<p><b>Observações /Temas abordados/reflexões:</b></p>

<p>Questiono-as sobre o que gostaram mais e o que gostaram menos. O investigador Xavier I diz que gostou de todos as sessões porque foram engraçadas. O investigador Jocabake afirma que <u>o projecto foi muito fixe, o que gostou mais foi de ver o filme sobre os Direitos da Criança</u>. O Pauleta reafirma que <u>foi fixe e divertido e agradece por ter sido escolhido</u>. O investigador Xavier 2 diz que <u>falou o que queria, até algumas asneiras, e ouviram-no, sem ralar</u>. A investigadora Deissy diz que <u>gostou de tudo, de fazer o cubo, de tirar fotografias, de desenhar nas fichas e também de falar</u>. O investigador 123 Gorila pede para falar e exclama que o gostou mais foi de quando se «cagar» porque todos se riram de mim. Digo-lhes que se quiserem podem registar a sua opinião num dos cartões cor-de-rosa, existentes na mesa. [Os registos feitos “<i>O projecto foi bonito/ Porque foi divertido/ E o que eu gostei mas foi de estar com/ a bela da investigadora Fadinha</i>. (Investigador Super Guerreiro). <i>O projecto foi divertido. / Porque falei e fui ouvido</i> (Investigador Falcão). <i>Conheci novos amigos/ graças a este grupo/ Gostei deste grupo/ é muito engraçado. / E gostei de tudo: / Gostei de fazer o cubo/ gostei tirar fotografias/ e gostei de desenhar na ficha / e também de falar</i>. (Investigador Deissy). <i>Eu gostei de tudo porque foi tudo muito divertido</i>. (Investigador Sophie). <i>Eu gostei de todas as sessões porque foi engraçado</i> (Investigador Xavier I). <i>Gostei mais de quando caguei-me, porque todos se riram e fiz no banco</i>. (Investigador 123 Gorila). <i>O projecto foi muito fixe. Porque vimos um filme sobre os direitos da criança</i>. (Investigador Jocabake). <i>Eu gostei e foi muito fixe e divertido Obrigado por ser escolhido</i>. (Investigador Pauleta). <i>Falei o que queria e ouviram-me</i> (Investigador Xavier 2).]</p> <p><b>16h30min</b></p> <p>Preparamos a nossa apresentação para o próximo dia dezanove, dividimos as tarefas. Ensaíamos duas vezes. Mostro como ficou o convite, todos dizem que está muito lindo. Distribuo um convite por cada um, e digo para o guardarem que é para darem aos seus pais. Faço grupos e eles vão entregar aos professores e às auxiliares da acção educativa que se encontram na escola (os restantes convites fico eu de entregar). Enquanto eles vão entregar o convite, preparo o lanche.</p> <p><b>17h00min.</b></p> <p>Eles chegam, lanchamos e a maioria dos investigadores pedem para ir jogar futebol para o recreio até os pais os virem buscar, vejo as horas, faltam aproximadamente dez minutos para a hora combinada com os pais, decido deixá-los ir brincar um pouco. Comigo, na sala, ficam as investigadoras Deissy, Sophie e o investigador Super Guerreiro, e ajudam-me a arrumar a sala.</p> <p>Os pais começam a chegar, eles sorridentes, aparentemente felizes despedem-se. Digo-lhes para não se esquecerem de segunda-feira, os investigadores Falcão e Pauleta vociferam “Nunca! Havia de passar rápido!”</p>	<p><b>Avaliação da investigação.</b></p>
<p><b>Reflexão...</b></p> <p>Hoje senti que as crianças investigadoras gostaram verdadeiramente de participarem no projecto,</p>	



que gostaram de trabalhar comigo, e que conseguimos formar um grupo unido, respeitando as diferenças de cada um, que as técnicas metodológicas utilizadas (pessoalmente considero que algumas delas devem ser melhoradas) funcionaram, ao permitir “recolher” a voz, os sentimentos e acções das crianças.

### Nota de Campo XVIII

<p><b>18.ª Sessão</b> – Apresentação do projecto à comunidade educativa envolvente.          Debate “O Tempo das Crianças...Silêncios vividos e ruídos sentidos...” (Crianças/ Professores/ Pais/ Auxiliares da Acção Educativa/Responsável do ATL)          EB Carlos Alberto, <b>19</b> de Julho de 2010 – (das <b>14h30min.</b> às <b>16h30min.</b>)</p>	
<p><b>Presentes:</b> O <i>Grupo dos amiguinhos investigadores</i> (excepto o investigador Pauleta e investigadora Luz); Directora Adjunta do Agrupamento de Escolas de Miragaia; Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo; Professores da EB Carlos Alberto e da EB Bandeirinha; Professores Assessores responsáveis pelo desenvolvimento do projecto TEIP; Pais e Encarregados de Educação; Auxiliares da Acção Educativa da EB Carlos Alberto; Responsável do ATL da Junta de Freguesia da Vitória;</p>	
<p><b>14h20min.</b>          Encontro-me bastante nervosa e ansiosa, começam a chegar as crianças investigadoras, por sua vez, sorridentes, alegres e entusiasmadas porém, manifestam similarmente alguma ansiedade. Tento-lhes transmitir calma, segurança e confiança.          A medida que vão chegando os pais/encarregados de educação com as crianças e todos os convidados, cumprimentos, e digo-lhes delicadamente para aguardarem uns minutos. Esperam no <u>ole</u> da entrada da escola, sentam-se e conversam entre si, aparentemente bem-dispostos e expectantes. As crianças sobem as escadas e direccionam-se para a sala, onde se realizará a apresentação do nosso trabalho de investigação e o debate sobre o “Tempo das Crianças”.          Chega o investigador Xavier 2, vem dar-me um beijinho, pergunto o motivo de uma carinha tão triste, começa a chorar, subo com ele e conversamos (a sua tristeza é consequência de uma briga entre ele próprio e um colega, no ATL). Parece mais tranquilo e junta-se aos amigos, que o tentam animar (mais uma vez realça-se o espírito de grupo, de amizade entre si).</p> <p><b>14h50min.</b>          Começo a apresentação [como toda a sessão foi gravada/filmada e devido à sua real importância para este projecto de investigação, e para demonstrar o que efectivamente aconteceu, faço a transcrição integral, uma descrição pormenorizada, até ao final do debate, ouvem-se, deste modo, as vozes e consequentemente, evidencia-se os sentimentos e as acções dos participantes].  <i>Eu:</i> Bem... estava a fazer um bocadinho de tempo porque a minha orientadora era para estar aqui presente mas está presa no trânsito, na ponte da Arrábida... mas entretanto eu vou começar porque há pais...</p>	<p><b>Observações /Temas</b>  <b>abordados/reflexões:</b></p>





<p> casa... (os pais sorridentes gesticulam em sinal de afirmação).  <i>Falcão:</i> Segunda sessão “Vamos Investigador”, O que fizemos? foi elaborámos um desenho livre “Eu...como investigador!”. Dialogámos sobre “O que é investigar? O que faz um investigador? Para quê investigar?”;  <i>Eu:</i> 3.<sup>a</sup> sessão... Investigador Xavier 2... Força... o que fizemos?  <i>Xavier 2:</i> 3.<sup>a</sup> Sessão ... (começa a chorar...)  <i>Eu:</i> Deixa lá Atílio ... Força Atílio... (como sei o que se passa, tento animá-lo, chegando-me para perto dele, mas ele está inconsolável. As pessoas e as próprias crianças mostram-se preocupadas com o Atílio/Xavier2).  <i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> O que é que ele tem? Está zangado?  <i>Directora Adjunta:</i> A Fadinha continua...  <i>Mãe P:</i> Força Atílio! Não chores!  <i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Ele hoje está ... Vá lá Atílio...  <i>Criança convidada:</i> Atilinho anda lá... lê só uma frase... então! Posso ler?  <i>Eu:</i> Quando estiveres melhor lêes, está bem? (pergunto ao Atílio e em simultâneo acaricio a sua cara.)  (Algumas das crianças investigadoras prontamente se oferecem para ler, começa a ler o seu melhor amigo, Xavier I).  <i>Xavier I:</i> 3.<sup>a</sup> Sessão - “C.I.C.I” O que fizemos? Tirámos fotografias uns aos outros, como investigadores; Construámos o Cartão de Identificação das Crianças Investigadoras através do qual expressámos a nossa vontade em participar neste projecto de investigação; Criámos o Grupo dos Amiguinhos Investigadores.  <i>Eu:</i> 4.<sup>a</sup> Sessão...  <i>Jocabake:</i> “A minha Segunda-feira” O que fizemos? Realizámos um Grupo de Discussão Focalizada – sobre o “Tempo das Crianças!”. Descrevemos e registámos um dia das nossas vidas, a segunda-feira!  <i>Eu:</i> ò João, sabes dizer o que é um grupo de discussão focalizada?  Nos usamos muito esta técnica...Grupo de discussão Focalizada” que era? Reuníamos em grupo ...  <i>Investigadora Deissy:</i> Discutimos...  <i>Eu:</i> Um certo assunto ... nesta sessão foi o tempo das crianças.... 5.<sup>a</sup> Sessão ...  <i>Investigador 123 Gorila:</i> “Como Ocupo o meu tempo...” O que fizemos? Descrevemos a nossa quinta-feira. Conversámos sobre “Como ocupo o tempo, O que mais gosto de fazer/o que menos gosto de fazer/gostava de ter mais tempo para....  <i>Eu:</i> 6.<sup>a</sup> Sessão ...  <i>Investigador Super Guerreiro:</i> “O meu tempo...” O que fizemos? </p>	<p> <b>Frase construída pelas palavras das próprias crianças, proferidas nos encontros, que retratam e sintetizam efectivamente o desenvolver da nossa investigação.</b> </p>
--	---

<p>Noção do tempo: preenchimento de <i>relógios</i> “O meu tempo...”.</p> <p><i>Investigadora Sophie</i>: 7.<sup>a</sup> Sessão... “O meu tempo...e os trabalhos de casa...” O que fizemos? Fizemos a descrição de um dia em que fossem elas (as crianças) a decidir tudo. E falamos sobre Os trabalhos de casa.</p> <p><i>Investigador Xavier I</i>: 8.<sup>a</sup> Sessão - “Tempo para brincar?!” O que fizemos? “Tempo para Brincar?!”</p> <p><i>Investigador Jocabake</i>: 9.<sup>a</sup> Sessão - “Direitos desconhecidos?!” O que fizemos? Visualizamos do filme “Direito ao Coração”- Dialogamos sobre o filme</p> <p><i>Eu</i>: Quais são esses direitos desconhecidos?</p> <p><i>Falcão</i>: 10.<sup>a</sup> Sessão - “O sonho de Ser?!” O que fizemos? Conversa: O <i>Tempo</i> e os <i>Direitos</i> da criança. O percurso escolar e o futuro.</p> <p><i>Deissy</i>: 11.<sup>a</sup> Sessão - “O tempo das AEC’s e o tempo do ATL.” O que fizemos? Conversa: “O tempo das AEC’s e o tempo do ATL.”.</p> <p><i>Sophie</i>: 12.<sup>a</sup> Sessão - O que fizemos? Elaboração do inquérito e das entrevistas para realizar a outras crianças.</p> <p><i>Deissy</i>: 13.<sup>a</sup> Sessão O que fizemos? Experimentação dos inquéritos..</p> <p><i>Deissy</i>: 14.<sup>a</sup> Sessão – O que fizemos? Preparação para a entrega dos inquéritos. 15.<sup>a</sup> Sessão O que fizemos? Entrega dos inquéritos às crianças do 2.º e 4.º ano de escolaridade. (9h20min. às 10h20min.- 2.ºano/13h30min. às 15h -4.ºano).</p> <p><i>Sophie</i>: 16.<sup>a</sup> Sessão – O que fizemos? Análise e conclusões dos inquéritos.</p> <p><i>Sophie</i>: 17.<sup>a</sup> Sessão- Reflexão...O que fizemos? Avaliação do desenvolvimento do Projecto; Preparação para o debate “O Tempo das Crianças...Silêncios vividos e ruídos sentidos...”</p> <p><i>Xavier I</i>: No decorrer do projecto brincámos, conversámos e discutimos sobre o que fazer ... Falámos sobre as nossas vidas...das actividades que realizamos em casa, no ATL e na escola....</p> <p><i>Eu</i>: Com este projecto concluímos...</p> <p><i>Jocabake</i>: A ocupação do tempo das crianças depende do tempo dos adultos;</p> <p><i>Xavier I</i>: A actividade em que as crianças gastam mais tempo é a escola (actividades educativas);</p> <p><i>Jocabake</i>: As actividades em que gastam menos tempo são brincar e estar com a família;</p> <p><i>Xavier I</i>: As actividades que mais gostam são brincar, estar com os pais, jogar PSP, jogar futebol;</p> <p><i>Jocabake</i>: Gostavam de ter mais tempo para brincar e estar com a família.</p> <p><i>Xavier I</i>: Quem decide o que as crianças fazem são os pais e os professores (da escola e ATL);</p>	<p><b>O que desvendámos com todo o nosso trabalho investigativo.</b></p>
---	--



das AEC's deveria ser desenvolvido noutro espaço, concordo com eles, estão plenamente de acordo com eles, porque o espaço físico é muito importante para elas se desenvolver... e dentro destas actividades deveria ser mais lúdico também concordo com eles, e se calhar inserir nestas actividades algo de tradicional que não existe, porque há um esquecer de brincadeiras, de se ser criança do tempo... de outros tempos ... segundo elas também diziam, que gostavam de ser ouvidas e de participar no agendamento do seu dia, também acho, nós pais ... portanto nós temos o nosso trabalho e ocupamos... tratamos de ocupar os nossos filhos enquanto estamos no nosso trabalhos... e esquecemos de com eles conversar, saber o que gostariam de ter... dar a oportunidade de escolher... as ouvir sobre AEC's e o ATL. Temos que pensar, para que no futuro não haja crianças só preocupadas com as máquinas, que tentamos dar, ... para que elas se sintam realizados e que chegamos à conclusão que não o é .... E isso é o que penso e se as escolas tivessem mais autonomia podíamos fazer mais... toda a informação dada chega-nos em decretos! Ouvidos, nós não somos!

*Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:* faço das minhas palavras as palavras da professora Maria Augusta! O espaço é muito reduzido as crianças têm que ter espaço pelo menos para no tempo de intervalo, terem espaço suficiente para brincar! Passam já, horas suficientes a trabalhar dentro da sala de aula, com muito esforço! Não é a escola, um edifício que mais se adequa às crianças mas é o espaço que temos e não podemos ter outro porque dentro da cidade é complicado...esperemos que um dia as próximas crianças possam ter um Centro Educativo, que está previsto... mas que não sei para quando e será realizado... perante aquilo que nós temos tentámos desenvolver o melhor possível...claro que são as crianças sofrer é lógico... muitas vezes, porque o próprio decreto obriga, os próprios professores das AEC's dão matéria, o que deviam ser mais lúdicas, concordo com eles, porque são muitas horas já lectivas em que têm de aprender os conteúdos necessários! Agora as AEC's deveriam ser mais para realizar outras brincadeiras, mas não é possível e portanto é aquilo temos...realmente devíamos ter mais autonomia e deviam ouvir os professores que estão no terreno e que sofrem perante os seus decretos ... lamento imenso a escola que tenho e tento ser o melhor possível para os alunos...  
Eu:

*Professora Marisa:* Enquanto professora, em contexto sala-de-aula devemos desenvolver actividades centradas, focalizadas nos interesse das crianças e assentes num ensino experimental... porque existe áreas de currículo obrigatório mas nós professores podemos torná-las mais e motivadoras para todo processo ensino-aprendizagem, onde as crianças estejam na sala a

esta escola e a maioria das escolas;  
- sugere mais autonomia por parte das escolas, para que se possa elaborar um projecto para as crianças de acordo com as necessidades e características das crianças e dos espaços da própria escola;  
- o tempo das AEC's deveria ser desenvolvido noutro espaço;  
- (...);

#### **Parecer da Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:**

- deviam ter espaço suficiente para brincar, pelo no intervalo;  
- Os professores das AEC's dão matéria;  
- A AEC's deviam ser mais lúdicas, porque já têm horas lectivas suficientes!  
- Deviam dar mais autonomia e ouvir os professores que estão no terreno, que fazem o melhor possível, e que sofrem perante os decretos.

#### **Desabafo de uma Professora - Mãe.**

<p>aprender, a divertir-se e que para elas toda essa aprendizagem seja realmente significativa. Ou seja, compete a cada professor, as metodologias que utiliza, adaptá-las à realidade em que está inserido e às características das próprias crianças. Enquanto encarregada de educação é assim, compreendo essa falta de tempo para os nossos filhos, porque a própria escola nos obriga a passar muito tempo aqui, ou seja, o tempo disponível que tenho para o meu filho, lá está, dou aos meus alunos e retiro ao meu filho... não consigo equilibrar o papel de mãe e o papel de professora... é muito difícil ... é o tempo na escola... é para preparar aulas... rouba-nos muito tempo... enquanto mãe ... o meu filho quer falar comigo, eu digo espera um bocadinho que a mãe agora vai fazer uma coisa e não pode responder... isto realmente leva-nos a pensar: o que posso fazer como mãe? Como professora, já sei o que devo fazer, e agora como mãe? Passar menos tempo na escola? Não...</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Menos tempo na escola? E impossível!</p> <p><i>Directora Adjunta:</i> Não concretizas o teu trabalho!</p> <p><i>Professora Marisa:</i> Se eu tirar tempo à escola... tiro tempo para os meus alunos e não consigo fazer o trabalho que tenho vindo a fazer com os meus alunos ou seja, são os alunos que são prejudicados, há sempre ... é bolinha que anda ali...</p> <p><i>Directora Adjunta:</i> é um novelo...</p> <p><i>Professora Marisa:</i> ...tirando a um roubo a outro...</p> <p><i>Professora Susana:</i> Enquanto professora a Marisa já disse, a minha perspectiva é mais enquanto pessoa e criança que já fui... Eu tive a experiência que estes meninos não têm ...eu tenho a experiencia de sair da escolas e ter os meus avós disponíveis para estar comigo... tive a experiência de sair da escola e não sabia o que era computador... já na altura havia umas espécies de playstation que eu nunca tive... mas sabia o que era estar com os meus vizinhos e jogar à bola ... estar com minhas amigas fazer pequenas cozinhas nos quintais com a terra, com as plantas... o que acho que faz muita falta aos nossos alunos <u>hoje em dia ...faz-lhe falta apanhar sol, faz-lhe falta entrar em contacto com a natureza, saber o que é bicho... saber mexer na terra... fazer bolos de lama, que é uma coisa que hoje ...olha a aquela carinha... hoje é saem da escola...casa, casa televisão e playstation, é o computador e agora com internet e depois falta aquele espaço de liberdade, de brincar, de conviver porque ainda por cima antigamente brincava-se com os colegas e agora quantos de vocês estão aqui e vão para casa jogar?</u> Eu!</p> <p><i>Professora Marisa:</i> Playsatition!</p> <p><i>Professora Susana:</i> São muitos poucos... eu vejo pelos meus alunos vão para casa e ficam sozinhos não há aquele convívio...</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> Eu quero dizer uma coisa... eu chego a casa e faço o meu livro de férias... É verdade!</p>	<p>Refere com bastante sensibilidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A importância do papel do professor;</li> <li>- Falta de tempo para os filhos;</li> <li>- A difícil conciliação entre o emprego e a família;</li> <li>- O sentimento de angustia e incapacidade perante a sua situação (que é, infelizmente, como se pode verificar pelos comentários e expressões, a da maioria as pessoas presentes e certamente não só.)</li> </ul> <p><b>Parecer de mais professora...</b></p> <p><b>Menciona:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A diferença/ a mudança da infância que teve com a infância actual.</li> </ul>
---	--



<p><i>Professora Susana:</i> Eu também fazia o meu livro de férias...mas olha, chegas a casa e podes ir brincar para um pátio? Podes ir correr, podes ir saltar, podes ir jogar a bola, quando queres?</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> Não...</p> <p><i>Professora Susana:</i> pois é o que eu estava a dizer... eu tive essa oportunidade eles hoje não têm... quando era da idade deles tinha escola das oito à uma, chegava a casa almoçava... fazia os trabalhos de casa...<u>porque também tinha trabalhos de casa...</u></p> <p><i>Pai L:</i> ... foi por isso que eu pus a minha filha <u>no ATL</u>, senão saía da escola e ia para casa...</p> <p><i>Mãe A:</i> e <u>hoje em dia os avós também não ficam com eles!</u></p> <p><i>Professora Cristina:</i> Antigamente, eles podiam andar na rua perfeitamente à vontade... isso também é uma questão social...</p> <p><i>Professora Susana:</i></p> <p><i>Professora Cristina:</i> Neste momento, é quase <u>impossível uma criança andar a brincar na rua com os outros meninos!</u> Não pode, né?!</p> <p><i>Pai L:</i> Antigamente as crianças também podiam brincar no jardim e os pais em casa descansadinhos!</p> <p><i>Professora Cristina:</i> Exactamente!</p> <p><i>Pai L:</i> Agora não! Temos que avançar!</p> <p><i>Professora Marisa:</i> e o <u>próprio papel da mulher também mudou...</u>, antigamente tinham o papel de domésticas cuidavam da educação dos filhos e da casa e neste momento há uma <u>necessidade da mulher trabalhar</u> fora de casa, ou seja, já não tem esse papel fundamental que tinham, e as crianças que passariam esse tempo com a mãe...faziam os trabalhos de casa e depois brincavam... o tempo disponível que ficavam com a mães... têm que ficar em algum lado... o que é que aconteceu... <u>como os avós também têm de trabalhar até muito tarde... as crianças acabam por ficar num ATL, ou seja, as crianças passam o seu tempo em duas instituições escola e ATL....</u></p> <p><i>Mãe P:</i> O ATL, em tempo lectivo fazem os trabalhos e brincam...mas em tempo de férias fazem muita coisa!</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> Eu gosto de andar no ATL!</p> <p><i>Professora Marisa:</i> Pronto...</p> <p><i>Mãe P:</i> eles vão à piscina ... ao parque do palácio... à praia...</p> <p><i>Professora Susana:</i> Sim é melhor do que ficar e casa sozinhas... há crianças que vão para casa e ficam ali sozinhos...<u>eles não brincam com os carrinhos eles vão direitinhos à televisão...</u> se lhes dissermos vamos fazer um jogo...eles começam ali nnnn e vou para a televisão!</p> <p><i>Mãe A:</i> Esta criança tem cinco anos, eu tomo conta dela, e é uma criança que está num colégio...</p> <p>(Risos)</p> <p><i>Mãe A:</i> Ele é que decide se vai para a escola ou não...</p> <p><i>Professora Marisa:</i> Ah!</p> <p>(todos os presentes, principalmente as crianças, ficam admiradas e em certa parte chocadas, com o que a mãe A disse.)</p>	<p><b>Jogos multimédia.</b></p> <p><b>Referência:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- aos trabalhos de casa;</li> <li>- Ao ATL;</li> <li>- Ao papel social dos avós;</li> <li>- Brincar na rua/ Segurança das crianças;</li> <li>- Papel social da mulher e a sua entrada no mundo do trabalho e a transformação da vida familiar;</li> <li>- ATL;</li> <li>- O brincar</li> </ul>
--	---



<p>respondeu)</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Não gosto do ATL! Tenho duas perguntas.... Mas eu te faço uma pergunta, quais são <u>as brincadeiras que se fazem no ATL?</u></p> <p><i>Investigador Falcão:</i> É estudar e ir para a praia!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Há mais algum tempo de brincadeira?</p> <p>Há, jogar à bola!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Jogam à bola e vou à praia há mais alguma coisa...</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> Há, vamos para a piscina!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> as saídas do ATL são boas!</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> e temos outros dias que é só estudar!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Estudar no ATL é bom? Quem gosta de estudar no ATL?</p> <p>(a maioria das crianças indicam com as cabeça que não gostam de estudar no ATL)</p> <p><i>Vozes:</i> Só o Pedro?!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i></p> <p><i>Pai L:</i> È os trabalhos de casa!</p> <p><i>Investigador Xavier I:</i> Desenhar...</p> <p><i>Investigador Jocabake:</i> Mas eu não gosto de desenhar...</p> <p><i>Criança convidada:</i> Expressão plástica...</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Eu gostava de perguntar aquela mãe-professora, ... tenho impressão que tiveram a trabalhar lá no grupo de investigação como passavam o dia eles esqueciam que brincavam na escola! Como brincam na escola? Brincam na escola?</p> <p><i>Crianças:</i> Sim!!!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Há trabalhos que são divertidos na escola?</p> <p><i>Criança convidada:</i> Sim... Matemática!</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> Sim... Estudo do Meio!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> E as saídas?</p> <p><i>Crianças:</i> Simmm...</p> <p><i>Criança:</i> Eu não gosto de saídas porque não aprendemos nada!</p> <p><i>Criança:</i> Saídas da escola...</p> <p><i>Criança:</i> Simulacro...</p> <p><i>Criança:</i> Cinema de animação!</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> A professora além de planificar também se tem de se inscrever em actividades para terem outras actividades diferentes</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Fiquei impressionada com o uso do espaço...esta não é a pior escola que eu conheci... pelo contrário, tem espaço lá fora...</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Algum!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Comentei com a Sara e não sei se é possível...porque eu imagino os meninos todos lá fora...</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> É uma questão de</p>	<p>- ATL</p>
---	--------------



<p><i>Pais:</i> Pois é...</p> <p><i>Professora Marisa:</i> Agora é um dilema muito grande porque para poder organizar actividades diferentes aos meus alunos...eu roubo aquele tempinho que tenho para estar com o meu filho para responder às questões do meu filho... e o que faço certamente todos os pais o fazem</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i></p> <p><i>Mãe T:</i> <u>Faço isso há hora do jantar...a nossa hora de jantar é para aí duas horas!</u></p> <p><i>Professora Marisa:</i> Pronto...</p> <p><i>Mãe T:</i> <u>Mas não televisão, não há jogos, estamos quatro pessoas há mesa e falamos sobre tudo!</u></p> <p><i>Professora Marisa:</i> Isso depende do horário biológico dos nossos filhos, quem tiver um filho que às nove horas vai dormir...</p> <p><i>Mãe T:</i> Quer dizer a mais nova é a Teresa tem que ir mais cedo para cama...os outros podem ir mais tarde...</p> <p><i>Professora Marisa:</i> Pronto lá está, é essa situação, para conversar com eles...</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> <u>Os trabalhos que levam para casa são divertidos?</u></p> <p><i>Criança convidada:</i> Todos!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Todos?</p> <p><i>Investigador Xavier 2:</i> Pintar!</p> <p><i>Pai L:</i> A minha filha é pesquisar na Internet! Pesquisar na Net ela gosta!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> há algum trabalho que pareça brincadeira e que dá para conversar com o pai a mãe e os irmãos e fazer coisas boas?</p> <p><i>Xavier 2:</i> Pintar</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Fazer pesquisa...</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Descobrir o lado bom das coisas que têm</p> <p>(...)</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Mais uma pergunta... grupo de investigadora Fadinha a certa altura que tinha na cabeça era sair</p> <p><i>Eu:</i> Sim falámos quando falamos nas AEC</p> <p>(...)</p> <p><i>Eu:</i> não há pessoal suficiente para fazer esse acompanhamento</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Estou a pensar nos pais, nos avós, nas instituições</p> <p><i>Pai L:</i> O pais estão a trabalhar, é complicado!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> e os avós e as pessoas das associações?</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Aqui é difícil porque a maioria dos pais trabalham, penso eu! Mas eles, estão</p>	<p>- Trabalhos de casa</p>
---	----------------------------

<p>aqui e podem falar!</p> <p><i>Pai L:</i> <u>Eu queria ter mais tempo para ela mas não consigo ter mais tempo para a minha filha!</u></p> <p><i>Pai D:</i> Há uma coisa que ... o meu filho anda aqui desde o 1.ºano...</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Exactamente!</p> <p><i>Pai D:</i> Eu infelizmente sinto uma grande diferença há dois anos para cá ... ele no primeiro ano teve aulas só de manhã das 9h á ..</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> das 8h à 13h ...</p> <p><i>Pai D:</i> almoçava e ficava no ATL o que é que isto obrigava ...obrigava a que <u>o tempo preso na escola fosse psicologicamente menor!</u></p> <p>Doutora Professora Rosa Madeira:</p> <p><i>Pai D:</i> ficava com a tarde praticamente livre chegava a casa com os trabalhos, se não eram todos eram praticamente todos, feitos e ainda tinha tempo para outras actividades, e o que acontece agora eu ponho-me na pele dos professores... eu como professor de actividade extra-curricular, não me passa pela cabeça sair com eles às três e meia para estar aqui às cinco e meia, seis horas, porque a partir das cinco horas os pais estão aqui buscar os miúdos. <u>O mal deste país é que as pessoas que estão sentadas a fazer decretos olham para estes homenzinhos como pessoas que têm de estar sentados numa cadeira a meter coisas cá para dentro...quando não é assim... eles precisam é de mais anos para brincar... estudar eles estudam</u></p> <p>Doutora Professora Rosa Madeira:</p> <p><i>Pai D:</i> eles se tivessem duas horas de aulas por dia era suficiente pois o meu filho ao ver televisão aprende mais do que a ler um livro, porque ao ver <u>televisão</u> um programa e depois faz questões às quais eu tenho que saber responder ... <u>agora há internet</u> que para eles é martírio, não martírio nenhum se for bem usado... o meu filho pergunta-me qualquer coisa e eu digo tens o Magalhães ligas o Magalhães e vais à internet ... daqui a dez anos <u>tecnologias</u>... porque eu infelizmente não sabia trabalhar e depois tive de tirar e pagar cursos de informática para acompanhar o ritmo... é uma coisa que nós temos de pensar ... é do passado e temos que ajustar ao presente! O meu filho foi a uma festa de aniversário de um colega e saiu de lá preto da cabeça aos pés, felicidade e para ele também mas eu não tenho hipótese de fazer isso todos os dias ...é ajustar as coisas à realidade e se eu tenho a oportunidade de ...ver porcos ver galinhas ver floresta coisas que ele ...isso tenho que ser eu... porque a escola não tem hipótese de proporcionar isso ...<u>ele chega aqui às oito da manhã fica no ATL tem aulas até às três e meia...</u></p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º ciclo:</i> não há possibilidade disso!</p> <p><i>Pai D:</i> vem o ministério dizer que não dá matéria ... O mal está no Sistema de Ensino que nós temos!</p>	<p>- <b>Falta de tempo para estar com os filhos.</b></p> <p>- <b>O Horário escolar.</b></p> <p>-</p> <p><b>A utilidade das Tecnologias de Informação e Comunicação.</b></p>
--	---

<p>Doutora Professora Rosa Madeira:</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Mesmo assim eles têm muitas visitas de estudo que eu faço com eles e fizemos e não sou eu todos os professores que estão aqui fazem mas é assim mas é o que possível porque muitas das vezes acarretam em cargos económicos e os pais não conseguem ... e o ministério não paga isso!</p> <p>Pai D: outra coisa...quando o meu filho andava ali no infantário consegui arranjar uma visita ao museu da reitoria consegui arranjar para eles irem ao hospital Santo António fazer dos médicos e porquê? Porque há um interesse dos pais em colaborar ... é obvio que se me pedir alguma coisa que o faço com todo o gosto <u>mas os próprios professores não têm predisposição para estas coisas porque chegam aqui às nove, que nunca chega às nove, chega antes está aqui até às cinco seis da tarde quer dizer isto não funciona...</u></p> <p>Doutora Professora Rosa Madeira:</p> <p>Pai D: eu se tiver que trabalhar doze horas por dia, já não dá mais nada e e...</p> <p><i>Coordenadora do 1.ºCiclo:</i> mas é isso que nós fazemos e no outro dia temos que estar fresquinhas, com disposição para...</p> <p><i>Pai D:</i> e o que digo há profissões que são extremamente importante entre as quais uma delas é a profissão de professor e infelizmente já lá vai um tempo em que 90% dos professores que eu tinha eram</p> <p>Doutora Professora Rosa Madeira:</p> <p><i>Pai D:</i> Sou da altura em que qualquer pessoa com o sétimo ano podia dar aulas do que queria e depois eram autênticos pára-quevistas ou tenho tido uma sorte desgraçada porque o meu filho tem tido professores excelentes não são bons são excelentes quer no infantário, quer no ATL, quer na escola e eu vejo que há um interesse dos professores em acompanhar as crianças coisa que antigamente não acontecia agora o resto é que está mal!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Às vezes são os próprios pais que não querem que os meninos</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> eu na minha turma nunca tive o que dizer dos pais quando eu digo que é para ir a uma visita de estudo colaboram e estão dispostos a colaborar com tudo agora há outras turmas que os pais (...)</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> ou porque pensam que não é trabalho!</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Exacto!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Eu gostaria só de fazer uma pergunta aos meninos... Vocês gostaram de ser investigadores?</p> <p><i>Crianças Investigadoras:</i> Siiiiimmm.</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> o que é que diferente de ser aluno e ser investigador?</p>	<p><b>O papel dos professores.</b></p> <p><b>Importância da profissão docente.</b></p> <p><b>Contributos para a avaliação do projecto:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças investigadoras expressam que gostaram de participar;</li> <li>- Descobriram algumas coisas</li> </ul>
---	---

<p>Coordenadora do departamento o 1.º Ciclo:  <i>Investigador Falcão:</i> <u>Como alunos estudamos como investigadores investigamos!</u>  Risos  <i>Mãe T:</i> É essa a diferença?  Pronto  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> E as meninas não falam?  <i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Eu para o ano vou pô-los a investigar a ver se eles gostam!  Risos</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Os alunos também investigam!  <i>Investigadora Deissy:</i> é descobrir coisas novas...  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> nas aulas ... é isso?  <i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Vais descobrir no próximo ano!!!  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Vocês acham que descobriram alguma coisa sobre como as crianças usam o tempo?  <i>Investigador Falcão:</i> Sim!  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Sim! Como é que fizeram isso? Que a Rosinha não ouviu!  <i>Pai L:</i> Acho engraçado, que eles estão a responder à professora Sara!  Eu: Eles respondem-me a mim...  Risos  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Qual foi o método? Eu não estava cá!  <i>Investigador Falcão:</i> <u>Entrevistamos as crianças do segundo e quatro anos</u>  <i>Investigador Falcão:</i> <u>inquéritos...</u>  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> e mais algum coisa?  <i>Investigador Falcão:</i> <u>conversámos uns com os outros sobre se gastávamos todos o tempo igual...</u>  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Viram diferenças na maneira como usavam o tempo?  <i>Investigador Falcão:</i> Sim  <i>Investigador Jocabake:</i> <u>E conversávamos sobre o nosso dia-a-dia...</u>  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Conversaram sobre vosso dia-a-dia, então compararam os vossos dias, viram as diferenças, foi assim? Vocês descobriram que eram diferentes? Sabem, é que nós adultos pensámos que os meninos são todos iguais mas não são!  <i>Investigador falcão:</i> Não!  <i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> E mais? Vocês ainda utilizaram mais umas coisas?  Eu: o que é que fizemos?</p>	<p>sobre como as crianças usam o tempo;</p> <p>Como fizemos para descobrir...</p>
---	---



<p><i>Investigador Falcão:</i> <u>Antes de entregar os inquéritos às outras turmas ... preenchemos o nosso próprio inquérito...</u></p> <p><i>Eu:</i> Quem é que fez o inquérito? Fui eu?</p> <p><i>Crianças investigadoras:</i> Não!</p> <p><i>Eu:</i> Então o que fizemos antes do inquérito ficar pronto, o inquérito foi o resultado final do nosso trabalho, o que fizemos desde Abril até agora?</p> <p><i>Crianças investigadoras:</i> <u>Investigámos!</u></p> <p><i>Eu:</i> sim investigamos mas fizemos o quê? Para chegar às nossas conclusões o que é que fizemos?</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> <u>Conhecemo-nos como investigadores...tirámos fotografias uns aos outros...</u></p> <p><i>Investigadora Deissy:</i> <u>Construímos o cartão de investigação...</u></p> <p><i>Eu:</i> Mais?</p> <p><i>Investigadora Deissy:</i> <u>Conversámos sobre o tempo das outras crianças...</u></p> <p><i>Eu:</i> das outras? Só das outras? Das outras só no final!</p> <p><i>Investigador Deissy:</i> <u>Do nosso! E das outras crianças! E comparámo-lo!</u></p> <p><i>Eu:</i> Mais?</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> <u>Perguntamos a todos os investigadores se eram ouvidos...</u></p> <p><i>Eu:</i> sim! Antes disso?</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> <u>Vimos um filme Direito ao Coração era assim que chamava Direito ao Coração!</u></p> <p><i>Investigador Jocabake:</i> <u>Sobre os direitos das crianças!</u></p> <p><i>Investigadora Deissy:</i></p> <p><i>Eu:</i> E os relógios? Ninguém se lembra?</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> <u>Sim era uns relógios que tinha a horas e nós tínhamos que dizer o que fazíamos...</u></p> <p><i>Investigador Falcão:</i> a Bola da Fifa</p> <p><i>Eu:</i> Exactamente!</p> <p><i>Investigador Falcão:</i> <u>parecia a bola da fifa e nós repartíamos o nosso tempo!</u></p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> eu tenho pensado lá na Universidade nós somos professores e somos investigadores, e sabem qual é a diferença? Vocês disseram-na!</p> <p>Quando fazemos investigação faz de conta ou partimos do princípio que não sabemos nada! Por exemplo, vocês deviam saber todos como era o vosso tempo vocês fizeram de conta que não sabiam de como era vosso tempo não é? Investigação é um pouco isso suspender...imaginar que não sabíamos nada sobre isso. Sabem que para a vossa professora também foi bastante difícil porque teve de deixar a professora que era aqui em baixo e investigadora com vocês lá em cima e também teve de ficar muitas dúvidas primeiro quem não tem dúvidas não investiga!</p> <p>Até sobre o que faz! Acho que foi engraçado isso! E vocês vão continuar a fazer investigação para o próximo ano?</p> <p><i>Mãe T:</i> Se for com a professora Sara!</p>	<p><b>É verdade! Também tive que aprender a ser investigadora!</b></p> <p><b>Também acho! Os meus pequenos investigadores foram</b></p>
--	---

<p><i>Investigador Falcão:</i> Simm!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Tenho que vos que <u>estão de parabéns!</u> <u>A escola está de parabéns,</u> <u>vocês estão de parabéns e os pais também!</u> <u>Por realmente foi investigação mesmo não foi fazer de conta eles suspender o que sabiam sobre o próprio tempo,</u> <u>e foram mesmo sobre o seu próprio tempo e descobriram mesmo qual a diferença</u> Nós na Universidade há um <u>desconhecimento sobre também é preciso criar conhecimento sobre e a vossa escola contribuiu para isso só tenho de agradecer mas eu aprendi muito...</u></p> <p><i>Eu:</i> Acho que passou um bocadinho da hora que eu disse peço desculpa,</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Vocês autorizariam as crianças a ir à Universidade investigação com crianças e não sobre crianças</p> <p><i>Mãe T:</i> Lá tem muitos mosquitos...</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> tem de ser em tempo lectivo!</p> <p><i>Coordenadora do Departamento do 1.º Ciclo:</i> Para o próximo ano?</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Sim que agora acabaram as aulas!</p> <p><i>Coordenadora de Departamento do 1.º Ciclo:</i> Para isso os pais terão de pagar a viagem?</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> ou pede-se à câmara do Porto?</p> <p>Confusão!</p> <p><i>Doutora Professora Rosa Madeira:</i> Ou a câmara de Aveiro vir buscá-los!</p> <p><i>Directora Adjunta:</i> Visita de estudo</p> <p><i>Eu:</i> queria agradecer a todas crianças que directamente e indirectamente participaram neste projecto, que estiveram comigo a trabalhar, porque foi uma investigação com crianças e não sobre crianças, depois à minha orientadora Rosa Madeira sem ela já teria desistido; à direcção e Coordenação do Agrupamento de Escolas de Miragaia, à professora Maria das dores e à professora Maria Augusta, porque foram excelentes</p> <p>Tenho o prazer de as conhece há dois anos ...</p> <p>A todos os pais e professores envolvidos; Aos professores obrigada por disponibilizar aos pais, sinto que sempre me apoiaram sei que foi através da professora Maria das Dores mas obrigada por confiarem em mim obrigada</p> <p>Palmas</p> <p>Às assistentes operacionais da Acção; Ao ATL da Junta de Freguesia da Vitória; A todos, obrigada pela colaboração...</p> <p>Antes de terminar só quero dar uma lembrança às crianças, aos pais e a todos os presentes e depois temos um pequeno lanche para todos.</p> <p>Alguns pais dão-me os parabéns e saem, não ficando para o</p>	<p><b>extraordinários!</b></p> <p><b>Convite para visitarem e apresentarem a sua investigação à Universidade de Aveiro.</b></p> <p><b>Agradecimentos sinceros!</b></p> <p><b>Entrega de lembranças aos presentes e às crianças investigadoras participantes,</b></p>
--	--

lanche, devido a motivos profissionais. As crianças começam a lanchar, as pessoas conversam entre si, entrego a lembrança a cada pessoa, e agradeço mais uma vez a sua presença. Ofereço a cada criança investigadora um certificado de participação e uma lembrança, como prova da minha gratidão.

Conversamos (pais, professores, as crianças), lanchamos e rimos bastante!

**como símbolo de gratidão.**

**Maravilhoso!**

### **Registo Fotográfico:**













### **Reflexão...**

Extraordinário, é como defino o que hoje aconteceu, obviamente que há certos aspectos que poderiam ser melhorados/aperfeiçoadas, mas, na sua generalidade, foi excelente, foi um momento mágico, enfim podemos efectivamente falar de magia na investigação!

De repente, encontrei-me perante uma sala, a qual preparado de modo especial, completamente cheia, com pessoas minimamente curiosas para perceber como é possível realizar uma investigação com crianças e não sobre crianças, e sobre o que é que nós investigamos e consequentemente descobrimos. No início, reconheço que me sentia um pouco nervosa, mas tentei transmitir confiança e tranquilidade às crianças investigadoras, pois algumas destas confessaram-me que também se sentiam ansiosas e com receio de não serem capazes. Mas eu sabia que eles seriam capazes, porque fomos nós que realizámos a investigação, e eles participaram activamente em todo processo investigativo.

Concluo que consegui criar/construir uma relação de confiança, de respeito, de abertura, não unicamente com as crianças mas com toda a comunidade educativa (pais, professores, auxiliares), não sei sinceramente como aconteceu, talvez, por serem pessoas, que mesmo tendo, por vezes, vidas complicadas, são batalhadoras e maravilhosas e possivelmente pelo facto de eu ter considerado e transmitido (nas palavras e acções) seriedade e extrema importância do trabalho que eu e as crianças estávamos a desenvolver. Sinto-me bastante feliz por ter tido a oportunidade de conviver com todas estas pessoas, aprendi muito!

Invadida por um turbilhão de emoções, de sentimentos, experienciando diversas sensações, de, nervosismo, de ansiedade, de receio, de alegria e felicidade, durante intervalo das duas e às cinco horas da tarde, de hoje, reina neste momento um sentimento de pura felicidade e alívio, pois admito que durante todo o processo investigativo fui acompanhada pela a dúvida, pela incerteza e pelo medo de falhar e de não capaz (que agora percebo que também foram amigos participantes da investigação realizada).

## **D - Recursos materiais elaborados**

- i** - Consentimentos Informados aos Pais/Encarregados de Educação
- ii** - Fotografia do Pack de Investigação
- iii**- C.I.C.I
- iv**- Folha de registo “A minha Segunda-Feira”
- v** - Folha de registo “A minha Quinta-feira”
- vi** - Folha de registo “Como ocupo o meu tempo”
- vii** - Folha de registo “O meu tempo...” (relógios)
- viii** - Questionário.



## i - Consentimentos Informados aos Pais/Encarregados de Educação

### Pedido de Consentimento Informado e Esclarecido

"...escutar as crianças é algo central para reconhecer e respeitar o seu valor como seres humanos."  
(CHRISTENSEN, Pia et JAMES, Allison, 2009) "

Estimados Pais/Encarregados de Educação,

Para além de ser exercer funções de docente na EB1 Carlos Alberto, do Agrupamento de escolas de Miragaia, sou aluna do mestrado em *Ciências da Educação*, na área de especialização em *Educação Social e Intervenção Comunitária*, da Universidade de Aveiro, tendo como orientadora a professora doutora Rosa Madeira. Encontro-me a desenvolver um projecto de investigação, no qual pretendo investigar COM AS Crianças (escutá-las), as implicações das Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC's) na sua vida pessoal e social.

Neste âmbito, necessito de formar um grupo de investigação com aproximadamente oito crianças voluntárias, que reunirá semanalmente, durante uma hora, normalmente, nos dois seguintes dias: **quartas e sextas-feiras das 16h45min. às 17h30min.**, na EB1 Carlos Alberto (Ver anexo A: página 4).

Neste sentido, convido o seu educando a participar neste projecto de investigação durante algumas semanas. Apesar de celebrar o acordo com cada uma, as crianças são livres de tomar a decisão de desistir de participar sem qualquer prejuízo, ou seja, as Crianças têm o direito a decidir livremente, se pretendem ou não participar na investigação e caso o pretendam, têm o direito de se retirarem a qualquer momento do estudo, ao qual deram consentimento, juntamente com os seus pais.

Comprometo-me a assegurar o anonimato e a confidencialidade das crianças envolvidas, durante toda a investigação, pois as Crianças têm o direito à sua intimidade e a serem protegidos contra a publicação de informações íntimas e privadas, de modo a que os resultados apresentados não sejam susceptíveis de identificação das Crianças Investigadoras Participantes no estudo.

Em qualquer momento, na eventualidade de as pessoas necessitarem de mais informações sobre o desenvolvimento do projecto, poderá contactar-me: - Sara Moreira, e-mail [saracarneves@gmail.com](mailto:saracarneves@gmail.com), n.º telemóvel: 916750405.

Grata pela Vossa atenção e disponibilidade,  
Com os melhores cumprimentos,  
Sara Moreira

Porto, 21 de Abril de 2010

Página 1 de 4

### Pedido de Consentimento Informado e Esclarecido

Investigadora: Sara Moreira

Reconheço que os procedimentos de investigação descritos na carta anexa me foram explicados e que me responderam de forma satisfatória a todas as minhas questões. Compreendo que tenho o direito de colocar, agora e durante o desenvolvimento do projecto, qualquer questão sobre o estudo, a investigação ou métodos utilizados. Asseguro-me que as informações que dizem respeito ao meu filho, serão guardadas de forma confidencial e que nenhuma informação será publicada ou comunicada, incluindo a identidade pessoal do meu filho, sem a minha permissão.

Compreendo, igualmente, que sou livre de a qualquer momento retirar o meu filho deste projecto de investigação.

Pelo presente documento, eu consinto, que o meu educando \_\_\_\_\_ possa participar plenamente no desenvolvimento deste projecto.

Nome \_\_\_\_\_

Assinatura e qualidade (pai, mãe, tutor) \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nota: Para qualquer questão, contactar a investigadora, cujo número de telemóvel é fornecido na carta de explicação.

Página 2 de 4

### Pedido de Consentimento Vídeo, Fotografia e Gravação Áudio

Investigadora: Sara Moreira

Pelo presente consinto que o meu educando \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ seja gravado/fotografado durante a sua participação neste projecto de investigação.

Nome do pai/mãe \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_

Assinatura da pessoa que obteve o consentimento \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nota: Para qualquer questão, contactar a investigadora, cujo número de telemóvel é fornecido na carta de explicação.

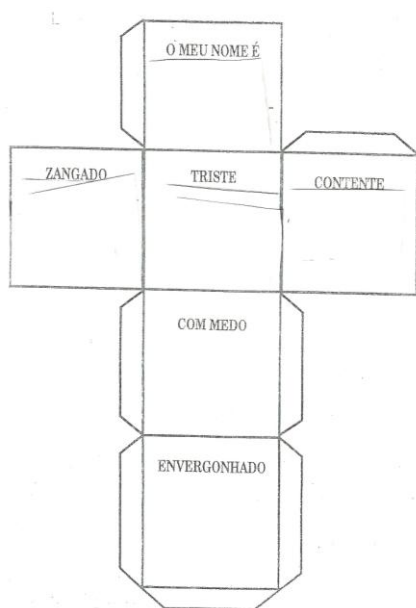
Página 3 de 4

Anexo A: Plano das sessões	
n.º da sessão	Data da sessão
	<i>Das 16h45min. às 17h30min.</i>
1.ª sessão	30.04.2010 (sexta-feira)
2.ª sessão	03.05.2010 (segunda-feira)
3.ª sessão	06.05.2010 (quinta-feira)
4.ª sessão	10.05.2010 (segunda-feira)
5.ª sessão	19.05.2010 (quarta-feira)
6.ª sessão	21.05.2010 (sexta-feira)
7.ª sessão	26.05.2010 (quarta-feira)
8.ª sessão	28.05.2010 (sexta-feira)
9.ª sessão	31.05.2010 (segunda-feira)
10.ª sessão??	01.06.2010 ....
11.ª sessão	02.06.2010 (quarta-feira)
12.ª sessão	04.06.2010 (sexta-feira)
13.ª sessão	09.06.2010 (quarta-feira)
14.ª sessão	11.06.2010 (sexta-feira)
15.ª sessão	25.06.2010 (previsto)

Página 4 de 4



ii – Folha de registo do jogo “Conhece-me melhor!” e a fotografia do Pack de Investigação, respectivamente.



iii- C.I.C.I



**C.I.C.I**

(Cartão de Identificação das Crianças Investigadoras)

*Impressão digital*

Fotografia

Investigador (a): \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_/\_\_/\_\_

Morada: \_\_\_\_\_

Nome da mãe: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Nome do pai: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Números de irmãos: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

**iv- Folha de registo “A minha Segunda-Feira”/ vi - Folha de registo “A minha Quinta-feira”**

*Faças investigação...*

*A minha Segunda-feira...*

	Horas...	Onde estou...	O que faço...	Com quem...
De manhã...				
Almoço...				
De tarde...				
Jantar...				
Depois do jantar...				

Coloca um sorriso ☺ nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: \_\_\_\_\_

*Faças investigação...*

*A minha Quinta-feira...*

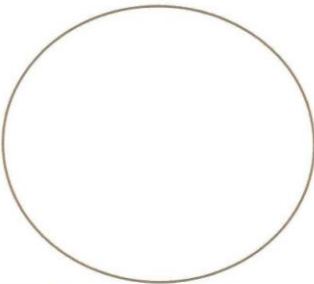
	Horas...	Onde estou...	O que faço...	Com quem...
De manhã...				
Almoço...				
De tarde...				
Jantar...				
Depois do jantar...				

Coloca um sorriso ☺ nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: \_\_\_\_\_

**vi - Folha de registo “Como ocupo o meu tempo”**

*Como ocupo o meu tempo...*



O que mais gosto de fazer é

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O que menos gosto de fazer é

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Gostaria de ter mais tempo para

\_\_\_\_\_

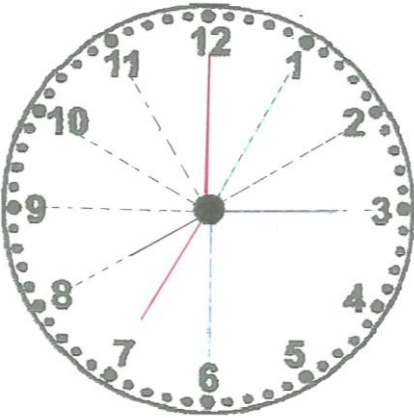
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Nome do Investigador (a) \_\_\_\_\_

vii - Folha de registo “O meu tempo...” (relógios)

O meu tempo...



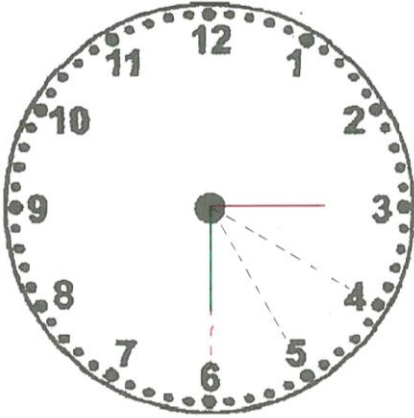
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O meu tempo...



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

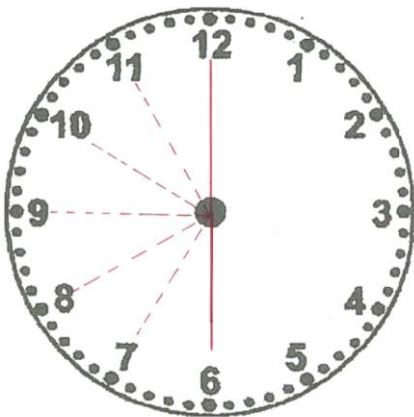
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Investigador (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Investigador (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

O meu tempo...



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Investigador (a): \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## viii - Questionário.

Somos o "Grupo dos Amigos das Investigações", que se encontra a desenvolver um projecto de investigação no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, com especialização em *Educação Social e Intervenção Comunitária*, frequentado pela mestrande Sara Moreira, e precisamos da tua colaboração anónima. Esta consiste no preenchimento deste questionário com atenção e sinceridade.

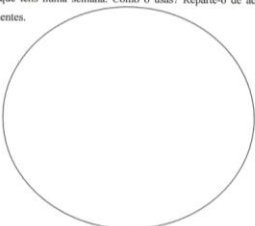
Obrigada

Nome Imaginário: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
 Morada: \_\_\_\_\_  
 Pessoas com quem vives: \_\_\_\_\_  
 Ano de escolaridade/turma: \_\_\_\_\_

**O meu tempo...**




*A minha semana.*

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas **MAIS** tempo? \_\_\_\_\_  
 3. Em que actividade gastas **MENOS** tempo? \_\_\_\_\_  
 4. O que **mais** gostas de fazer? Porquê? \_\_\_\_\_  
 5. O que **menos** gostas de fazer? Porquê? \_\_\_\_\_  
 6. Gostava de **ter mais tempo** para \_\_\_\_\_

Página 1 de 6

II- O meu dia...						
Momentos...	Horas	O que fazes?	Onde?	Com quem?	Gosto +	Gosto -
Levantar						
Ida para a escola						
Antes de chegar à escola						
Chegada à escola						
Aulas	9h					
Recreio	10h30min.					
Aulas	11h					
Almoço	12h					
Depois de almoço						
Aulas	13h30min às 15h30min.					

Página 2 de 6

Momentos...	Horas	O que fazes?	Onde?	Com quem?	Gosto +	Gosto -
<i>Depois das aulas...</i>						
AEC's	Das 16h às 17h30min.					
ATL						
<i>Antes de chegar a casa...</i>						
Na ida para casa						
Chegada a casa						
Depois do jantar						
Jantar						
Deitar						

1. Quem decide o que fazes durante o dia? \_\_\_\_\_
  - 1.1. Existem momentos em que és tu a decidir o que fazes? Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_
    - 1.1.1. Se sim, quando? \_\_\_\_\_
    - 1.1.2. Se não, porquê? \_\_\_\_\_
  2. Conversas com alguém sobre como correu o teu dia? Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_
    - 2.1. Se sim, a quem? \_\_\_\_\_
    - 2.2. Se não, porquê? \_\_\_\_\_

Página 3 de 6

### III - AEC's (Atividades de Enriquecimento Curricular)

**O Tempo das AEC's.... Como é?**

Como seria se fosses tu a decidir?

Porquê?

---



---



---

**O Tempo no ATL.... Como é?**

Como seria se fosses tu a decidir?

Porquê?

---



---



---

Página 4 de 6

### IV - Os TPC (os trabalhos para casa/deveres escolares)

Que tipo de tarefas (trabalhos) levas para fazer em casa?	A que horas?	Onde?	Com quem?	Gosto +	Gosto -

### V - Fim-de-semana

1. O que fazes ao fim-de-semana?

---



---



---

### VI - Tempo para brincar...

Como brincas? (Tipo de brincadeiras)	Quando e a que horas?	Onde?	Com quem?	Gosto +	Gosto -

Página 5 de 6



1. Se fosses **TU** a decidir darias mais tempo para brincar? \_\_\_\_\_

1.1. Justifica a tua resposta. \_\_\_\_\_

2. Se fosses **PAI** ou **MÃE** darias mais tempo para brincar ao teu filho? \_\_\_\_\_

2.1. Justifica a tua resposta. \_\_\_\_\_

3. Se fosses **PROFESSOR (A)** darias mais tempo para brincar aos teus alunos? \_\_\_\_\_

3.1. Justifica a tua resposta. \_\_\_\_\_

#### *VI – O percurso escolar e o futuro*

1. Que profissão queres ter quando fores adulto? \_\_\_\_\_

1.1. Porquê? \_\_\_\_\_

2. Achas que precisavas de mais tempo para preparar o teu futuro? Porquê? \_\_\_\_\_

2.1. Se sim, o que farias nesse tempo? \_\_\_\_\_

Local e Data em que ocorreu o questionário: \_\_\_\_\_

Observações: \_\_\_\_\_



Obrigada pela tua colaboração!


Página 6 de 6

## Anexo E: Convite para a apresentação do Projecto

~~~~~ *Convite* ~~~~~

---

«Há só um tempo de ser criança»



*A Criança tem o direito a crescer, com tempo..., a ser ouvida... e a participar...!*

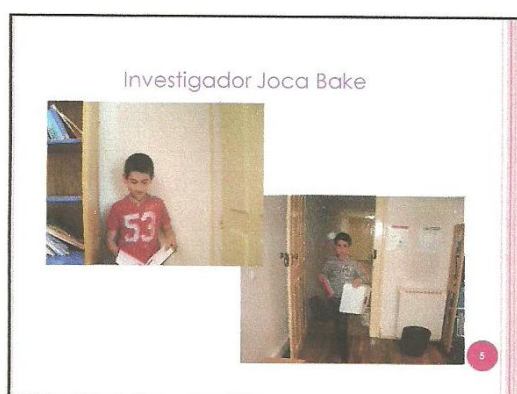
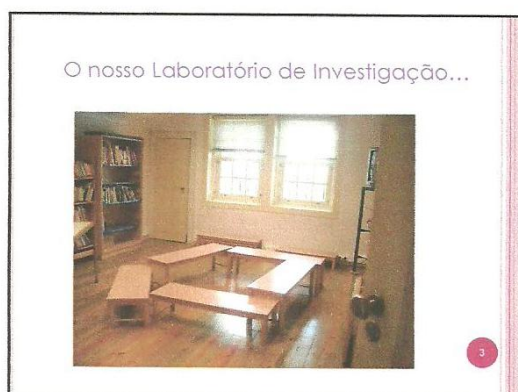
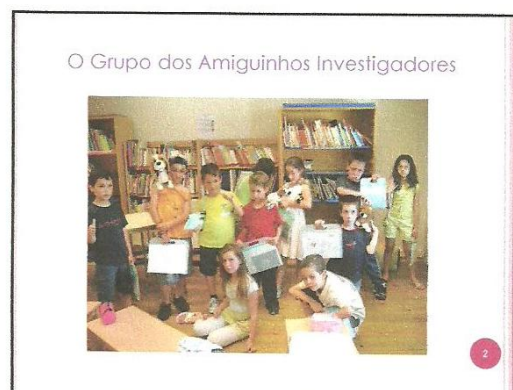
*As crianças precisam de ter infância, necessitam de inventar, correr riscos, ter tempo para brincar e encantar-se com a vida.*

O Grupo dos Amiguinhos Investigadores tem o prazer e o privilégio de convidar Vossa Excelência, para assistir à apresentação do nosso projecto de investigação "O Tempo das Crianças", e a participar num pequeno debate "O Tempo das Crianças...silêncios vividos e ruídos sentidos...", que se realizarão no próximo dia 19 de Julho de 2010, 2.ª feira, pelas 14h30min, na EB de Carlos Alberto (Praça Carlos Alberto – Porto).

Para eventuais esclarecimentos:  
Mestranda Sara Moreira - 916750405



**Anexo F:** Apresentação em PowerPoint exibida à Comunidade Educativa, no dia 19 de Julho de 2010



Investigador Super Guerreiro



7

Investigador Pauleta



8

Investigadora Sophie



9

Investigador Falcão



10

Investigador 123 Gorila



11

Investigador Xavier I



12



### Investigador Xavier 2



13

### Investigadora Fadinha



14

### 1.ª Sessão - "APRESENTAÇÃO"

- o **Data:** 30-04-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - "Apresentação" através do jogo do dado "Conhece-me melhor!";
  - Conversámos sobre o projecto de investigação a desenvolver;
  - Entrega de um pack de investigação (capa/caderno/caneta);

15

### 2.ª Sessão - "VAMOS INVESTIGAR..."

- o **Data:** 03-05-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Elaborámos um desenho livre: "Eu \_\_\_\_\_ como investigador!";
  - Dialogámos sobre "O que é investigar? O que faz um investigador? Para quê investigar?";

16

### 3.ª Sessão - "C.I.C.I."

- o **Data:** 06-05-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Tirámos fotografias uns aos outros, como investigadores;
  - Construímos o **Cartão de Identificação das Crianças Investigadoras** (através do qual expressámos a nossa vontade em participar neste projecto de investigação);
  - Criámos o "Grupo dos Amiguinhos Investigadores".

17

### 4.ª Sessão - "A MINHA SEGUNDA-FEIRA"

- o **Data:** 10-05-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Realizámos um Grupo de Discussão Focalizado – sobre o "Tempo das Crianças!";
  - Descrevemos e registámos um dia das nossas vidas (segunda-feira)

18

### 5.ª Sessão - "COMO OCUPO O MEU TEMPO..."

- o **Data:** 19-05-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Descrevemos a nossa quinta-feira.
  - Conversámos sobre "Como ocupo o tempo (O que mais gosto de fazer/o que menos gosto de fazer/gostava de ter mais tempo para...).".

19

### 6.ª Sessão - "O MEU TEMPO..."

- o **Data:** 21-05-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Trabalhámos a noção do tempo através do preenchimento de relógios "O meu tempo...".

20

### 7.ª Sessão - "O MEU TEMPO...E OS TRABALHOS DE CASA..."

- o **Data:** 26-05-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Fizemos a descrição de um dia em que fossemos nós (as crianças) a decidir tudo.
  - Falámos sobre os trabalhos de casa.

21

### 8.ª Sessão - "TEMPO PARA BRINCAR?!"

- o **Data:** 28-05-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Discutimos sobre o nosso "Tempo para Brincar?!"

22

### 9.ª Sessão - "DIREITOS DESCONHECIDOS?!"

- o **Data:** 02-06-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Visualizámos o filme "Direito ao Coração";
  - Dialogámos sobre o filme.

23

### 10.ª Sessão - "O SONHO DE SER?!"

- o **Data:** 04-06-2010
- o **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- o **O que fizemos?**
  - Conversámos sobre a relação da ocupação do nosso Tempo com os Direitos da criança, e falámos do que queríamos ser quando formos mais crescidos.

24

**11.ª Sessão - "O TEMPO DAS AEC'S E O TEMPO DOS ATL'S."**

- **Data:** 09-06-2010
- **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- **O que fizemos?**
  - Conversámos sobre "O tempo das AEC's e o tempo dos ATL's".

25

**12.ª Sessão**

- **Data:** 11-06-2010
- **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- **O que fizemos?**
  - Elaborámos as perguntas para o inquérito e as entrevistas a realizar às outras crianças.

26

**13.ª Sessão**

- **Data:** 14-06-2010
- **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- **O que fizemos?**
  - Experimentámos os inquéritos..

**14.ª Sessão**

- **Data:** 16-06-2010
- **Hora:** Das 16h45min. às 17h30min.
- **O que fizemos?**
  - Preparámos a entrega dos inquéritos.

27

**15.ª Sessão**

- **Data:** 17-06-2010
- **Hora:** Das 9h20min. às 15h30min.
- **O que fizemos?**
  - Entregámos os inquéritos às crianças do 2.º e 4.º ano de escolaridade. (9h20min. às 10h20min.- 2.ºano/13h30min. às 15h -4.ºano).

**16.ª Sessão**

- **Data:** 14-07-2010
- **Hora:** Das 14h30min. às 17h00min.
- **O que fizemos?**
  - Analisámos os inquéritos e tirámos as nossas conclusões.

28

**17.ª Sessão – Reflexão ...**

- **Data:** 15-07-2010
- **Hora:** Das 14h30min. às 17h00min.
- **O que fizemos?**
  - Reflectimos sobre do desenvolvimento do Projecto;
  - Preparámos a apresentação e o debate "O Tempo das Crianças...Silêncios vívidos e ruídos sentidos..."

29

- No decorrer do projecto brincámos, conversámos e discutimos sobre o que fazer ...
- Falámos sobre as nossas vidas...das actividades que realizamos em casa, no ATL e na escola....

30

### COM ESTE PROJECTO CONCLUÍMOS...

- A ocupação do tempo das crianças depende do tempo dos adultos;
- A actividade em que as crianças gastam mais tempo é a escola (actividades educativas);
- As actividades em que gastam menos tempo são brincar e estar com a família;
- As actividades que mais gostam são brincar, estar com os pais, jogar PSP, jogar futebol;
- Gostavam de ter mais tempo para brincar e estar com a família.
- Quem decide o que as crianças fazem são os pais e os professores (da escola e ATL);

31

### COM ESTE PROJECTO CONCLUÍMOS...

- As crianças conversam, às vezes, sobre o seu dia, com os pais (mais com a mãe) mas dizem que os adultos estão distraídos quando falam com eles. E outras dizem que os pais não têm tempo para as ouvir porque trabalham muito.
- As crianças pensam que as AEC's deveriam ser mais divertidas e desenvolvidas noutro espaço.
- A AEC que mais gostam é Educação Física-Motora; Se fossem elas a decidirem, esta AEC ocupava mais tempo.
- A maioria das crianças frequenta o ATL, onde realizam os trabalhos de casa (TPC);

32

### COM ESTE PROJECTO CONCLUÍMOS...

- As crianças não têm tempo para brincar...
- Não são ouvidas...e não participam na realização do agendamento do seu dia...
- As crianças sonham profissões como jogador de futebol, cabeleireira, cantores, camionistas, artistas da Televisão, porque são profissões divertidas e não precisam de estudar muito....
- ...

33

### DEBATE ...

- Como actores sociais com diferentes funções e papéis qual a Vossa posição perante o uso do Tempo das Crianças do século XXI?
  - Que contributo poderiam dar para modificar (melhorar) a ocupação do "Tempo das Crianças."?
  - Escola
  - ATL
  - Família

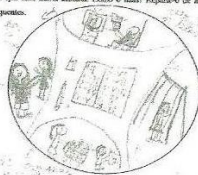
34

### "O TEMPO DAS CRIANÇAS..."

O meu tempo...

A minha semana.

Esta é a minha semana. Como a tua? Regista-a de acordo com as tuas actividades frequentes.



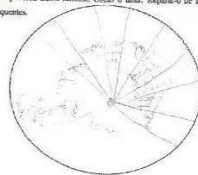
35

### "O TEMPO DAS CRIANÇAS..."

O meu tempo...

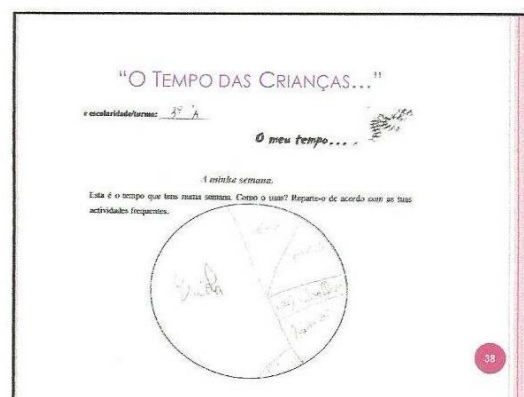
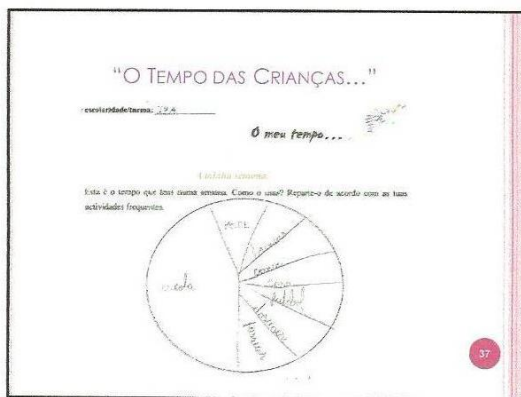
A minha semana.

Esta é a minha semana. Como a tua? Regista-a de acordo com as tuas actividades frequentes.

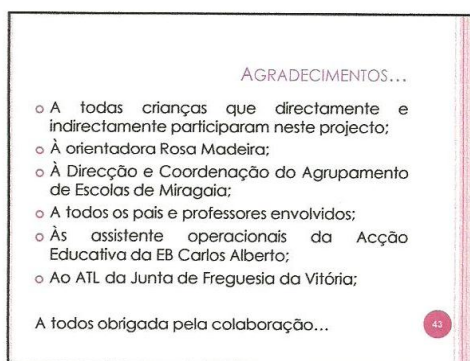


36





- "O TEMPO DAS CRIANÇAS..."
- Há um mundo a ser descoberto dentro de cada criança. Só não consegue descobri-lo que está encarcerado dentro do seu próprio mundo.
  - A Criança tem direito a crescer, com tempo,...a ser ouvida... e a participar.
- 42



### Anexo G: Certificado oferecido às crianças investigadoras

## CERTIFICADO



Certifica-se que **ROSANA VIEIRA CUNHA**, investigadora Luz, participou com a mestranda Sara Moreira, investigadora Fadinha, no projecto de investigação "*O Tempo das Crianças*", no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, da Universidade de Aveiro, que decorreu de 30/04/2010 a 19/07/2010.

Porto, 19 de Julho de 2010

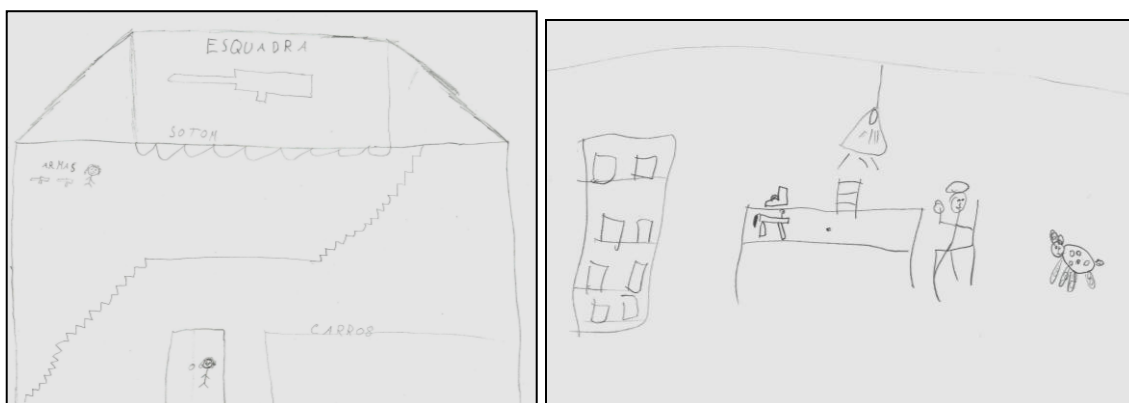
A Mestranda

---

**Anexo H:** Exemplos de registos produzidos pelas crianças participantes durante o trabalho de campo



**Ilustração 21:** “O Grupo dos Amiguinhos Investigadores”, desenhos elaborados pela investigadora Luz. e pelo investigador Xavier I, respectivamente.



**Ilustração 22:** Eu (Jocabake e Curby, respectivamente) como investigadores (Segunda sessão).

Um dia de semana é horrível porque  
estou a fazer os T.P.C a fazer tarefas.

Ser criança é:  
 Ser feliz sem do lar,  
 muita atenção, sem ser  
 querido e sempre feliz,  
 ser feliz que sempre  
 muito feliz.

Dos 13 horas as 9 e 3 branco  
com o, galegalo, Rafael, pilaço.  
seccandilinhos, coçadinhas e  
quem se fode. que decide sei  
eu ou outro.

Dos 10 e meia as 11 branco com  
o dillo, paulo, ao n, gaquel,  
teresa, Paço, Miguel S - dillo  
mest, ~~eliana~~ ~~seccos~~, mel P.  
foi branco e pisa. que decide  
e o dillo e o yao.

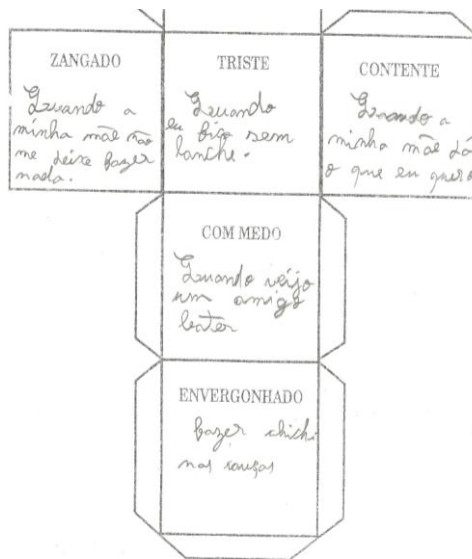
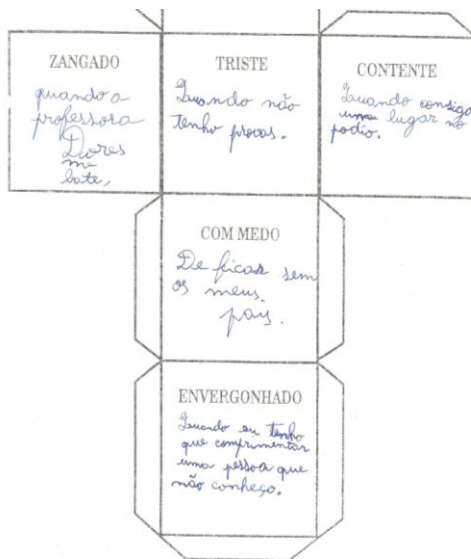
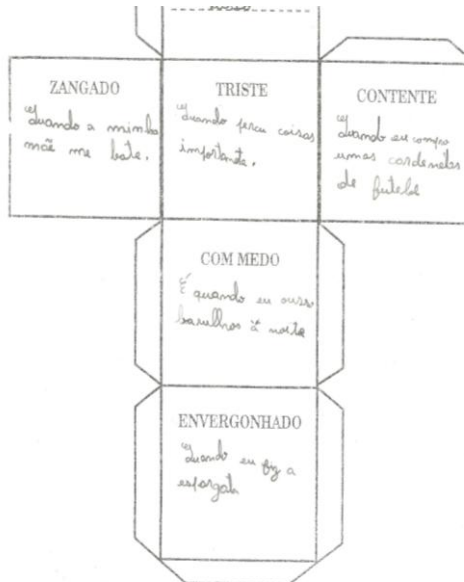
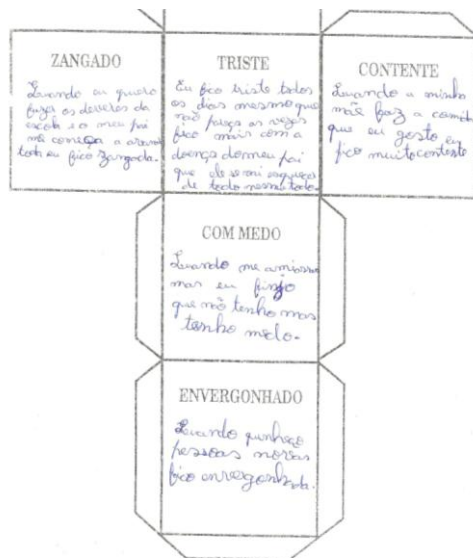
Das meio dia a uma e  
meia branco pra a gaquel,  
Teresa, Rical, mest,  
~~de~~ Rafael e tia. branco, as  
asenturas ou a outra coisa.  
quem decide somos todas.

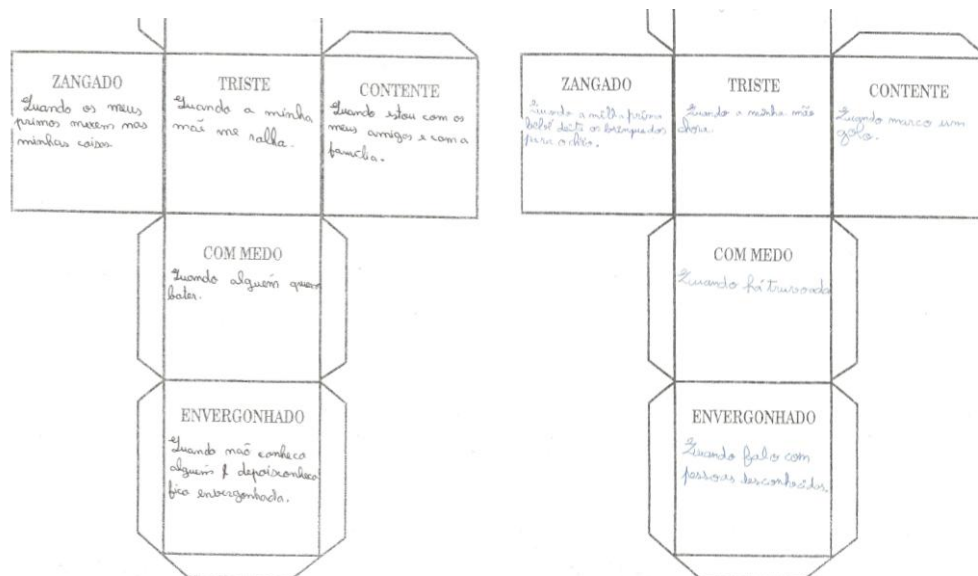
Das 3 as 7 horas na  
912 a solidad ou a brincar  
com zozinha ou com a Julia,  
zara, Mariana e Tc. quem decide  
nas brincaçoes sou eu e a solidad  
tambem sou eu.

29  
Luz

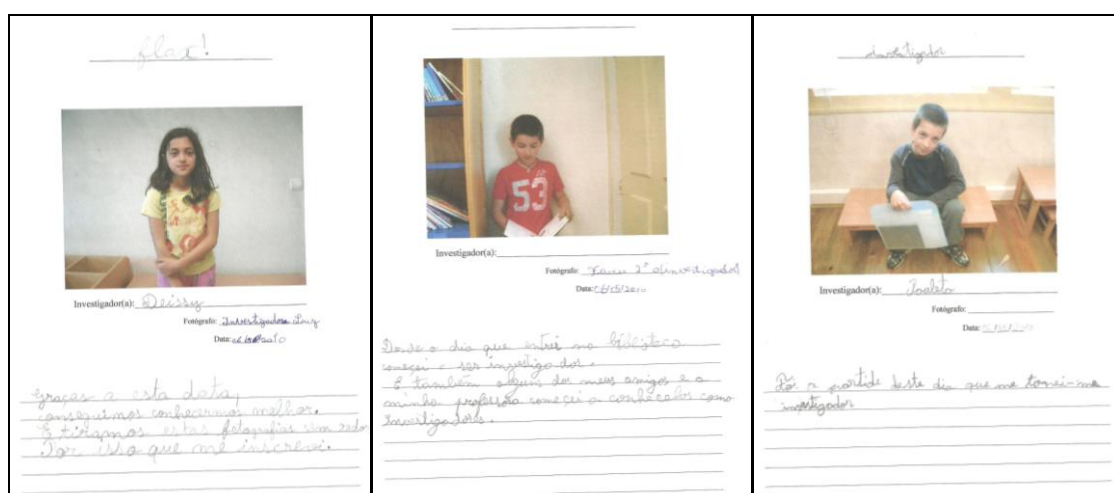
258







**Ilustração 24:** Registos do jogo “Conhece-me melhor” (Primeira sessão).



**Ilustração 25:** Registos da “transformação” em investigadores (Terceira sessão).

*Quem investiga...*

*A minha Segunda-feira...*

|                     | Horas... | Onde estou... | O que faço...                     | Com quem...                  |
|---------------------|----------|---------------|-----------------------------------|------------------------------|
| De manhã...         | 7 horas  | em casa       | estou a fazer o pequeno almoço.   | com a minha mãe.             |
| Almoço...           | meio dia | no ATL        | almoço                            | Shagun, Bani, e a professora |
| De tarde...         | 12 horas | na escola     | trabalho                          | sozinha ou com a professora  |
| Jantar...           | 20 horas | em casa       | Jantar                            | com a minha mãe              |
| Depois do jantar... | 20:30    | em casa       | estou a trabalhar com a minha mãe |                              |

Coloca um sorriso 😊 nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: Rebecca (Luz)

*Quem investiga...*

*A minha Segunda-feira...*

|                     | Horas... | Onde estou...   | O que faço...                                              | Com quem...         |
|---------------------|----------|-----------------|------------------------------------------------------------|---------------------|
| De manhã...         | 8 h      | em casa         | como o pequeno almoço                                      | com a minha família |
| Almoço...           | 12,30h   | no A.T.L        | almoço                                                     | com os meus colegas |
| De tarde...         | 15,30h   | na escola       | trabalho e fazer o dever de casa.                          | com os meus colegas |
| Jantar...           | 20 h     | em casa         | como                                                       | com a família       |
| Depois do jantar... | 21,30h   | Estudo em casa. | tenho os dentes brancos e jogo um jogo e depois vou dormir | com a família       |

Coloca um sorriso 😊 nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: André Diogo Pinheiro Sousa  
Aguiar

*Quem investiga...*

*A minha Segunda-feira...*

|                     | Horas...           | Onde estou...               | O que faço...                    | Com quem...      |
|---------------------|--------------------|-----------------------------|----------------------------------|------------------|
| De manhã...         | na escola<br>07:00 | na escola                   | trabalho                         | o professor      |
| Almoço...           | 12:00              | na escola a caminho de casa | estou a fazer o pequeno almoço   | com a minha mãe  |
| De tarde...         | a tarde<br>01:30   | na escola                   | trabalho                         | a professora     |
| Jantar...           | 20:00              | em casa                     | como                             | com a minha mãe  |
| Depois do jantar... | 20:00              | em casa                     | lavo os dentes e vou para a cama | com os meus pais |

Coloca um sorriso 😊 nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: Saulo Sérgio Bento Pereira

*Quem investiga...*

*A minha Segunda-feira...*

|                     | Horas...       | Onde estou... | O que faço...                 | Com quem...         |
|---------------------|----------------|---------------|-------------------------------|---------------------|
| De manhã...         | 7h<br>7h e 45m | na escola     | trabalho                      | com a minha mãe     |
| Almoço...           | 12h            | no A.T.L      | almoço e depois vou estudar   | com os meus colegas |
| De tarde...         | 13h30m<br>14h  | na escola     | trabalho e depois vou estudar | com os meus colegas |
| Jantar...           | 20h<br>21h     | em casa       | como                          | com a minha mãe     |
| Depois do jantar... | 21h<br>22h30m  | em casa       | estudo                        | sozinha             |

Coloca um sorriso 😊 nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: André Almeida

*Como investigas...*

*A minha Segunda-feira...*

|                     | Horas... | Onde estou... | O que faço... | Com quem... |
|---------------------|----------|---------------|---------------|-------------|
| De manhã...         | 3h       | escola        | estudo        | professora  |
| Almoço...           | 1h       | escola        | como          | professora  |
| De tarde...         | 1h       | escola        | estudo        | professora  |
| Jantar...           | 7h       | escola        | como          | professora  |
| Depois do jantar... | 8h       | quarto        | dormo         | irmã, mãe   |

Coloca um sorriso ☺ nas actividades que mais gostas de realizar...

Nome: Deisy

**Ilustração 26:** Registos orçamento-tempo “A minha quinta-feira” e a “A minha segunda-feira”, (Quarta sessão).

*Como ocupo o meu tempo...*

O que mais gosto de fazer é estar na escola a estudar e também comer fruta.

O que menos gosto de fazer é estar na escola a trabalhar.

Gostava de ter mais tempo para estar fora no treino e casa com a família e com os amigos.

Nome do Investigador (a) Deisy 19/05/06

*Como ocupo o meu tempo...*

O que mais gosto de fazer é estar na escola a estudar e também comer fruta.

O que menos gosto de fazer é estar na escola a trabalhar.

Gostava de ter mais tempo para estar fora no treino e casa com a família e com os amigos.

Nome do Investigador (a) Deisy 19/05/06

Como ocupo o meu tempo...

O que mais gosto de fazer é jogar o S.D.

O que menos gosto de fazer é me levantar cedo para ir à escola

Gostava de ter mais tempo para jogar o S.D.

Nome do Investigador (a) 1, 2, 3 19/05/06

Como ocupo o meu tempo...

O que mais gosto de fazer é brincar e ver televisão

O que menos gosto de fazer é jogar no computador

Gostava de ter mais tempo para brincar com minha irmã

Nome do Investigador Diana 19/05/06

Como ocupo o meu tempo...

O que mais gosto de fazer é gosto de ir para a escola, gosto de brincar, gosto de jogar S.D.

O que menos gosto de fazer é por causa da minha falta de tempo, não tenho tempo para jogar

Gostava de ter mais tempo para estudar com a minha família todos os dias

Nome do Investigador (a) Sophia 19/05/06

Como ocupo o meu tempo...

O que mais gosto de fazer é brincar

O que menos gosto de fazer é estudar

Gostava de ter mais tempo para brincar

Nome do Investigador (a) 1, 2, 3 19/05/06

**Ilustração 27:** Registos “Como ocupo o meu tempo...” (Quinta sessão).

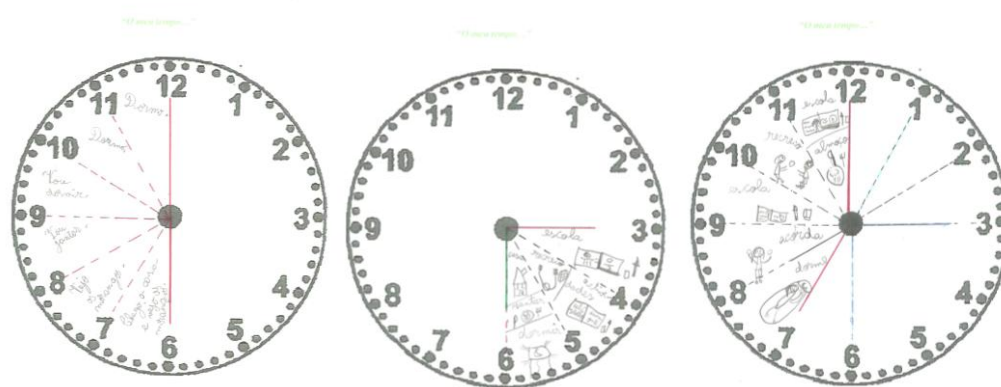
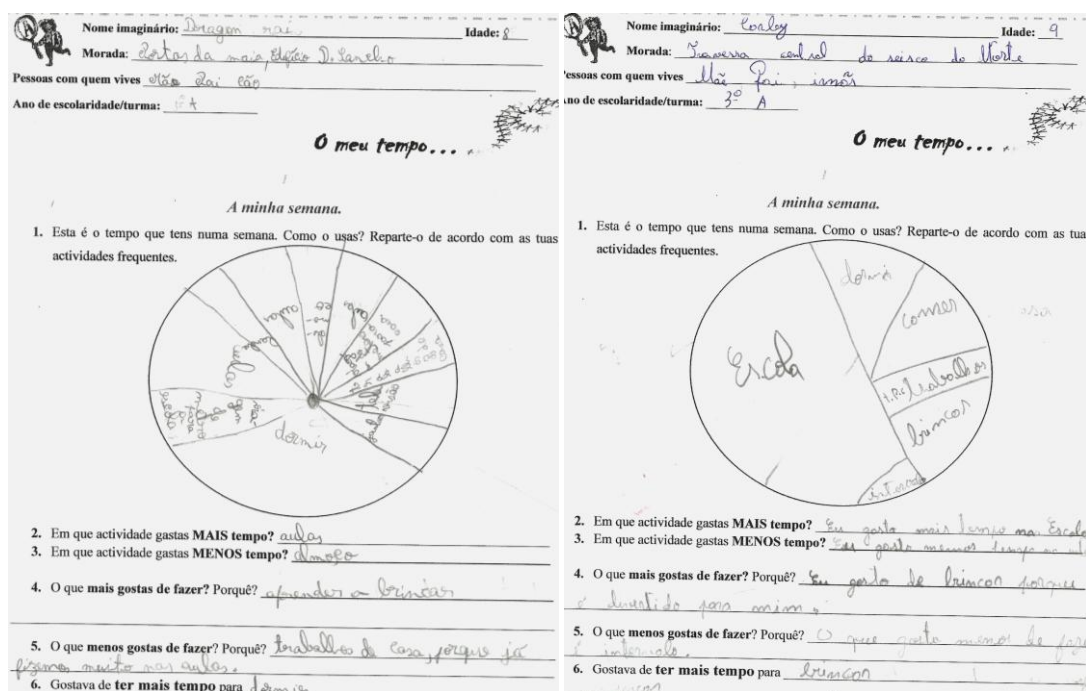


Ilustração 28: Registos “O meu tempo...” (Sexta sessão).





Nome imaginário: Bautista Idade: 9  
 Morada: Rua da Almeida 12 andar 115  
 Pessoas com quem vives: mãe, pai, irmã mais velha  
 Ano de escolaridade/turma: 3ª A

**O meu tempo...**

A minha semana.

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.

2. Em que actividade gastas MAIS tempo? na escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? na cozinha  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? jogar basquetebol, porque é divertido.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? de "língua portuguesa"  
 6. Gostava de ter mais tempo para jogar basquetebol.

Nome imaginário: Investigador da Taphia Idade: 9  
 Morada: Rua da Almeida 12 andar 115  
 Pessoas com quem vives: meu pai e minha mãe  
 Ano de escolaridade/turma: 3ª ano A

**O meu tempo...**

A minha semana.

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.

2. Em que actividade gastas MAIS tempo? na escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? alunos, festas e brincadeiras  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? de ir à escola e brincar e jogar  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? de ir à escola e brincar e jogar  
 6. Gostava de ter mais tempo para estudar e brincar e jogar

Nome imaginário: Flá Idade: 9  
 Morada: Rua da Rosa 1714 frente 4 andar  
 Pessoas com quem vives: aquele casal  
 Ano de escolaridade/turma: 3ª A

**O meu tempo...**

A minha semana.

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.

2. Em que actividade gastas MAIS tempo? na escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? a fazer os trabalhos  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? ver televisão por é sempre a minha  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? em dormir porque assim não vejo as novelas.

Nome imaginário: 123456789 Idade: 9  
 Morada: Rua da Almeida 12 andar 115  
 Pessoas com quem vives: pai e mãe  
 Ano de escolaridade/turma: 3ª A

**O meu tempo...**

A minha semana.

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.


2. Em que actividade gastas MAIS tempo? ESCOLA  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? porque sempre  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? de ir à escola porque é divertido e fico mais amigo com os outros  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? de ir à escola porque assim não vejo as novelas.  
 6. Gostava de ter mais tempo para estudar e jogar a bola e fazer muitas coisas mais.

Nome imaginário: Alino Miguel Augusto Idade: 8  
 Morada: Boto  
 Pessoas com quem vives: pai e mãe  
 Ano de escolaridade/turma: 2ºA

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.




2. Em que actividade gastas MAIS tempo? jogar futebol  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? comer e dormir  
 4. O que mais gostas de fazer? Porque? gosto mais de correr porque é muito divertido.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porque? gosto menos de lutar porque é chato.  
 6. Gostava de ter mais tempo para brincar.

Nome imaginário: Eusa Abreu Idade: 2 ANOS  
 Morada: V.N. G. 11  
 Pessoas com quem vives: pai e mãe  
 Ano de escolaridade/turma: 2ºA

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.




2. Em que actividade gastas MAIS tempo? Na escola.  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? em casa.  
 4. O que mais gostas de fazer? Porque? Eu gosto mais de estudar porque é interessante e útil.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porque? Eu gosto menos de dormir porque tenho que estar acordado e não posso fazer nada.  
 6. Gostava de ter mais tempo para estudar.

Nome imaginário: Silvina Ventura Idade: 5 anos  
 Morada: Boto  
 Pessoas com quem vives: com a minha irmã, o irmão e a minha mãe.  
 Ano de escolaridade/turma: 2º 2º A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.




2. Em que actividade gastas MAIS tempo? gasto mais tempo na escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? a actividades que gosto menos de fazer e tempo com a minha irmã.  
 4. O que mais gostas de fazer? Porque? Gosto mais de fazer coisas porque é muito divertido.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porque? Gosto menos de fazer coisas porque é um pouco chato.  
 6. Gostava de ter mais tempo para brincar na minha casa com a minha mãe, a minha irmã e o meu irmão.

Nome imaginário: Rui Idade: 7  
 Morada: Boto  
 Pessoas com quem vives: pai  
 Ano de escolaridade/turma: 2ºA

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas MAIS tempo? escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? de brincar e dormir  
 4. O que mais gostas de fazer? Porque? de brincar porque é divertido.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porque? de estar em casa  
 6. Gostava de ter mais tempo para brincar




Nome imaginário: nyca Idade: 8  
 Morada: Sua nova de São  
 Pessoas com quem vives: Vivo com os meus pais e irmãos  
 Ano de escolaridade/turma: 2.º A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.




2. Em que actividade gastas MAIS tempo? gasto mais tempo na Escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? gasto menos tempo na ATL  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? gosto mais de ir à  
Escola  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê?  
 6. Gostava de ter mais tempo para ajudar os meus pais

Nome imaginário: afonso Idade: 9  
 Morada: São  
 Pessoas com quem vives: outros que  
 Ano de escolaridade/turma: 2.º A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



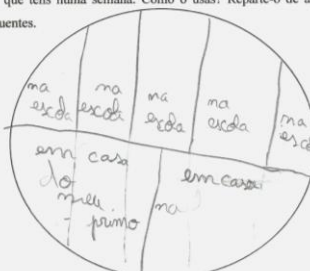
2. Em que actividade gastas MAIS tempo? Escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? Atletismo  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? andar de bicicleta porque é divertido  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? de correr porque não gosto  
 6. Gostava de ter mais tempo para jogar a bola

Nome imaginário: afonso Idade: 7  
 Morada: Vila Nova de Gaia  
 Pessoas com quem vives: mãe e avó  
 Ano de escolaridade/turma: 2.º A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas MAIS tempo? gasto mais tempo em casa do meu  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? gasto menos tempo na escola  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? de estar na escola e porque  
gosto de aprender sempre mais  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? de correr e porque acho demasiado  
 6. Gostava de ter mais tempo para estar na escola

Nome imaginário: afonso Idade: 8  
 Morada: São  
 Pessoas com quem vives: pai e mãe  
 Ano de escolaridade/turma: 2.º A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas MAIS tempo? Eu gasto mais tempo em brincadeiras  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? de estudar que gosto menos tempo a  
estudar de estudar  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? Eu gosto de jogar a bola porque  
gosto de jogar a bola  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? de estudar porque não gosto  
 6. Gostava de ter mais tempo para brincar e jogar, não de estudar

Nome imaginário: Carolina Idade: 7

Morada: rua da Vitória

Pessoas com quem vives: pai, mãe, irmãos

Ano de escolaridade/turma: 2ª A

Nome imaginário: Joana da Silva Idade: 9

Morada: Estrela 44 dequeto


Pessoas com quem vives: dois irmãos Bruno

Ano de escolaridade/turma: 4ª A

**O meu tempo...**

*A minha semana.*

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas MAIS tempo? escola

3. Em que actividade gastas MENOS tempo? dormir

4. O que mais gostas de fazer? Porquê? estudo de brincar porque é divertido.

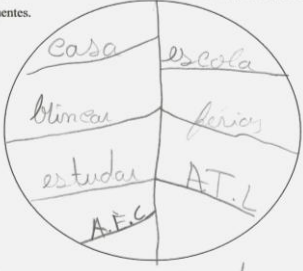
5. O que menos gostas de fazer? Porquê? dormir

6. Gostava de ter mais tempo para brincar as escondidas, a brincar, a ler livros.

**O meu tempo...**

*A minha semana.*

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas MAIS tempo? química inglês escola

3. Em que actividade gastas MENOS tempo? em casa

4. O que mais gostas de fazer? Porquê? brincar

5. O que menos gostas de fazer? Porquê? estudar

6. Gostava de ter mais tempo para brincar e fazer o que quiser.

Nome imaginário: Luís e Maria João da Silva Idade: 10

Morada: 1ª

Pessoas com quem vives: com a minha mãe

Ano de escolaridade/turma: 4ª A

Nome imaginário: Luís e Maria Idade: 10

Morada: 1ª

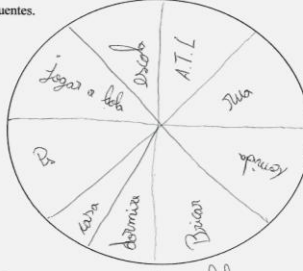
Pessoas com quem vives: com os meus pais

Ano de escolaridade/turma: 1ª A

**O meu tempo...**

*A minha semana.*

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas MAIS tempo? joga a bola

3. Em que actividade gastas MENOS tempo? escola

4. O que mais gostas de fazer? Porquê? joga a bola porque é divertido

5. O que menos gostas de fazer? Porquê? em casa na escola porque um

6. Gostava de ter mais tempo para joga a bola.

Nome imaginário: Luís e Maria Idade: 10

Morada: 1ª

Pessoas com quem vives: com os meus pais

Ano de escolaridade/turma: 1ª A

Nome imaginário: Luís e Maria Idade: 10

Morada: 1ª

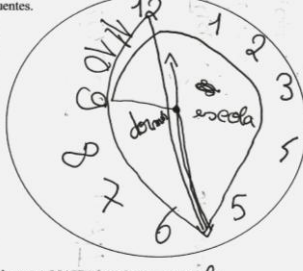
Pessoas com quem vives: com os meus pais

Ano de escolaridade/turma: 1ª A

**O meu tempo...**

*A minha semana.*

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas MAIS tempo? na escola.

3. Em que actividade gastas MENOS tempo? em casa

4. O que mais gostas de fazer? Porquê? joga a bola.

5. O que menos gostas de fazer? Porquê? ir para casa.

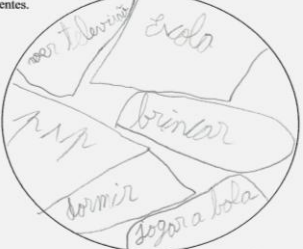
6. Gostava de ter mais tempo para joga a bola.

Nome imaginário: Vitor Valdes Idade: 9  
 Morada: Rua Santa dos Anjos, 129, 22 directos  
 Pessoas com quem vives: Pai, mãe e irmã  
 Ano de escolaridade/turma: 4-A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.




2. Em que actividade gastas MAIS tempo? estar na escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? Adormir  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? jogar a bola porque é um recreio que faz esquecer as preocupações da semana.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê?  
 6. Gostava de ter mais tempo para brincar.

Nome imaginário: BRUNO Idade: 10  
 Morada: Rua de S. Bento 129, 22 directos  
 Pessoas com quem vives: Pai, mãe e irmã  
 Ano de escolaridade/turma: 4-A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



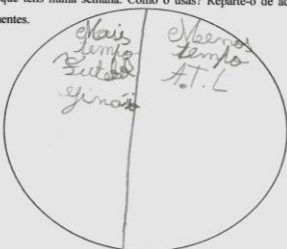
2. Em que actividade gastas MAIS tempo? Escola  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? casa  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? Brincar, porque é mais divertido.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? Ir para a escola, porque estão lá muitas horas.  
 6. Gostava de ter mais tempo para estar

Nome imaginário: Leonel Messi Idade: 9  
 Morada: 123  
 Pessoas com quem vives: Pai, mãe e irmã  
 Ano de escolaridade/turma: 4-A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



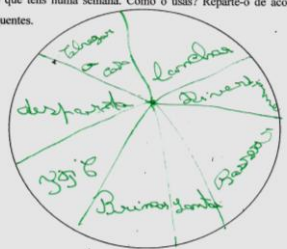
2. Em que actividade gastas MAIS tempo? na equipa de futebol  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? futebol  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? Equipa de futebol. Porque posso ir a ver um grande jogo.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? Ir ao A.T.L. Porque pouco tempo.  
 6. Gostava de ter mais tempo para a equipa de futebol.

Nome imaginário: Matilde Idade: 9  
 Morada: Rua da Escola da Igreja S. B. de São  
 Pessoas com quem vives: Avós  
 Ano de escolaridade/turma: 4-A

**O meu tempo...**

**A minha semana.**

1. Esta é o tempo que tens numa semana. Como o usas? Reparte-o de acordo com as tuas actividades frequentes.



2. Em que actividade gastas MAIS tempo? na sala aquática  
 3. Em que actividade gastas MENOS tempo? futebol  
 4. O que mais gostas de fazer? Porquê? jogar futebol e sala aquática porque eu gosto de desporto.  
 5. O que menos gostas de fazer? Porquê? Ir ao futebol porque tenho que estar quieto.  
 6. Gostava de ter mais tempo para divertir com os meus amigos.

Ilustração 29: Registos do grupo I, “A minha semana”, do questionário.